

CORRESPONDÊNCIA ENTRE  
MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO  
Graça Aranha



**CORRESPONDÊNCIA ENTRE  
MACHADO DE ASSIS E JOAQUIM NABUCO**  
Graça Aranha

Prefácio: José Carlos de Azeredo





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

*Correios*



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

*Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.*





## SUMÁRIO

Apresentação	xi
Prefácio – José Carlos de Azeredo	xiii
I – Introdução	2
II – Correspondência	78
III – A Camões	179
A Missão Nabuco	181
O carvalho de Tasso e Machado de Assis	189
“Pensées détachées”, de Joaquim Nabuco	198
Artigo de Vincenzo Morelli	204
A morte de Machado de Assis	210
A mocidade heroica de Joaquim Nabuco	222
Joaquim Nabuco	244



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

*Paulo de F. Ribeiro*  
Presidente  
Fundação Darcy Ribeiro

Machado de Assis e Joaquim Nabuco escreveram um ao outro, no período de 1865 a 1908, pelo menos 53 cartas. Ao longo desses quarenta e três anos, 31 delas saíram da pena de Machado; Nabuco assinou 22, incluindo a primeira, datada de 10 de fevereiro, quando ainda tinha 15 anos, e a última, com data de 3 de setembro. Aos 69 anos, já muito fragilizado física e emocionalmente, Machado de Assis não leria a última carta do amigo embaixador, mas tomaria conhecimento de seu conteúdo, conforme testemunho de José Veríssimo, que, escrevendo a Nabuco, relata: “Uma das suas [de M. de A.] últimas alegrias, ainda claramente manifestada, foi ouvir de Graça Aranha a leitura da sua [de Nabuco] carta sobre o Memorial de Aires.”<sup>1</sup> Graça Aranha, amigo de ambos, reuniu-lhes toda a correspondência mais tarde em um volume, publicado pela primeira vez em 1923 por iniciativa do escritor e editor Monteiro Lobato. Impressa em segunda edição em 1942, a obra voltou a circular em 2003, em terceira edição, com um prefácio do acadêmico e historiador José Murilo de Carvalho, graças a uma parceria entre a Academia Brasileira de Letras e a editora Topbooks.

### Joaquim Nabuco

Nascido em Recife, PE, em 1849, no seio de família aristocrática e influente – seu pai, José Tomás Nabuco de Araújo, foi

---

1 Informação dada por Alberto Venâncio Filho em separata intitulada ‘Joaquim Nabuco e a Academia Brasileira de Letras’, constante no site da ABL.

senador do Império –, Joaquim Nabuco veio ainda muito jovem para o Rio de Janeiro. Estudou a princípio em Friburgo, RJ, e pouco depois no Colégio Pedro II, onde se bacharelou em Letras. Em seguida, instalou-se em São Paulo, onde deu início ao curso de Ciências Jurídicas, que, no entanto, acabou por concluir em Recife, sua cidade natal. Ingressou logo depois na carreira diplomática e não tardou a ser nomeado adido à Legação Brasileira em Washington.

O convívio, ainda no ambiente familiar, com personalidades do Império, que debatiam em longas conversas assuntos relativos ao governo, despertou e estimulou no menino certos traços do pai, como a fidelidade à monarquia e a vocação para a política. De volta ao Brasil após a missão em Washington, entendeu que era chegada a hora de defender suas ideias no parlamento. Nabuco angariou simpatias e foi eleito deputado por Pernambuco. Atuante no parlamento e orador brilhante, habilidoso no trato da palavra escrita, assumiu, como político e posteriormente como escritor, um compromisso inarredável com a causa abolicionista.

Nabuco exercia mais um mandato de deputado quando sobreveio a proclamação da República, em 1889, e seu entusiasmo pela atividade parlamentar esfriou. “Monarquista convicto, Nabuco não quis mais participar do governo. Retirou-se para a vida privada, entregando-se, entre 1893 e 1899, ao jornalismo e à pesquisa histórica.”<sup>2</sup> Essa mudança de certa maneira favoreceria os rumos da história que viria a ser contada pelas cartas coligidas por Graça Aranha. O recolhimento de Nabuco tanto lhe deu condições para escrever a parte mais substancial de sua obra

---

2 Francisco Iglésias. Texto introdutório a *O abolicionismo*. In: *Intérpretes do Brasil*, vol. 1 (Coordenação, seleção de livros e prefácio de Silvano Santiago). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 11.

– *Um estadista do Império*, biografia de seu pai, e o clássico *Minha formação*, embora publicado em 1900, são desse período – quanto propiciou contatos, reuniões e projetos que resultariam na fundação da Academia Brasileira, em 1897.

Dois anos antes, em 1895, um intelectual e crítico literário dos mais respeitados, José Veríssimo, dera nova vida à tradicional *Revista brasileira*, motivo dos encontros quase diários de vários de seus colaboradores, representantes da elite intelectual da época: o diretor José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Araripe Júnior, Eduardo Prado, Visconde de Taunay, Raimundo Correia, entre outros. O programa da *Revista* era “em política, em filosofia, em arte, não pertencer a nenhum partido, a nenhum sistema e nenhuma escola”. Segundo Graça Aranha, “A política não turbava aquele remanso literário. O que aí interessava era a literatura e a esta Machado de Assis dava o mais expressivo cunho”. Foi nessas reuniões que o projeto de fundação da Academia aos poucos ganhou corpo e forma.

### **Machado de Assis**

Do Morro do Livramento, onde nasceu em 1839, filho de um mulato, pintor, e de uma portuguesa, lavadeira, até à presidência da Academia Brasileira de Letras, em 1897, a vida de Joaquim Maria Machado de Assis é um caso exemplar de predestinação. Contou com a proteção inicial de uma madrinha abastada. Órfão de mãe, teve a sorte de encontrar na segunda mulher de seu pai, Maria Inês, uma madrastra dedicada, que seguramente lhe ensinou as primeiras letras e o orientou nos passos que o levariam ao ofício de tipógrafo. Aos 15 anos já publicava poemas. Em 1856, entrou para a Imprensa Nacional, onde conheceu



Manuel Antônio de Almeida, que, percebendo estar diante de um talento raro, tornou-se seu protetor e incentivador. Dois anos depois já era revisor e colaborador no *Correio Mercantil*.

Pouco a pouco foi ganhando espaço na grande imprensa do Rio de Janeiro, atuando como crítico de teatro, escrevendo poemas, peças, crônicas e contos. Não parou mais: vieram os romances da fase romântica, o reconhecimento e a admiração dos contemporâneos, a guinada estilística de 1881 com a publicação das *Memórias póstumas e Brás Cubas*, e a consagração que atravessou o século XX e perdura nos nossos dias.

O escritor que produzia uma obra repleta de surpresas convivia, no entanto, em absoluta harmonia com o burocrata que fez carreira no serviço público, ocupando cargos de direção no âmbito da Secretaria de Estado de Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Por isso, a leitura da obra ficcional de Machado de Assis, especialmente quando feita por especialista concentrado em sua análise, ordinariamente provoca esta indagação: como puderam conviver no mesmo indivíduo o cidadão comum, tímido, cordial e ordeiro diante das convenções sociais, e o escritor que, sem ruído nem gestos eloquentes de denúncia, surpreendia e expunha a face sórdida do ser humano na encenação banal da vida cotidiana?

Essa polarização de personalidades intrigava já seus contemporâneos e amigos mais íntimos. Dentre estes, Joaquim Nabuco fez a seguinte ponderação em uma das cartas: “Você pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem, V. não é somente um homem feliz, vive na beatitude, como convém a um papa, e papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia.” (Carta de 8/10/1904). Graça Aranha fazia eco ao juízo de Nabuco quando escreveu: “Na roda dos amigos, que o cercam e o veneram, e já o acompanhavam assiduamente há alguns anos, sente-se



rejuvenescer. Na intimidade era outro homem que não o imaginado pelos seus livros desabusados. Se ele cultivou sistematicamente o desprezo e mesmo aversão aos seus semelhantes, os amigos o conheceram afetuoso, interessado na sociedade deles e consagrado a uma obra humana, falível e frágil, como é uma academia.” Lúcia Miguel Pereira, por sua vez, após traçar em rápidas pinceladas os retratos do homem e do ficcionista, conclui, mesmo sem concordar com a tese: “tal obra não podia ter saído de tal homem”. Antonio Candido dá de ombros para o suposto paradoxo e prefere absorver o fenômeno Machado de Assis nesses termos: “Está claro, pois, que o homem pouco interessa e a obra interessa muito.”

### **Graça Aranha**

José Pereira da Graça Aranha, nascido em São Luís do Maranhão em 1868, fez seus estudos superiores em Recife, onde se diplomou em Direito. Teve uma trajetória semelhante à de vários intelectuais de seu tempo, advogando, atuando na imprensa e participando de grupos que se reuniam para trocar ideias sobre política, artes e literatura. O ingresso na carreira diplomática o levou, na transição do século, à Europa, onde integrou a Legação Brasileira em Londres chefiada por Joaquim Nabuco, seu amigo, por quem nutria admiração profunda e duradoura, ostensivamente expressa no denso ensaio que serve de introdução a este volume.

### **As cartas**

Um poema lido na presença do imperador e da imperatriz, em uma sessão da Arcádia Fluminense, rendeu a seu autor, Joaquim Nabuco, um jovem de apenas 15 anos, uma saudação de Machado

de Assis, publicada em 31 de janeiro de 1865. Lisonjeado, Nabuco escreveu-lhe uma carta no dia seguinte. O tom da carta revela um esforço em aparentar maturidade e capacidade de autocrítica, a julgar pelo formalismo do estilo e pelo cardápio de expressões de modéstia com que admite não ter o talento de um poeta. Ela espelhava o ambiente aristocrático em que vinha se formando o futuro pensador, homem público e diplomata.

As relações intelectuais e afetivas entre Machado e Nabuco se estreitariam pouco a pouco, mas não temos novos registros dessa história em cartas antes de 1872, quando Nabuco, em um bilhete breve, convida o amigo para “ouvir umas folhas de má prosa sobre os Lusíadas”. A primeira das cartas aqui reunidas que Machado escreve a Nabuco é datada de 14 de janeiro de 1882. Nela se refere a um “trabalho extraordinário” realizado nos dois anos precedentes, seguramente uma referência à preparação da edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881. Nabuco estava em Londres em maio de 1882 quando Machado lhe escreve e o consola das saudades do Brasil. Em uma passagem dessa carta, Machado agradece “os muitos oferecimentos que me faz” e diz que os anota “para ocasião oportuna, se a houver”. Por aí se percebe que recebeu alguma carta de Nabuco; os “oferecimentos” provavelmente dizem respeito a um convite para se encontrarem em Londres. Como se sabe, Machado jamais se afastou do seu país. A carta seguinte aqui recolhida é escrita um ano depois. Com ela, Machado envia ao amigo um exemplar de *Papéis avulsos*, livro de contos publicado em 1882. Um lapso de 13 anos separa esta carta da seguinte. Em 1899, instalado em Londres por conta de uma missão diplomática, Nabuco escreve a Machado. É a primeira das cartas aqui coligidas em que a Academia, fundada em 1897, é mencionada.

Ao longo de duas dezenas de cartas trocadas entre 1899 e 1904, o assunto recorrente é a Academia. Afinal, Machado era



seu presidente, e Nabuco, o secretário, função em que foi mantido mesmo ausente do país. Nabuco sempre pedia notícias sobre a Academia e empenhava-se por sua instalação em uma sede independente e por sua consolidação institucional. Defendia um perfil eclético para o elenco, propunha e hierarquizava candidaturas, sugeria procedimentos de votação, enviava seu voto.

A carta que escreve de Londres em 17 de novembro de 1904 é condoída. Informado da morte de Carolina, esposa do amigo, Nabuco parece buscar no próprio estilo de Machado a expressão mais terna e mais justa para consolá-lo: “Morrer antes de V. foi um ato de misericórdia que a Providência dispensou a Dona Carolina. A viúva sofre sempre mais, às vezes tragicamente. No seu caso a imaginação, o interesse intelectual, o trabalho é um ambiente que permite em parte à dor a evaporação excessiva. A solução do dilema inevitável foi a melhor para ambos: coube a V. o sofrimento.”

A morte de Carolina, eternizada para a literatura em um bellissimo soneto que antecede os contos de *Relíquias de casa velha* (1906), ecoa ainda nas últimas cartas de 1904. Abatido de solidão e tristeza, Machado se refere a ela como “catástrofe” e “desastre”. Na carta de 20 de novembro de 1904, escreve: “Tudo me lembra a minha Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.” Os amigos, porém, não o abandonam; ele consegue reagir e reassumir suas tarefas à frente da Academia, àquela altura um sentido para a sua velhice solitária. Nabuco continua a estimulá-lo e a lembrar-lhe que a Academia é insubstituível na função de assegurar a identidade da língua portuguesa como expressão da literatura brasileira. Em carta de junho de 1908 expressa sua indignação ao perceber que nos Estados Unidos a língua portuguesa era frequentemente “tomada como um dialeto do espanhol”.



A última carta de Machado a Nabuco data de 1º de agosto de 1908. Com ela segue um exemplar do último romance de Machado de Assis, o *Memorial de Aires* (1908). Dessa obra disse Graça Aranha na introdução à Correspondência: “O sofrimento fez-se arte no *Memorial de Aires*. O romance da saudade é também o livro da velhice, da tristeza confessada, e da melancolia compassiva dos humanos. É outro Machado de Assis.”

E simbólico o gesto de Graça Aranha, que lê para um Machado já enfermo o texto da última carta de Nabuco. Ele é, na verdade, o primeiro passo da caminhada que o autor de *Canaã* perfaria ao fixar, pela reunião das cartas, o diálogo desses dois intelectuais extraordinários.

**JOSÉ CARLOS AZEREDO** É PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DA UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. DOUTOR EM LETRAS PELA UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE  
MACHADO DE ASSIS e JOAQUIM NABUCO  
Graça Aranha

I  
INTRODUÇÃO

Joaquim Nabuco tinha quinze anos, quando pela primeira vez escreveu a Machado de Assis. A sua adolescência raiava como a aurora de uma grande vida. Este menino de colégio, que publicava versos assinalados pelos críticos, pertencia ao patriado brasileiro em uma época em que a nossa comunhão social tinha a feição aristocrática de um país de senhores e de escravos.

Na grande casa familiar da Praia do Flamengo formara-se-lhe o ambiente da imaginação política. Aí, como um oráculo da jurisprudência e dos partidos, vivia seu pai, o Senador Nabuco, um dos iluminados inspiradores do Império, venerado como uma divindade por uma clientela de cortesãos e discípulos.

Era um desses espíritos engenhosos e dúteis, que o artifício idealista da monarquia parlamentar afeiçoara, e cuja expressão de escritor e de orador, trabalhada pela disciplina jurídica, se estilizara até a solidez e à pureza cristalina das sentenças. Quando mais tarde, Machado de Assis evocar o *Velho Senado* dirá: “Nabuco, outra das principais vozes do Senado, era especialmente orador para os debates solenes... A palavra do velho Nabuco era modelada pelos oradores da tribuna liberal francesa. A minha impressão era que preparava os seus discursos e a maneira por que os proferia realçava-lhes a matéria e a forma sólida e brilhante. Gostava das imagens literárias; uma destas, a comparação do poder moderador à estátua de Glauco fez então fortuna. O gesto não era vivo,



mas pausado, o busto cheio era tranquilo e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha.”

A auréola do pai irradiava-se sobre o filho e germinava-lhe a consciência da predestinação. Outro impulso para a vitória fora da própria beleza corporal. Já na adolescência Joaquim Nabuco ergue-se, por entre os excessos e desordens dos trópicos, com aquela expressão apolínea que é uma libertação de toda a submissão cósmica e que exprime na perfeição da forma o domínio do espírito sobre a matéria universal. Aquele que realiza este maravilhoso triunfo contempla as coisas e não pertence a elas.

Durante toda a sua atividade, Nabuco permanece sereno e esta serenidade não o abandona mesmo na sarça da Abolição. José do Patrocínio, Luiz Gama e André Rebouças são o próprio sofrimento escravo que pede, solicita, reclama e impõe a liberdade. Joaquim Nabuco é a razão que esclarece o sofrimento.

Seja flamejante o seu raciocínio, é a eloquência do pensador, é a percepção do estadista, não é a paixão, o ímpeto do absoluto no caos. Há uma ordem imanente em seu espírito, que o torna harmonioso, o mantém equilibrado e mais tarde o leva à santidade intelectual. Pelo tempo da sua radiante mocidade, o brasileiro era como todos os líricos, impelido pela exaltação ao paroxismo da inspiração e da expressão. Os jovens daquele instante tinham ainda a magnífica possessão do romantismo. Em 1863, como um precursor de Castro Alves e de Tobias Barreto havia Pedro Luiz na ode dos “Voluntários da Morte”, à Polônia, soltando o “rugido do leão” na frase de Castilho. Formavam eles a vanguarda literária, embora fossem retardatários, “passadistas” como diríamos hoje, em relação ao movimento das ideias. Por esse tempo quando todos esses poetas condoreiros eram tributários de Hugo, Byron, Musset e Lamartine, já Baudelaire havia, desde 1857, transfigurado a musicalidade da poesia, Verlaine dava ritmo à melancolia universal, Walt Withman antecipava o fulgor dionisíaco de Rimbaud. O





irremediável anacronismo da cultura brasileira dá a nossa poesia e à nossa literatura e à nossa arte a sensação singular de inspirar-se de uma sensibilidade vivida. Pode perdoar a admiração pelo talento, mas não existirá a comunhão retrospectiva com aqueles, que não foram os intérpretes do pensamento e da emoção da sua época. No Brasil quando um escritor, um artista aparece, em geral a sensibilidade, que o inspira, já passou.

Joaquim Nabuco, apesar do voto formulado nessa carta dos quinze anos de “não mais queimar incenso às Musas do Parnaso”, de se “aplicar unicamente ao exato e ao positivo”, de se “desligar do mundo dos visionários e tomar parte no grêmio daqueles que mais chegados às realidades da vida consideram este mundo como ele realmente é” e de se “tornar um apóstolo do positivismo”, permaneceu um clássico pelo pensamento, e um humanista, cuja visão se alargou pela esfera incognoscível até terminar no misticismo poético. A sociabilidade no princípio, a religiosidade no fim, são os polos do seu espírito. Os primeiros assuntos de Nabuco, ainda menino, são de ordem política, o “Gigante da Polônia” (a eterna Polônia), o “Povo e o Trono”, “Uruguaiana”, ou de preocupação religiosa, “Deus”, “Nada”.

O senso crítico, que está na raiz do seu espírito e que jamais o abandona, aparece nesta primeira carta a Machado de Assis, deliciosamente ingênuo e arguto. É o autojuízo que o faz afirmar “não sou poeta... faço versos sem cadência e sem harmonia”. Quarenta anos mais tarde, Nabuco insiste resolutamente nesta informação em penetrante análise do seu temperamento literário. Há nesta modéstia, pura e simples, da juventude, o sinal de uma grande antecipação. Não sendo “poeta”, Nabuco seria outra coisa que o levaria ao patriciado do espírito. Seria no seu tempo como homem, como pensador, orador e escritor, a mais feliz expressão da cultura no Brasil.

A essência intelectual de Nabuco provém das suas origens e é por isso que nele se acentua, mais do que o artista, o pensador político. É uma tradição espiritual que ele conserva e eleva a um grau superior, ainda que a essa vocação política se alie a sensibilidade artística. Ele não foi artista absoluto e exclusivo; a sua atração pela história e o culto pelo passado são manifestações de um temperamento político. Nos estudos históricos Nabuco considerava sobretudo a evolução social, a diretriz política das sociedades. Herdou do pai o amor da perfeição, o gosto do conceito, a fórmula expressiva e gráfica, a que ele ajuntou a modernidade do espírito, a curiosidade cosmopolita, o sabor da novidade e o ardor romântico.

Machado de Assis não tem história de família: o que se sabe de suas origens é impreciso; é a vaga e vulgar filiação, com inteira ignorância da qualidade psicológica desse pai, dessa hierarquia, de onde dimana a sensibilidade do singular escritor. E por isso acentua-se mais o aspecto surpreendente do seu temperamento raro, e divergente do que se entende por alma brasileira. Há um encanto nesse mistério original, e brusca e inexplicável revelação do talento concorre vigorosamente para fortificar-se o secreto atrativo que sentimos por tão estranho espírito. De onde lhe vem o senso agudo da vida? Que legados de gênio, ou de imaginação, recebeu ele? Ninguém sabe. De onde essa amargura e desencanto? De onde o riso fatigado? De onde a meiguice? A volúpia? O pudor? De onde esse enjoo dos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. A expressão psicológica de Machado de Assis é muito intensa para que possa ser atribuída ao estudo, a observação própria. Cada traço do seu espírito tem raízes seculares e por isso ele resistirá a tudo que passa.

Em 1865, quando se inicia essa correspondência, quem era Machado de Assis? Já era aquele geômetra sutil, que encerrara



Universo no verbo, que se libertara da exaltação racial e sabia dissimular nas linhas tranquilas e desdenhosas o frêmito da natureza e revelar a loucura dos homens. Tinha apenas vinte e cinco anos; a sua ação literária era eficiente no teatro, no romance e na crítica. Havia publicado novelas, feito representar comédias, brilhava no *Diário do Rio* ao lado de Quintino Bocaiuva, que Nabuco chamaria de “o jovem Hércules da imprensa daquela época”. Fora até “futurista”, se por este epíteto recordarmos ter sido o cronista singularmente clássico de um efêmero jornal de 1863, *O Futuro*. Era o poeta das “Crisálidas”.

Para aí chegar, a viagem espiritual de Machado de Assis foi bem secreta. Veio do nada, venceu as suas origens modestas, tornou-se homem de cultura, de gosto e criou a sua própria personalidade. É um doloroso e belo poema da elaboração do gênio nesse obscuro heroísmo. Machado de Assis não revelou nunca esse árduo combate interior, não fez transbordar no ódio e no despeito a sua humildade inicial. Aristocratizou-se silenciosamente. O seu heroísmo está neste trabalho de libertar-se da sua classe, nessa tragédia surda do espírito que se eleva, na distinção pessoal, no desdém de ser agressivo aos poderosos e aos felizes. Da sua angústia intelectual transpira a perene melancolia da luta. Das tristes fontes da sua inteligência persiste para sempre o travo da amargura. Mas esta amargura da vida é nobre, é o desencanto do civilizado e não o rancor do escravo e o destemperamento do selvagem.

O heroísmo de Joaquim Nabuco foi o de separar-se da aristocracia e fazer a abolição. O heroísmo de Machado de Assis foi uma marcha inversa, da plebe à aristocracia pela ascensão espiritual. Ambos tiveram de romper com as suas classes e heroicamente afirmar as próprias personalidades.

Por mais estranha e singular que se tenha afinado a sensibilidade literária de Machado de Assis, por maior que tenha sido



a peregrinação do seu gênio e a sua libertação do sortilégio da natureza tropical, o escritor, que por esse mistério é um grande acidente brasileiro, permanece como o intérprete agudo e sugestivo da sociedade do seu tempo. O Brasil, porém, não o interessou somente como laboratório psicológico dos seus estudos. A formação nacional atraiu-lhe vivamente o gênio poético. Seguiu a corrente dos épicos do indianismo e assim esse homem universal foi americano e essencialmente brasileiro. O índio é uma idealização nacional. O brasileiro tem orgulho do índio, e vê no selvagem não só o aborígene, o iniciador da raça, como o dono legítimo do solo, o protótipo da liberdade, que estava no princípio e que o brasileiro eleva à altura de um ideal a seguir, a imitar, a recuperar e do qual sente ter-se afastado das contingências da sua vida coletiva. Esse sentimento secreto no faz simpatizar profundamente com as nações índias da América e aplaudir todas as revoltas e reações contra o estrangeiro invasor. No culto do indígena esta uma das razões do nosso nacionalismo; nos tipos literários da nossa poesia índia, no Y Juca Pyrama, nos Peris e Ubirajaras se corporizam esses sentimentos, eles são os lendários e obscuros heróis da raça, como na realidade o foram Arariboia e Felipe Camarão. Essa identificação com os índios nos dá a explicação remota da nossa solidariedade americana. A América é o continente índio e nele se glorifica a reação contra o europeu. O monumento exaltado, a elegante estátua verde, que o México ofereceu ao Brasil, simboliza a raça indígena de toda a América – e esquecendo o nome de herói celebrado, percebemos na obra de arte a glorificação dos nossos próprios indígenas.

Os poetas e escritores que celebraram os índios obedeceram a este impulso inconsciente da raça, e por mais que sejam taxados de falsos e convencionais, o orgulho brasileiro os estremece como os estremece como épicos pátrios, e a auréola e o encanto da

saudade da liberdade perdida, e a que sempre se aspira, os consagram vates e maravilhosos intérpretes da imorredoura idealidade nacional.

Não foi esse o destino reservado aos poetas dos escravos. A escravidão é uma infâmia, que nos envergonha. Recordá-la é para nós uma humilhação e por isso não podemos instituir o culto dos escravos em antítese ao culto do índio. O escravo foi um acidente doloroso, que passou; o índio é uma idealização eterna no sentimento nacional. Castro Alves, poeta dos escravos, não pôde lutar sob esse aspecto social com Gonçalves Dias, poeta dos índios. Não se volta à escravidão; aspira-se sempre à liberdade, de que o índio é o protótipo. Admira-se o ímpeto genial de Castro Alves, sente-se nas suas metáforas, nas suas imagens, o êxtase do vago estético. É a admiração do artista. Pode-se estimar a esplêndida generosidade do seu temperamento. É o preito à sua humanidade. Felizmente o próprio “assunto” dessa generosidade e dessa exaltação poética está extinto. Volta-se a ele com pejo, embora reconhecido com sublime esforço dos libertadores da infâmia. Esse destino está reservado em todo o mundo às obras de arte, que traduziram uma emoção, que deviam passar, como esta da causa dos escravos. Nenhum livro moderno teve êxito tão retumbante e ação social tão prodigiosa, como *A cabana do Pai Tomaz*. É um livro morto, como extinta é a emoção, que o gerou milagrosamente. Jamais o gênio de Castro Alves foi maior do que no “Navio Negreiro” e nas “Vozes d’África”. Hoje o que resta desses poemas é a emoção puramente estética, que vem das imagens, das evocações e dos quadros. E quanta gente que os relê se limita às partes dos poemas, em que não aparecem a mancha da escravidão e a torpeza dos humanos. Seria impossível hoje representar, mesmo por simples curiosidade, o seu drama “Escravos”. E no entanto, em todos os colégios brasileiros, para exaltar o sentimento das crianças faz-se

decorar, recitar e até mesmo dramatizar em cena o poema heroico do Y-Juca-Pyrama. Porque ai está vivo, eterno e maravilhoso o sentimento nacional do brasileiro, a glorificação de uma raça formadora da nação.

Machado de Assis seguiu por algum tempo essa trajetória do indianismo. Ele ignorou o “escravo”, mas celebrou o índio, e nisto foi mais uma vez sutil e adivinhou a posteridade. Parece hoje, que o indianismo tem a feição de uma desforra contra a imigração. E isto vai dar-lhe vida nova. Naturalmente não se voltará ao “heroísmo” do índio como fizeram Basílio, Magalhães, Gonçalves Dias e Alencar, mas irá se desenvolvendo o carinho pelos nossos indígenas, maior interesse pela sua incorporação à pátria, e os poemas que os idealizaram, por falsos que se reconheçam, serão mais ardentemente prezados, como a mitologia de uma raça, que a nossa inspiração crê ter sido heroica e que decaiu, mas cuja independência indomável é o fundo do nosso orgulho e impulso para o nosso desagravo contra tudo o que nos ameaça de jugo e servidão.

Machado de Assis, como todos os poetas do seu tempo, esqueceu o índio, cuja poesia fora esgotada no exagero dos parentiros. Mas não esqueceu Camões a cujo culto ficou, como Joaquim Nabuco, sempre fiel. Em 1872 Nabuco escreve o estudo sobre *Os Lusíadas*, e antes de o publicar convida Machado de Assis para ouvir-lhe a leitura. É o segundo contato entre eles, que se conhece por essa correspondência. Em 1880 Joaquim Nabuco é orador do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, na celebração do terceiro centenário da morte de Camões; por esta ocasião publica na *Revista Brasileira* um soneto a Ignez de Castro e Catarina. Em 1908, Nabuco, nos Estados Unidos, faz três conferências sobre Camões. Em tudo há uma concepção tão nítida, um entusiasmo tão intenso, que é singular como Joaquim Nabuco, dentro deste culto, não se afina totalmente com a divindade. Jamais foi um

camoniano no estrito sentido literário. Entre Camões e Nabuco não existiu o fluido íntimo, que tudo funde, e que identifica misteriosamente as essências dos seres. O seu culto é antes político, um ato de imaginação social, que lhe perdura como uma das forças motrizes do espírito. Ao passo que Machado de Assis é da família camoniana, não pelo sopro poético ou pelo interesse humano que seduz Nabuco, mas pelo classicismo do gosto e da forma, que se ajusta ao seu temperamento, como a disciplina inata. Daí essa incompatibilidade com o meio cósmico brasileiro, que será sempre a singular característica de Machado de Assis e essa moderação de estilo, que o separa dos escritores tropicais. Para Nabuco foi Camões principalmente o épico de gênio que abriu à literatura o mundo moderno, arquitetado na ciência, inspirado pelo sentimento universal; para Machado de Assis foi seguramente Camões o poeta que fixou a língua, que a tornou menos pedregosa até ameigá-la, o homem de letras humanas que fez da sua poesia uma joia de cultura, em que se encastoam as preciosas e raras gemas do mundo antigo, que ele desenterrou do subsolo português, onde os bárbaros bisonhos as tinham sepultado com a civilização latina ali submersa.

Esta simpatia camoniana perdura em Machado de Assis como o ritmo, a luz interior de seu espírito. E se ele é romântico exteriormente, se é americano, é para enfeixar as nossas selvas e os nossos selvagens nos quadros clássicos. E por ser clássico os portugueses de hoje lhe descobrem o parentesco, a afinidade, e pela voz de Camilo Castelo Branco o proclamam “escritor primoroso pela forma e pelo conceito”, o que jamais disseram até então de qualquer outro brasileiro. Porque, para o verdadeiro conhecedor, a essência do artista se revela em traços vivos e profundos, que escapa aos vulgares, iludidos pelas roupagens artificiais, talhadas com intenção imitativa. Não são esses que vociferam com vocábulos antigos, mortos, e que incorporam em longos períodos os

seus tristes arremedos dos velhos escritores, os clássicos do nosso estilo. O classicismo não é uma forma estagnada, tem a sua evolução. O clássico do século XX não será à mesma maneira do seu antecessor do século XVI. Esses nossos clássicos de arremedo são na sua formação íntima o oposto ao espírito clássico; são indisciplinados, não têm a menor intimidade com as coisas de que tratam, não têm aquele senso matemático da expressão, que torna a quantidade em qualidade; são iracundos, possessos, destemperados. E enquanto eles nos enfastiam com seu alarido, o delicado e delicioso Machado de Assis sabe sorrir, e, instintivamente senhor do segredo antigo, tece a tela maravilhosa, onde pousam levemente os seus pensamentos sutis. Camões é o nume do sacrário artístico do desabusado Machado de Assis. Procura este identificar-se com a divindade, celebra-a no “Tu, só tu, puro amor”, e quando mais tarde a poesia fala pela dor da ferida é no verso camoniano, que Machado de Assis exprime talvez a sua única dor, a saudade d’Aquela, que foi a sua morta e sua morte, a inesquecível Carolina.

Machado de Assis era o autor de *Brás Cubas* e Joaquim Nabuco o paladino da Abolição, quando nos é dado conhecer pelas suas cartas o terceiro contato entre estes heróis espirituais. Foi um longo e maravilhoso caminho, que ambos fizeram desde o encontro à sombra de Camões. O escritor, predestinado a vencer todo o terror cósmico, tivera a arte de disfarçar a magia perturbadora da natureza brasileira e atingiria no seu grande livro ao máximo da cultura, que liberta e disciplina. A sua “maestria”, engrandecendo-o, isolara-o. Com o tempo a sua arte peregrina se tornará um patrimônio e um acontecimento de orgulho coletivo, mas naquela época o seu público era ainda restrito, e deste público a parte mais atenta era a feminina. Nos seus livros percebe-se Machado de Assis, embora armado de mil forças pelo ceticismo, deixar-se trair pela velada volúpia. Depois de ler as suas dissecações humanas,





repetiremos: como ele faz desejadas as mulheres! Era uma atração recíproca entre o criador e as criaturas, pois se os homens ainda o não compreendem, as mulheres o adivinham, e ele pesa nelas, quando publica os seus grandes livros nos jornais de modas, certo de encontrar nas suas leitoras o incentivo, o fluido do entusiasmo com que, desdenhoso e soberbo, se entregará à indiferença do grande público, ou à maldade dos seus rivais a letras. Machado de Assis teve sempre este pendor pela literatura de sociedade, de cuja insignificância peculiar se salvou, como Goethe e Merimée.

Movido pela admiração e pela saudade, Machado de Assis em 1882 que “precisava restabelecer as forças perdidas no trabalho extraordinário” dos dois anos anteriores, consagrados à construção de *Brás Cubas*, escreve a Nabuco. “Pobre Marianinha! exclama em sua carta. E um frêmito de morte de mulher bela nos invade. Marianinha teria sido um destes dolentes encantos femininos da casta senhoril do tempo da escravidão. O seu espírito deveria pairar nos limites indefinidos da infantilidade e da meiguice aristocrática. O seu corpo seria grácil, pálido, de formas e expressões mediterrâneas, transportadas aos trópicos excessivos, mas sem aquela seiva que mantém a vida no formidável ambiente brasileiro. E Marianinha morreu... Nabuco, em palavras elegíacas, transmuda a formosa morta em um “Anjo da Bíblia”. A imagem poética comove o “viúvo inconsolável”, e Machado de Assis foi encarregado de comunicar a Nabuco, nesta delicada carta, que aquelas efêmeras linhas de um folhetim de jornal foram gravadas, como epitáfio, no mármore da tumba da beleza morta.

Esta carta e a seguinte de 1883 encontram Nabuco em Londres. A campanha pela Abolição o havia revelado ao Brasil e à humanidade, sensível às coisas brasileiras. O heroísmo da sua mocidade tinha se cumprido. Nabuco renunciara ao domínio, à posição, ao repouso, rompera com a classe dos senhores, à qual pertencia, e tornara-se o apóstolo da libertação dos escravos.



Antes de chegar à plenitude da sua abnegação, Joaquim Nabuco impregnara-se da beleza do mundo exterior. Peregrinou pelas terras da cultura e civilização, aformoseou o seu talento na volúpia literária, encantou, fascinou a “sociedade”, conviveu com os grandes espíritos humanos e de um deles recebeu o pérfido conselho de dedicar-se aos estudos de história. O destino porém, velava. Nabuco não seguiu no instante decisivo sua vida o conselho de Renan. Em vez de escrever história, fez coisa melhor, fez história. Foi um dos mais eficazes e geniais arquitetos da abolição no Brasil, e só por esta sua magnânima ação, o seu nome tornou-se imortal.

Já vinha da adolescência a sua vocação abolicionista. Ainda no colégio, em 1885, na poesia “Uruguaiana”, lida em presença do imperador, exalta o sacrifício de Lincoln pela causa dos escravos e no estilo da época canta o presidente-mártir como o “gênio que teve a cruz na liberdade, no altar da pátria o calvário, rompeu o sudário do escravo e beijou o pó pela idéia”. Do Recife, em 1869, ainda estudante escreveu ao pai pedindo-lhe que aceitasse o governo, se fosse convidado, para abolir a escravidão: “por dois dias, diz ele, para *ditatorialmente* extingui-la. Eu não sonho para V. Mce. outra glória, senão a de Abraão Lincoln”.

Nabuco tivera precursores na ação literária pela liberdade dos negros. No Maranhão, muitos anos antes um jovem senhor de escravos, o poeta Trajano Galvão publicara os seus comovidos poemas abolicionistas “O Natal” (1852), “Nurajan” (1854), “Soláo” (1855) e Raymundo Corrêa no prefácio às suas poesias “Sertanejas” (1898), saúda-o como um precursor de Fagundes Varela e Castro Alves, como “um dos primeiros poetas que se fizeram valentes campeões do abolicionismo”; em São Paulo, aquele que seria um dos maiores fatores da liberdade, Luiz Gama, escrevera as suas dolorosas poesias. “Minha mãe”, “Cemitério de São Benedito”



(1861). Fervilhava uma literatura pelo escravo e os escritores são, entre outros além daqueles próceres, Gonçalves Dias (“A Escrava”, “Visões”), José de Alencar (*Demônio Familiar*, 1857), Bitencourt Sampaio (“Cativa”, “Flores Silvestres”, 1860), Manoel Macedo (*As vítimas algozes*, 1869). Todos predecessores ou contemporâneos de Castro Alves, que se magnificou nos seus extraordinários poemas popularizados pela emoção humana e pela beleza, de que não pródigos.

A ação redentora de Joaquim Nabuco exerceu-se sobretudo no Parlamento, onde não foi somente o apóstolo, movido pela ideia e pela compaixão, mas ainda o artista que renovou a eloquência brasileira então a definhar, dando-lhe uma qualidade excepcional, a magia da graça. Tornou-se um ídolo da mocidade, e Machado de Assis, na carta seguinte deste mesmo ano, classifica-o de “grego dos bons tempos da Hélade”, acentuando, sem saber, o paralelo que Barão de Tautfphoeus encontrara para Nabuco em Alcebíades. Porque se o herói é moderno, o seu desinteresse, o seu idealismo e a façanha que realiza são de molde antigo e inspiram ao espírito clássico de Machado de Assis uma evocação, em que transparece uma saudade da “sua” Grécia.

O exílio de Londres, depois do início da campanha parlamentar na Câmara que se interrompera por força das oscilações eleitorais, foi para Joaquim Nabuco ainda a atividade pela Causa. A Europa será sempre um dos polos magnéticos do espírito americano. Era preciso que daquele velho e sempre renovado dínamo viessem fluidos que acelerassem a solução do magno problema brasileiro. Nabuco faz intervir as sociedades abolicionistas inglesas, faz falar sábios e políticos, toma parte em congressos internacionais antiescravistas, e, infatigável e ardente, pelos seus escritos, panfletos ou correspondência de jornais, anima os seus denodados companheiros de combate, que ficaram no país a lutar face a face com o monstro.

Mas, por entre esta porfiada ação, neste auxílio voluntário que “lhe dá a têmpera”, como frisa Machado de Assis nesta segunda carta de 1882, aponta a melancolia da saudade do Brasil. Esta nostalgia de Nabuco reaparece sempre em todos os seus exílios, e é o toque da fidelidade do seu espírito ao ambiente brasileiro. Joaquim Nabuco, analisando-se, veria nesta saudade da pátria uma preponderância do sentimento sobre a imaginação. Para ele, desde que o brasileiro tenha a menor cultura o sentimento é nacional e a imaginação é europeia. Não será falso este conceito se se entende por imaginação o que nos vem das ideias adquiridas, dos precipitados da cultura e da civilização. A imaginação porém, não se restringe a esta idealidade consciente de uma minoria cultivada, ela forma todo o inconsciente humano. A imaginação brasileira difere fundamentalmente da imaginação européia. Está ainda na frase mítica, não eliminou o terror cósmico, reflete a tragédia da natureza e exprime as angústias, os desejos, as esperanças de várias raças. Não há cultura que modifique a essência imaginativa do brasileiro. A imaginação histórica é um artifício, que se desfaz diante das tenazes e violentas criações do inconsciente mítico. O quadro brasileiro pode não ter interesse histórico, mas nele se engrandece a imaginação. O sentimento estético é indiferente à história, e os que não encontraram interesse na paisagem brasileira têm imaginação política, mas são destruídos do sentimento estético. O artista é aquele que recebe da cor, da forma, da linha, do som as emoções vagas que nos fundem no todo universal. Joaquim Nabuco, preferindo um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre, às florestas amazônicas, à magia do Rio de Janeiro, sobrepõe à imaginação histórica a imaginação estética. O estudo da história vem perturbar a emoção artística. Que importa ao artista, ao homem completo, que o Rio de Janeiro tenha ou não um passado histórico? O que interessa



é aquela mágica combinação de luz e formas, o que o exalta é a terra que se eleva e se fraciona em montanhas, é a vegetação indomável, que tudo invade e se ostenta em maravilhosas expressões, é a água alegre e multicolor, é o sol que paralisa nos seus ardores o mundo estático. Paisagem sem história, afortunado privilégio! e aí o espírito do homem pela pura emoção estética se torna infinito.

Enquanto Nabuco, no desterro europeu, vencia a nostalgia e o desânimo e robustecia o seu entusiasmo, Machado de Assis define-se nesta carta a Nabuco, “budista desencantado”. Por esse tempo o autor de *Brás Cubas* aspirava ao Nirvana, a que jamais atingiu por lhe faltar a suprema resignação ao cosmos. Assim ele será um “desencantado”, mas não um budista. A armadura perturbou-lhe sempre a serenidade. O seu espírito alimenta-se mais do Eclesiastes do que dos Upanishads. Se quisesse rebuscar nas leituras de Machado de Assis quais foram os seus formadores intelectuais, teríamos de o classificar na progênie dos autores desse eterno Eclesiastes, de Montaigne, de Swift, de Sterne e ainda de Mérimée, tristes companheiros a cuja melancolia afinava o seu desencanto.

Entre estas cartas e a quarta de Machado de Assis, abre-se um espaço de quatorze anos, em que a história do Brasil, tão vazia de acontecimentos universais, se enriquecera de dois sucessos extraordinários, a Abolição e a República. E ambos produziram-se inesperadamente. Joaquim Nabuco havia pensado em batalhar longos anos, a sua vida inteira, ser o homem de uma única causa, quando tudo se precipitou e a Abolição se consumou. O seu nome ficou imorredouro no país; a sua ação política, porém, estava encerrada antes dos quarenta anos. Tudo que experimentou depois foi como a performance da sua atividade abolicionista. Pressentiu a república e não abandonou a monarquia, fidelidade que ele considerou “um último compromisso, uma gratidão, um episódio da

libertação dos escravos”. Para salvar a monarquia, levou a ideia da federação monárquica, pois compreendeu que a forma federativa era a aspiração secreta e imperiosa do inconsciente nacional e que, realizando-a a república encontraria nela um dos seus alicerces. Fez-se a república e Nabuco lhe ficou estranho. O seu gênio político o advertiria de que nada poderia contra a fatalidade da evolução social. Se combateu a república, ainda o foi movido por uma ética cavalheiresca, mas não a perturbou, e acima dos partidos colocou sempre a idealidade coletiva, a pátria. Quando Machado de Assis lhe escreve pela terceira vez, Joaquim Nabuco meditava sobre os fatos e as conclusões da política brasileira, de que se retirara e escrevia uma parte da sua história. Se Nabuco é um deslumbrante ator do drama nacional, Machado de Assis permanece um taciturno espectador. A abolição o interessou vivamente, mas não tendo sido parte nela, teve o pudor de não se fazer posteriormente o seu pregoeiro. Sabe-se que o misantropo no dia da redenção teve um relâmpago de alegria. O entusiasmo coletivo contaminou-o, e viu-se o “budista desencantado” com jornalistas exaltados em um carro, a percorrer as ruas da cidade, ruidoso, sem chapéu, cheio de ilusão humanitária e ir até as portas da Câmara aclamar Joaquim Nabuco e outros heróis da jornada.

Não foi para evocar esses sucessos que Machado de Assis, em 1896, tornou a escrever a Joaquim Nabuco. Foi rememorar Marianinha... A beleza malograda não saía da lembrança do sutil criador de tipos femininos e este culto lhe foi a maior recompensa de ter sido formosa nesta vida. Machado de Assis recorda Nabuco o “adeus” do folhetim de 1881, gravado como epitáfio e comunica-lhe que mais uma vez vai ter a mesma aplicação. Esta insistência parece absurda. Não se trata porém, daquela Marianinha, mas de outra senhora. O “viúvo inconsolável” casara-se pela segunda vez. Morrerá-lhe a nova esposa, como a primeira, e para não variar o epitáfio, dedica-lhe o mesmo consagrado a Marianinha, forjado

com as frases elogiosas de Nabuco. Para o viúvo talvez as mulheres fossem diversas na terra, mas no céu transformaram-se ambas nos “anjos da Bíblia” das palavras do folhetim, e os anjos são iguais na sua perfeição absoluta e monótona.

Em 1899 é Joaquim Nabuco quem escreve a Machado de Assis. Dois fatos novos produziram-se nestes três anos sem cartas, nos quais, entretanto, estiveram muito ligados os dois grandes escritores: a consolidação do núcleo intelectual da *Revista Brasileira* e a recente fundação da Academia. A *Revista* vinha de 1895, quando o país apenas se pacificara de guerra civil. José Veríssimo, o seu fundador, não era somente um magnífico homem de letras, era também organizador arguto, enérgico, devotado às suas criações. Os espíritos estavam fatigados da política. Os homens feitos desiludidos; os homens novos, enojados. Deu-se um nefasto absentismo da inteligência e da cultura na política brasileira e as letras apresentaram-se como o único refúgio do talento. A *Revista Brasileira* teve o dom da tolerância e da concórdia. Nas suas páginas e nas suas salas uma verdadeira confraternidade espiritual entre os homens os mais divergentes floresceu docemente. Era um encanto encontrarem-se ali monarquistas militantes como o Barão de Loreto, Taunay, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, republicanos destemidos como Lúcio de Mendonça, socialistas como o dono da casa, anarquistas como o que foi por algum tempo o sectário de Kropotkine e Elysée Reclus. A política não turbava aquele remanso literário. O que aí interessava era a literatura, e a esta Machado de Assis dava o mais expressivo cunho. Parece que nunca houve no Brasil até hoje um salão intelectual como o da *Revista Brasileira*. Era um recepção permanente todas as tardes, e cada um entregava-se livremente, segundo o seu temperamento, aos jogos da inteligência. Ouvir Taunay contar, ou melhor, vê-lo “representar” uma anedota pessoal, escutar sussurro titubeante de Machado de Assis dissecando voluptuosamente um episódio

da vida, encher-se da sonora harmonia de Nabuco, acompanhar os paradoxos de Araripe Júnior, assistir as “demolições” de José Veríssimo, deliciar-se na música secreta e exaltada de Raimundo Correia, viver enfim naquele ambiente de entusiasmo sentimental e ai fundir a fé na cultura imorredoura com a esperança na glória, jamais houve neste país maior gozo espiritual para um jovem brasileiro.

Joaquim Nabuco foi um assíduo colaborador da *Revista*, onde iniciou a publicação da obra, que, sendo a biografia do Senador Nabuco, é um dos luminosos painéis do Segundo Império. Nabuco seguiu afinal o conselho, que de Renan recebera na mocidade. Os historiadores do Brasil, já inúmeros para uma tão simples história, encontraram nesse quadro a documentação precisa e reveladora dos “fastos” de todo um reinado. Os artistas verão aí a sua forja, em que o estilo de Nabuco se apurou, se adelgaçou, se librou até tornar-se na graça vivaz e envolvente da *Minha formação*. Em geral a história perturba a emoção artística. A arte neste vasto estudo desforrou-se esplendidamente nos soberbos retratos, em que Nabuco fantasiou para o nosso prazer estético os personagens da política brasileira. O aparecimento das primeiras páginas do livro é saudado por Machado de Assis. Lamenta o crítico sagaz ter-se interrompido a carreira política de Joaquim Nabuco e por isso não se poder gravar no túmulo do Senador Nabuco palavras semelhantes às que foram escritas na sepultura de Chattam “o pai de Mr. Pitt.”

A Academia Brasileira saiu da *Revista*. Era natural que aquela contínua assembleia da inteligência, vivificada pela simpatia mútua, suscitasse a ideia de uma “fundação” literária como uma satisfação ao remoto espírito de organização da nossa raça latina. Para os escritores mais independentes da *Revista* a Academia era um contrassenso num país sem literatura definitiva, e num





período de plena transformação social a estratificação das letras seria prematura e nociva. A oposição não vingou, e a Academia organizou-se. Nascida da vontade de Lúcio de Mendonça, deram-lhe Machado de Assis e Joaquim Nabuco um prestígio imenso e foram-lhe admiravelmente fiéis. Dai em diante quando eles se correspondem o assunto principal é a Academia.

Para Machado de Assis a Academia é a vida nova. Na roda dos amigos, que o cercam e o veneram, e já o acompanhavam assiduamente há alguns anos, sente-se rejuvenescer. Na intimidade era outro homem que não o imaginado pelos seus livros desabusados. Se ele cultivou sistematicamente o desprezo e mesmo aversão aos seus semelhantes, os amigos o conheceram afetuosamente, interessado na sociedade deles e consagrado a uma obra humana, falível e frágil, como é uma academia. Durante todo o resto da sua vida encarnou a Academia Brasileira, de que foi o presidente sempre reeleito. Salvou-a da morte prematura a que estava necessariamente votada uma instituição que se arrogava a supremacia intelectual em um país sem a estratificação da cultura, sem firmes tradições literárias, convulsionando pela inveja e pelo ódio político.

A Academia, oriunda de um pacto entre espíritos amigos, hauriu nesta inspiração original a força intrínseca de que se mantém e se vai transmitindo às gerações que se sucedem. Joaquim Nabuco foi para os seus confrades um desses admiráveis “amigos” da Academia. Todos se sentiam desvanecidos da convivência desse homem extraordinário, que terminara as pugnas políticas em uma tão ofuscante auréola, que se isolara das contingências da nova sociedade em formação no país. Em plena madureza ainda moço, era venerado como um veterano herói. Tais eram a marcha acelerada em que ia ao Brasil e a distância senhoril em que ficara Nabuco. Foi ele quem explicou a Academia à nação

e que lhe traçou o caminho a prosseguir. Na sua vida precária, sem pouso certo, sem meios, perseguida pela ironia, atacada pelo desrespeito, a Academia encontrou a sua resistência moral em Machado de Assis e Joaquim Nabuco, o par glorioso que ela pusera à sua frente e cuja assistência justificaria diante do público a sua aparição no nosso caos literário.

Outro muito amado no círculo acadêmico foi Taunay. Nos seus últimos anos o autor de *Inocência*, o brilhante gentil-homem do fim do Império, retirado sistematicamente da vida política e social, confinara-se quase exclusivamente entre os seus novos amigos da *Revista* e da Academia. Era o mais assíduo dos companheiros daquelas reuniões vespertinas e parecia presidi-las com a sua graça nostálgica e o seu bom humor condescendente. Todos o adoravam, e quando veio a morrer em janeiro de 1899 os seus irmãos espirituais o choraram longamente. À sepultura José Veríssimo fez-lhe as tristes despedidas da *Revista*, Joaquim Nabuco as da Academia Brasileira. O vazio deixado por Taunay na *Revista* foi de uma saudade infinda; a vaga da academia tinha de materialmente preencher-se. Nabuco escreve a Machado de Assis para sondá-lo sobre a futura eleição. A Academia estava na terceira sucessão das suas cadeiras. Já tinham sido substituídos Luiz Guimarães e Pereira da Silva. Nada interessa tanto a uma vida acadêmica quanto uma eleição. Parece que aqueles homens, escapos da política, mas guardando fielmente o espírito eleitoral do brasileiro, desforram-se em eleger confrades, exercendo uma função considerada um privilégio, quando raramente votam fora da Academia mesmo para escolher o Presidente da República. Na academia o sentimento eleitoral é o mais ativo de todos, e a Academia o sentimento eleitoral é o mais ativo de todos, e a Academia Brasileira, graças ao seu quociente de mortos, jamais foi uma academia morta. Os abençoados mortos deram-lhe a mais preciosa das vidas, a vida eleitoral. Houve um tempo em que

ela parecia extinta; o público só se apercebia vagamente da sua existência quando era anunciado o resultado de alguma eleição. E Nabuco, em 1900, pergunta a Machado de Assis: “Será preciso que morra mais algum acadêmico para haver sessão? Que papel representamos nós então? Foi para isso, para morrermos, que o Lúcio e você nos convidaram? Não, meu caro, reunamo-nos para conjurar o agouro, é muito melhor. Trabalhemos todos vivos.”

Era de longe, da Europa, que Joaquim Nabuco escrevia a Machado de Assis. Um acontecimento inesperado tinha-se produzido e arrebatado Nabuco do convívio de seus amigos. O governo o havia convidado para defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Guiana Inglesa e ele aceitara a missão. Foi em março de 1889. Poucos fatos de ordem pessoal provocaram nestes anos da República maior interesse. Joaquim Nabuco, por ser exatamente admirado pela generalidade dos brasileiros, fora sempre muito invejado. A grande maioria do país, inspirada pelo inconsciente nacional e indiferente à casuística partidária, alegrava-se a contar novamente com o grande homem da Abolição para cooperar nos destinos da pátria. No campo restritamente sectário dos monarquistas a celeuma foi acesa. Os fariseus da doutrina pretenderam ditar a Joaquim Nabuco as regras do dever cívico. O público viu nesse movimento uma estultice e um desabafo do despeito. Qualquer um dos “protestantes” (alguns empregados públicos e muitos beneficiados pela República pessoalmente ou em suas famílias) aceitaria não somente uma missão de ordem geral, sem política, de puro interesse nacional, mais ainda um cargo de confiança governamental, um posto de colaboração administrativa, como posteriormente deram aos correligionários monarquistas os mais frisantes e autorizados exemplos João Alfredo exercendo a presidência do Banco do Brasil e Carlos de Laet a direção do Colégio Pedro II. Foi esta a lição que Pedro II ditou aos brasileiros, quando consultado pelo Barão do Rio Branco,



cônsul em Liverpool, qual o dever dos monarquistas, que exerciam cargos públicos, respondeu por telegrama a Cannes, de 8 de dezembro de 1889: “Li tudo, quero-lhe muito, digo que fique, peço que fique, é seu dever. Sirva seu país”.

Machado de Assis sintetiza numa frase de sua carta de 10 de março daquele ano o justo sentimento, que geralmente se teve do apelo do Presidente Campos Sales a Joaquim Nabuco e da aquiescência deste em defender o Brasil. “Vi que o governo, sem curar de incompatibilidades políticas, pediu a você o seu talento com o fim de aplicar em benefício do Brasil a capacidade de um homem, que os acontecimentos de há dez anos levaram a servir à pátria no silêncio do gabinete. Tanto melhor para um e para outro.”

Houve, porém, um monarquista militante que compreendeu a atitude de Joaquim Nabuco: foi Eduardo Prado. O autor da *Ilusão Americana* era um dos raros políticos brasileiros animados de sentimento universal. A política para ele, como para Joaquim Nabuco, não se apertava dentro das fronteiras do país. Sabiam que o Brasil tem um grande destino internacional a zelar e a desenvolver e que a nossa política interna deve mover-se de conformidade com a política exterior. Eduardo Prado colocou a missão Nabuco nos seus verdadeiros termos. Tratava-se de uma das fases da batalha diplomática em defesa do território nacional para prevenir violência das nações, instigadas pelo demônio da conquista. As fronteiras do Brasil estavam em perpétua contestação. Havia necessidade de defini-las precisamente. A opinião pública, presciente, comprimiu os sucessivos governos a resolver por arbitramentos os litígios seculares. Era, portanto uma verdadeira campanha patriótica, que se travava. Nada de estranhar que os governos chamassem a postos os mais competentes brasileiros, e estes não podiam recusar os seus serviços, sob o pretexto de convicções monárquicas, como os almirantes e os generais não se podem furtar ao dever de defender a pátria, seja qual for o governo desta. A República já tinha feito

apelo ao Barão do Rio Branco ainda monarquista, e ele cobriu-se de louros nos pleitos das Missões e do Orenoco. Por que Nabuco também não poderia servir ao seu país? Ninguém melhor do que ele em situação de negociar o tratado de arbitramento que íamos propor à Inglaterra. A sua elevação intelectual, a sua autoridade moral de fator preponderante da abolição dos escravos, num país de idealismo político, como a Grã-Bretanha, o seu íntimo conhecimento da língua, dos costumes e da sociedade inglesa davam-lhe uma autoridade sem par.

Não foi simples a luta pelo arbitramento. A política inglesa é velada. Custa muito se lhe descobrir a face. Longos meses passou Nabuco em trabalho pertinaz para decidir a Inglaterra a aceitar a solução arbitral. Estava-se em plena guerra do Transvaal e o governo inglês esperava a desforra dos primeiros retumbantes reveses da campanha para decidir qual a sua atitude nos vários conflitos internacionais, que se lhe abriam no mundo inteiro. Passava-se o tempo numa diplomacia de expectativa, como se estivéssemos a tratar com o Vaticano. A Inglaterra perscrutava também a opinião internacional para ver se o novo incidente, como o da sua intervenção em Venezuela, e que no nosso caso seria a ocupação violenta do território em litígio, não suscitaria sério alarma. Joaquim Nabuco velava. Desde o primeiro contato com a questão, Joaquim Nabuco, ressaltando os direitos do Brasil na decisão arbitral que se proferisse na pendência anglo-venezuelana, patenteou a consciência jurídica, que inspirava a nossa causa. Por uma infatigável argumentação, por uma tenaz ação pessoal, levou a Grã Bretanha a submeter a arbitramento o seu litígio territorial com o Brasil. O arbitramento é um recurso aleatório, mas, injusta como foi a sentença arbitral, foi ela ainda assim preferível a sofrermos um agressão da Inglaterra, qual a da ocupação militar da região disputada, que estaria perdida para sempre na sua totalidade.

Eduardo Prado não se enganara. Tinham-se avolumado as dificuldades que previra, e ninguém as teria desviado como Joaquim Nabuco, que assim cumpria o seu dever patriótico. Por longo tempo a situação internacional do Brasil, a nossa integridade territorial e, portanto, a nossa independência estiveram ameaçadas. Eduardo Prado viu o perigo americano que passou, viu o perigo inglês, que Nabuco desviou naquele momento, e viu também o perigo alemão. “Quanto à Alemanha – diz precisamente, em 8 de abril de 1899, o escritor patriota –, é por demais sugestivo o aspecto da costa do Brasil no célebre atlas de Stieler. Para o sul há dezesseis pontos sublinhados de amarelo. Ora, segundo as convenções daquele repertório cartográfico, que é o de mais autoridade na ciência da geografia, a cor amarela quer dizer domínio ou, pelo menos, zona de influência da Alemanha. Se a isto se acrescentar o que já tem sido publicado no Brasil, que o ensino primário na Alemanha é mais positivo sobre estes pontos do território brasileiro; se recordarmos que há povoações no sul do Brasil, onde a língua é alemã, não será difícil tirar *as mais tristes conclusões* em relação ao provável perigo que nos espera.” Deste perigo fomos libertados pela vitória dos aliados em 1918. Devemos-lhe, a esta, a segurança da nossa integridade territorial. Se ainda algum incrédulo duvidar das vantagens obtidas pelo Brasil e combater a Alemanha, se perguntar o que lucramos materialmente, a melhor resposta a esta indagação utilitária seria aquela muito simples do obscuro, porém arguto jornal de província: “ganhamos Santa Catarina e Rio Grande do Sul”.

Tal foi a situação do mundo no período que precedeu a guerra de 1914. Os processos arbitrais para a defesa dos territórios foram os pródromos dos formidáveis conflitos armados, que se sucederam. As vitórias tais ou parciais de Rio Branco e Joaquim Nabuco foram atos de alta benemerência patriótica. Defendendo o Brasil, eles o fizeram unicamente inspirados pelo sentimento nacional.

O conceito da nação era em toda parte zelado por grandes espíritos, embora uma onda de cosmopolitismo procurasse submergir as pátrias. O resultado mais tangível da grande guerra foi a afirmação triunfante do nacionalismo em oposição ao comunismo internacional.

Se, baseado no puro sentimento pátrio, Joaquim Nabuco se conformou mais tarde com a ordem republicana, definitivamente estabelecida no Brasil, é porque assim determinou o seu profundo instinto político, eminentemente conservador. Quando ele despontou no cenário da política o sentimento o impelia para a república. Confessa que na sua mocidade considerou a monarquia brasileira como regime da escravidão, cujo espetáculo humilhava a sua humanidade, viu o império como a posse, a “fazenda” das oligarquias. E em tudo uma tal ausência de beleza, uma existência tão antiestética que a necessidade de uma representação da vida mais artística, solicitada pelo seu temperamento, o fazia a aspirar outra coisa, que não fosse a triste e bisonha monarquia brasileira. A razão e o instinto político contrariaram esta espécie de saudade do desejo juvenil e o acorrentaram ao Império. Para chegar-se a república era necessário a revolução, e isto repugnou sempre a harmonia essencial do espírito de Nabuco. Se tivesse encontrado a república não pensaria na monarquia. Esta feição conservadora que ele quis atribuir a influências inglesas é da essência do seu ser e transparece nas suas atitudes mais radicais. Recorde-se que reclamou ardentemente a abolição, como necessidade política e uma exigência da civilização, mas no projeto de lei, que apresentou em 1880, conservador por índole, propôs a indenização para a singular propriedade de escravos.

Fora desta força instintiva, Joaquim Nabuco não estava ligado à monarquia por uma arregimentação partidária. Não era homem de partido; era homem de ideias políticas. Fez a abolição

separando-se do seu partido. Ficou fiel à monarquia, como consequência do seu abolicionismo. E ainda por fidelidade à ideia redentora apoiou o ministério conservador da Abolição e repeliu a política partidária. Em uma carta a José Mariano, o seu companheiro de lutas no Recife, Joaquim Nabuco, em julho de 1888, define a sua posição simpática ao gabinete João Alfredo. “Estou longe de querer derribar de qualquer forma o ministério juntando-me com os revolucionários escravistas. Se ele quiser cair, cai com os olhos abertos. A minha posição é especial, exatamente porque o João Alfredo está sendo atacado pela lei de 13 de maio, causa principal do ódio contra ele e porque estou mais identificado com o abolicionismo do que com qualquer partido, que me parecem todos igualmente plutocráticos. Eu hoje luto por ideias e não por partidos. Nas ideias sou intransigente, quanto aos partidos não me presto mais a galvanizá-los. Estão mortos e bem mortos. Para fazer coisas novas é preciso novos instrumentos. Os que nos vieram da escravidão são cabos de chicote e pedaços de tronco, que não servem para a reorganização do país. Ocupo na Câmara uma posição solitária que corresponde ao meu ideal, não direito político, mas popular... Estou em uma verdadeira evolução, na qual os partidos me causam efeito de sombras impalpáveis e o povo de uma imensa chaga aberta em nosso território infeliz.”

Desligado assim dos partidos, Joaquim Nabuco todavia não promoveu a república e nem a aceitou a ser proclamada. Não a promoveu, porque seria contrariar o seu instinto hostil à revolução, e a república só poderia vir revolucionariamente, como veio. Seria também faltar a sua fidelidade à monarquia abolicionista tornar-se conspirador contra ela. Não aderiu à república, porque não a julgou definitivamente aceita pela opinião brasileira. Pareceu-lhe ter sido esta surpreendida, e estar aparelhada para restaurar a monarquia, forma tradicional do governo do Brasil.





Longo tempo Nabuco observou aquela opinião, inquiriu da alma nacional e assistiu, mais como uma testemunha do que político militante, às agitações que convulsionaram os primeiros tempos do regime republicano. Teve mais tarde a mágoa de compreender “que a monarquia morrera em Campo Osório” quando ali, exangue, traspassado pelas armas republicanas, expirou o último lidador da causa, o denodado e absurdo cavalheiro Saldanha da Gama.

É exato que os velhos representantes do antigo regime ainda persistiram em recompor os fragmentos da monarquia esfacelada. Nabuco não os contrariou. Contemplou confrangido esta vã porfia de fantasmas alucinados. O seu claro espírito viu esvaír-se para sempre o Império. Em vez dele, sobre os destroços do passado, presidindo o desfilar das esperanças imortais, colocou a abstração imperativa da Pátria, que desde então e até o fim o inspirou e o comandou.

A atitude serôdia o afastou cada dia mais deles. Farto do que assistia, escreveu em janeiro de 1899 a Eduardo Prado: “Retirado do mundo, com efeito estou. Desde a tal fundação da “Liberdade”, separei-me, isolei-me do partido monarquista e tornei-me assim um monarquista platônico. Hoje estou me retirando mesmo desta posição, porque a minha consciência me impede o uso de explosivos, mesmo sob a forma de ideias, mesmo por simples processo de insinuação, e eu não encaro mais indiferentemente hipótese de guerra civil, revolução, golpes de estado etc. Por tudo isso não sou mais político em sentido algum e só desejo fazer nesse sentido o meu testamento. Reconstruir o Império, concertar o Império quebrado, com pretensão a torná-lo desta vez infrangível e a prova de motim, desgostos de partidos, intervenção americana etc., etc. é tarefa que não é pra mim.” Era a ruptura definitiva. Ninguém poderia melhor do que ele próprio explicar os motivos psicológicos e intelectuais deste desquite. Mas palavras de Nabuco espelha-se

o seu íntimo caráter político. Lutar pela monarquia quando a república está irrevogavelmente assentada no país seria tornar-se um revolucionário romântico, um perpétuo conspirador, e isto repugnava ao seu temperamento harmonioso e ao seu elevado senso nacional. Embora convencido da estabilidade da república e separado dos monarquistas, Nabuco aceitou a missão oferecida pelo governo, com ressalva das suas opiniões, o que, aliás, era desnecessário, como mostrou Machado de Assis, por não ter delas cogitado o governo, como não cogitara nomeando Rio Branco para as missões de Washington e Berna. Joaquim Nabuco tornou-se defensor do Brasil e só considerou a sua missão sob o ângulo patriótico, *sub specie Patriae*.

Os “amigos” da academia regozijam-se com a missão Nabuco, mas sentem separarem-se do “encantador”. Machado de Assis, pressuroso, felicita o país, mas não esquece a Academia, a sua preocupação tão absorvente como a da feitura em sigilo dos seus livros. Joaquim Nabuco ausenta-se, o seu posto na direção da “casa” não é preenchido, o seu substituto é provisório. A Academia não perde o seu orador, diz Machado, cujo lugar fica naturalmente esperando por ele. E logo a imaginação lhe mostra Nabuco perante a Inglaterra como “conservador da eloquência da Academia diante dos seu pares”.

A Inglaterra era uma das admirações de Machado de Assis. Dela lhe vem a parte voluntária do seu “humour”, e para ela ia o respeito daquele, que era o mais livre dos escritores e o mais conservador dos homens. Machado de Assis prezava na Inglaterra sobretudo a ordenação social e a solidez majestática da Nação. Era o Império por excelência alastrando-se pelo mundo inteiro organizado soberanamente. O homem tímido extraviava-se diante da grandeza. A Grécia seduzia-o, mas Roma dominava-o. Em Roma, força, prestígio, lei, autoridade, gênio, soberania, tudo ele condensava na figura de César. Contraditório como toda a gente,



Machado de Assis, homem livre, prestava culto e vassalagem aos homens fortes. Os seus heróis políticos eram César, Napoleão, César Borgia mesmo, Cromwell e Floriano. O instinto conservador falava-lhe ao espírito. Machado de Assis exigia somente ordem na vida pública. As revoluções eram a agitação incômoda e a mistificação demagógica, que lhe repugnavam ao senso realista e irônico. Amava os tiranos em reconhecimento à segurança que lhe davam. Não seria este sentimento de satisfeita subordinação ao despotismo uma forma de desprezo pelo gênero humano e suas lutas pueris? Os governos fortes asseguram a tranquilidade almejada, o espírito pode ser errante, audaz, e continuar imperturbável o jogo delicioso das ideias e das criações. Só para o seu gênio reclamava a liberdade.

A vida fora do Brasil era para Joaquim Nabuco era um exílio. O encanto europeu fascinou-lhe na mocidade. A sua primeira viagem é um deslumbramento. É a magia da descoberta da civilização. Mas logo depois deste primeiro e tão fecundo contato rompe-se o encanto e Nabuco, fiel aos seus trezentos anos de sangue brasileiro, só no Brasil pode viver sem saudades. A vida lhe seria difícil, o ambiente por vezes ingrato, a versatilidade dos brasileiros o desalentaria, mas o mistério nacional o conservou preso, embora a sua imaginação, no seu dizer, fosse europeia, ele mesmo acabou depurando-a. Revelando a sua intimidade nacional, diz-nos: “Quando entre a pátria que é o sentimento, e mundo que é o pensamento, vi que a imaginação podia quebrar a estreita forma em que estavam a cozer ao sol tropical os meus pequenos debuxos d’alma, deixei ir a Europa, a história, a arte, guardando do que é universal só a religião e as letras”. A volta à Europa, mesmo armado de um dever patriótico, foi um grande sacrifício ao seu espírito. Já antes do ardor da campanha abolicionista, quando se viu forçado a viver em Londres, a nostalgia o maltratara. De Londres em 21 de janeiro de 1884 escreve melancolicamente o valoroso

campeão ao seu velho professor do Pedro II, o Barão Homem de Mello: “o que mais me incomoda é não saber o que tenho e por que fiquei tão magro em poucas semanas. Um dos médicos disse que estou sentindo falta do sol do Brasil e da vida agitada que aí levava. É possível. Creio-me mesmo literalmente doente de saudade. O meu coração está aí. O meu ardente desejo é ir lutar de mais perto pela causa que julgo ser minha vida do Brasil, mas faltam-me os meios e sinto-me condenado a viver, até ao fim, de meu trabalho intelectual como jornalista e homem de letras, isto é, na posição a mais precária em nosso país”. Esta saudade do Brasil o persegue sempre; pouco a pouco ela constitui o *substratum* da sua alma, que se vai tornando nostálgica, e a melancolia transparece até na alegria religiosa, que se esforça por praticar. Com o tempo Joaquim Nabuco, um dos construtores do novo Brasil, inspirado pelas antecipações do futuro, volta-se para o passado, e a meditação é uma saudade de tudo o que se foi e do que desejou e jamais se realizou plenamente.

Aquela primeira adaptação entusiástica à vida estrangeira da mocidade fora passageira, e quando, depois de longos anos de conformidade à vida brasileira, e preso ainda mais à pátria pelo sentimento da perpetuidade nos filhos, Nabuco volta a estabelecer-se na Europa, daquela adaptação quase não se conhecem traços. É um estrangeiro e um estranho. Viveu os primeiros tempos isolado dos europeus e entregue aos seus novos estudos de geografia histórica e fechado em resumido círculo de compatriotas, seus íntimos. O seu pensamento está no Brasil. “Se não fosse ter vindo muito cambaleante de lá – escreve saudoso a Machado de Assis em dezembro de 1899 – e ter-me feito bem a mudança de clima, o meu desejo maior seria achar-me de novo no meio do círculo da *Revista*.” Jamais se conformou com o exílio, seja em Londres, em Paris, em Roma e finalmente em Washington. No perpétuo desterro da alma cultiva a sua imaginação brasileira;

engrandeceu-a no sentimento patriótico e santificou-a no misticismo religioso.

Os estudos brasileiros da questão confiada à sua defesa o encantaram. Era matéria nova para sua viva curiosidade, e o seu espírito jovem alegrava-se em descobrir, em revelar o mundo ignoto, no qual se deviam fixar os limites da pátria. Era sopro de mocidade esta satisfação intelectual. Não escreveu ele que a mocidade é a surpresa da vida? Percorreu paciente centenas de documentos; a prática já adquirida em *Um estadista do Império* lhe afeiçoara o espírito a estes trabalhos. Ao mesmo tempo o escritor, o criador da harmonia, extraía de toda essa informe, confusa e obscura documentação as bases e as linhas do monumento que arquitetava e que seriam as três vastas memórias e os dezoito grandes volumes anexos. Familiarizara-se com toda aquela selvageria das Guianas, e a sua imaginação poderosa passeava pelas margens do Mahú, pelas brenhas do Tacutu, ou deleitavam-se nas águas do lago de Pirara, quando não com a beleza dos campos do Rio Branco, que enfeitiçavam os viajantes. O seu espírito assenhoreava-se do território, cuja disputa parecia exagerada no sarcástico Lord Salisbury, que dizia a Nabuco não haver interesse na pendência por uma região “onde não existia uma vaca”. E a desinteressada Inglaterra prosseguia na disputa tenazmente...

Apesar de fixar o seu espírito nesses estudos, Joaquim Nabuco sentia necessidade de viajar constantemente. Na sua nostalgia do Brasil nenhum país o satisfazia. E o formidável trabalhador tornara-se nômade. Nas suas peregrinações transportava consigo os seus documentos, os seus livros de consulta e ia compondo sem vacilar, com uma firmeza assombrosa, as suas memórias e ordenando os numerosos alvarás, roteiros e relatórios.

Numa dessas erradias foi ter ao lago do Lemano. Voltava a um dos cenários de sua mocidade. Do seu “mês de Ouchy” entretinha insaciável lembrança, e tal era a beleza da paisagem que Nabuco,



tomado de uma exaltação puramente estética, o que lhe acontecia com raridade, relega ao segundo plano a fascinação literária e histórica do ambiente e lamenta não dispor “de algumas eternidades desta vida para se deixar prender eternamente ao lago, ao seu corte e à sua moldura”. Voltando agora na madureza, Nabuco como que se via na sua radiante juventude, e uma saudade inexprimível de tudo que ali ideara e vivera, anunciava-lhe a alma. Mas a beleza do lago permanecia intangível.

Viajando sobre aquela água, que por entre a névoa tornava-se vaporosa, Joaquim Nabuco evocava as sombras amadas dos gênios que aí viveram: Rousseau, Voltaire, Madame de Staël, Chateaubriand, Benjamin Constant, Byron, e visitava os retiros sagrados que são Clarens, Ouchy, Coppet e Ferney.

De todas essas visitas, a mais delicada pelo perfume do romantismo de que ainda está impregnada foi a de Coppet. Nesse velho solar, onde moraram a beleza, o gênio e o amor, os viajantes iniciados procuram os divinos segredos, que estão nas árvores vetustas, nas antigas paredes, como que voltejando imponderáveis na atmosfera. Buscam o que não se vê: os pensamentos finos e altos, os murmúrios do gozo e toda essa epopeia dos grandes espíritos guardada no silêncio sem fim! Joaquim Nabuco transportara-se para o verdadeiro quadro do seu espírito. Foi sempre um homem da Restauração. O seu liberalismo e o seu romantismo aliaram-se e marcaram em sua personalidade o cunho daquela época de fugaz volta ao passado, mas com os descortinos do futuro e a suprema nostalgia do desejo. Desta sugestão a imagem que tentou reproduzir um dia foi a da reação contra o espírito revolucionário, contra o despotismo, que o fazia suavemente romântico, na política, nas letras, na vida. Os seus guias, os seus espectros amados seriam então Chateaubriand, Benjamin Constant, Bonald, e um pouco os alemães transcendentais como Novalis, os peregrinos gênios ingleses como Shelley. Foi assim que, embebido de romantismo,





Nabuco na primeira volta da Europa adota em seus folhetins do *Jornal do Comércio* o pseudônimo de “Freischutz”. Ora Weber foi o iniciador do romantismo na música alemã naquela época da restauração francesa...

Como estava bem no seu lugar, em Coppet, Joaquim Nabuco! Um século depois da debandada dos vultos, que hoje são sombras divinas, era comovente vê-lo ali debaixo das mesmas árvores e nos mesmos lugares familiares do par amoroso Madame de Staël e Benjamin Constant. Parecia um personagem do tempo e que ficara simbolicamente na vida para dar a ilusão da imutabilidade das coisas. Era como a ressurreição viva de um dos nobres estrangeiros, de um dos espíritos cosmopolitas da corte de “Corina”, um *êmullo* de Augusto Schlegel ou de Palmela.

Tudo é morto no castelo. Só os olhos da saudade veem tudo animado. Pode a mobília ser a mesma, o arranjo inalterado, mas em vão espera-se a castelã... Não há viva alma no solar. Entra-se. Aqui são os salões, as salas de leitura, a livraria. Eis o quarto de Madame de Staël. Dois ou três retratos de Benjamin Constant, um de M. Necker em atitude de admirar a filha admirável. Eis o aposento de Madame Recamier. Um quarto como um oratório; um leito muito artístico guardava a lembrança de sono da fascinante formosura e, quem sabe? da estranha virgindade. Contemplando as doces relíquias, Nabuco ereto como a nobre estátua de um deus, como se diria em mau estilo do tempo rememorado, perdia-se numa saudade antiga.

Machado de Assis era o companheiro imaginário dessas peregrinações. Nabuco não o esquece nas suas visitas piedosas aos seus grandes mortos da literatura; vai pela Europa escrevendo-lhe o nome de todos os santos lugares dos escritores e ainda o faz na América do Norte, quando visita a morada de Longfellow. Também em Paris o representou na missa do editor de ambos, de um dos sempre velhos Garnier. Mas não o representou na

missa do Imperador. Nabuco, extremamente delicado, absteve-se de fazer o amigo ausente participar daquele tributo, pois ninguém sabia exatamente o conceito de Machado de Assis sobre Pedro II. Se lhe prestou alguma homenagem seria a de simples estima. Não havia em Pedro II um desses traços de majestade, de força, de soberania que forçasse a admiração de um homem céptico e amigo dos tiranos, como Machado de Assis. O Imperador burguês e bonachão, um diletante em tudo até como monarca, seguramente Machado de Assis jamais lhe perdoou deixar-se vencer, ser expulso, ocupar-se de astronomia e hebraico, e escrever maus versos. Joaquim Nabuco imaginava o Imperador de outra maneira. Elevou-o a uma entidade superior, um nume pátrio, e quando morreu, Nabuco comoveu-se e exclamou que a morte do Imperador era uma catástrofe moral, como seria na ordem material a destruição de uma grandeza física do Brasil. O seu juízo sobre Pedro II permanece emotivo, é a expressão de um culto, o tributo de um reconhecimento. Por isso, quando em Paris assiste à missa pelo Imperador as reflexões, que transmite a Machado de Assis, são de inteiro respeito e da mesma melancolia, que se lhe tornara a feição predominante do espírito. “Hoje fui a outra missa, a do Imperador, onde havia muito pouca gente, como é natural cá e lá, mas muito cabelo branco. Ora, como as correntes políticas são formadas pelos que têm de vinte a trinta anos, não pode haver nada mais inofensivo do que um culto que só reúne os destroços de uma época que passou, como são os cabelos brancos. A maior parte dos presentes seriam membros do Instituto de França. Outro elemento também inofensivo: as belas letras e as inscrições.” Acrescenta nessa mesma carta: “Nós não valem mais nada, não contamos para a morfologia nacional, toda nova geração faz, sempre *dá se*, nós influímos no nosso tempo, preenchemos a nossa função.”

Com efeito, os tempos estavam resolvidos no Brasil. A abolição da escravatura foi o fato social mais preponderante para a



transformação do Brasil em duas épocas diversas e antagônicas. Desde o seu povoamento colonial o país tinha uma formação feudal, era uma aglomeração de senhores e escravos. A abolição tirara à aristocracia territorial a sua base e desde logo entramos no caos. Joaquim Nabuco foi um dos titãs da destruição do antigo regime feudal. O resultado, porém, foi mais extenso e mais profundo e tumultuário do que se imaginara. Quando mais tarde contempla a transformação social que decorreu da sua ação dinâmica, sente-se ele próprio em desequilíbrio com o novo Brasil. Todos os instintos mais primitivos, todas as aspirações mais grosseiras desencadeiam-se sobre a face da terra brasileira. Ao passo que vão se apagando, evaporando as tradições, surge por toda parte o “homem novo”. É o rebento da mestiçagem, a flor da plebe. Invade a sociedade de que seus incertos antepassados foram excluídos. É vingativo, como o filho de escravo que se liberta, rancoroso como uma pária que rumina longamente a desforra. Diante do invasor, os espíritos delicados, como o de Joaquim Nabuco, retraem-se e refugiam-se no pensamento, e pelos trabalhos da inteligência e da fé realizam a perfeição interior. Confessam-se vencidos para a luta pública, como também o são aqueles que trazem nas veias o sangue mestiço, mas cuja sensibilidade apurada pela cultura apartou-se da que vem dos instintos da raça.

Machado de Assis, no seu recolhimento espiritual, escreve no mais belo sigilo *Dom Casmurro*. O editor de Paris cometera uma indiscrição, que atormentaria o autor se este dela não tivesse sabido só muito mais tarde. Comunicara a Nabuco as provas do livro em impressão, e quando Machado lhe mandou o volume, Nabuco lhe diz sorrindo que “já havia sorvido na fonte”. É singular não haver uma palavra de julgamento da obra. Apenas uma frase de envolvente simpatia e de respeitosa brincadeira: “Você sabe que sobre mim sua pena tem o poder de um cordão e com V. me pode virar no que lhe bem parecer, recomendo-me a sua bondade.

É um tributo de admiração, mas não é um juízo crítico. Os dois escritores respeitam-se, admiram-se mas não se julgam. Não há muita afinidade entre eles. Distinguem-se ao contrário, fundamentalmente. Machado de Assis é um maravilhoso espírito de análise, enquanto Joaquim Nabuco é um magnífico escritor de síntese. O que distingue sobretudo Joaquim Nabuco é a imaginação, que lhe foi viva, ardente e vasta. Por ela sintetiza em ideias o mundo dos fenômenos. Pensa o universo, a sociedade, os homens e a vida complexa, enfeixa e tudo condensa em fórmulas, entidades que lhe inspiram e orientam o espírito. Há nele uma germinação espontânea de ideias graves que aprioristicamente devem regular a existência universal. Seria a filosofia se não fosse a política do universo. Porque, mesmo nas coisas mais abstratas, sente-se um pensador político em Joaquim Nabuco. Ele constrói à sua feição o Cosmos, esculpe Deus segundo a sua fé e faz tudo mover-se, céus, mundos, homens, a natureza inteira pelas alavancas das ideias.

Machado de Assis fragmenta o universo, decompõe-o e o analisa especialmente nos seus terríveis segredos, que são os da alma humana. E nesta análise não tem, como Nabuco, o sopro político; restringe-se à sua intensidade psicológica e permanece sobretudo homem de letras. A política nos seus livros é um acidente secundário. A Abolição no *Memorial de Aires* aparece para lhe dar ocasião de duas reminiscências literárias, sobre a escravidão: o que os jornais americanos disseram do Brasil por ocasião da libertação dos escravos nos Estados Unidos, e a evocação humorística da poesia de Heine *O Navio Negreiro*. Oh! A alegria do povo naquele momento! Mas ela é secundária para Machado de Assis, que pela pena do Conselheiro Aires assevera que “Não há alegria pública que lhe valha uma alegria particular”. E continua o *Memorial* traçando o desenrolar da vida privada dos seus fantoches. Em *Esau e Jacó*, a queda da Monarquia e a instalação da República são incidentes apenas referidos. Para Joaquim Nabuco estes acontecimentos foram supremos.

Machado de Assis seria para Nabuco um escritor seco, frio, privado desta temperatura que cria nos espíritos o sonho e o idealismo. Se a sua admiração ia de preferência para Platão, Santo Agostinho, Santo Tomás, os Padres da Igreja, Dante, Chateaubriand, não podia integrar-se nos escritores destituídos de misticismo. Machado de Assis não foi uma grande admiração literário de Joaquim Nabuco, o espírito companheiro do seu, com que aspirasse realizar a unidade infinita do Todo pela identidade de emoção estética ou religiosa. Assim também não admirou Stendhal ou Flaubert, viveu afastado de Zola. Não era todo misticismo que se afinava ao seu. O misticismo revolucionário e nihilista dos escritores russos, por ser bárbaro, primitivo, era-lhe antipático. Com Ibsen não travou conhecimento para não ser perturbado e querer limitar as suas relações espirituais. É o instinto da ordem e da conservação, que tem horror ao absoluto e não se perde no desvario. A limitação é uma forma de disciplina. A disciplina no nosso tumulto é uma expressão de heroísmo.

O pensador político Joaquim Nabuco é também um grande artista da palavra. Se não é um esteta puro ainda assim as artes plásticas lhe impressionavam vitoriosamente a sensibilidade, e o escritor recebeu delas a visão, a ordem, a luz o ritmo, a serenidade e as linhas esculturais do estilo.

É o estilo da eloquência. As imagens literárias não são apenas ornamentos, são também colunas básicas. Este estilo vem da oratória. Sente-se que é “discursado”, que Nabuco nas suas melhores páginas fala, discorre para um auditório imediato. Há sempre alguém diante dele, e quando não é a multidão ou a assembleia, é um pequeno grupo de amigos. Nas suas próprias “confissões” não se recolhe ao confessionário, à sombra de uma nave deserta. Jamais. Confessa-se de uma tribuna ou de uma cadeira oracular, e os seus confessores são os seus iguais, os que o podem entender. Joaquim Nabuco sabe que será julgado pela História, e o seu estilo

ressente-se deste modo íntimo, desta finalidade. A história, a falaz mestra da vida, é a sua grande perturbação. Se ela um dia o veio julgar, também o preparou para este julgamento, não só lhe dando a sugestão para a sua personalidade projetada no quadro social em que viveu, como também lhe fornecendo a maior parte das imagens que se lhe estamparam na estilizada urdidura literária.

Machado de Assis escreve para si mesmo. É reservado, tímido, e se por acaso se confessa é pela metade. Não pensa na posteridade e dela duvida. O seu estilo é recolhido. Há muito pudor e delicadeza em sua composição, mas no fundo uma perversidade geral, uma audácia íntima que, receosa de transparecer, desfaz-se em cinismo e hipocrisia. Como um verdadeiro artista, as palavras, o verbo as expressões que vestem as coisas são o seu jogo imaginário, a sua ginástica de câmara secreta. O maravilhoso malabarista, depois de deixar a frase arrastar-se, fá-la saltar repentinamente e goza desse salto, como uma acrobacia da vontade, que o diverte e nos encanta.

Joaquim Nabuco, através da sua atividade habitual e da solemnidade, que é o traço da herança paterna, tem também muito imprevisto. As notações súbitas e vivazes guardam, porém, sempre a atitude harmoniosa, não exprimem o vago inconsciente, nem a desarticulação que quebra o estilo e o torna deliciosamente dissonante, nem o salto vertiginoso da semiloucura, que se encontra em Machado de Assis. Como homens da frase foram ambos dos maiores deste país. Quem escreveu melhor? Quem escreveu bem no Brasil? Esta pergunta que anseia todos os escritores, reposta mais uma vez no debate literário, é insolúvel. Onde o cânone do estilo? Que é estilo? Os iniciados sabem o que é, mas não o definem. O espírito humano apossa-se da matéria universal, subordina-a e exprime-a em uma forma, eis o estilo. Conforme a cultura, assim o estilo. Os gregos, matemáticos, estilizaram as coisas, segundo a geometria. A retórica é uma construção e o “discurso”

uma ordem arquitetônica. O estilo de Pitágoras, de Empédocles é geométrico, embora esotérico, como o foram o dos místicos dos Vedas, dos Upanishades e da Cabala. Spinosa retoma o estilo retilíneo e hermético, depois da volúpia colorida do Renascimento. Ora, hoje, a cultura, agindo sobre a sensibilidade, faria do estilo uma infinita harmonia musical das palavras. E esta música seria a forma mística das coisas e a sua notação exata. Não deve permitir um intervalo entre o que se chama palavra e o objeto. Toda a falta de precisão, de força, de ajustamento e de disciplina do verbo estabelece a vacuidade, o desconcerto da frase, e então há ausência de estilo, e o que é pior há o mau escritor. Neste sentido de harmonia perfeita do real com o invisível, raros foram os estilistas deste país. Podem-se nomear três ou quatro verdadeiramente superiores pela ciência e arte da frase, do conhecimento profundo e exato das palavras ligadas intrinsecamente aos objetos, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Machado de Assis, Raimundo Correia. Poderá Joaquim Nabuco ter este privilégio do “estilo”? Se a sua frase não é perfeita como língua, o estilo é intelectual, gráfico, revelador e sugestivo, com uma sobriedade de traços que não é comum no escrever ainda pedregoso e cascalhante dos brasileiros. Com esse estilo, cheio de graça elegante, fabricou um livro fecundo, *Minha Formação*, onde o capítulo sobre o Barão de Tautphoeus é uma obra-prima de composição e de expressão, superior mesmo a *Massangana*, em que há muita intenção, muita vontade e algum pátos.

O estilo de Machado de Assis salvou a sua obra do mal que podia fazer o *humour*. Naturalmente o humorismo é da essência do escritor e não se lhe pode eliminar, nem imaginá-lo sem ele. Mas foi-lhe um grande risco. O humorismo e o sarcasmo são coisas passageiras. Pertencem a uma época, vão-se com ela. São entendidos por um grupo que desaparece. A sorte dos escritores humoristas é precária. Só pelo gênio se libertam do esquecimento. Ou às

vezes é o assunto que mantém imperecíveis as obras satíricas ou humorísticas. Se o teatro de Aristófanes ainda nos interessa não é pelo que há nele de sátira, mas porque o assunto é a sociedade de uma Grécia imorredoura e os personagens são Sócrates e outros da mesma projeção. Nas sátiras de Juvenal refletem-se os costumes de Roma; são documentos da história íntima de uma grande civilização. Voltaire, não envelhece no *Candide* e no *Ingenu*, porque a sátira é de ordem tão geral e tão humana, tão profunda, e tão fresca sobretudo, que é uma alegria permanente. Swift também alia ao seu *humour* uma sátira tão genial e pitoresca que a eterniza. Ao passo que mil outros humoristas foram-se, como Thackeray com a sua famosa *Vanity Fair*. É de recear que o mesmo aconteça a Eça de Queiroz, cujo humorismo é de uma certa época, de uma certa terra, de uma certa gente. Não será entendido em outra época, em outras terras e por outras gentes. O espírito de Machado de Assis é mais geral, mais humano, porém não tão intenso que perdure. Às vezes falta-lhe graça ao *humour*, e nada mais mortífero do que a insipidez. Um título como *Dom Casmurro* traz a pretensão de impressionar ironicamente, mas sem o sabor, não faz rir nem chorar.

O humorismo de Machado de Assis é de fundo romântico. Amargo e triste. Se não chega à mistura do riso e da lágrima, como prescrevia a escola, é por causa do temperamento pundo-noroso do escritor. Há no seu desenvolvimento o artificialismo britânico, uma acrobacia que ilude o jogo e faz sorrir dele, como nos divertimentos dos cômicos excêntricos. Este humorismo já passou. Transformou-se com a vitalidade moderna. O humorismo hoje é francamente alegre, alerta e sadio. Procura fazer rir à custa dos humanos e apoia-se sobre a tolice, de preferência à maldade. Por ele sentem-se um admirável desdém, um supremo desprezo de tudo, ao passo que no humorismo de Machado de Assis há uma irritação permanente, uma amargura, uma disfarçada intenção moralista, um ódio do gênero que lhe é uma homenagem.

O ano de 1900, que viu *Dom Casmurro*, também viu *Minha formação*. Machado de Assis agradece a Nabuco o exemplar e o julga sumariamente: “melhor que memórias, posto que delas tenha parte”. Não significa esta parcimônia uma reserva de admiração. Machado de Assis tinha uma alta estima intelectual por Joaquim Nabuco e via com entusiasmo a personalidade de seu amigo, que era tão eminente na política, na oratória, na sociedade, completar-se vitoriosamente nas letras. O “jovem grego da Hélade” afirmara-se me pensador iluminado, e escritor poderoso e sedutor. O juízo definitivo sobre Nabuco da parte de Machado de Assis está adiado nesta correspondência até o aparecimento do livro *Pensées Détachées* de que a *Minha Formação* já é prenúncio.

A Academia é uma obsessão para Machado de Assis. O seu gênio torna-se eleitoral. É curioso ver o cético combinar sucessões, imaginar o “quadro” acadêmico. E tudo com a maior sutileza, sem violência, sem impor os seus desejos. Os amigos, porém, adivinham-nos e esforçam-se em servir ao presidente e ao mestre. Ausente, Joaquim Nabuco toma parte em todas as combinações e é eleitor firme de Machado de Assis. Se por acaso este se demora em informar o que vai pela Academia, é Nabuco quem o interroga. Assim, o dois inspiradores da Academia vão lhe dando o sopro de vida e completando a sua organização que se opera lentamente, como convém a uma “igreja” que viverá pelos séculos dos séculos...

Tudo foi delineado por eles para ser cumprido um dia, embora por processos diversos dos que propunham. Para sustentar a Academia pobre sugerem a ideia da célula de presença, “menos burguês do que o recibo do tesoureiro” pelas mensalidades dos acadêmicos, afirma Nabuco. Quis o destino que a ideia salvadora fosse invertida na execução. Em vez dos acadêmicos sustentarem a Academia, é esta que provê os acadêmicos. Para abrigar a Academia errante propõem alugar-se uma casa, ou uma sala, à

custa dos acadêmicos. Um governo condoído empresta-lhe a casa. “Seguramente – escreveu Machado de Assis a Nabuco –, era melhor dispor a academia brasileira de um só prédio. Mas não é possível agora. Outra geração fará melhor.” A inverossímil França, graciosamente oferece à Academia um palácio. É a instalação definitiva. É o voto de Machado que se cumpre. Os dois amigos não viram esta realização imprevista, mas homens de imaginação generosa dela se ufanariam. Viram ainda a Academia organizando-se segundo o plano primitivo de não ser uma agremiação restritamente literária, antes uma “fundação” composta de personalidades ilustres de todas as classes intelectuais do país. “V. sabe – escreve Nabuco a Machado de Assis –, que eu penso dever ter a Academia uma esfera mais lata do que literatura exclusivamente literária, para ter maior influência.” E o espírito político do acadêmico elucida os motivos dessa ampliação de um instituto que Lúcio de Mendonça timidamente fez denominar – de Letras – deformando o epíteto absoluto de “Academia Brasileira”, como queiram Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Venceu aparentemente a modéstia restritiva, mas a interpretação lata foi a que vingou. “Nós precisamos da presença de um certo número de *grands seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo por que isto populariza as letras.” Mas tarde insiste em outra carta a Machado de Assis: “Devemos tornar a Academia *nacional*.” E o primeiro dos “*grands seigneurs*” admitindo segundo este critério social e conservador foi Rio Branco. Em seguida veio Francisco de Castro, pela ciência médica, e mais tarde a Marinha era representada por Jaceguay.

Como Nabuco desejaria ter ao seu lado alguns dos seus amigos, um Gusmão Lobo por exemplo! Mas este morria, ou melhor, a sua sombra apagara-se dos olhos dos seus dos seus contemporâneos, porque, submergindo aos poucos na vida, e sua morte parecia antiga. Machado de Assis comenta em carta a Nabuco



este desaparecimento definitivo, e piedoso, como era nas suas afeições, exprime a sua tristeza. “A morte de Guimarães Lobo causou grande consternação. Valha ao menos que se lembraram dele! Vivi anos com este talento privilegiado, forrado de um bom coração, capaz de aturar trabalhos longos. Serviu a homens e ao seu partido como poucos e figura entre os principais líderes da Abolição.” Sente-se nesta frase a piedade do autor de Brás Cubas. Por que a nota de humanidade dos espíritos desabusados é ainda mais comovente? Quando a liberdade integral da dor e da simpatia, que tudo transforma resolutamente em alegria?

Um companheiro da Abolição, soldado obscuro e destemido, ou chefe brilhante e condutor de homens, é para Joaquim Nabuco um camarada de campanha a que se prende por estreita simpatia. Gusmão fora um dos mais prezados chefes do movimento. No *Minha formação* recebeu de Nabuco o elogio que é como a antecipação do epitáfio: “Ele sozinho enchia com emancipação o *Jornal do Comércio*. Seu talento, seu estilo de escritor, airoso, perfeito, prismático, um dos mais belos e espontâneos do nosso tempo, era verdadeiramente inexaurível... Todo o seu trabalho foi anônimo e poderia passar despercebido de outra geração, se não restasse o testemunho unânime dos que trabalharam com ele. Era um assombro a variedade de papéis que desempenhava na imprensa, incalculável o valor da sua presença e conselho em nossas reuniões... É um dos enigmas do nosso tempo – enigma nacional porque se prende à questão do emurchecimento rápido de toda a flor do país. Como semelhante talento renunciou mais tarde de repente a toda a ambição!” Essa indagação angustiada de Joaquim Nabuco não se limita ao rápido e inexplicável silêncio de Gusmão Lobo. Outro caso, que lhe atormentara o espírito generoso e penetrante, foi o destino singular de Rodolfo Dantas, cuja morte teve de sofrer um ano depois. O enigma repetia-se. Rodolpho Dantas, em plena ascensão de talento, no maior brilho

da sua vida pública, apaga-se repentinamente, e deixa a saudade da esperança que uma luz suave prometera... O mistério interessa Nabuco. “Discutiu-se muito o motivo desta retirada simples e modestamente efetuada – escreve Joaquim Nabuco –, a verdade é que ela foi um ato de coragem mortal. Era não a repugnância passageira do ator por um papel que lhe distribuíssem, mas o seu tédio profundo pelo próprio teatro. Entre os sinais da queda da monarquia pode-se contar também aquele. Quando as instituições adquirem a consciência de sua importância e duvidam de sua necessidade, como em redor da monarquia tudo duvidava (viu-se bem a adesão até da corte), os espíritos que não se empederniram no egoísmo partidário, que aliás é também uma espécie de dedicação, resignam-se ou resignam.”

Depois de Rodolfo Dantas é Eduardo Prado, o seu valoroso amigo e cujo fulgor realmente o fascinava, que desaparece bruscamente. O seu “columbário” enchia-se de sombras amadas. Todas estas mortes no seu círculo de afeições mais entranhadas concorrem para agravar-lhe a nostalgia. A vida de Joaquim Nabuco em Londres foi um edificante abnegação pela defesa de causa brasileira. Viveu recluso com seus documentos e redigindo as suas memórias. O homem de sociedade eclipsara-se, concentrara-se. O seu lar seria como um sacrário em que a divindade fosse velada pela mais bela e mais profunda afeição conjugal. O casamento não fora para o grande homem o apagamento da vida espiritual. Foi antes a forja ardente, em que o seu caráter ainda mais se retemperou e onde o seu espírito se tornou chama ascendente para o Infinito. Encontrou aí a energia da fé, que fez transmutar a sua atividade em sentimento mais universal, mais místico e mais absoluto em que é o da religião. Ninguém pode saber qual a trajetória de um homem, liberto das circunstâncias que lhe determinam a vida. Ninguém poderá saber que se tornaria Joaquim Nabuco depois do seu grande ato da abolição sem o casamento providencial, e que



abrigou o seu diletantismo instintivo. O fato é que no casamento se lhe elevou o fervor religioso e por ele entrou na *via sacra* da transfiguração, que o transporta para à santidade leiga, em que é prática e o misticismo transcendente.

Nesse retiro de Londres, nesse laboratório espiritual, o pensamento de Nabuco é exclusivamente brasileiro. Só o interessa o que se relaciona com o Brasil, viagens, roteiros, política, literatura. A saudade é vivificadora desse entusiasmo. O grupo de amigos que o cerca participa desse mesmo espírito e o ambiente foi de estudos históricos ou de criação literária. José Carlos Rodrigues absorve-se na bibliografia brasileira, Eduardo Prado na biblioteca de British Museum recolhe materiais do seu futuro livro sobre o Padre Manuel de Moraes e a Inquisição no Brasil, Domício da Gama renova as *Histórias curtas*, Oliveira Lima faz aparecer o *Reconhecimento do Império*, Sylvino Gurgel do Amaral labuta no seu *Grotius*, Cardoso de Oliveira publica o seu romance baiano *Dois Metros e Cinco*, Graça Aranha escreve *Canaã*. Eis o que era a fecunda ociosidade dos nostálgicos de Londres em torno de Nabuco. Ele mesmo, no meio dos trabalhos ciclópicos da memória, acha tempo para ajuntar alguns capítulos ao *Minha Formação* e coordenar os *Escritos e Discursos Literários*.

Machado de Assis de longe segue o labor de Joaquim Nabuco e de seus companheiros, que alguns eram da sua raríssima intimidade. Entre os dois espíritos trava-se através dos vastos mares um diálogo, a longos intervalos, é certo, mas com lampejos que revelam a sensibilidade secreta dos corações humanos, as recônditas lágrimas das coisas. Esses diálogos são tecidos pela Saudade e pelo Passado à sombra da Morte que vem vindo.

*Nabuco*: “Não me creia alegre pelo estilo dessa carta. Pelo contrário, V. que conhece o pessimista sem levantar-lhe a máscara, terá reconhecido a saudade nostálgica, o mal do Brasil.” *Machado de Assis*: “O passado é ainda a melhor parte do presente.” *Nabuco*:



“Quanta saudade que faz tudo isso! Não tenho outro desejo senão acabar o mais cedo possível a minha tarefa e recolher-me à Academia. Será o meu Primateu.” *Machado de Assis*: “Mandar lembranças a um velho é consolá-lo dos tempos, que não querem ficar também.” *Nabuco*: “V. daqui a uns nove dias vai remoçar de um ano. Suponha que o festejei com um bom copo da bica da Rainha, que é para nós brasileiros na Europa a bebida por que suspiramos.” *Machado de Assis*: “Agradeço-lhe as últimas lembranças que tem tido de mim, especialmente a derradeira, mandada das ruínas do teatro grego e de uma das suas vistas. Assim me deu, com lembranças de amigo o aspecto de coisas que levantam o espírito cá de longe e fazem gemer duas vezes pela distância do tempo e do espaço.” *Nabuco*: “Vejo que a Academia foi inventada a tempo e na hora justa. Ela tem a grande missão de o consolar e de fazer-lhe companhia. Os ausentes como eu estão lá ao seu lado em pensamento. E os mortos são somente ausentes.” *Machado de Assis*: “A fadiga se aproxima com os seus braços frouxos e daqui a pouco exaustos...” *Nabuco*: “É uma grande privação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobretudo acabar assim. Mas espero voltar ainda antes da noite...” *Machado de Assis*: “Tudo isso me abate e entristece. Acabei.”

Do seu retiro Nabuco é arrancado pelos grandes sucessos, que lhe exigem a presença oficial. E estes acontecimentos são espetáculos majestáticos, que lhe excitam a curiosidade e lhe renovam o seu eterno interesse pelas suntuosas manifestações da soberania, da tradição, da aristocracia, a que se misturam emoções puramente estéticas das cores, das formas, dos movimentos. Não foram estas atrações a chegada dos Voluntários da City, de volta da guerra do Transvaal, a entrada triunfante de Lord Roberts, o vencedor dos bôeres, antes foram os espetáculos de mais antiguidade, mais sugestivos pelo laivo da tradição, pela harmonia do quadro do passado e da ação renovada, como o enterro da Rainha Vitória,

a coroação de Eduardo VII, a despedida da vida pública do velho chefe dos tóris, o Marquês de Salisbury.

Quem assistiu à entrada triunfal dos franceses e seus aliados em Paris, quem viu Foch passar debaixo do Arco do Triunfo na manhã de 14 de julho de 1919 pode dizer que viu o mais comovente, o mais exaltante e o mais belo dos espetáculos humanos pela sua pureza e significação. Mas a Inglaterra tem o senso de teatro, que se manifesta pela grandeza e pelo movimento das massas. As “procissões” inglesas são magnificentes na sua ordem impecável, na sua harmonia, na sua vastidão, e pelo “infinito” que sugerem. Pois não é só o que se vê no quadro babilônico de Londres que seduz e excita o interesse, é também o que não se vê, é o que se imagina do passado ali testemunhado esplendidamente, do presente assombroso, e do futuro imediato. O artista político, o grande imaginativo Joaquim Nabuco estava admiravelmente situado nestas solenidades. Era talhado para elas. A altiva estrutura, o busto cheio, o olhar majestático, em que relampejava o pensamento superior, a prateada e dominante cabeça, onde se elaborava a síntese moral sugerida pelo espetáculo, faziam do Ministro do Brasil um dos “figurantes” do cortejo histórico, que lhe realçavam a significação e a beleza.

Joaquim Nabuco, que no fastígio do reinado da Rainha Vitória recebera na mocidade a influência inglesa, ou talvez a deformação, não podia deixar de sofrer a sensação de terem desaparecido algumas parcelas da sua própria personalidade, quando os sinos da Catedral de São Paulo anunciaram a Londres estupefata que o mais longo reinado da Inglaterra se findara. Ele que havia no Brasil celebrado na imprensa o jubileu desse reinado, assistiu ao enterro da Rainha. O espetáculo era digno do acontecimento. A Mãe de reis e de imperatrizes, a Avó de imperadores, de rainhas e princesas, e que tivera em vida a vassalagem de todas as dinastias da Europa, recebia ao sepultar-se as homenagens do mundo

misturadas às lágrimas sinceras ou convencionais de um povo, que elevara o “lealismo” a um princípio moral. A procissão do enterro de Bruckingham Palace ao Castelo de Windsor foi única nos tempos modernos. O mundo britânico não tivera tempo de representar-se em toda a sua variada opulência ou fantasia de raças e soberanias, de trajés e alfaias. Mas a Europa lá estava formando uma assembleia de notáveis, como jamais se verá: Era o imperador da Alemanha, o Kaiser sinistro, no seu cavalo branco e escoltado da singular guarda dos hussardos da Morte; era o Rei George, príncipe do norte comandando os morenos gregos; era o nédio e jovial Carlos de Portugal, descuidado na fatalidade; era o príncipe que seria Haakon, da Noruega, longo como um viking; eram os príncipes herdeiros da Itália, da Romênia, da Áustria, eram os incertos sérvios, egípcios, turcos e eram ainda as grandes repúblicas dos dois mundos, uma com os seus embaixadores, generais e almirantes preparando a futura aliança, outra com seus representantes civis, de negro, velhos e descendentes de quakers britânicos ou rebentos das novas camadas humanas. E em seguida a esta cavalcada luzida e paradoxal vinham as carruagens das rainhas e duquesas, e num dos coches, cercado de princesas, o velho Leopoldo da Bélgica, a esperta cabeça ao léu e as longas barbas brancas, flutuando à fria aragem londrina, roçando as faces das damas. A procissão desenvolvia-se por entre alas de milhares de espectadores nas alamedas e nas ruas de Londres, numa massa de fidalgos, de soldados, de cavalos, de canhões, bandeiras em funeral, clarins soando, tambores rufando, sons plangentes de sino, envolvendo a pequena carreta, onde ia o corpo da rainha a enterrar. Com ela sepultava-se uma era da história da Grã-Bretanha, a que seus enfáticos súbditos deram o seu nome.

A coroação do Rei Eduardo foi outro espetáculo para Nabuco. A cena principal foi Westminster Abbey, relicário da história inglesa. Cumpriu-se o rito antigo. Os “senhores” vestidos nas suas

antigas roupagens coloridas, acompanhados das “senhoras”, coroadas de diademas, assistiram à sagração daquele que, seu par, se tornara Senhor e Rei. Os Comuns assentiam na coroação do lorde e a igreja oficial ungia-a. O encontro do passado com a atualidade, pela firmeza e pela autoridade do espírito inglês, não desceu a este plano, em que o solene, quando excessivo e disparatado, se torna grotesco. Suportou-se numa atmosfera de respeito toda esta ressurreição tradicional, e Nabuco, que jamais foi cético e respeitava e amava o Passado, exaltava em sua imaginação as cenas que encantado, testemunhava.

Robert Cecil, Marquês de Salisbury era o castelão de Hatfield. Quem consultar o serviçal *Larousse* lerá: “Hatfield, cidade da Inglaterra perto de Lea. Só é notável pelo magnífico Castelo construído por Cecil, primeiro conde de Salisbury. As partes mais antigas do Castelo remontam a 1480. Eduardo IV e a rainha Isabel aí habitaram na época em que foram proclamados os seus direitos ao trono. Muitos retratos nos painéis, e lá está a cadeira de Cromwell. Em 1835 uma parte do palácio foi destruída pelo fogo e a marquesa mãe morreu no incêndio. Parque magnífico.”

Foi no Castelo de Hatfield em Lord Salisbury, ao demitir-se de presidente do conselho por ocasião da coroação do Rei, quando entendeu chegada a hora da retirada, fez as suas despedidas à sociedade e à política num *garden party*, a que convocou a Terra inteira.

Por entre a multidão de gentes e coisas, os Negros alucinavam-se no denso gramado, que enverdecia profundamente a evaporação do solo. A luz cortava em zonas rubras, verdes, amarelas as massas vegetais e marcava as duas ondulações do campo. As árvores recolhiam as cores louras, que vinham do sol esmorecido, dos cabelos e das roupas. Hindus reluziam como enormes besouros. O castelo estendia perfidamente a sombra negra sobre as mulheres, que escapavam à obscuridade, atraídas

pela fascinação da luz, onde os seus vultos esguios de galgas inglesas vibraram translúcidos. Não faltou ao festim a porcelana chinesa. Cabeças de mandarins surgindo de uma apoteose de sedas e de pinturas, oscilavam como pêndulos aborrecidos. Os Ocidentais, em trajes monótonos e funerários, infestavam a alegria das formas e das cores. Mas sobre o gramado indeciso Ras Mankonen, abissínio fascinante, de canela fina, dentes agudos, barbinha em caracol, segurando a adaga, arrebatava tudo para o deserto, numa louca correria de cavalos árabes. Os escoceses não cavalgavam nessa imaginação, ficavam, como grandes meninos de saiotos escoceses, bonezinho capadócio, a tocar pífano. O velho lorde assentara-se à sombra do castelo, cercado de querubins ingleses que eram seus netinhos, e presidia os seus antefunerais. Desfilaram as gentes familiares e as gentes estranhas, príncipes, princesas, lordes e *ladies*, atrizes e *clowns*, diplomatas e traficantes; desfilaram roxos monsenhores, brancos *sheikes*, variegados marajás, negros pajés da África. E o velho avô misturava a sua infantilidade octogenária à curiosidade inquieta e séria das crianças. Era um magnífico e raro divertimento inglês, em que se brincava com o mundo inteiro e os bonecos eram variados e singulares. Cafres de cabelos tintos de ouro, atados com imensos pentes de tartaruga, invadiam o castelo o castelo com vacilantes passos infantis. Quando deram com a sala de armaduras recuaram apavorados. Os arneses os encararam, tais como insetos fantásticos, colossais, tenebrosos. O terror lhes deu vida ameaçadora, e os negros fugiram para o terreiro. O sol pacífico espantou a sombra e os entes excessivos. Os cafres sorriram para os meninos de Lord Salisbury. Estes aproximaram-se e arriscaram os níveis dedos na negra pele africana, espantados de não ficarem tismados. O folguedo com as crianças despertou nos negros os ancestrais apetites canibalescos. Os dentes ficaram-lhe mais brancos de desejos estranhos. Os dourados querubins





sentiram a gula preta e aconchegaram-se ao avô. O olhar do urso inglês, diante do ataque, relampejou. As duas selvagerias, a da terra branca dos gelos e a da terra rubra do sol, enfrentaram-se. O olhar inglês enfureceu-se. Os negros recuaram e recolheram o riso. O velho marquês de Salisbury sorriu nos seus destes postigos. As subjugadas gentes continuaram a adormecer na incomensurável beatitude britânica.

No seu velho Rio de Janeiro, antes da transformação que incorporou a natureza à cidade e a tornou talvez a mais bela paisagem civil do mundo, fazia Machado de Assis os mesmos caminhos, vindo do seu Cosme Velho para o Ministério no Largo do Paço, e daí à Rua do Ouvidor, à *Revista Brasileira*, ao Garnier, voltando às mesmas horas de todos os dias à casa. Quando Nabuco deixou Londres e seguiu para Roma, junto ao Rei, árbitro do pleito, Machado de Assis exultou. O fundo clássico da sua cultura e a liga romântica, que a fez melancólica e saudosa, se lhe despertaram para compartilhar, em pensamento, com o amigo errante, da visão da Itália e de Roma. Jamais estivera nessas terras ilustres da civilização, mas sempre as imaginou. Do novo mundo, exclama o homem antigo a Nabuco em caminho de Roma: “O passado é a melhor parte do presente” e recorda ao companheiro relíquias romanas, que este lhe trouxera de peregrinação anterior e guardadas com piedade e veneração. São pedaços de pedras dos muros da fundação da *urbs*, são pedras dos Rostros, talvez uma evocação de Cícero, restos das termas de Caracala, grandeza e decadência. E quando Nabuco lhe remete a fotografia de três acadêmicos, que em Roma se encontram, os “três cardeais” que pediam a bênção papal, o Patriarca das letras brasileiras faz-se humilde, como convém a um santo padre seguro da sua autoridade, declara-se velho cura de aldeia, e lamenta não estar em Roma “pisando a terra amassada de tantos séculos de história do mundo”. Esta frase, que vale também como um flagrante do



preciosismo de Machado de Assis, traz o laivo do seu romantismo: “Eu, meu caro Nabuco, sinto ainda aquele gosto de mocidade à qual os poetas românticos ensinaram a amar a Itália.” Depois do ímpeto do desejo, o desconsolo da desilusão: “Amor platônico e remoto, já agora lembrança apenas.” E ficou-se preso deste lado do mundo, nas teias da saudade, tecendo os seus maravilhosos e tristes livros.

Para Joaquim Nabuco a Itália foi o retorno às origens do espírito e do sangue. Nos anos de viagem de mocidade, impregnou-se da atmosfera anglo-saxônia, respirou o acre e salso ar inglês. Logo em seguida foi deslumbrado pelo acelerado ritmo americano e compôs de si mesmo uma imagem estranha às suas origens e tradições. A França foi uma sedução, da qual fugiu cauteloso para conservar em toda a sua força a influência inglesa, de que se orgulhava. Representou a Inglaterra para Nabuco a majestade, a grandeza, o equilíbrio, a ordem, qualidades estáticas de que o seu espírito tropical era inconscientemente ansioso para conter tudo o que poderia haver nele de excessivo e desordenado. Havia também na civilização inglesa o senso político, que é sobremodo realista e prático, e Joaquim Nabuco era essencialmente político. Durante longos anos obedece a sugestão da “influência inglesa” e a proclama como uma vitória sobre si mesmo, uma emancipação cultural. A sua ação, a sua atividade exerceram-se segundo o modelo britânico, sem a fleugma da raça, sob o prisma luminoso da eloquência e da imaginação brasileira.

O seu encontro com a Itália em 1803 foi-lhe uma renovação das recônditas forças vitais do organismo. Nabuco, que vinha melancólico da Inglaterra, teve o renascimento da energia profunda de todo o seu ser.... Dir-se-ia que o gênio da raça latina se despertara no sangue do brasileiro e o reintegrara profundamente, totalmente, ao seu verdadeiro cosmos moral. O privilégio da Itália é o da fascinação. Goethe aí encontrou a revelação do seu gênio

antigo e universal. Todos os grandes peregrinos, todos os errantes abrigaram ali a melancolia e a ânsia do sonho. Há uma sedução na Itália que subjuga os espíritos mais fortes. O ar de Florença é feminino, eleva à espiritualidade sutil. Ama-se Veneza como uma mulher bela, voluptuosa e irreal. Joaquim Nabuco sentiu esta sedução, e o seu espírito harmonizou-se com a ambiente. A natureza mediterrânea essa nessas terras da história e da arte tão afeiçoada pela cultura, pela civilização que não podemos isolar para vivê-la em si mesma, na alegria da cor, da forma e da luz! O amálgama do mundo físico com o mundo moral é tão perfeito que Joaquim Nabuco ali pôde, como em parte alguma, encontrar a plena satisfação ao seu temperamento complexo de artista, de político, de historiador.


A impressão de Roma foi mais restrita. A sombra do passado é muito densa entre as sete colinas e a saudade tudo ressuscita. Nabuco extraiu uma das suas evocações do antigo essência ideal, as sínteses supremas da civilização romana. Faltava-lhe o sentido arqueológico para analisar, discriminar, recompor as ruínas até a mais rigorosa reconstrução da obra mutilada. Nas suas ruínas Roma falava-lhe outra linguagem, a das sínteses que ela imprimiu ao ocidente, o estado, o império, o exército e a religião. Esta expressão da civilização monárquica e imperial, ampla para abrigar a humanidade, Joaquim Nabuco julgou sempre ter encontrado pela primeira vez a Inglaterra. Foi um equívoco. O que ele admirou na Inglaterra foi o que esta adquiriu de Roma, foi o cunho latino da civilização inglesa, foi a ordem, o equilíbrio, a estabilidade. À outra parte do espírito britânico, a que vem dos saxônios e que se exprime no protestantismo e do individualismo, Nabuco ficou estranho. Voltando a Roma ele reconheceu a latinidade imortaldoura do seu espírito, e viu que a influencia que lhe viera indiretamente pela forma inglesa, era no fundo a influência de Roma. Na fonte espiritual do gênio e da eternidade da raça, retemperou-se





o grande latino, liberto do preconceito inglês, considerando chistosamente a sua anglomania uma doença de que se tinha curado!

Outro impulso que Roma deu aos motivos secretos do espírito de Joaquim Nabuco foi reativar a sua sociabilidade. Não se pode supor um homem, que propagou a Abolição, sem uma enorme dose desta faculdade, mas não só ele a tinha nesse sentido largo de humanidade, como também no sentido restrito. A atmosfera elegante e ociosa, o encontro dos forasteiros, atraídos ali pela ânsia da beleza, pela rebusca do passado ou pela doçura da existência, a urbanidade dos romanos vinda da tradição imperial da *urbs*, como se Roma fosse ainda o Universo, faz do cosmopolitismo a expressão sedutora da vida. Esta “sociedade” não se limita ao prazer e ao divertimento, ela intervém no mecanismo do estado. O italiano é político por excelência. Foi uma necessidade histórica das suas lutas intestinas e ele compraz-se nas delícias da intriga. Roma é o campo ideal dessa atividade tradicional. O Reino e o Vaticano, os dois campeões que procuram exceder-se em astúcia, a política exterior, o destino do Mediterrâneo, as conquistas africanas, a rivalidade com a França, o impulso contra a Grécia, o arremesso contra os turcos eram os jogos em que se entretinha o gênio italiano naqueles anos de 1902 a 1904.

Joaquim Nabuco, pleiteando contra a formidável Inglaterra, senhora dos mares que circundam a Itália, não podia desdenhar o concurso da “sociedade” romana tão influente na política do país. O embaixador atraiu pela sua graça todo este mundo frívolo e útil de Roma. A quase todos os figurantes de suas festas revelou o Brasil, mais conhecido da gente dos campos, das massas, que fornecem emigrantes, e totalmente ignorado da “sociedade”. As festas foram suntuosas e sempre radiantes. A fantasia estética de Nabuco espalhou-se nessas reuniões, que foram verdadeiros festins oferecidos à corte e à sociedade. Nos dois invernos que passou em Roma foi Joaquim Nabuco a figura central da vida mundana.



Era um grande orgulho para os seus amigos brasileiros vê-lo, a ele, o homem do pensamento e da ação, o espírito meditativo, comprazer-se em empregar na “batalha” pelo seu país as seduções do seu grande espírito e da sua incomparável simpatia, reunindo tudo o que Roma podia dar de mais aristocrático, mais intelectual, mais refinado, mais belo. Era uma sugestão vê-lo magnífico e dominador, à mesa dos seus banquetes, entre a Ristori e uma dama da Corte, entre o gênio e a beleza, como dizia. E o cenário era o que ele imaginava. Transformava em lagos os salões dos grandes hotéis, e o banquete era à margem da água docemente luminosa; transfigurava as ruínas com as luzes dos archotes e das tochas aumentando-lhes o mistério, e por entre as evocações sutis da saudade antiga, entretinha os seu hóspedes. Transportava os seus convivas ao Pincio, excepcionalmente aberto aos seus desejos; iluminava o soturno bosque e por entre a folhagem o segredo verde da colina todos, perdidos na fantasia, sentiam voluptuosamente o palpitar noturno de Roma.



O esteta e o político auxiliavam o dialeta. Joaquim Nabuco continuava nos seus trabalhos e apresentava ao Árbitro memórias sobre memórias e uma infinidade de provas do direito brasileiro. Estes estudos generalizados pelo espírito sintético de Nabuco não são simples razões de advogado, são elementos preciosos para a história do Brasil. A Inglaterra não precisava fazer-se lembrar da Itália. Naquele tempo o prestígio britânico era predominante na política e na sociedade italiana, apesar da coparticipação do país da Tríplice Aliança. Havia o mediterrâneo e o Oriente, em que os interesses dos dois países se conjugavam. O Brasil era uma remota região para emigrantes, ainda não compreendida pelos dirigentes da política italiana e fora da preocupação destes. No dia 14 de junho de 1904 o Rei leu a Nabuco a sentença arbitral. O árbitro, declarando-se incapaz de decidir juridicamente qual dos litigantes tinha por si o direito, resolveu para

harmonizá-los dividir a região disputada. A Inglaterra alegrou-se com a justiça de Salomão. Era a falsa mãe. O golpe foi muito rude para a sensibilidade de Joaquim Nabuco, identificado com a causa, e homem patriota sem ceticismo. O governo brasileiro, que não tinha meios materiais para se opor à sentença exorbitante, pois, segundo a convenção arbitral, o árbitro não podendo decidir pelas provas devia abster-se de proferir qualquer decisão mesmo conciliatória, submeteu-se à combinação ditada pela velha sabedoria italiana. O povo brasileiro compreendeu que o advogado do Brasil tinha sido inexcelável de competência e zelo, e respeitou-o no insucesso. Machado de Assis mais uma vez exprimiu o sentimento nacional, quando escreveu a Nabuco: “Aqui esperávamos desde muito a solução do árbitro. Conhecíamos a capacidade e a força do nosso advogado, a sua tenacidade e grande cultura, o amor certo e provado a este país. Tudo isso foi agora empregado, e o trabalho que vale por si, como a glória de o haver feito é perfeito, e não perdeu e nem perde uma linha do que lhe custou e nos enobrececerá a todos. Esta foi a manifestação da imprensa e dos homens políticos e outros.”

Nada consolava Nabuco, nem a solidariedade do país, nem a fidelidade dos amigos. Naquele cálido verão de Roma, quando a “sociedade” já se tinha dispersado e desaparecido, como fantoches desprezados pelo ilusionista que lhes deu a vida fugaz e mentirosa, a melancolia, filha da decepção, alastrava o espírito nostálgico do brasileiro. Essa melancolia envolve-se no misticismo religioso. Do estado interior e profundo da alma Joaquim Nabuco dá meses depois testemunho a Machado de Assis neste maravilhoso sonho místico: “Vou contar-lhe um sonho que tive há tempos. Via-me em Roma, no Vaticano, e quando me aproximei do trono estava nele uma mulher, com rosto de Madona, cercada de cardeais em toda pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar à Papisa, perguntei-lhe como a devia chamar e ela respondeu-me:



‘Chame-me Vossa Dor.’” Vossa Dor! Não seria um tratamento mais sugestivo para a encarnação da igreja do que Vossa Santidade ou Vossa Beatitude! Não é da igreja a mais bela das imagens sobre o nosso mundo: “Este vale de lágrimas!” Confessou-lhe que, acordado, nunca me teria ocorrido semelhante resposta: – “Chame-me Vossa dor.” – É a perpétua dor da separação do espírito e da matéria, do corpo e da alma. Não é a filosofia daquele que transforma em beleza todas as emoções, sejam de melancolia, de tristeza, prazer ou sofrimento, e vive na perpétua alegria.

A dor tornou mais agudo o misticismo religioso de Joaquim Nabuco. Ter-lhe-ia talvez irreprimivelmente arrebatado o espírito para o Infinito, se uma nova atividade não o chamasse às contingências da realidade política. O governo brasileiro resolveu dar expressão mais viva e mais decisiva às suas relações exteriores e fazer da amizade com o governo americano a base da política internacional do Brasil. Ainda Joaquim Nabuco não havia deixado definitivamente a Roma da sua imaginação e da sua feliz reintegração no espírito latino, quando foi chamado e esta missão. Preparou-se para preenchê-la e a melancolia foi afugentada pela ação.

Nesse mesmo ano de 1904 morreu Carolina Machado de Assis, e Machado de Assis afundou-se na dor de sempre. A atividade de seu espírito que, subjetivo, só se exprimira na arte, paralisa-se estupefato diante da excessiva separação.

Os dois velhos amaram-se longamente e pelo Amor fundiram as suas essências e realizaram a volta à unidade no todo infinito, suprema aspiração do espírito humano. Quando se viu só, Machado de Assis sofreu a dor incomparável. Abre enfim o seu misterioso coração as amigos. Escreve a Joaquim Nabuco: “Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata porque é

um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de trinta e cinco anos de casado tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades e eu não tenho ninguém. Os meus são os amigos e verdadeiramente são os melhores, mas a vida os dispersa no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará!”

É a transfiguração. Machado de Assis começou a morrer. E na longa e triste agonia, a dor o transformara. A petulância do espírito foi convertida em mansidão, a ironia em piedade, a desconfiança em abandono, a dúvida em esperança da outra vida.

“Ela me esperará!” murmurava o velho cético, tateando o caminho do Céu.

Desde então a sua arte suprema não foi mais aquela que zombou dos mistérios e da humanidade. O sofrimento fez-se arte no *Memorial de Aires*. O romance da saudade é também o livro da velhice, da tristeza confessada e da melancolia compassiva dos humanos. É outro Machado de Assis. Não é mais o escritor desdenhoso, desabusado, atrevido, que fragmentara o Universo moral e o analisara cruelmente com o maldito espírito que nega.

Transpor o eixo da política internacional para Washington, deslocando-o de Londres, onde estivera desde a Independência e durante o período de desenvolvimento material do país, em que os capitais nos vinham da Inglaterra, se não foi pensamento direto de Joaquim Nabuco, foi pelo menos da sua inspiração e de





alguém que vivia na maior intimidade e que sugeriu a Rio Branco esta inovação. O Ministro das Relações Exteriores, no seu telegrama a Nabuco, convidando-o para iniciar essa política, recomenda que não respondesse sem ouvir aquele que Nabuco estremece com o mais entranhado afeto e que se orgulha de ter sido o discípulo amado. Este sabia quanto seria penoso arrancar Nabuco da Europa, onde ele teria para o consolador a paisagem histórica e cultura, mas a atividade era necessária ao espírito de Nabuco, e quando essa atividade era mais uma vez solicitada em benefício da pátria, toda hesitação devia cessar.

Joaquim Nabuco deixou Londres e transportou-se para Washington. Era o primeiro embaixador do Brasil, que no futuro teria uma legião. O acontecimento interessou aos que pensavam sobre a vida internacional. Machado de Assis diz com muita propriedade que “o nomeado da opinião, Joaquim Nabuco, começa a história desta nova fase da nossa diplomacia”.

Essa política exterior no Brasil, baseada na amizade íntima com os Estados Unidos, é um dos pensamentos de Nabuco, e ele o externa antes de ser criada a Embaixada. “Ninguém é mais do que eu partidário de uma política exterior baseada na amizade íntima com os Estados Unidos. A doutrina de Monroe impõe aos Estados Unidos uma política externa, que se começa a desenhar, e portanto a nós todos também a nossa. Em tais condições, a nossa diplomacia deve ser principalmente feita em Washington. Uma política assim valeria o maior dos exércitos, a maior das marinhas, exército e marinha que nunca poderíamos ter. Precisamos de atividade, de clarividência, resolução e organização de um serviço diplomático em Washington, onde está a chave das nossas relações diplomáticas.” Nabuco define posteriormente as perspectivas da sua missão e o alcance do título de embaixador permanente, novo ao nosso quadro diplomático. “Reconheço que o título de embaixador por si só é um manifesto, e um manifesto que tem a grande vantagem



de dizer tudo, sem nada precisar. Reconheço que é uma iniciativa. Estamos visivelmente no começo de uma nova era. Para os nossos cálculos, o observatório de Washington é o mais importante. Por ora, quem vai para lá é o observador. Não nomearam um autômato, nem um antimonroista. Um dia no futuro emprestar-se-á ao Rio Branco ou ao Rodrigues Alves alguma frase parecida com a de Canning sobre a independência sul-americana: ‘Chamei à existência um novo mundo’. Demos tempo ao tempo. Ninguém pode saber o que resultará deste primeiro passo, qualquer que tenha sido a intenção. Eu pela minha parte somente desejo, qualquer que esse tenha sido, que dele reverta em honra e dignidade para o nosso país. O meu otimismo triunfa sempre, purifica tudo, não leva em conta as preocupações pessoais, procura sempre modo de construir pela imaginação alguma coisa, em que o país se reveja com a consciência satisfeita.”

O homem de ação despertou em Joaquim Nabuco. A melancolia, a tristeza, a nostalgia mesmo foram calcadas ao fundo da alma, e o que fulgurou desde logo foi um brilho ascendente de todo o ser, um movimento em que a harmonia essencial do espírito obedeceu à influência do acelerado ritmo americano. Nabuco multiplica-se. Todo ele parecia querer observar a força do novo mundo, e transformá-la em luz intelectual vinda do inconsciente latino. É o pensador político que descortina no horizonte a tragédia das nações, que dez anos depois encheu de pavor o mundo. Aconselha ao seu país, mostra-lhe o perigo ameaçador e a solução salvadora na aliança com os Estados Unidos. Concorre pela sua capacidade prodigiosa para formar esta amizade, afastando do espírito brasileiro o preconceito da *ilusão americana*, e fazendo ver os americanos a resistência da nacionalidade brasileira, indestrutível e vibrátil. No tempo de sua missão em Washington, eram Roosevelt presidente e Elihu Root secretário de Estado. Estes três homens diferentes entenderam-se e ligaram-se. A antiga amizade

de Roosevelt e Root dava unidade à ação política do governo. Roosevelt era a atividade sanguínea, tenaz e ardente. Do seu intenso realismo brotara o seu pragmatismo. Root era o teorista político, o seu talento aparentava-se com o dos primitivos construtores da nacionalidade. Ninguém nos Estados Unidos teve nos últimos tempos como ele o dom da fórmula, a cultura dos princípios. Há sínteses de Root que deviam ser cunhadas em medalhas de ouro, dizia Joaquim Nabuco. Sob certo aspecto é um espírito afim ao seu, e Roosevelt combatente, lutador ousado e meio bárbaro foi fascinado por ambos.

A política de Root orientava-se principalmente para o pan-americanismo, seguindo a tradição de Blaine, abandonada pelos seus sucessores que desprezavam a América não inglesa. Chegando a Washington foi rápido o entendimento de Nabuco com o Secretário de Estado. Naturalmente este recebeu a influência sedutora do embaixador brasileiro e o fluido do seu entusiasmo permanente e fecundo. Sem demora, uma atividade pan-americana surgiu fervente nos círculos diplomáticos da América Latina e logo se alastrou por todo o continente. Um terceiro congresso pan-americano é decidido para 1906. O segundo reunira-se em 1899 no México. Sete anos, em que a ideia da união continental fora posta de lado. Joaquim Nabuco consegue pelo seu prestígio que a capital brasileira fosse escolhida para a reunião da terceira conferência. Venezuela, que pretendia ter sido Caracas indicada no congresso anterior, mostra o seu mau humor e retira-se. Root não vacila e a conferência reúne-se no Rio de Janeiro. O Secretário de Estado propõe-se a visitar por ocasião o Brasil. E Roosevelt diz a Nabuco “que se ele não tivesse vindo dos Estados Unidos Mr. Root não teria pensado em ir ao Brasil, pois a ideia dessa visita foi o efeito da simpatia e boa impressão que Nabuco causara.” Nabuco, por seu lado, escreve a um correspondente: “Tive a fortuna de receber do Secretário do Estado a

promessa espontânea de visitar o Brasil e o meu empenho é que essa visita seja um acontecimento. Falo a linguagem monroista. Estou muito fatigado, mas se fosse preciso eu ainda me sentiria com forças para uma nova propaganda, a americana, cá e lá. É este o meu modo de ser patriota, de compreender a individualidade do nosso todo, de ler o futuro inevitável, não digo inadiável. Preocupo-me com a opinião aí. Do ponto de vista americano a visita do Secretário de Estado é a primeira, equivale, no nosso Continente, às visitas reais na Europa com fim político. É o maior passo que esta nação poderia dar.”

O temperamento de propagandista inexcedível desperta juvenil e maravilhoso. Joaquim Nabuco viaja pelos Estados Unidos numa caravana de amigos, de cidade em cidade, e durante um mês a sua casa é o *private car* das estradas de ferro, por onde o levaram políticos influentes. Fala num país de discursadores alegres e comuns uma linguagem brilhante, rica de colorido e ideias, que é imprevista e seduz. Durante o tempo que precedeu a sua partida para o congresso do Rio de Janeiro, atravessou a vasta terra americana com o mesmo ardor combatente, rodando cinco mil milhas do litoral do ocidente até ao Pacífico, indo ao extremo do país. A Vancouver, à beira do nívelo Alaska. Os seus discursos, por mais diversos, têm todos o decidido intuito de fundir a amizade do Brasil com os Estados Unidos, mesmo o dos *Grand Rapids*, no banquete comemorativo do aniversário de Lincoln, em que foi o hóspede de honra, e falou sobre a influência do libertador americano no mundo. O seu talento espraia-se em pensamentos e imagens; se o político é respeitado e seguido, o pensador eloquente é admirado. Para testemunhar esta impressão de deslumbramento, a Universidade de Colúmbia o faz doutor *honoris causa*.

Nesta auréola volta Joaquim Nabuco ao Brasil. Por entre a alegria do povo que o aclamava, e o entusiasmo dos que o reviam, e da mocidade que sempre o idealizara, nada o poderia mais

comover do que o seu encontro com Machado de Assis. Nesse momento o grande melancólico saíra do seu retiro para assistir o triunfo daquele que era, apesar dos anos e dos cabelos brancos, a imagem de Alceíades, da juventude de ambos.

Durante a sua viuvez Machado de Assis, refugiado na Academia, teria um instante de desvanecimento, e este lhe foi proporcionado pela delicadeza imaginativa de Joaquim Nabuco. Foi quando um ano antes lhe ofereceram na Academia, diante do público reverente, o ramo do carvalho de Tasso, colhido por Nabuco no Janículo, em Roma, em homenagem ao patriarca da nossa literatura. “Devemos – escreveu Nabuco remetendo a lembrança – tratá-lo com o carinho e veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitária do Oasis.” Da sensibilidade de Machado de Assis nesse instante, que lhe ficou inolvidável, dá ele próprio testemunho a Nabuco: “Escrevo algumas horas depois do seu ato de grande amigo. Em qualquer hora de minha vida ele me comoveria profundamente: nesta em que vou, a comoção foi muito maior. V. deu bem a entender com a arte fina e substanciosa do seu estilo a palmeira solitária a que vinha o galho do poeta. O que a Academia, a seu conselho, me fez ontem basta de sobra a compensar os esforços da minha vida inteira, eu lhe agradeço haver-se lembrando de mim tão longe generosamente.” Nunca mais se apagou este reconhecimento de Machado de Assis. “Tenho recebido cartões seus e cada um me recorda o amigo que em 1905 me enviou o galho do carvalho de Tasso... com aquela boa carta e aquela doce e triste palavra que me lembrava a minha solidão da velhice.” Ao pressentir a morte, apressa-se em dizer a Joaquim Nabuco em maio de 1908: “Escrevo ao Mario de Alencar pedindo-lhe que venha à minha casa, quando eu morrer, e leve aquele galho do carvalho de Tasso que você me mandou. A caixa em que está, com o documento que o autentica e a sua carta, peço ao Mario que as transmita à Academia, a fim de que esta os conserve.”



A companhia de Joaquim Nabuco foi para Machado de Assis um grande consolo. Ele esteve presente a todas as manifestações ao embaixador e foi da sua roda íntima. Joaquim Nabuco, escapando aos atos exteriores, refrescava-se num círculo formado pela intelectualidade pura e pela ardente afeição. Eram os escritores e os poetas, os jovens sôfregos de sua palavra e do seu pensamento, que o acompanhavam e em cuja sociedade ele se desalterava da esterilidade dos diplomatas e políticos. Com a sua boa graça, Nabuco, que era o animador da companhia, torna-se o tributário de Machado de Assis. Essas horas e mais tarde as que ele teria em 1907, quando Guglielmo Ferrero foi hóspede da Academia, foram as que fizeram Machado de Assis reconciliar-se com a alegria alheia.

Não foi somente o iniciador da política internacional do Brasil que teve o seu triunfo na reunião da Conferência do Rio de Janeiro, na visita de Root, no fermento de toda esta vida nova do Brasil, que se simbolizava na transformação fecunda da velha cidade. Foi também o escritor Joaquim Nabuco que veio recolher pessoalmente o tributo dos seus admiradores ao seu livro *Pensées Détachées*, cujo aparecimento coincidiu com a presença do autor no Brasil. O livro fora concebido há treze anos. Nela se refletem no prisma da poesia, muita decepção, muita tristeza, muita fé, muita esperança. E por que não a caridade ao próximo haurida de uma compaixão pelas fraquezas humanas, e da sublimidade da misericórdia? Não é de Joaquim Nabuco o símbolo de *Notre Dame de l'Oubli*, a Madona que estende o véu sobre as faltas dos pecadores e os protege num gesto de divina piedade da calúnia, da inveja e do ódio dos eternos fariseus? Se em *Pensées Détachées* não se reflete o estado de espírito triunfante de Nabuco, transparece a doce composição de resignação e de santidade na pureza angélica do coração. Livro do “vale de lágrimas”, mas sem a amargura delas.

Muitas foram as críticas estrangeiras ou brasileiras que suscitou o novo livro de Nabuco. Há, porém, entre elas a página delicada

e penetrante de Machado de Assis que é uma consagração. Este que se “consola no desconsolo do Eclesiastes” dissecou o livro com paixão de analista e depois o recompôs com a alma de artista: “Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça de dizer. Tal é o caso deste livro. Todos irão a ele, atraídos pela substância que é aguda e muita vez profunda, e encantados da forma, que é sempre bela... O seu interior está aqui aberto às vistas por aquela forma lapidária que a memória retém melhor. Ideias de infinito e de absoluto V. as escreve de modo direto ou sugestivo e a nota espiritual é ainda característica de suas páginas. Que em todas resplandece um otimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lho; melhor o sabe porque o sente de veras. Aqui o vejo confessado e claro, até em lugares de alguma tristeza ou desânimo acha depressa um surto.” Esta carta de crítica transcendente é de 19 de agosto de 1906. Nesse dia Joaquim Nabuco completava 57 anos. Machado de Assis punha-lhe singelamente na maravilhosa cabeça uma coroa de louros.

Parte Nabuco para o seu posto em Washington. Queda-se Machado na sua serenidade no Rio de Janeiro. Agora é a separação que se tornara inseparável. Vem vindo a morte... Nabuco, doente, combalido, é retomado pela ação. Do que viu no Brasil não vai muito tranquilo. A base da política exterior parece-lhe fugitiva. Joaquim Nabuco jamais quis transformar o substrato brasileiro em um amálgama americano, desnacionalizar as expressões mais lídimas e características da nacionalidade. O que ele propagou não foi a infiltração americana, como se está realizando, mas a amizade política, que não se cultivou com fraqueza. Sabia do risco que corria o seu esforço magnífico, mas também a sua fé na política de que se faz intérprete é inabalável. “Tenho muito medo de que a ideia americana tenha perdido terreno aí. Há muita coligação contra ela. Cada vez, porém, estou mais convencido de que não

temos outra política externa possível e de que não nos esforçando seguidamente por ela, tendo receio de confessar, requestando ao mesmo tempo outras alianças, pensando em substituí-las, em vez de ajudá-la, por grandes armamentos, mostramos desconhecer a marcha do mundo e não o instinto da nossa própria conservação.”

Foi-se Nabuco e Machado recolheu-se ao relicário, onde guardava as saudades da sua morta. No meio das lembranças que lhe reviviam o ídolo, o velho escritor, pousando os olhos e a memória nos objetos trabalhados pelo mão querida, perpetuamente enamorado, descia lentamente ao túmulo ainda elaborando o seu último livro, o memorial em que registra os fatos modestos e retraídos da esposa. É uma vida crepuscular, noturna. A ela adapta-se a natureza melancólica de Machado de Assis, cujo espírito amava as trevas da alma humana, como se ele viesse desse mundo lunar, funéreo e maléfico, onde se gera o funesto princípio do mal. Os amigos não o deixam afundar-se de todo na morbidez do sofrimento. Forçam-no a sair da irremediável tristeza e ele vai-se deixando atrair pela afeição. Ainda assim o seu campo de atividade se circunscrevera à Academia. Em todo o resto de sua correspondência com Nabuco, o motivo acadêmico dominava a totalidade cristalina da frase. E não foi somente um derivativo à sua dor. A Academia foi alguma coisa nova na sua vida de demolição intelectual e de ironia, foi uma construção. Machado de Assis acreditou na Academia. Não ouviu os sarcasmos fáceis, só mediu a vastidão da obra que ia projetar-se no futuro sem imaginar mesmo que todo o edifício faz sombra, e que a sombra acadêmica seria por demais imensa, e viria talvez estiolar muita planta que precisa desse sol selvagem que é nosso. E talvez fosse excelente para o grande escritor que a instituição acadêmica surgisse, quando ele havia já construído toda a sua magnífica obra. Porque ninguém sabe como o metro e a geometria acadêmica em tão grande artista, atento e disciplinado



na forma, teriam alterado a sua espontaneidade vivaz, o seu livre gênio, o seu desabusado espírito. Quando a Academia veio e teve o culto de Machado de Assis, era felizmente tarde para o perder. Só os incorruptíveis, os inalteráveis deviam fazer parte da grei acadêmica. Não se pode recomendá-la aos espíritos em formação e aos débeis.

Do seu santuário ou da Academia, Machado, de Assis segue na imaginação a figura de Joaquim Nabuco, em plena luz na complexa vida americana. As suas cartas tornam-se mais frequentes, ora para felicitar o infatigável amigo pelo trabalho diplomático em que se empenha, ou congratular-se com o novo doutor de Yale, que já o era pela Universidade de Colúmbia, ou saudar o orador pela elevação intelectual das suas conferências, ora para o animar a prosseguir nas letras, publicar o livro prometido *Pensées Détachées*. “Venha o livro que medita; é preciso que o embaixador que não faça descansar o escritor; ambos necessários à nossa afirmação nacional”, ora para insistir pela publicação do drama *L’option* sobre a conquista da Alsácia, ora para um movimento excepcional da sua intimidade, fazer a confidência da confecção daquele que ele diz ser o seu último livro, o *Memorial de Aires* – e sempre para falar da sua esposa morta, da saudade infinita, e para ocupar-se da sua Academia, dos trabalhos desta, da reforma da ortografia, das recepções, da formação do “quadro”, ou das eleições. E jamais ele, que tudo obtinha de Nabuco, pediu-lhe o voto, e mostrou-lhe antecipadamente a sua inclinação secreta por qualquer candidato. Esta correspondência é ainda o testemunho de ternura e de delicadeza moral desses amigos. Sentiam um encanto recíproco, que não se pejavam de expandir. A ternura não é um sinal de debilidade. As raças mais fortes cultivam a afeição. Quem conhece a correspondência dos homens superiores da Inglaterra, mesmo dos políticos ou homens de ação, nota o elevado grau de

cortesia e de simpatia nas relações. Poetas como Shelley, Byron, Ruskin, dão-se inteiramente aos seus amigos. O brasileiro, que foge a esta ternura, é um selvagem; teme entregar a sua alma e o seu coração; vive na desconfiança e afasta de si a amizade. O tom franco, cordial, meigo da correspondência de Machado de Assis e de Joaquim Nabuco não pode ser sentido, nas sua tocante elevação, pelo “homem novo” rude e brutal, salvo quando o interesse o torna adulator e disfarçado.

Do seu “observatório” político e universal, como ele denominava o posto de Washington, Nabuco tinha os olhos atentos em Machado de Assis, muito longe, na órbita modesta em que se contentava. Abre-lhe o coração nostálgico. E se por um instante lhe fala de política internacional, volve-se logo às coisas íntimas, às criações literárias de ambos, aos trabalhos e à vida da Academia. “Muito prazer tive com a simpatia mútua entre o nosso povo e os Americanos”, escreve ele a Machado de Assis em fevereiro de 1908. “A Haya ia nos fazendo perder de vista a nossa única política possível. Eu em diplomacia nunca perdi um só dia o sentido da proporção e o da realidade. É que um indivíduo pode sempre fugir à desonra e ao cativo, mas as nações ao se podem matar como ele. Alguns milhares morrerão em combate, mas a totalidade passa sob o jugo. As maiores nações procuram hoje garantir-se por meio de alianças; como podem as nações indefesas contar somente consigo! E desde que o nosso único apoio possível é este, por que não fazemos tudo para que ele não nos venha faltar! Essa é a minha intuição e tive por isso o maior prazer com esse renascimento. Da simpatia entre as duas nações por ocasião da visita da esquadra americana... “E como arrependido deste desvio por assuntos secundários, como são os da política, volve-se rapidamente: “Basta porém de confidências de alcance político. Aqui vão outras íntimas.” E fala do seu drama sobre o desmembramento da Alsácia e Lorena, que escrevera em francês,

há trinta anos, acabando em 1877, em New York, e do qual dissera em *Minha Formação* “elevar-se como composição literária acima do espírito de nacionalidade, visar à unidade de justiça, do direito e ao ideal entre as nações.” Recomposto definitivamente em 1908 com outro desfecho, Nabuco explica o seu pensamento inspirador: “O assunto, como talvez V. se lembre, é a conquista, ou antes o desmembramento, da Alsácia e Lorena. Nenhum francês poderia falar com a minha imparcialidade sobre a Alemanha que também aparece grande no drama. Toda a questão é o direito de conquista. Não posso aparecer na publicação, apesar de ser a criação puramente literária, como drama, e, de *princípio*, como motivo. Estão agora estudando o caso amigos meus de França. Estou muito contente da obra depois da revisão e da mudança do final. Antes parecia-me *mal-acabada*.” A morte de Nabuco permitiu que o drama, que se denominou *L’Option* porque o motivo da obra é a luta de consciência dos alsacianos em optar pela França ou pela Alemanha, aparecesse com o claro nome de seu autor. Mas essa voz que aspirava à imparcialidade numa tragédia, que se desenrola há dois mil anos às margens do Reino entre latinos e bárbaros, em que tudo o que forma o nosso patrimônio espiritual, o nosso direito, a nossa filosofia, a nossa religião, a nossa arte, a nossa cultura, seria submergido pela horda invasora, se não fosse recalçado pela força, essa voz, de estranho e sereno acento, que apela para a reconciliação impossível, não podia ser ouvida no pavoroso tumulto da batalha.

Joaquim Nabuco é sempre confidente com Machado de Assis. Refere-lhe toda a sua atividade literária e política nos Estados Unidos, os trabalhos intelectuais que executa, as conferências, os estudos e as honras que recebe. Machado de Assis, do seu lado, está resignado e, pressentindo a morte, não deixa de despedir-se do amigo para o grande silêncio que se aproxima. “Eu, meu querido, vou andando como posso – escreve em maio de 1908, meses antes



de falecer –, já um pouco fraco e com temor de perder os olhos se me der a longos trabalhos. Já não trabalho de noite. Ainda assim posso fazer-lhe uma confidência: escrevi o ano passado um livro que deve estar impresso agora em França. Creio que será o meu último livro; descansarei depois.” Nabuco procura reanimá-lo e o consola com estas doces e proféticas palavras: “V. goza hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lê-lo e estudá-lo para compreender a fascinação exercida por V. sobre o seu tempo. É belo tal crepúsculo para um homem de letras, porque os homens de letras têm mais preocupações da sua obra que mesmo do seu nome. Mas a noite está ainda muito longe. Pelo que vi no Rio em 1906 eu não apostaria em mim contara V. no páreo de qual de nós dois verá ainda mais anos neste mundo. V. tirou o prêmio da grande vida. Ela não pode dar mais. Não tenha um momento de ingratidão, isto é de tristeza.”

Se o extraordinário crítico que foi Nabuco está nos conceitos sobre Machado de Assis, se o amigo inexcedível está na ternura desta consolação, o grande otimista desforra-se em considerar a tristeza uma manifestação contra a vida. Mas o mal era incurável em Machado de Assis. Ele replica sem resignação: “Completei no dia 21 de junho sessenta e nove anos; entro na ordem dos septuagênários. Admira-me como pude viver até hoje, mormente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei; por mais que amigos busquem temperá-la de carinho.” Não mais o deixa o pressentimento do fim. Referindo-se a futuras eleições da academia em carta a Nabuco, de 1º de agosto desse ano da sua morte diz: “Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu! Revele-me estas ideias fúnebres; são próprias do estado e da idade.” E a derradeira palavra de Machado de Assis a Joaquim Nabuco vem nesta última carta que acompanha o livro *Memorial de Aires*, terrível e despedaçadora palavra: “Tudo isto me abafa e entristece. Acabei.”

Era o fim. Amigos compreendem que Machado de Assis vai sucumbir. Nabuco é avisado da iminência do desastre e escreve

a um deles: “O estado do Machado causa-me verdadeira consternação. Como passaremos sem ele? Cada ano reduz-se o círculo das afeições e das admirações dos que entram na velhice. Esta tem certo pudor em contrair amizades novas, criar novos cultos pessoais. Os moços ainda têm muito que ver, muito com quem se ligar, a natureza lhes renova as afeições que se vão perdendo. É muito diferente aos setenta e deve ser terrível mais tarde. Deus lhe dê um declínio curto e um fim suave, se ele começou a entrar na decadência. Mas também a quanta ternura e quanto carinho de nossa parte essa não obriga.”

Na madrugada de 29 de setembro de 1908 consumou-se a morte de Machado de Assis. A sua espiritualidade irradiou-se ainda mais na moléstia atroz dos seus últimos dias. O filósofo da ficção sublimou-se na realidade do sofrimento. Só a Dor é positiva, recordava a máxima do pessimista e sorria aos amigos, que lhe formavam a família espiritual naquela agonia. Morreu fixando os olhos nos presentes e a lembrança nos ausentes. Os seus discípulos trouxeram-lhe o corpo do Cosme Velho para a Academia em uma resumida e triste procissão, à noite escura, pelas ruas da cidade indiferente. Na outra tarde o seu enterro foi uma apoteose. Pela primeira vez um simples homem de letras foi enterrado neste país como um herói. Machado de Assis não imaginou jamais tanta honraria e tal explosão de súbita popularidade. Seguramente que a sugestão partiu da fé dos discípulos, mas o fluido comunicou-se a um sentimento coletivo, pronto a recebê-lo e ampliá-lo. Os Brasileiros já começavam a admirar em Machado de Assis o puro escritor, o desinteressado espírito, para quem a Arte tinha o seu fim em si mesma. Cada qual encheu-se de respeito diante dessa força ideal, que Machado de Assis simbolizava.

Desde então o culto secreto e restrito tornou-se claro, luminoso, embora absurdo, porque entre o que se convencionou chamar alma brasileira e Machado de Assis não há afinidade evidente ou

sutil. Faltou ao grande analista a imaginação mítica e o entusiasmo, que são as forças motrizes da nossa sensibilidade racial. E o que é mais singular é que o prestígio de Machado de Assis sobrepuja hoje aqueles com que teve de lutar no espírito dos contemporâneos, o dos criadores entusiastas, como José de Alencar, e o dos escritores ruidosos e brilhantes, com Eça de Queiroz. O escritor português fascinou os literatos pelos seus dons de artista exterior, pelo movimento e pelo colorido. Escritores, porém, como Joaquim Nabuco ou Machado de Assis não podiam encontrar interesse superior em Eça de Queiroz, artista sem mistério e sem cultura. Machado de Assis inspira culto refinado aos pensadores e aos artistas puros. É no prestígio da sua alta espiritualidade, nesta culminância da inteligência livre e desdenhosa de toda a emoção, que está a magia da influência de Machado de Assis, cuja perfeição estética é inabordável e tentadora. Por mais que se busque o segredo dessa perfeição, ele fica impenetrável. E é uma felicidade, porque uma literatura de imitadores de Machado de Assis conduziria tristemente ao preciosismo acadêmico, à esterilidade do formalismo, que se presumiria um estilo não passando de uma maneira. Desse mal nos livram as forças profundas e irreprimíveis do temperamento brasileiro, de que Machado de Assis não dá testemunho, permanecendo como o maior acidente da nossa espiritualidade.

Desde sua volta aos Estados Unidos recomeçara Joaquim Nabuco a atividade de propagandista. O seu nome, circundado ainda mais em fulgor, torna-se conhecido além do mundo político e diplomático. A fama da sua cultura e eloquência suscita admirações. Disputam-no as Universidades e faz-se ouvir em várias. Nas comemorações intelectuais é um dos favoritos da tribuna e tem às vezes por companheiro de oratória o fogoso Roosevelt. Destas exibições do talento não resulta emulação. Nabuco interessou a tal ponto a Roosevelt que este sempre



recomendava aos diplomatas frequentar o embaixador do Brasil. Assim a Embaixada se tornou em Washington o mais ativo centro social da inteligência.

No turbilhão do mundo novo, por mais que a política o preocupe, as letras, a sociedade, os homens eminentes, a magnitude americana o atraíam, há um ponto doloroso na vida interior de Nabuco, é a ânsia pelo Brasil. Ele é nostálgico, e o coração bate o ritmo da saudade. “Mas que saudade!” exclama em junho de 1908, a Machado de Assis, “que falta da nossa gente! Parece-me impossível que eu não tenha a fortuna de voltar para aí proximamente. Creia-me ‘sequioso’. Não tenho outra expressão.” Nas suas conferências é sempre do Brasil que fala, da antiguidade do nosso espírito nacional, das nossas possibilidades, e para terminar o ciclo da vida espiritual foi inconscientemente, mas imperiosamente, levado a revelar Camões aos americanos, realçar a epopeia portuguesa, tratar enfim da emoção e da glória em que nos foi gerada a nação.

Neste esplendor, nesta magnificência de pensamentos, nas mil refrações do prisma intelectual, num fantástico crepúsculo, na apoteose dos raios ainda quentes e vibrantes da inteligência solar, morreu gloriosamente Joaquim Nabuco.

Não ficou em terra estranha o seu corpo. Os americanos o transportaram para o Brasil e ele repousa na terra pernambucana. Antes de ser abrigado no monumento de mármore, a sua sepultura era no chão arenoso, que prolongava a praia de onde as barcaças carregavam os escravos para a liberdade: em torno, na doçura dos tons, avistavam-se as nossa árvores, a funérea casuarina, o verdejante sapotizeiro, o coqueiro espiritual, e tudo refrescava-se na alegria dos ventos. Tal quadro que seria um “primitivo” brasileiro contentaria a beatitude de Nabuco dos últimos anos. O menino Massangana fizera a radiante volta das coisas e tornara singelamente à terra formadora da sua alma... Tudo o que



adquiriu na ascensão do espírito era oferecido ali com o seu corpo em holocausto a Pernambuco.

No ciclo dessa grande vida cumpriu-se a palavra socrática, a harmonia do homem interior com o homem exterior; e o que lhe move o espírito é o finalismo com que interpreta o Universo. Este sentimento da finalidade conservou-lhe necessariamente a religião. Jamais foi daqueles que explicam a substância e os fenômenos por uma hipótese científica ou pelo panteísmo emanante. Ficou sempre subordinado ao conceito do divino, e se por algum tempo a atividade política não lhe deixou perseverar na religião, logo que a sua ação exterior cessou, sucedendo-lhe a meditação, e a vida interior se espiritualizou docemente, o incerto misticismo tornou-se em fé robusta, orgânica e militante.

Ao finalismo de Nabuco opunha-se o determinismo de Machado de Assis. A sua obra de arte é o reflexo do mecanismo universal. Não há nela uma fresta por onde passe a luz mística, que porventura lhe ascendesse do espírito ou lhe viesse do incognoscível. Não há a ilusão da liberdade. E quando se depara com a extravagância ou o aspecto mórbido nessa obra sente-se ser isto determinado pela própria psicose do escritor, que, alienista de instinto, compreende em si mesmo toda a alienação mental alheia ou transmite aos seus personagens a sua moléstia. Compraz-se na loucura dos homens, em que põe o principal interesse de sua estética.

A religiosidade de Joaquim Nabuco não vem da exaltação patológica. É simples e saudável. Vem da tradição, da hereditariedade, da imaginação, do humanismo ou da sensibilidade. A ausência do espírito científico conservou-lhe a crença e afastou-o da negação e do ceticismo. A apregoadá influência de Renan foi-lhe superficial, puramente externa. Joaquim Nabuco foi homem de fé. Acreditou muita coisa e combateu com energia e esperança por em muita causa. Não se pode chamar cético o paladino da abolição, o



propagandista do pan-americanismo, o pensador de sínteses afirmativas. Também Renan não foi renanista quando acreditou na ciência e procurou conciliar o sentimento religioso com a análise científica. Joaquim Nabuco não tentou este impossível. Limitou-se a retificar e solidificar a sua fé religiosa, e a sua vida interior foi mais humana do que escrita. Desejou, aspirou; engrandeceu-se na perpétua ascensão do espírito. Se na mocidade buscou realizar a vida exterior em sua bela plenitude, nos tempos antes da morte sofreu a ânsia do Infinito. Uma perpétua inquietação o atormentou e multiplicou-lhe a mobilidade. Repousou na morte para ser mais feliz. Disse o Mago: “O desejo é a vida do homem na terra e não está escrito que o seja a satisfação.”

A vida de Machado de Assis está vivida e vazada em seus livros. Por estes vê-se que foi tímido na inquietação. A vontade lhe era desconfiada; limitou a sua atividade e absteve-se de desejar. Concentrou-se na ação literária e tornou-se o mais agudo e o mais livre dos escritores brasileiros.

A fé religiosa de Joaquim Nabuco e a dúvida materialista de Machado de Assis foram os baluartes em que se refugiaram os dois heróis espirituais. Não quiseram transpor-lhes as muralhas. Não foram possuídos da tentação de ser Deus, não gozaram a áspera volúpia de criar o Universo, de comandar e serem obedecidos, de pesar sobre os destinos humanos.

*Graça Aranha*

## II CORRESPONDÊNCIA

# Nabuco a Machado

Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1865.

Meu caro senhor<sup>1</sup>

Tenho em vista o Diário de ontem: na crônica “Ao acaso” deparo com algumas linhas ao meu respeito, caídas de sua pena: li e reli o que sobre mim escreveu: e depois de meditar sobre estas linhas decidi-me a aventar sobre elas as duas considerações, que se seguem:

<sup>1</sup> Joaquim Nabuco tinha quinze anos; era aluno do Colégio Pedro II e escrevia por essa época poesias de circunstância que recitava nos saraus literários. Na sessão da Arcádia Fluminense em 25 de novembro de 1865 leu em presença do Imperador e da Imperatriz e das Altezas Imperiais a poesia “Uruguaiana”.

Esta primeira carta de Nabuco responde à saudação que Machado de Assis lhe fizera na sua revista da semana “Ao acaso”, (Folhetim do *Diário do Rio de Janeiro*, de 31 de Janeiro de 1865) nas seguintes palavras:

... Já que falo em poetas escreverei aqui o nome de um jovem estreante da poesia, a quem não falta vocação, nem espontaneidade, mas que deve curar de aperfeiçoar-se pelo estudo. É o Sr. Joaquim Nabuco. Tem 15 anos apenas. Os seus versos não são decerto perfeitos: o jovem poeta balbucia apenas; falta-lhe compulsar os modelos, estudar a língua, ultimar a arte; mas se lhe faltam os requisitos que só o estudo pode dar, nem por isso se lhe desconhece desde já uma tendência pronunciada e uma imaginação viçosa. Tem direito de contar com o futuro.

Não sou poeta; as minhas toscas composições, escritas nas minhas horas vagas, ainda não pretendem a tanto; o título pomposo de – *poeta*, – que, por extrema bondade, e complacência, dignou-se aplicar, poderia, esmagando a minha nula valia, encher-me de um orgulho sem fundamento, que me elevasse acima do que eu realmente sou, se porventura não tivesse a indestrutível convicção de que ele verdadeiramente me não pertence, e de que me foi aplicado por um poeta, que, talvez por simpatia ou por outro qualquer motivo, desejando estender-me a sua mão de apoio e de animação, me deu títulos superiores às qualidades que realmente possuo.

Escrevo versos, é certo; porém estes versos, sem cadência e sem harmonia, não podem elevar o seu autor à altura de poeta, se bem de inferior plaina; agradeço portanto o título, que não pertence, aceitá-lo, ou tacitamente deixá-lo passar, seria encher-me de um falso orgulho, julgando meritório um título que só a benevolência e complacência poderiam conferir.

Está é a primeira consideração que a leitura de suas linhas sugeriu em minha mente: de mais, cabe-me dizê-lo: de uma certa idade em diante pretendo me não mais aplicar à poesia; nesta idade em que minha inteligência ainda não pode discutir sobre o positivo e o exato: deixo que a pena corra sobre o papel, e que minha acanhada imaginação se expanda nas linhas, que ela compõe; mas, quando minhas faculdades concentradas pelo estudo e pela meditação se puderem aplicar ao positivo, e ao exato, deixarei de queimar incenso às musas do Parnaso, para me ir alistar na fileira dos mais medíocres apóstolos do positivismo, e das ciências exatas; é um protesto para cujo cumprimento peço a Deus força de vontade e firmeza de resolução. Entendo, meu caro poeta, que desde uma certa idade a nossa imaginação perde o seu vigor; as utopias e as fantasias, que alimentam a imaginação dos poetas cessam desde que ele penetra numa idade, cujas vicissitudes lhe demonstram o absurdo dos seus cálculos; e cujos caprichos e

contrariedades são a perfeita antítese dos sonhos dourados de sua fantasia e dos prazeres, e das vigílias felizes, que, em seus cálculos de utopista e de poeta ele um dia concebeu.

É por isso que por ora dou asas à minha imaginação; mas um dia virá, e este dia talvez esteja perto, no qual me desligue completamente desse mundo de visionários, para ia tomar parte no grêmio daqueles que, mais chegados às realidades da vida, consideram este mundo como ele realmente é. São estas as duas considerações que por hora julguei de fazer às linhas a meu respeito.

Disponha do pouco préstimo daquele seu  
Criado obrigado.

*Joaquim Nabuco*

Meu caro Machado,

Se V. quiser ouvir umas folhas de má prosa sobre os Lusíadas<sup>2</sup> apareça às 7 da noite à Rua da Princesa no Catete nº1<sup>3</sup> casa sua e de

*Joaquim Nabuco*

Diário Oficial.

1872. Hoje.

Querido Machado,  
Espero-o (sem falta!!!).

*Sizenando*<sup>4</sup>

---

2 Trata-se do primeiro livro de Nabuco – *Camões e os Lusíadas*, publicado em 1873.

3 Era a casa do velho Senador Nabuco, no Flamengo.

4 Sizenando Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1882.

Meu Caro Nabuco,

Escrevo esta carta preste a sair da corte por uns dois meses, a fim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinário que tive em 1880 e 1881.

A carta é pequena e tem um objeto especial. Talvez V. já saiba que morreu a Senhora Arsênio.<sup>5</sup> O que não sabe, mas pode imaginar, é o estado a que ficou reduzida aquela moça tão bonita. Nunca supus que a veria morrer. Vamos agora ao objeto especial da carta. O Arsênio, com que estive anteontem, levou-me a ver a pedra do túmulo que ele manda levantar, e é isto o que lhe diz respeito a V. Comovido e agradecido pelas belas palavra que V. escreveu, um dos folhetins do *Jornal do Comércio*, a respeito de D. Marianinha, mando gravar algumas delas na pedra da sepultura, e esse é o único epitáfio. Ele mesmo pediu-me que lhe dissesse isto, acrescentando que não agradeceu logo a referência do folhetim por não saber quem era o autor. Disse-me também que me daria, para V. um retrato fotografado da senhora.

---

<sup>5</sup> Quando a Dona Marianinha Teixeira Leite Cintra da Silva, a formosa mulher de Joaquim Arsênio Cintra da Silva, estava morrendo, Joaquim Nabuco, que escrevia o folhetim do *Jornal do Comércio*, *À Margem da corrente*, sob o pseudônimo de *Freischutz*, prestou-lhe esta homenagem:

“Se a vida triunfar da morte e recompuser na sua perfeição os traços que representam para nós a fisionomia a que me refiro, saiba ela que muitos que apenas a conheceram fizeram os mais ardentes votos e os misturamos às orações e às preces de sua família para que lhe seja poupada essa tristeza, que não se apaga mais, que se consolida no caráter e é uma das fontes de melancolia espontânea que brota mais tarde do coração: a tristeza de ver morrer o que é belo na mocidade, na plenitude da vida, arrebatada como os anjos da Bíblia nas vestes deslumbrantes que mal tocaram à terra.” – 21 de agosto de 1881.

Vou para fora, como disse, mas V. pode mandar as suas acartas com endereço à Secretaria da Agricultura.

Adeus, meu caro Nabuco. Estou certo de que V. lerá o recado do Arsênio com a mesma emoção com que o ouvi. Pobre Marianinha! Adeus, e escreva ao

Am.º do c.

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, maio, 29, 1882.

Meu caro Nabuco,

Há cerca de um mês que esta carta devera ter seguido, mas o propósito em que estava de escrever uma longa carta foi retardando a resposta à sua, e daí a demora. “Valha a desculpa, se não vale o canto.” E o canto aqui não vale muito, porque afinal vai uma carta mínima, como vê, não querendo estes adiantamentos.

Transmiti ao Arsênio as suas palavras, e a autorização que lhe deu para o epitáfio. Ele ficou muito agradecido. Não vi ainda o epitáfio na própria pedra. Ninguém que o veja deixará de reconhecer que era a mais bela homenagem à finada, e o melhor agradecimento ao autor.

Compreendo a sua nostalgia, e não menos compreendo a consolação que lhe traz a ausência.<sup>6</sup> Para nós, seus amigos, se alguma consolação há, é a tempera que este exílio lhe há de dar, e a vantagem de não ser obrigado a uma luta vã ou a uma trégua voluntária. A sua há de vir.

Tenho lido e aplaudido e as suas correspondências.<sup>7</sup> Ainda hoje vem uma, e vou lê-la depois que acabar esta carta, porque são nove horas da manhã, e a mala fecha-se às dez. E a minha opinião creio que é a de todos.

Agradeço muito os oferecimentos que me faz, e noto-os para ocasião oportuna, se a houver. Quando aos retalhos de jornais,

---

6 É o exílio de Londres. Terminado o mandato de deputado por Pernambuco e não tendo sido eleito pelo Município Neutro na eleição direta de 1881, Nabuco transfere a sua atividade para Londres, de onde continua em esfera mais dilatada a sua campanha pela Abolição.

7 Era o correspondente do *Jornal do Comércio*.



quando os achar merecedores da transmissão, aceito-os com muito prazer.

Minha mulher agradece as suas recomendações e pede-me que lhas retribua. Pela minha parte, creio escusado dizer a afeição que lhe tenho, e a admiração que me inspira. A impressão que V. me faz é a que faria, (suponhamos) um grego dos bons tempos da Hélade no espírito desencantado de um budista. Com esta simples indicação, V. me compreenderá.

Adeus, meu caro Nabuco, V. tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrela há de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus invejosos. Um abraço do

Am.º do C.

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1883.

Meu caro Nabuco,

Esta carta devia ser escrita há cerca de um mês. Como, porém, uma folha desta corte anunciasse que V. em maio viria ao Rio de Janeiro, entendi esperá-lo. Falei depois ao Hilário, que me disse não ter nenhuma carta sua nesse sentido; concluí que a informação não era exata, e resolvi mandar-lhe estas duas linhas, acompanhadas de um livro meu.

Antes de falar do livro, agradeço muito as duas lembranças de amizade, que de quando em quando recebo. A ultima, um retalho de jornal, acerca da partida de xadrez, foi-me mandada à casa pelo Hilário; pouco antes tinha recebido pelo correio alguns jornais franceses, relativos à morte e enterro de Gambetta; e ainda há pouco dias tive em mãos uma remessa mais antiga, um cartão do “Falstaff Club”, noite de 21 de junho de 1882.

Vê V. que se se lembra dos amigos, o correio não o deixa mal, e é pontual transmissor das suas memórias. Oxalá faça o mesmo com a livro que ora lhe envio, *Papéis avulsos*, em quem há, nas notas, algumas coisas concernentes a um episódio nosso passado: a *Época*.<sup>8</sup> Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos,

---

<sup>8</sup> Eis a nota de Machado de Assis:  
A CHINELA TURCA. p. 105.

“Este conto foi publicado, pela primeira vez, na *Época*, nº 1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudônimo de *Manassés*, com que assinei outros artigos daquela folha efêmera. O redator principal era um espírito eminente, que a política veio tomar às letras: Joaquim Nabuco. Posso dizê-lo sem indiscrição. Éramos poucos e amigos. O programa era não ter programa, como declarou o artigo inicial, ficando a cada redator plena liberdade de opinião, pela qual

porque tudo o que ali está (exceto justamente a *Chinela turca*) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro. V. me dirá o que ele vale.

E agora, passando as coisas de maior tomo, deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o *Jornal do Comércio*, como que os meus amigos e pessoas com quem converso, a tal respeito, têm a mesma impressão. E olhe que a dificuldade, como V. sabe, é grande porque no geral as questões inglesas (não só as que V. indicou em uma das cartas, e se prendem aos costumes e interesses locais, mas até as grandes) são pouco familiares neste país; e fazer com que todos as acompanhem com interesse não era fácil, e foi o que V. alcançou. Sua reflexão política, seu espírito adiantado e moderado, além do estilo e do conhecimento das coisas, dão muito peso a esses escritos. Há num trecho deles, que não sei se chegou a incrustar-se no espírito dos nossos homens públicos, mas considero-o como um aviso, que não devia sair da cabeceira deles: é o que se refere à nossa dúvida. Palavras de ouro, que oxalá não sejam palavras ao vento. A insinuação relativa à perda de alguma parte da região brasileira abre uma porta para o futuro.

Adeus, meu caro Nabuco, continue a lembrar-se de mim, assim como eu a lembrar-me do V., e deixe-me apreciar o seu talento, se não posso também gozar do seu trato pessoal. Um abraço do

Am.º e ad. afmo.

*Machado de Assis*

---

respondia exclusivamente. O tom (feita a natural reserva da parte de um colaborador) era elegante, literário, ático. A folha durou quatro números.”  
*Papéis avulsos*, 1882.

## Machado a Nabuco

Rio, 24 de março de 1896.

Meu caro Nabuco,

Nenhum de nós esqueceu ainda nem esquecerá aquela senhora gentilíssima, D. Marianinha Teixeira Leite Cintra da Silva, esposo do meu amigo Jm. Arsênio Cintra da Silva, morta no esplendor da mocidade, já lá vão muitos anos. Você escreveu sobre ela, então enferma, algumas palavras de comoção, de verdade e de poesia, na crônica do *Jornal do Comércio*, de 21 de agosto de 1881. Jm. Arsênio, querendo que no túmulo da esposa se gravasse condigno epítáfio, colheu algumas das suas palavras e fê-las inscrever nesta disposição:

“À esposa extremosa arrebatada na plenitude da vida, ‘como os anjos da Bíblia, nas vestes deslumbrantes’ que mal tocavam a terra...

‘Saudade eterna!’”

Deu-me uma fotografia do monumento e pediu-me que lhe comunicasse esta notícia a Você; mas não nos tendo encontrado há muitos dias, dou-lha aqui por carta, e nesta mesma data o anúncio a Jm. Arsênio, segundo havíamos combinado.<sup>9</sup>

Adeus, meu caro Nabuco.

Saudades do

Velho amigo

*Machado de Assis*

---

9 Não se trata mais da “pobre Marianinha”, morta há quatorze anos. O “viúvo inconsolável” passou outras núpcias, a agora no túmulo desta segunda mulher gravou o epítáfio esculpido no túmulo da primeira com as mesmas tocantes palavras de Nabuco.

## Nabuco a Machado

12, Rua Marquês de Olinda.  
Sexta feira, 10 de fevereiro de 1899.

Meu caro Machado,

Como ninguém escreve nesse estilo etc. já o vi há dias na Gazeta do José Veríssimo mostrá-lo.<sup>10</sup> Agora queira dizer-me como se vai formando em seu espírito a sucessão do Taunay na Academia...<sup>11</sup> O Loreto disse-me anteontem que na *Revista*, aonde não vou há muito, falava-se em Arinos e Assis Brasil. Eu disse-lhe que minha ideia era o Constâncio Alves. O Taunay era um dos nossos, e se o substituirmos por algum ausente, como qualquer daqueles, teríamos dado um golpe no pequeno grupo *que se reúne* e faz de Academia. Depois ficaríamos sem recepção. O Arinos talvez viesse fazer o elogio... Eu, pela minha parte, que entre os dois votaria nele, porque o elogio do Taunay pelo Assis Brasil (este por ser reservado para outra cadeira mais *congenial* com o seu temperamento), podia ser uma peça forçada; confesso-lhe que não vejo como o Constâncio; mas se V. não pensa que o Constâncio tem a melodia interior, a nota rara, que eu lhe descubro, submeto-me ao mestre. Com o voto do Dória, que me prometeu, e o meu o Constâncio já tem dois. Se V. viesse, era o triângulo, e podíamos até falsificar a eleição. Sério!

---

10 Joaquim Nabuco alude ao artigo em homenagem a Almeida Garrett, publicado na *Gazeta de Notícias*, no dia 4 de fevereiro de 1899, data do centenário do nascimento do Poeta. O artigo sem assinatura era de Machado de Assis, o que muitos reconheceram pelo estilo.

11 Alfredo d'Escragnon Taunay morreu a 25 de janeiro de 1899 no rio de Janeiro.

Escreva-me uma linha, já que não nos vemos mais. Há de V. crer que não me entregava de “quando em vez” ao prazer de conversar “consigo” só por não saber que o seu número no Cosme Velho era 18! Sei que a carta dirigia ao *Rio de Janeiro* iria ter-lhe às mãos, mas tenho a superstição de não escrever sem endereço exato, e foi agora, vendo o amável bilhete de ano-bom, que V. gentilmente me remeteu, que me ocorreu a ideia do agradável passatempo, que acabo de ter sobre pretexto de cabalá-lo.

Muitas afetuosas lembranças do amigo sincero e tão sincero admirador

*Joaquim Nabuco*

## Machado a Nabuco

18, Cosme Velho.  
13 de fevereiro (de 1899).

Caro Nabuco,

Respondo à sua carta. Pensei na sucessão do Taunay logo depois que o tempo afrouxou a mágoa da perda de nosso querido amido. A vida que levo, entregue pela maior parte à administração, não me permitiu conversar com os amigos da *Revista* mais que duas vezes, mas logo achei a candidatura provável do Arinos, e dei-lhe o meu voto; o Graça Aranha e o Veríssimo a promovem,<sup>12</sup> e já há por ela alguns votos certos, ao que me disseram. Assim, fiquei aliado, antes que V. me lembrasse o nome do Constâncio Alves. Também ouvi falar do Assis Brasil, mas sem a mesma insistência.

Adeus, caro Nabuco, até a primeira, que não sei quando será, mas não deve ser muito tarde. Em todo caso não esqueça.

O velho am.º e adm.º

*Machado de Assis*

---

12 Deve-se juntar aos que promoveram a candidatura de Afonso Arinos o nome de João Ribeiro. Não se apresentou Arinos à vaga de Taunay, que coube a Francisco de Castro. Afonso Arinos foi o sucessor de Eduardo Prado, sendo substituído por Miguel Couto.

## Machado a Nabuco

18, Cosme Velho.

10-3-99.

Caro Nabuco,

Vai em carta o que não lhe posso dizer já de viva voz, mas eu tenho pressa em comunicar-lhe, ainda que brevemente, o prazer que me deu a notícia de ontem no *Jornal do Comércio*.<sup>13</sup> Não podia ser melhor. Vi que o governo, sem curar de incompatibilidades políticas, pediu a V. o seu talento, não a sua opinião, com o fim de aplicar em benefício do Brasil a capacidade de um homem que os acontecimentos há dez anos levaram a servir à pátria no silêncio do gabinete. Tanto melhor para um e para outro.

Agora, um pouco da nossa casa. A Academia não perde o seu orador,<sup>14</sup> cujo lugar fica naturalmente esperando por ele; alguém dirá, sempre que for indispensável, o que caberia a V. dizer, mas a cadeira é naturalmente sua. E por maior que seja a sua falta, e mais vivas as saudades da Academia, folgaremos em ver que o defensor de nossos direitos ante a Inglaterra é o conservador da nossa eloquência ante seus pares. A minha ideia secreta era que quando o Rio Branco viesse ao Brasil fosse recebido por V. na Academia.<sup>15</sup> Façam os dois, por virem juntos, e a ideia será cumprida, se eu ainda for presidente. Não quero dizer se ainda viver, posto que na minha idade e com o meu organismo, cada ano vale por três.

---

13 A nomeação para defender os direitos do Brasil na questão de limites da Guiana Inglesa.

14 Nabuco era Secretário-Geral da Academia, e por isso o seu “orador”.

15 Rio Branco jamais fez seu discurso acadêmico, em que teria de elogiar o Padre Souza Caldas, patrono da sua cadeira, e Pereira da Silva, seu antecessor.



Adeus, meu caro Nabuco, até a vista, e, desde já, um cordial  
abraço do

Velho am.º

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de janeiro, 31 de outubro de 1899.

Meu caro Nabuco,

Sei que V. tem passado bem, não menos que o nosso Graça Aranha, e a ambos envio de cá abraços e saudades. Ainda não estive com Caldas Vianna,<sup>16</sup> mas sei por pessoas que lhe falaram que ele veio de lá com grande pena: também eu sentiria a mesma coisa, se houvesse de tornar antes do fim.

A vaga deixada por ele terá de ser preenchida naturalmente de acordo com V. ou por proposta sua. Sobre isto, tenho indicação de um moço que desejaria ir, e é bastante inteligente para corresponder ao que V. lhe confiar. É o Luiz Guimarães, filho do Luiz Guimarães Júnior. Está na *Gazeta de Notícias*. Veja V. o que pode fazer por ele, e não esqueça do

Velho am.º

*Machado de Assis*

---

16 Graça Aranha e Caldas Vianna foram os primeiros auxiliares de Nabuco na Missão Especial para a questão de limites com a Guiana Inglesa. Caldas Vianna, constante amigo de Joaquim Nabuco, pediu demissão poucos meses depois e voltou ao Brasil, onde o chamavam interesses particulares.

## Nabuco a Machado

Paris, dezembro, 6, 1899.

Meu caro Machado,

Realmente o empenho tem muita força, porque a ele devo mais um precioso autógrafo do Mestre, com que visitei Ferney e Coppet,... e eu que pensava que V. queria mandar-me o João Ribeiro! A verdade, muito entre nós dois, é que se eu não estivesse adstrito a um convite anterior e tratasse de substituir agora nosso Caldas Vianna, o melhor dos colaboradores que eu poderia ter seria o nosso consócio e companheiro de chá, que ambos tanto estimamos.

Quando vi a tua letra pensei que era uma terceira edição do famoso epitáfio. Diga logo que sim.

Ontem representei-o na missa de um dos velhos Garnier, este de 93 anos. Às vezes o Graça Aranha e eu lá vamos conversar, como se fôssemos à *Revista*, num *five o'clock* sem chá, e sempre se fala de V. O mais moço deles, sobrinho, M. Pierre, tem grandes planos para o Brasil. Agora vai mandar a tradução de *Impotência e Esterilidade* e o *Teatro de Garrido*, logo mandará *Dom Casmurro*, o que quer dizer que como bom livreiro publica para todos e de tudo.

Hoje fui a outra missa, a do Imperador. Onde havia muito pouca gente, como é natural cá e lá, mas muito cabelo branco. Ora, como as correntes políticas são formadas pelos que têm de 20 a 30 anos, não pode haver nada mais inofensivo que um culto que só reúne os destroços de uma época que passou, como são os cabelos brancos. A maior parte dos presentes seriam membros do Instituto de França. Outro elemento também inofensivo: as belas letras e as inscrições.

A propósito, como vai nossa Academia? E a nossa *Revista*? V. não aparece em nenhuma, mas eu se fosse seu ministro<sup>17</sup> (não há nenhuma irreverência nisto), mandava-o ir a ambas, na expressão legal, debaixo de vara... de pálio.

Muitas saudades a todo nosso grupo. Se não fosse ter vindo muito cambaleante de lá e ter-me feito bem a mudança de clima, meu desejo maior seria achar-me de novo no meio do círculo da *Revista*. Rezo pela alegria e bom humor de cada um. O pior é que quando algum desaparece é bem duro para... quem parte. Eu aqui tenho, porém, um elo da corrente, e por felicidade minha um jovem, um espírito que está em contato com o novo espírito, com as gerações novas, e assim me aquece mais do que eu o resfrio.<sup>18</sup> Ainda hoje eu escrevia a um amigo, este um velho: Nós não valemos mais nada, não contamos para a morfologia nacional, toda nova geração faz sempre *da se*, nós influímos no nosso tempo, preenchemos nossa função, o que devemos pedir é alegria, contentamento, para assistir à obra dos outros sem perder a simpatia pelo nosso país, qualquer que aquela seja.

Amen dirá V., meu caro Machado, *et sur ce* – desejo-lhe uma feliz entrada de século, (digam o que quiserem os profissionais, o século é a data, e o século vinte é 9 como o século XVIII foi ainda 8 – e o primeiro Nove, o que é ser um século distinto). Meus respeitos a Mme. Machado de Assis a quem queira recomendar-me muito.

Do seu mto. dedicado

*Joaquim Nabuco*

---

17 Machado de Assis, diretor de seção no Ministério da Viação, servia no gabinete do Ministro Severino Vieira,

18 Graça Aranha.

Suponho que V. tem sempre o mesmo sinal para indicar que o pedido não é inexorável, mas um tanto forçado. Eu assim o entendi e mostrei ao Graça Aranha. Agora fico à espera de uma carta *secular*, de um futuro *inédito*.

J. N.

O Magalhães de Azevedo escreveu-me propondo um modo original de termos casa para a academia que era contribuirmos Acadêmicos com uma mensalidade para o aluguel. Respondi-lhe que V. advogava de preferência o *jeton de présence*, que seguramente é menos “bourgeois” que o recibo do Tesoureiro e que nos pressupõe uma instituição de Estado.

## Nabuco a Machado

Pougues, 12 de junho de 1900.

Meu caro Machado,

Muito agradecido por suas felicitações e por seu livro<sup>19</sup> que já tinha sorvido na fonte. V. sabe que sobre mim sua pena tem o poder de um condão, e como V. me pode virar no que bem lhe parecer, recomendo-me à sua bondade. O Graça diz-me que V. daqui a uns nove dias vai remoçar em um ano.<sup>20</sup> Apesar de não chegar a tempo da festa que as Várias hão de ter anunciado aos amigos, suponha que festejei com um bom copo da Bica da Rainha, que é para nós brasileiros na Europa a bebida por que suspiramos.

Muitas lembranças afetuosas do seu muito sinceramente dedicado

*Joaquim Nabuco*

Não deixe morrer a Academia. V. hoje tem obrigação de reuni-la e tem meios para isso, ninguém resiste a um pedido seu. Será preciso que morra mais algum acadêmico para haver outra sessão? Que papel representamos nós então? Foi para isso, para morrermos, que o Lucio e V. nos convidaram? Não, meu caro, reunamo-nos (não conte por hora comigo, esperemos pelo telefone

---

19 *Dom Casmurro* – Joaquim Nabuco e Graça Aranha leram em Paris as provas deste romance por uma infidelidade do editor, que violou um dos preceitos de Machado de Assis de não revelar os seus livros, antes de impressos, mesmo aos seus íntimos.

20 Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro.

sem fios) para conjugar o agouro, é muito melhor. Trabalhemos todos vivos.

*Joaquim Nabuco*

Breve V. receberá o meu livrinho *Minha formação*. Diga os nosso amigo José Veríssimo que lhe escreverei quando lhe mandar o volume.

## Machado a Nabuco

Rio de janeiro, 7 de dezembro de 1900.

Meu caro Nabuco,

Deixe-me agradecer o exemplar de *Minha formação*, que me destinou, e chegou a salvamento. Pouco antes acabava eu de reler e apreciar o valor deste seu livro, que é melhor que memórias, posto que delas tenha parte. Nem ele podia ser escrito sem recordações da própria vida, e da vida pública. Assim que, contou V. a história do seu espírito, metendo na narração o interesse do leitor.

Na carta ao Graça Aranha digo alguma coisa a tal respeito. Parte dela é para ambos, e para o Oliveira Lima, nosso confrade da Academia, e diria que também para o Eduardo Prado, se não houvesse lido algures que ele embarcou para cá, – ou foi o Arinos que me disse. O Oliveira Lima escreveu-me que Vocês têm ai um chá das cinco horas, em que recordam os nossos. Aqui é que acabou toda a reunião; raro nos vemos.

A morte do nosso Gusmão Lobo causou grande consternação. Valha ao menos que se lembraram dele! Vivi anos com esse talento privilegiado, forrado de um bom coração, capaz de aturar trabalhos longos. Serviu a homens e ao seu partido, como poucos, e figura entre os principais *leaders* da abolição. Não pude ir ao enterro, mas vou à missa, daqui a poucos dias, e lá verei os restantes heróis, não todos, porque a vida levou alguns para a Europa, a morte a outros para a sepultura.

Adeus, até breve. Não se esqueça do seu admirador e  
Velho amigo

*Machado de Assis*



## Nabuco a Machado

52, Cornwall Gardens,  
Queen's Gate. S. W.  
28 de janeiro de 1901.

Meu caro Machado,

Muito agradeço sua lembrança de ano-bom e bom século e retribuo suas cordiais felicitações. Deus o conserve longos anos para termos alguém de quem justamente nos desvanecemos. Sem V. sentir-se-ia aí por muito tempo nas letras o que os ingleses sentem hoje sem a figura familiar da Rainha,<sup>21</sup> uma impressão de mau despertar e mal-acordado. Mando-lhe dos jornais ilustrados do dia o que me parece melhor.

Dê-me notícias da nossa Academia. Felicito-o por ter conseguido a casa. V. lembra-se da minha proposta que as 40 cadeiras tivessem insculpido o nome dos primeiros acadêmicos, que foram todos póstumos. Os Chins enobreceram os antepassados, nós fizemos mais porque os criamos, ainda que nisto não fôssemos mais longe do que os nossos nobres de ocasião muitas vezes tem ido.

O Lúcio deve estar muito satisfeito com a instalação da sua "Companhia". Dê-lhe muitas lembranças minhas.

Meus respeitos à sua Senhora, também minha Senhora, e creia-me seu muito dedicado, como imemorialmente sou,

*Joaquim Nabuco*

---

21 Morrerá a Rainha Vitória a 23 de janeiro de 1901. Nabuco foi o último representante diplomático cujas credenciais a velha soberana recebeu no Castelo de Windsor em 13 de dezembro de 1900.

## Nabuco a Machado

Londres, 12 de novembro de 1901.

Meu caro Machado,

Uma palavra somente para não me deixar esquecer. V. não precisa dessas precauções. Estou muito contente de o ter agora todo em um volume, quero dizer, o poeta.<sup>22</sup> Quanta coisa há, esculpida e cinzelada, nessas páginas, que recorda as minhas primeiras admirações e entusiasmos por V! Obrigado pela preciosa oferta. *Ad perpetuitatem*.

Como vai a nossa Academia? Eu realmente penso que aos ausentes devia ser dado o direito de voto. Era mais honroso para os eleitos reunir o maior número possível de votos. V.V. estatuiriam o modo de enviarmos a nossa chapa, ou de poder alguém da Academia votar pelos ausentes. Não haveria perigo de ata falsa nem de *fósforos*. O procurador, ao votar, por exemplo, por mim declararia que eu lhe escrevera (mostrando o documento) para votar por mim nessa eleição no candidato F. Talvez o voto dos ausentes devesse ser aberto e declarado. Quem são os candidatos às duas cadeiras?

V. pode avaliar o meu sentimento pela morte do Rodolfo e do Eduardo.<sup>23</sup> O que V. escreveu sobre este foi tão justo e tão seu!<sup>24</sup> Ainda não lhe agradei sua referência a mim por ocasião

---

22 *Poesias*.

23 Rodolfo Dantas e Eduardo Prado morreram nesse mesmo ano. Aquele em Paris a 12 de setembro e Eduardo Prado em S. Paulo a 30 de agosto.

24 Machado de Assis recolheu o seu juízo crítico sobre Eduardo Prado à *Relíquias da Cada Velha*, p. 147

da cerimônia em memória do Gonçalves Dias.<sup>25</sup> Que bela festa!  
Adeus meu caro Machado. Já me está custando estar tão longe.  
Seu sempre

*Joaquim Nabuco*

- 
- 25 Por ocasião da instalação da herma de Gonçalves Dias no Passeio Público, no dia 2 de Junho de 1901, a Academia Brasileira realizou uma sessão solene em que Olavo Bilac fez o elogio de Gonçalves Dias, seu patrono na Academia. São estas as palavras de Machado de Assis, presidente, e as de Medeiros e Albuquerque, secretário-geral interino, que se refere a Joaquim Nabuco: Machado de Assis: – “Quando em 1897 celebramos a nossa primeira sessão inaugural, Joaquim Nabuco, entre outras belas coisas, disse esta: ‘Se a Academia florescer, os críticos deste fim de século terão razão em ver nisso milagre.’ Não sei o que pensaram os críticos daquele fim de século, mas os do princípio deste podem já ver alguma coisa menos comum. A Academia vive. Os poderes públicos, por uma lei votada e sancionada com tanta simpatia, concederam-lhe favores especiais. Cumpre-nos agradecer-lhes cordialmente. Se o não fazemos em casa nossa, é só porque a escolha de um próprio nacional ainda se não fixou, mas a Academia tem por si a lei e a boa vontade. Oportunamente estará aposentada de vez, e poderá então dispensar a magnífica hospedagem, que lhe dá agora o Gabinete Português de Leitura.” Medeiros e Albuquerque: – “A substituição interina do nosso ilustre secretário-geral põe-me na contingência de ocupar a atenção desta assembleia lendo o relatório do movimento da Academia. Nunca a substituição me foi mais penosa. Não porque me doa o amor-próprio ferido, sentindo que todos hão de estar a evocar a bela figura eloquente de Joaquim Nabuco e a fazer uma comparação, que só pode ser esmagadora. O amor-próprio desaparece neste momento. O que há apenas é, ao contrário, que eu reclamo para mim ser nesta assembleia quem mais sente a desproporção ente o substituído e o substituto, e, por um desdobramento cerebral, enquanto profiro estas palavras mal-alinhadas, lembro o que seria aqui a voz eloquente do dominador das multidões, que tanto soube outrora arrastar um povo inteiro à conquista da redenção para uma raça oprimida, como saberia hoje tornar-se persuasiva e harmoniosa para nos falar da arte e do belo.”



## Nabuco a Machado

Londres, 19 de novembro de 1901.

Meu caro Machado,

Agora mesmo dizia eu: “Feliz o homem que pode escrever aos seus amigos uma carta por estação.” A da primavera V. já teve e a do verão, agora vão numa a do outono e a do inverno.

Há dias lembrei-me muito, com que saudade! dos jantares da *Revista*.<sup>26</sup> Pobre Taunay! Foi no banquete do Lord Mayor ao qual assistem 900... talheres. Naquela multidão desconhecida, asfixiante, em que me sentia perdido, o que não teria eu dado trocar tudo aquilo, Guildhall, Lord Salisbury, *loving cup*, *loyal*, *toasts* pelas nossas festas do Hotel dos Estrangeiros!

---

<sup>26</sup> Machado de Assis celebrou esses jantares em suas crônicas da *Gazeta de Notícias*. Do primeiro escreve a 17 de maio de 1896:

“Era no bairro Carceler, às sete horas da noite. Chego ao hotel do Globo. Subo ao segundo andar, onde acho já alguns homens. São convivas do primeiro jantar mensal da *Revista Brasileira*. O principal de todos, José Veríssimo, chefe da *Revista* e do Ginásio Nacional, recebe-me, como a todos, com aquela afabilidade natural que os seus amigos nunca viram desmentida um só minuto. Os demais convivas chegam um a um, a literatura, a política, a medicina, a jurisprudência, a armada, a administração... Sabe-se já que alguns não podem vir mas virão depois, nos outros meses.

Ao fim de poucos instantes, sentado à mesa, lembrou-me Platão; vi que o nosso chefe tratava não menos de criar também uma república, mas com fundamentos práticos e reais. O Carceler podia ser comparado, por uma hora, ao Pireu. Em vez das exposições, definições e demonstrações do filósofo, víamos que os partidos podiam comer juntos, falar, pensar e rir, sem atritos com iguais sentimentos de justiça. Homens vindos de todos os lados – desde o que mantém nos seus escritos a confissão monárquica, até o que apostolou, em pleno império, o advento republicano – estavam ali plácidos e concordes, como se nada os separasse.

Uma surpresa agradava os convivas, lembrança do anfitrião. O cardápio (como se diz em língua bárbara) vinha encabeçado por duas epígrafes, nunca escritas pelos autores, mas tão ajustadas ao modo de dizer e sentir, que eles a



Não me creia alegre pelo estilo desta carta. Pelo contrário, meu caro amigo, V. que conhece o pessimista sem levantar-lhe a máscara, terá reconhecido a saudade nostálgica, o “mal” do Brasil.

Como vai a nossa Academia? O Arinos escrever-me que é candidato e que os ausentes votam<sup>27</sup>. Desde quando? Como? Quem são os *seus* candidatos?

Muitas lembranças a todos que em nossas letras se acolhem do seu lado e professam o lema: “*Um só rebanho, um só pastor*”.

Do seu muito dedicado

*Joaquim Nabuco*

---

incluíram nos seus livros. Não é dizer pouco, em relação à primeira, que atribuo a Renan esta palavra: ‘Celebrando a Páscoa, disse o encantador profeta da Galileia: tolerai-vos uns aos outros; é o melhor caminho para chegardes a amar-vos...’

E todos se toleravam uns aos outros. Não se falou de política, a não ser alguma palavra dobre a fundação dos Estados, mas curta e leve. Também se não falou de mulheres. O mais do tempo foi dado a letras, às artes, à poesia, à filosofia. Comeu-se quase sem atenção. A comida era um pretexto. Assim voaram as horas, duas horas, deleitosas e breves. Uma das obrigações do jantar era não haver brindes; não os houve. Ao deixar a mesa tornei a lembrar-me de Platão, que acaba o livro proclamando a imortalidade da alma; nós acabávamos de proclamar a imortalidade da *Revista*.”

E em 16 de agosto do mesmo ano:

“Entro a devanear. Tudo porque não me deixei ir pela poesia adiante. Pois vamos a ela, e comecemos pelo quarto jantar da *Revista Brasileira*, a que não faltou poesia nem alegria. A alegria, quando tanta gente anda a temer pelas falências no fim do mês, é prova de que a *Revista* não tem entranhas ou só as tem para os seus banquetes. Ela pode responder, entretanto, que a única falência que teme deveras é a do espírito. No dia em que meia dúzia de homens não puderem trocar duas dúzias de ideias, tudo está acabado, os filisteus tomarão conta da cidade e do mundo e repetirão uns aos outros a mesma exclamação daquele de Heine: *Es ist heute eine schöne Witterung!* Mas em quanto o espírito não falir, a *Revista* comerá os seus jantares mensais até que venha o centésimo, que será de estrondo. Se eu me não achar entre os convivas, é que estarei morto; peço desde já aos sobrevivente que bebam à minha saúde.”

27 Vaga de Eduardo Prado, cujo patrono era o Visconde do Rio Branco.

Vai esta com outra que eu lhe escrevera há dias, mas que supunha extraviada e que achei depois desta escrita. É um Ante-Post-Scripto. Espécie rara, raríssima.

## Nabuco a Machado

Brazilian Legation

London

Dez. 6, 1901.

Meu caro Machado,

Aí vai o meu voto. Dou-o ao Afonso Arinos por diversos motivos, sendo um deles ser a vaga do Eduardo Prado. Para a cadeira do Francisco de Castro eu votaria com prazer no Assis Brasil.<sup>28</sup> Porque não reuniram as eleições num só dia? V. sabe que eu penso dever a Academia ter uma esfera mais lata do que a literatura exclusivamente literária para ter maior influência. Nós precisamos de um número de *grands Seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo porque isso populariza as letras.

V. agora está meu devedor de muitas cartas. Eu lhe perdoou, porém, a dívida. Escreva-me por todo os motivos, sabe o prazer que me dá sua letra, mas não para responder. A resposta em cartas com diferença de meses é absurda. As cartas não devem viver tanto tempo assim.

Saudades a todos e creia-me sempre

Seu velho amigo e velhíssimo admirador,

*Joaquim Nabuco*

---

<sup>28</sup> Na realidade, Afonso Arinos foi o substituto de Eduardo Prado, seu diretor no órgão monarquista *Comércio de S. Paulo* e a quem estava ligado pelo parentesco. Francisco Castro foi substituído por Martins Júnior.

## Machado a Nabuco

Rio, 5 de janeiro de 1902.

Meu querido Nabuco,

Vá esta, antes que V. deixe Londres, e primeiro que tudo deixe-me felicitá-lo mais por esta prova de confiança que recebe, assim, do governo como do Brasil.<sup>29</sup> A confiança explica-se pela necessidade de vencer; a espada devia ir a quem já mostrou saber brandi-la, e ainda uma vez o nome brasileiro repercutirá no exterior com honra.

Agora a felicitação pelo ano de 1902, que oxalá lhe seja feliz e próspero, como a todos os seus.

E por último felicitações pela vitória de Afonso Arinos. Recebi o seu voto na véspera da eleição, como o do Graça, e ambos figuram na maioria dos 21 com que o candidato venceu. O Assis Brasil também era candidato, mas na hora da eleição o Lúcio de Mendonça retirou a candidatura, em nome dele, e daí algum debate, de que resultou ficar assentado por lei regimental que as candidaturas só possam ser retiradas por carta do autor até certo prazo antes da eleição. Note que todos ficamos com pesar da retirada. Como V. lembra, era melhor que as duas eleições se fizessem no mesmo dia. Creio que assim a eleição do Assis Brasil seria certa. O Martins Júnior teve 2 votos, e parece que se apresenta outra vez. Também ouvi anteontem ao Valentim Magalhães que o Assis Brasil pode ser que se apresente de novo.

---

<sup>29</sup> Nabuco foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Missão Especial junto ao Rei da Itália, escolhido como árbitro para a questão de limites entre o Brasil e a Guiana Inglesa, em 30 de janeiro de 1902.



Agora mesmo estive relendo o seu discurso de entrada no Instituto, como tenho relido o mais do volume dos *Escritos e Discutidos Literários* que V. me enviou, e naturalmente saboreando as suas belas páginas, ideias e estilo, e recordando os assuntos que passaram pela nossa vida ou pelo nosso tempo. Então vi que V. bem poderia responder ao Arinos, que entrou para a Academia, como homem de letras; ambos diriam do Eduardo Prado o que ele foi, com a elevação precisa e o conhecimento exato da pessoa.<sup>30</sup>

Adeus, Meu caro Nabuco. A missão nova a que V. vai não lhe dará mais tempo do que ora tem para escrever aos amigos, mas V. sabe que um bilhete, duas linhas bastam para lembrar que tal coração guarda a memória de quem ficou longe, e faz bater ao compasso da afeição antiga e dos dias passados. O passado (se o não li algures, faça de conta que a minha experiência o diz agora) o passado é ainda a melhor parte do presente – na minha idade, entenda-se. Eu ainda guardo da sua primeira viagem a Roma algumas relíquias que V. me deu aqui –; um pedaço dos muros primitivos da cidade, outro dos Rostros, outro das Termas de Caracala. Agora basta que eu ouça cá longe o eco das suas vitórias diplomáticas, e V. dos nossos aplausos e saudações. Adeus, meu caro Nabuco. Apesar da diferença da idade, nós somos de um tempo em que trocávamos as nossas impressões literárias e políticas, admirei seu pai, e fui íntimo de nosso Sizenando, a quem V. acaba de oferecer tão piedosamente o seu livro.

Abrace de longe o  
Ador. e amigo

*Machado de Assis*

---

30 Afonso Arinos foi recebido por Olavo Bilac.

## Nabuco a Machado

Londres, 26 de janeiro de 1902.

Meu caro Machado,

Acabo de receber sua dulcíssima carta, e como tenho agora *muito que fazer*, não posso adiar a resposta nem correr o risco de demorá-la. Assim vamos ao ponto: Estou às suas ordens para escrever a resposta ao discurso do Arinos com algumas condições, porém. A primeira é que V me dará tempo. A segunda é que o Arinos me mandará o que o Eduardo escreveu; tenho tudo isso nos meus papéis e caixões, mas fora de mão. Não preciso a coleção do *Comércio* de S. Paulo, mas os *Fastos*, a *Ilusão*, *Anchieta*, as *Viagens* (mesmo a título de empréstimo), e o que mais notável tenham publicado os jornais dele, o artigo sobre o Eça, por exemplo, conviria mandarem-me daí.

A terceira é que o discurso do Arinos me seja remetido, isso é obvio, mas que depois dele corra o meu prazo pelo menos de *três meses*. Aceitando V. e ele tudo isso, está tomado o compromisso. Para mim trabalhos desses são uma distração necessária dos meus estudos da questão.

No caso de ser o Assis Brasil candidato agora na vaga do Francisco de Castro, vote por mim nele. Esta é minha cédula. Se for preciso, corte o nome acima que vai por minha mão e meta o retalho no envelope.

Quanta saudade me faz tudo isso! Não tenho outro desejo senão acabar o mais cedo possível a minha tarefa e recolher-me à Academia. Será o meu Pritaneu.

Saudades a todos, especialmente ao grande Crítico,<sup>31</sup> e cria-  
-me sempre meu caro Machado

Seu devotíssimo

*Joaquim Nabuco*

---

31 José Veríssimo.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 24 de março 1902.

Meu caro Nabuco,

A sua carta de 26 de janeiro, aqui chegada há poucos dias, é a que se podia esperar de tão fino espírito. Entretanto, parece que o plano não será adotado. Achei amigo que, além de o não adotar, pensa que encontrarei objeção da parte dos outros, por sair das praxes acadêmicas. Em tal caso, meu caro Nabuco, resolvi não dar andamento à ideia, e dispor-me a ir a Atenas, sem ouvir Platão. Mas irei sequer a Atenas? A eleição do Arinos, que a desejava e pediu, foi brilhante, embora o Assis Brasil tivesse o apoio do Lúcio de Mendonça. Logo que a eleição se fez, escrevi um bilhete particular de felicitação ao Arinos, e o Rodrigo Octavio fez a comunicação oficial. Não recebi resposta nem o Rodrigo, e como o Arinos tinha ido às águas, podia ser desencontro. Disse ao Rodrigo que mandasse segunda via do ofício, agora que ele estava de volta a S. Paulo, mas ainda não veio resposta, e já há tempo de sobra. Não compreendo. Vou ver se o Garcia Redondo, que é da Academia, ou alguém que lá esteja próximo, me descobre a razão deste silêncio.

O Assis Brasil esteve aqui de passagem, por dois ou três dias, mas não lhe pude falar. Hei de procurar o Lucio e o Valentim, para saber se ele quer ser candidato. Cá fica o seu voto.

Adeus meu caro Nabuco. Vá desculpando esta letra de velho, não tão velho que não possa ainda aplaudir os seus bons e grandes serviços à Arte e ao País. Muitas cousas ao Graça Aranha.

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1902.

Meu caro Nabuco,

Receba os meus pêsames pela perda de sua querida e veneranda mãe. A filosofia acha razões de conformidade para estes lances da vida, mas a natureza há de sempre protestar contra a dura necessidade de perder tão caros seres. Felizmente, a digna finada viveu o tempo preciso para ver a glória do filho depois da glória do esposo. Retirou-se deste mundo farta de dias e de consolações.

Minha mulher reúne os seus aos meus pêsames.

O velho amigo

*Machado de Assis*

## Nabuco a Machado

Pau, 14 de fev. 1903.

Meu caro Machado,

Somente para agradecer-lhe e retribuir os seus felizes votos. Estou a caminho de Roma, que talvez seja estação para o Rio de Janeiro, acabado o Arbitramento.

Como vai V. e todo o seu Patriarcado? Há muito que não o leio, o que me parece indicar que V. se recolhe para alguma grande surpresa. Não sei por que tenho o pressentimento que o seu mais belo livro está ainda inédito e que o século XX está para roubar ao século XIX.

Recomende-me muito aos nossos amigos comuns e dê-me de vez em quando notícias para Roma, onde V. vai ter agora um forte destacamento.<sup>32</sup>

Meus respeitosos cumprimentos à sua Exma. Senhora e sempre seu, meu caro Machado,

Velho admirador e Amigo

*Joaquim Nabuco*

*P. S.* – Proximamente os exemplares da minha *Primeira memória* serão expedidos para o Ministério do Exterior. Irão primeiro os exemplares em francês e mais tarde os exemplares em português. Desejo que V. tenha um destes; a coleção dos documentos, cinco volumes, segue com os exemplares da *Memória*

---

<sup>32</sup> Alusão aos três amigos de Machado de Assis, que se iam reunir em Roma, Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Magalhães de Azeredo, então secretário da legação do Brasil junto à Santa Sé.

em francês, (exceto para os colecionadores, como Veríssimo e o Capistrano, eu julgo preferível ter-se somente a *Memória* em português). Além disso há um Atlas. São ao todo 8 volumes, formando, porém, duplicata por causa da tradução. Veja se o Rio Branco o inscreve na lista para a *Memória* em português, da qual lhe mandarei 200 exemplares. Diga o mesmo aos que V. sabia que estimariam ter o livro, como o Ramiz, o Veríssimo, o João Ribeiro, o Rodrigo Octavio, porque assim terão a precedência no pedido – e de outra forma poderiam ficar sem ele porque a distribuição tem que ser feita por bibliotecas, repartições oficiais, etc. Eu mesmo ainda não escrevi ao Rio Branco sobre essas remessas, de maneira que lhe dou a primeira notícia. Sei que V. gosta delas. Inscreva-se portanto para a *Memória* em português. Deixe a *memória* em francês e os documentos ser distribuídos à vontade da Chancelaria. Suponho que V. está em excelentes relações com o nosso homem. As notícias do Acre estão chegando boas, e vejo que ele além de Chanceler de fez Comandante em chefe.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 20 de abril de 1903.

Meu Caro Nabuco,

Não vai cedo a resposta à sua carta, por uma razão, é que eu queria falar primeiro ao Rio Branco, acerca inscrição de alguns nomes (entre eles o meu, a quem V. confiou a comissão), para a distribuição de exemplares da *Primeira Memória*. Falei-lhe; ele próprio me indicou também o de Sílvio Romero, dizendo-me que lhe remetesse para Petrópolis a lista dos beneficiados. Assim fiz, e por esse lado estamos prontos. Não esqueci a Academia, e se alguém aparecer mais que *deva* receber um exemplar, escreverei ao nosso Chanceler.

Está V. em Roma, donde recebi o cartão postal com a galante lembrança dos “meus três cardeais”.<sup>33</sup> Três são, para receberem a minha bênção, mas é de velho cura de aldeia, e sinto não estar lá também, pisando a terra amassada de tantos séculos de história do mundo. Eu, meu caro Nabuco, tenho ainda aquele gesto da mocidade, à qual os poetas românticos ensinaram a amar a Itália; amor platônico e remoto, já agora lembrança apenas.

Lá está V. para ganhar a vitória que todos esperamos, será mais um louro para a máscula cabeça daquele que eu vi adolescente, esperanças do venerando pai.

Voltando à *Primeira Memória*, agradeço-lhe o exemplar que aí virá brevemente. Os nosso amigos, a quem noticiei a boa-nova, ficaram igualmente agradecidos. Peço-lhe que reparta as saudades que lhe mando com os nossos amigos Graça Aranha e Magalhães Azeredo; com este passei aqui muitas horas longas, O Graça vive

---

33 O grupo fotográfico de Nabuco, Graça Aranha e Magalhães de Azeredo.



debaixo dos nosso olhos, com a edição nova da *Canaã*, em casa do Garnier. Apresente os meus respeitos a sua Exma. Senhora, e receba um abraço do

Velho amido e adr.

*Machado de Assis*

## Nabuco a Machado

Challes, 18 ag. 1903.

Meu caro Machado,

Meu voto é pelo Jaceguay, caso ele se tenha apresentado. Se o Quintino se apresentar, será do Quintino, pela razão que dou na carta inclusa quanto aos da Velha geração. Não creio que o Jaceguay se apresente contra o Quintino. Nesse caso V. explicará a este o meu compromisso; a minha ideia sobre a representação da Marinha, que mesmo a ele não deve ceder o passo; a minha animação ao Motta<sup>34</sup> dizendo-lhe que desde a fundação eu pensei que homens como ele, Lafayette, Ferreira Vianna, Ramiz Galvão, Capistrano<sup>35</sup> e os outros que V. sabe deviam ser dos que têm a honra de ser resididos por Machado de Assis. (Vejo que V. presidiu ao presidente no outro dia. Isto lhe devia ter causado prazer. O discurso do Oliveira Lima esteve excelente; o que ele disse menoscabando a diplomacia e a cozinha francesa [as duas coisas de que ele mais gosta, a terceira, V. sabe, é fazer livros], foi naturalmente para a galeria. O Salvador manteve as tradições acadêmicas, não deixando sem retribuição em boa moeda portuguesa, e manuelina, a hospitalidade portuguesa. É singular que a Academia de Letras Brasileira precise do agasalho do Gabinete Português de Leitura. Nem nisso faremos a nossa independência literária?!)

---

<sup>34</sup> Artur Silveira da Mota, Barão de Jaceguay.

<sup>35</sup> Quintino Bocaiuva, Ferreira Vianna, Capistrano de Abreu, Ferreira Araujo, José Carlos Rodrigues, lembrados, sempre se recusaram a fazer parte da Academia. Lafayette foi o substituto de Machado de Assis. Ramiz Galvão apresentou-se à vaga do Barão do Rio Branco, tendo sido eleito Lauro Müller, também sucessor deste no Ministério das Relações Exteriores.

No caso de não haver candidatura Jaceguay, à qual eu diria o meu voto no Conclave, quando mesmo ele quisesse ter esse voto único (único parece não seria pelo que me disse Graça Aranha), nem candidatura Quintino... (Quintino, V. sabe, esteve sempre associado para mim com V.; eram, segundo me lembro, o Castor e Pólux dos meus quatorze anos, por volta de 1863, e o brilho do talento dele foi muito grande. Como todas as que se desindividualizam, ou despessoalizam, para se tornarem coisa pública, propriedade das massas, matéria demagógica, podemos dizer, o diamante nele desapareceu no cascalho, e desde a República ainda não lhe li uma página, nem sequer uma frase, que me lembrasse o antigo escritor. Mas ainda assim, pelo seu passado, ele tem direito; à nossa homenagem, e não há dúvida de que mesmo hoje lhe bastaria (sei que isto lhe é impossível, mas só isto) sacudir os andrajos políticos para mostrar o velho paladino intemerato, com aquele gládio arcanjelesco, tão nosso conhecido, Ou estarei eu enganado? O Salvador pareceu-me sem sopro, ainda que sempre epigramático, o que é sinal de vitalidade e poder criador em literatura, 1º V., que é mestre no epigrama, sabe que enquanto os pode compor, o escritor não decaiu, 2º ainda que não se sinta o mesmo ilimitadamente. Isto seria uma tolice aplicada a V. mesmo, não me creia, eu mesmo, tão decaído que tivesse podido unir mentalmente os dois membros da frase, que agora vou numerar e separar com tinta encarnada. V. sabe disso, mas não por si, que, Deus louvado, é ainda ilimitadamente a nossa glória, e o nosso mestre. Explico-me somente por que sei que V. é desconfiado e modesto.

No caso de não haver candidatura Quintino, nem Jaceguay, o meu voto será pelo Euclides da Cunha, a quem peço que então V. faça chegar a carta inclusa. Se o Jaceguay nos frequenta ainda, mostre-lhe o que digo dele nessa carta ao Euclides.

Estou muito cansado. Desta vez em 6 meses darei 6 vol. para juntar aos 8 da primeira *Memória*. Fico assim em 14. Em dezembro darei mais, 2, 16. É um *record*, uma biblioteca de *infolio* em um ano. A memória já está aí na Secretaria. Os meus Amigos e os que se interessam pelo assunto devem recorrer ao Rio Branco.

Muitas saudades a todos sob o seu anel, meu caro Machado, e creia-me sempre seu muito dedicado

*Joaquim Nabuco*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 7 de out. de 1903.

Meu caro Nabuco,

Demorei uns dias esta resposta para que fosse completa, isto é, contendo a cousa acerca da sua Memória. Há tempo falei com Rio Branco, e não há muitos dias ao Domício; ultimamente fui à Secretaria do Exterior, onde soube pelo Pessegueiro que se estava completando um trabalho, depois do qual se fariam as remessas ou entregas. O meu nome está na lista dos contemplados. Não sendo já esta semana, prefiro escrever-lhe uma carta de agradecimento a esperar.

Também agradeço o último retrato de Leão VII, com a curva da idade e os versos latinos. Outrossim, o cartão-postal com os selo de sede vacante. Não tenho coleção de selos, mas este vale por uma e cá fica. Mandar lembradas a um velho é consolá-lo dos tempos que não querem ficar também.

Do que V. me diz naquele, já há de saber que nada se fez. O prazo findara. Já deve saber que o Euclides da Cunha foi escolhido, tendo o seu voto, que comuniquei à assembleia. Não se tendo apresentado o Jaceguay nem o Quintino, o seu voto recaiu, como me disse, no Euclides. Mande a este a carta que V. lhe escreveu. A eleição foi objeto de grande curiosidade, não só dos acadêmicos, mas de escritores e ainda do público, a julgar pelas conversações que tive com algumas pessoas. Mostrei ao Jaceguay a parte que lhe concernia na sua carta. Espero que ele se apresente em outra vaga, não que me dissesse, mas pela simpatia que sabe inspirar a nós todos, e terá aumentado com a intervenção que V. francamente tomou.

A recepção do Euclides não se fará ainda este ano. Já há dois eleitos, que estão por tomar posse, o Augusto de Lima,<sup>36</sup> de Minas Gerais, e o Martins Júnior, de Pernambuco. Não é esta a razão; as entradas se farão à medida que estiverem prontos os discursos, e é possível que o Euclides se prepare desde já. Responder-lhe-á o Afonso Arinos.<sup>37</sup> A recepção deste foi muito brilhante; respondeu-lhe o Olavo Bilac.

A Academia parece que enfim vai ter casa. Não sei se V. se lembra do edifício começado a construir no Largo da Lapa, ao pé do mar e do Passeio. Era para a Maternidade. Como, porém, fosse resolvido adquirir nas Laranjeiras, onde há pouco aquele instituto foi inaugurado, a primeira obra ficou parada e sem destino. O governo resolveu concluí-lo e meter nele algumas instituições. Falei sobre isso, há tempos, com o Ministro do Interior, que me não respondeu definitivamente acerca da Academia; mas há duas semanas soube que a nossa Academia também seria alojada, e ontem fui procurado pelo engenheiro daquele Ministério. Soube por este que a nossa, a Academia de Medicina, o Instituto Histórico e dos Advogados ficarão ali. Fui com ele ver o edifício e a ala que se nos destina, e onde há lugar para as sessões ordinárias e biblioteca. Haverá um salão para as sessões de recepção e comum às outras associações para as suas sessões solenes.

Seguramente era melhor dispor a Academia Brasileira de um só prédio, mas não é possível agora, e mais vale aceitar com prazer o que se nos oferece e parece bom. Outra geração fará melhor.<sup>38</sup>

Interrompo-me aqui para não demorar mais a resposta, ainda que vá completa do que há, mas a matéria com V. é sempre

---

36 Augusto Lima substituiu Urbano Duarte.

37 Euclides da Cunha foi recebido por Sílvio Romero.

38 Vinte anos depois a Academia Brasileira foi instalada definitivamente, em prédio próprio, pela mão da França.

renascente. Demais, o prazer que traz a certeza de que me lê um amigo dá vontade de continuar. Vá desde já o abraço do costume, enquanto o permitem estes velhos ossos do

Velho am.º e gr. ad.

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 28 de junho de 1904.

Meu caro Nabuco,

Já, com amigos comuns, lhe mandei os meus cumprimentos; o mesmo com a nossa Academia. Agora pessoalmente vão estas poucas linhas levar-lhe o cordial abraço do amigo, do patrício e do admirador.

Aqui esperávamos, desde muito, a solução do árbitro.<sup>39</sup> Conhecíamos a capacidade e a força do nosso advogado, a sua tenacidade e grande cultura, o amor certo e provado a este país. Tudo isso foi agora empregado, e o trabalho que vale por si, como a glória de o haver feito e perfeito, não perdeu nem perde uma linha do que lhe custou e nos enobrece a todos. Esta foi a manifestação da imprensa e dos homens, políticos e outros.

Quisera dizer-lhe de viva voz estas palavras, mas creio que não voltará cá por ora, seguindo daí para Londres, e pela minha parte não irei lá. Já não é tempo para os meus anos compridos, natural fadiga, além de outras razões que impedem este passo que considero de gigante. Mas, ainda que de longe, terei o gosto de vê-lo continuar a honrar esse nome, duas vezes seu, pelo pai que tanto fulgiu outrora, e por si. Você escreveu a vida de um, alguém escreverá um dia a do outro, e nela entrará o nobre capítulo que acaba de fechar.

---

<sup>39</sup> A Sentença sobre os limites do Brasil com a Guiana Inglesa foi pronunciada pelo Rei da Itália, a 14 de junho de 1904. Na impossibilidade de resolver o direito das duas Nações, o árbitro, exorbitando das suas atribuições, dividiu ente elas o território. O governo brasileiro havia recusado proposta mais vantajosa da Inglaterra.



Agradeço-lhe as lembranças últimas que tem tido de mim, especialmente a derradeira, mandada das ruínas do teatro grego<sup>40</sup> e de uma de suas visitas. Assim me deu, com lembrança de amigo, o aspecto de cousas que levantam o espírito, cá de longe, e fazem gemer duas vezes pela distância no tempo e no espaço.

A nossa Academia Brasileira tem já o seu aspecto, como deve saber. Não é separado, como quiséramos; faz parte de um grande edifício, dado a diversos institutos. Um destes a Academia de Medicina, já tomou posse da parte que lhe cabe, e fez a sua inauguração em sala que deve ser comum às sessões solenes. Não recebi ainda oficialmente a nossa parte, espero-a por dias.

Adeus, meu caro Nabuco. Aceite ainda uma vez a afirmação do particular afeto do

Velho amigo

*Machado de Assis*

---

40 Ruínas de Taormina, na Sicília.

## Nabuco a Machado

Londres, 8 de outubro 1904.

Meu caro Machado,

Há tempos recebi a sua boa carta sobre a Sentença, carta verdadeiramente primorosa e uma das que mais vezes hei de reler, quando tiver tempo para voltar ao passado e viver a vida das recordações. Por enquanto sou um escravo da atualidade que passa, e cada dia a tarefa que ele me dá prece calculada para me impedir de olhar para os lados, para o passado e para o futuro. Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolência a do seu espírito, eu ia dizendo que beatitude! V. pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem, V. não é somente um homem feliz, vive na beatitude, como convém a um Papa, e Papa de uma épocas de fé, como a que hoje aí se tem na Academia. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz.

A propósito de Papa vou contar-lhe um sonho que tive há tempos. Via-me em Roma, no Vaticano, e quando me aproximei do trono estava nele uma Mulher, com rosto de Madona, cercada dos Cardeais em toda pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar à Papisa, perguntei-lhe como devia chamar, e ela respondeu-me: “Chame-me Vossa Dor”. Vossa Dor! Não seria uma tratamento mais sugestivo para a encarnação da Igreja do que Vossa Santidade, ou Vossa Beatitude? Para a encarnação viva de qualquer ideal? Não é da Igreja a mais bela das imagens sobre o nosso mundo: “Este vale de lágrimas?” Confesso-lhe que, acordando, nunca me teria ocorrido semelhante resposta: “Chame-me Vossa Dor”.

Quer eu deva também chamá-lo Vossa Beatitude ou Vossa Dor, aceite, meu caro amigo, meus sinceros agradecimentos pelas

bondades largamente derramadas em sua carta. Não estou certo de que não teríamos perdido tudo sem o esforço que fiz para coligir e deduzir a nossa prova, e por isso me vou desvanecendo de ter reivindicado a melhor parte para nós da divisão feita pelo Árbitro. Não foi uma partida vencida, foi uma partida empatada, e isto, quando o outro jogador era a Inglaterra, é por certo meia vitória. V. um dia ouvirá mais sobre este assunto.

E a nova eleição? Não falo da eleição do futuro presidente, da qual parece já se estar tratando aí, mas da eleição do novo Acadêmico. O Bandeira escreveu-me e eu teria prazer de dar-lhe meu voto, mas o meu voto é seu, V. aí é quem vota por mim. Eu pensei que o Jaceguay desta vez se apresentaria. Ele, porém, achou mais fácil passar Humaitá do que as baterias encobertas do nosso reduto. Quais são essas baterias? A do Garnier lhe daria uma salva de... quantos tiros? Onde estão as outras? Eu nada sei, mas se ele for candidato, meu voto é dele, pela razão que fui eu quem lhe sugeri o ano passado a ideia. V. terá uma carta minha dizendo que ele não se apresentaria contra o Quintino. Não sei por que o Quintino não foi membro fundador. E seguramente estranhei a anomalia na *Revista*, anomalia tanto maior quanto o nosso criador era grande entusiasta do Quintino. Agora a entrada do Quintino não tem mais razão de ser, porque pareceria que ele adquiriu título depois da fundação, quando o tinha antes de quase todos os fundadores. A exclusão dele é pois um fato consumado, como seria a do Ferreira de Araujo, se vivesse, como é a do Ramiz, a do Capistrano, que não quiseram. Se o Quintino não recusou, supõe-se que recusou, fica assentado que recusou. Podemos declará-lo; não podemos confessar que o esquecemos, Se entretanto, ele se apresentar, julgo melhor esperar outra vaga para a combinação e eleger dois ao mesmo tempo. Eu acho bom dilatar sempre o prazo das eleições, porque no intervalo ou morre algum dos candidatos mais difíceis de preterir, ou há outra vaga. A minha teoria já lhe

disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do país. A Academia formou-se de homens na maior parte novos, é preciso agora graduar o acesso. Os novos podem esperar, ganham em esperar, entrarão depois por aclamação, em vez de entrarem agora por simpatias pessoais ou por serem de alguma *coterie*. A Marinha não está representada no nosso grêmio, nem o Exército, nem o Clero, nem as Artes, é preciso introduzir as notabilidades dessa vocações que também cultivem as letras. E as grandes individualidades também. Assim o J. C. Rodrigues, o redator do *Novo mundo*, o chefe do *Jornal do Comércio*, que nesses momento está colecionando uma grande livraria relativa ao Brasil, e o nosso Carvalho Monteiro, de Lisboa? A este, o Mecenas, V. poderia das o voto de Horácio. É verdade que V. é Horácio, mas que ele nada lhe deu, ainda assim V. consagrava o tipo de Mecenas. Etc., etc., etc. Com o Jaceguay entrava a glória para a Academia. É verdade que ele nenhuma afinidade tinha com Martins Jénior, mas a cadeira ainda está vaga – é a cadeira de Taunay, e patrono Octaviano, e desses dois o Jaceguay seria o substituto indicado por eles mesmos.

Nas minhas cartas V. achará o compromisso que tomei para a eleição do Assis Brasil. Não sei se este será candidato. Não o será sem o seu concurso, V. então decida por mim sem prejuízo do Jaceguay. Em uma palavra, V. é o guarda da minha consciência literária, ausente do prélio como me acho.

V. compreenderá agora por que tardei tanto em responder-lhe, era-me preciso escrever uma nova *Memória*, e tenho horror hoje às *Memórias*. Estou nos últimos dias do Graça Aranha conosco. Por maior que seja o vazio que ele vai deixar, não quisera prolongar a ansiedade de Vocês todos aí depois de uma separação de mais de cinco anos. Vai haver lágrimas de alegria aí; eu estou cá e lá. Trouxe-o desconhecido do país, restituo-o glorioso,<sup>41</sup> esperando

---

41 *Canaã* fora publicado em 1902.

que todos terão o mesmo orgulho dele aí o que eu tenho, a mesma certeza que dora em diante ele é que mais pode fazer pelo brilho e nome das nossa letras. Ele o apresentará a um grande amigo que eu novamente tenho aí, o Ministro Russo, Conde Prozor, tradutor de Ibsen. A Condessa Prozor é também uma intelectual de primeira ordem.

Adeus, meu caro Amigo, muitas saudades a todos, da nossa pequena roda e um afetuosíssimo abraço do todo seu

*Joaquim Nabuco*

## Nabuco a Machado

Londres, 17 de novembro de 1904.

Meu caro Machado,

Que lhe dei de dizer? Morrer antes de V. foi um ato de misericórdia que a Providência dispensou a Dona Carolina. A viúva sofre sempre mais, às vezes tragicamente. No seu caso a imaginação, o interesse intelectual, o trabalho é um ambiente que permite em parte à dor a evaporação excessiva. A solução do dilema inevitável foi a melhor para ambos: coube a V. o sofrimento, V. compreenderá que o vácuo do coração precisa ser compensado pelo movimento e pela agitação do seu espírito. Será este o seu conforto e maior dívida da nossa língua para com o túmulo a cuja sombra V. vai se acolher.

Quanto sinto, meu caro Amigo, não estar ao seu lado; está, porém, o Graça. Coitado! Que triste volta a dele: o seu luto e a moléstia do Veríssimo. Fico ansioso por notícias deste. O telégrafo anuncia-nos também mortes e ferimentos no Rio de Janeiro. Eu que julgava passada para a República a crise das convulsões!

Adeus, meu caro Machado

creia-me sempre muito sinceramente seu

*Joaquim Nabuco*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 20 de nov. 1904.

Meu caro Nabuco,

Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça,<sup>42</sup> e Você expressou logo a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradei<sup>43</sup> é a mesma que ora mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte de minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casado tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro porque não acharia ninguém

---

42 Carolina Machado de Assis falecera a 20 de outubro de 1904. Machado de Assis exprimiu a sua grande dor no celebrado soneto:

“Querida, ao pé do leito derradeiro,  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.  
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que a despeito de toda a humana lida  
Fez a nossa existência apetejada  
E num recanto pôs o mundo inteiro.  
Trago-te flores, restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa separados.  
Que eu se tenho nos olhos mal ferido  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos..”

43 “Obrigado”.

que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.

Não posso, meu caro amigo, responder-lhe agora sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e Você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta, que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho

*Machado de Assis*



## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1904.

Meu caro Nabuco,

Quando ia responder à sua carta de 8 de outubro, aqui chegada depois da morte da minha querida Carolina, trouxe-me o correio outra de 17 de Novembro, a respeito da catástrofe. A nova carta veio com palavras de animação, quais poderiam ser ditas por V., tão altas, cabais e verdadeiras. Há só um ponto, meu grande amigo; é que as lê e relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo. Farei o que puder para obedecer ao preceito da amizade e da bondade. Ainda uma vez, obrigado!

Indo à carta anterior, dir-lhe-ei que a inscrição para a Academia terminou a 30 de novembro, e os candidatos são o Osório Duque-Estrada, o Vicente de Carvalho e o Souza Bandeira.<sup>44</sup> A candidatura do Jaceguay não apareceu; tive mesmo ocasião de ouvir a este que se não apresentaria. Quanto ao Quintino, não falou a ninguém. A sua teoria das superioridades é boa; os nomes citados são dignos, eles é que parecem recuar. Estou de acordo com o que V. me escreve acerca de Assis Brasil, mas também este não se apresentou. A eleição, entre os inscritos, tem de ser feita na primeira quinzena de fevereiro. Estou pronto a servir a V., como guarda da consciência literária, por mais bisonho que possa ser. Há tempo para receber as suas ordens e a sua cédula.

Adeus, meu caro amigo. Tenho estado com o nosso Graça Aranha, que trata de estabelecer casa em Petrópolis, onde vai trabalhar oficial e literariamente; ouvi falar em outro livro, que, para

---

44 Foi eleito Souza Bandeira para a vaga de Martins Júnior.

ser belo, não precisa mais que a filiação de *Canaã*. O Veríssimo está há muito restaurado. Eu, se reviver do grande golpe, não o deverei menos a V. e às suas belas palavras, para o único fim de resistir; não é que a vida em si me valha muito. Revele-me a insistência, e receba um abraço amantíssimo do

Amº. velho

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1904.

Meu caro Nabuco,

Não de admire se esta carta repetir alguma resposta já dada, tal é a confusão do meu espírito depois da desgraça que me abateu. Fiquei de lhe responder especialmente sobre a eleição da Academia; é o que vou fazer. Se já o fiz, não se perde nada.

Os candidatos são apenas três, o Osório Duque-Estrada, o Vicente de Carvalho e o João Bandeira. Não se apresentou o Jaceguay; perguntei-lhe dentro do prazo o que cuidava fazer, disse-me que não se apresentaria. Os outros nomes citados por V. merecem as reflexões que os acompanham, e tenho que o seu plano no modo de ir recompondo o pessoal acadêmico é acertado. Mas é preciso que as candidaturas venham de si mesmas,<sup>45</sup> em vez de se deixarem quietas, como estão. Desta vez, com a casa nova e a quantia votada no orçamento para a mobília (pende ainda do senado o orçamento), sempre cuidei que os candidatos seriam mais numerosos. Parece-me que alguns não suportam a ideia da não eleição, como se fosse um desaire. V. sabe que não há desaire; a escolha de um nome pode ser explicada por circunstâncias, além do valor pessoal do candidato. O preterido não perde nada; ao

---

<sup>45</sup> Alguns escritores ou homens intelectuais eminentes deixaram de apresentar-se à Academia por timidez ou orgulho. Foi sugerida a ideia da apresentação ser feita por qualquer membro da Academia, dispensada assim a “carta” do candidato. Machado de Assis sempre se opôs a esta modificação dos usos acadêmicos, porque não confiava na calma de espírito dos derrotados, “que – dizia ele – viriam pelos jornais ridicularizando a Academia e gritando que jamais foram candidatos e terem sido vítimas de amigos indiscretos. A ‘carta’ é um documento indispensável do ato da vontade do candidato, e a homenagem necessária à Academia”.

contrário, fica uma espécie de dúvida por parte de Academia, que não fará parar à porta esquecido quem já tiver direito de ocupar cá dentro uma cadeira.

Há tempo para vir o seu voto, e estou pronto a recebê-lo. Se quiser que eu escreva a cédula, posso ser seu secretário. Basta indicar o nome. Já lhe citei os três, Bandeira, Osório e Vicente de Carvalho. Pelo que me disse na carta de 8 de outubro, o Bandeira escreveu-lhe, e teria o prazer em adotá-lo, se não fosse as razões, que aliás desapareceram. Aqui estou para tudo o que V. mandar; aproveite enquanto há algumas forças restantes; não tardará muito que elas se vão e fique só um triste esqueleto de vontade.

Ontem à noite estiveram aqui em casa o nosso Graça e sua Senhora, falamos de V., de literatura e de viagens. Sobem daqui a dois dias para Petrópolis, onde o Graça vai funcionar na comissão do Acre. O Veríssimo está restabelecido.

Quero pedir-lhe uma coisa, se é possível, – mandar-me alguma das suas fotografias últimas.

Não vi ainda o Conde Prozor, ministro da Rússia, de que falamos ontem com referência à carta de 8 de outubro. Se tivéssemos agora recepção na Academia, eu quisera obter do Conde a fineza de vir a ela com a Condessa, mas o Euclides da Cunha, que devia tomar posse, fê-lo por carta ao Secretário, e embarca amanhã para o alto Purus, onde vai ocupar um lugar de chefe de comissão.

Adeus, meu caro Nabuco, continue a não esquecer e dispor do  
Velho am.º affectmo.

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1905.

Meu caro Embaixador,

Deixe-me dar-lhe o título que já corre impresso.<sup>46</sup> O *Jornal do Comércio* foi o primeiro que publicou a notícia com a discrição e segurança do costume. Hoje leio que o ministro americano Thompson já está nomeado desde ontem.

Não é preciso dizer-lhe o efeito que a notícia produziu aqui. Todos aplaudiram, e os seus amigos juntamos ao aplauso geral aquele sentimento particular que V. ganhou e possui em nossos corações. Começa V. a história desta nova fase da nossa vida diplomática.

Releve-me, meu caro Nabuco, estas poucas linhas em momento que pedia muitas. Acordei um pouco enfermo, e, se não fraquear no propósito de calar, só confiarei a notícia a V., porque, apesar do mal-estar, vou para o meu ofício. Receba um forte abraço, tão longo como a distância que nos separa. V. sabe que é sincero este meu gosto de o ver levantado pelo nosso Brasil até onde merece a sua capacidade. Peço-lhe que apresente os meus respeitosos cumprimentos à ditosa e digna Embaixatriz, e continue a amizade de que há dado tantas tocantes provas ao

Velho amigo

*Machado de Assis*

---

<sup>46</sup> Fora criada a Embaixada do Brasil em Washington e Joaquim Nabuco nomeado embaixador em 14 de janeiro de 1905.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 24 de Junho de 1905.

Meu querido Nabuco,

Deixe-me agradecer-lhe a fotografia e a lembrança. Aquela é soberba, e esta é doce ao meu coração, já agora despojado da vida. Consolam-me ainda memórias de amigo, meu querido Nabuco. Esta aqui fica na minha sala, com as de outros íntimos.

Já aqui lemos a notícia da recepção da embaixada e o discurso do embaixador. Foi o que se devia esperar, na altura do cargo, dos dois países e do orador amado e admirado de nós todos. Cabe-lhe legítimo papel na história das nossas relações internacionais, e agora especialmente americanas. É um desses casos em que o governo acerta nomeando o nomeado da opinião, sem perder por isso a glória do ato.

Nós cá vamos andando. A Academia elegeu o seu escolhido, o Sousa Bandeira, que talvez seja recebido em julho ou agosto, respondendo-lhe o Graça Aranha. A cerimônia será na casa nova e própria, entre os móveis que o Ministro do Interior, o Seabra, mandou dar-nos. Vamos ter eleição nova para a vaga do Patrocínio. Até agora só há dois candidatos, o Padre Severiano de Rezende e o Domingos Olympio.<sup>47</sup>

Adeus meu querido Nabuco. Disponha sempre deste velho e triste amigo, que o conheceu adolescente e teve a boa fortuna de lhe ouvir as primeiras palavras, que fizeram adivinhar o homem brilhante e grave que viria a ser um dia. Adeus, saudades do Amº de sempre

*Machado de Assis*

---

<sup>47</sup> Inscreveu-se posteriormente Mário de Alencar, que foi eleito.

## Machado a Nabuco

Brazilian Embassy  
Jackson, N. H.  
28-7-05.

Meu caro Machado,

Acho-me neste momento nos Montanhas Brancas, descansando, isto é, mudando de trabalho. Cá recebi a sua boa carta, e lhe agradeço cada palavra dela. V. sabe como as peso e torno a pesar em balanças a que nenhuma intenção sua escapa. Este lugar é delicioso. Habito um *cottage* à beira de um pequeno rio encachoeirado sobre o qual tenho uma varanda. Está comigo o Velloso,<sup>48</sup> e os dias passam-se do modo o mais rápido sem fazermos nada, rápido demais. Sem fazer nada é um modo de dizer, tendo grande correspondência, a leitura dos jornais que neste país é uma tarefa séria, e quero ver se dou um livro.

O meu voto para a vaga do Patrocínio é para o Jaceguay. Acho que ele deve apresentar-se. Não compreendo que ele que não teve medo de passar Humaitá o tenha de atravessar a praia da Lapa. Se ele não for candidato e o Arthur Orlando o for, votarei neste. Seria lastimável se as candidaturas as mais brilhantes que em nosso país possam surgir, como essas, recuarem diante de qualquer suspeita de haver na Academia grupos formados, e fechados. Devemos torná-la *nacional*.

Adeus meu caro Machado.

Do seu mto. saudoso amigo e discípulo afmo.

*Joaquim Nabuco*

---

48 A. Velloso Rebello, Secretário da Embaixada.

Que saudades, meu caro Machado, do nosso querido grupo (esse não é fechado) e cada um dos seus íntimos do Garnier! Dê-lhes um apertado abraço por mim.



## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1905.

Meu Caro Nabuco,

Escrevo algumas horas depois do seu ato de grande amigo.<sup>49</sup> Em qualquer quadra da minha vida ele me comoveria profundamente; nesta em que vou a comoção foi muito maior. V. deu bem a entender, com a arte fina e substanciosa do seu estilo, a palmeira solitária a que vinha o galho do poeta.

O que a Academia, a seu conselho, me fez ontem basta de sobra a compensar os esforços da minha vida inteira; eu lhe agradeço haver lembrado de mim tão longe e tão generosamente.

O Graça desempenhou a incumbência com as boas palavras que V. receberá. Antes dele o Rodrigo Octavio leu a sua carta diante da sala cheia e curiosa. Ao Graça seguiram com versos de amigo o Aberto de Oliveira e o Salvador de Mendonça.

A recepção do Bandeira esteve brilhante. Lá verá o excelente discurso do novo acadêmico. Respondendo-lhe, o Graça mostrou-se pensador, farto de ideias, expressas em forma animada e rica. A Academia está, enfim, aposentada e alfaiada. Resta-lhe viver.

Adeus, meu querido am.º, ainda uma vez obrigado. Aceite um apertado abraço do

Velho amigo

*Machado de Assis*

---

<sup>49</sup> Joaquim Nabuco colheira um ramo do Carvalho de Tasso, no convento de Santo Onofre, no Janículo, em Roma, e o mandara por intermédio de Graça Aranha para ser oferecido pela Academia a Machado de Assis. A sessão solene da entrega dessa lembrança coincidiu com a de recepção de Souza Bandeira na noite de 11 de agosto de 1905.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1905.

Meu caro Nabuco,

Recebi a sua carta escrita das Montanhas Brancas. Há dias escrevi-lhe uma agradecendo a generosa e afetuosa lembrança do Carvalho de Tasso. A *Renascença* reproduziu a sua carta e a do síndaco de Roma,<sup>50</sup> e deu as palavras do Graça e os versos do Salvador de Mendonça e do Alberto de Oliveira. Lá verá como o nosso Graça correspondeu à indicação que lhe fez, dizendo-me coisas vindas do coração de ambos.

Os nossos amigos da Academia, ao par daquela fineza, quiseram fazer-me outra, pôr o meu retrato na sala das sessões e confiaram a obra ao pincel de Henrique Bernardelli; está pronto, e vai primeiro à exposição da Escola Nacional das Belas Artes. O artista reproduziu o galho sobre uns livros que meteu na tela. Todos me têm acostumado à benevolência. Valha esta consolação à amargura da minha velhice.

Sobre o voto da Academia recebi as suas indicações, não podendo cumpri-las por não ser candidato o Jaceguay nem o Artur Orlando. Já lá há de saber que os candidatos são o Padre Rezende, o Domingos de Olímpio e o Mário de Alencar. Na Academia não há nem deve haver grupos fechados.

Venha o livro que medita;<sup>51</sup> é preciso que o embaixador não faça descansar o escritor; ambos são necessários à nossa afirmação nacional. Dei aos amigos as lembranças que lhes mandou, e eles lh'as retribuem. As minhas saudades são as que V. sabe,

50 Esta certifica a autenticidade do galho do carvalho.

51 O livro que Nabuco então preparava, *Pensées Détachées et Souvenirs*, foi publicado em 1906.

nascem da distância e do tempo. Ainda agora achei um bilhete seu convidando-me à reunião na Rua da Princesa para fundar a Sociedade Abolicionista; é de 6 de setembro de 1880.<sup>52</sup> Quanta coisa passada! Quanta gente morta! Sobrevivem corações que, como o seu, sabem amar e merecem amor. Adeus, meu caro Nabuco, não esqueça

O velho am.º, adm.º e companheiro

*Machado de Assis*

---

52 Na Rua Bela da Princesa, hoje Corrêa Dutra, no flamengo, era a casa onde vivera e morreria o Senador Nabuco.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 30 de setembro 1905.

Meu caro Nabuco

Aqui tenho a sua carta das Montanhas Brancas, onde foi descansar algum tempo fazendo outra coisa. Diz-me que o lugar é delicioso e fala-me da rapidez dos dias. Tudo merece, meu caro Nabuco, e nós não merecemos menos o livro que promete nesta frase: “Quero ver se dou um livro.” Venha ele; é preciso que descanse em um livro, seja qual for o objeto; trará a mesma roupa-gem nossa conhecida e amada.

A carta dá-me indicação do seu voto no Jaceguay para a vaga do Patrocínio. O Jaceguay merece bem a escolha da Academia, mas ele não se apresentou, e, segundo lhe ouvi, não quer apresentar-se. Creio até que lhe escreveu nesse sentido. Ignoro a razão, e aliás concordo em que ele deve fazer parte do nosso grêmio. O Artur Orlando também não se apresentou. Os candidatos são os que já sabe, o Padre Severiano de Rezende, o Domingos Olympio e o Mario de Alencar; provavelmente os três lhe haverão escrito já. A eleição é na segunda quinzena de outubro, creio que no último dia.

Já há de saber do meu retrato que amigos da Academia mandaram pintar pelo Henrique Bernadelli e está agora na exposição anual da Escola das Belas Artes.<sup>53</sup> O artista, para perpetuar a sua generosa lembrança, copiou na tela, sobre uns livros, o galho do carvalho de Tasso. O próprio galho, com a sua carta ao Graça, já os tenho na minha sala, em caixa, abaixo do retrato que Você me mandou de Londres o ano passado. Não falta nada, a não serem

---

53 Este retrato está na Academia.

os olhos da minha velha e boa esposa que, tanto como eu, seria agradecida a esta dupla lembrança do amigo.

A Academia cai continuar os seus trabalhos, a gora mais assídua, desde que tem casa e móveis. Quando cá vier tomar um banho da pátria, será recebido nela como merece de todos nós que lhe queremos. Adeus, meu caro Nabuco, continue a lembrar-se de mim, onde quer que o nosso lustre nacional peça a sua presença. Eu não esqueço o amigo que vi adolescente, e de que ainda agora achei uma carta que me avisava do dia em que devia fundar a Sociedade Abolicionista, na Rua da Princesa. Lá se vão vinte e tantos anos! Era o princípio da campanha vencida com tanta glória e tão pacificamente.

Receba um apertado abraço do  
Velho admor. e am.º

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1905.

Meu caro Nabuco,

Obrigado pelo exemplar da *Washington Life* em que vem o seu telegrama ao Roosevelt.<sup>54</sup> Já o havia lido, mas agora tenho aqui o próprio texto original, com as belas palavras e conceitos que você lhe soube pôr, como aliás põe a tudo. Do juízo da folha participamos todos os que temos a Você por embaixador do nosso espírito. Também recebi as outras folhas que tratam da conclusão da paz. Com razão celebram todas elas a grande obra do presidente, e dão nisto vivo exemplo de patriotismo. Certo é também que a nação toda falou pela boca de Roosevelt, e ambos entraram nesta página gloriosa da história do século. O seu telegrama é a voz da outra América falando ao vencedor da paz.

A eleição da Academia deve ser feita em fins deste mês. Em carta que lhe escrevi, há dias, disse o que penso da eleição do Jaceguay,

---

54 É esta a tradução do telegrama de Nabuco ao Presidente Roosevelt pela terminação da guerra russo-japonesa.

“Peço a V. Ex., aceitar a expressão do nosso contentamento e do nosso comum orgulho americano pela nobre página que acaba de escrever na história da civilização.

O mundo inteiro a lê, sem dúvida, como prefácio de uma nova era de paz. O uso que V. Ex. fez do prestígio ileso de seu país para a terminação da guerra do oriente será recebido como uma garantia que fará em outra ocasião não se hesitar em recorrer novamente a essa incalculável fonte de força para impedir em todo o mundo que os feudos nacionais se transformem em guerra, quando, no interesse da humanidade, a sincera e amistosa admoestação este grande país o puder impedir. Deste modo criou V. Ex. para a Presidência Americana uma função que lhe trará na hegemonia moral do mundo único comando que ela pode aceitar. Imagino quão grato se sente V. Ex. pela inspiração que lhe permitiu conferir-lhe este poder, de todos o mais poderoso e o mais nobre, o momento mais oportuno da história do seu país.”

figura certamente representativa para a nossa casa, como Você sabe, ele não se apresentou; nem ele nem o Artur Orlando.

Viu transcrito no *Jornal do Comércio*, entre os “a pedidos” um trecho do seu belo artigo sobre a Sarah Bernhardt?<sup>55</sup> Há de ter sido lembrança do Rio Branco, que me pediu informações sobre ele, no dia seguinte à primeira representação agora. Receava-se uma pateteada, fizeram-lhe ovação, ele quis provavelmente que a bandeira da sua autoridade envolvesse a grande artista. Você chamou-lhe então (há vinte e tantos anos!) embaixatriz da França. Não a vi agora, mas dizem que trouxe as mesmas credenciais.

Adeus meu caro Nabuco, receba ainda um abraço do admor. e velho amigo

*Machado de Assis*

---

55 Artigo publicado no *País* por ocasião da chegada de Sarah Bernhardt ao Rio em 1886 e reproduzido nos *Escritos e Discursos Literários*, 1901. “Nós entretanto a aclamaremos duas vezes – escreve Nabuco – porque ela nos vem como Sarah Bernhardt e nos vem como a França. Pela primeira vem em nossa história, temos a honra de receber em nosso país a glória francesa. A atriz que continua a tradição de Mlle. Lecouvreur, de Mme. Clarion e de Mlle. Rachel é, no mais elevado caráter, a embaixadora do espírito francesa”. “Neste momento o primeiro dos teatros franceses não é a casa de Molière, é o teatro S. Pedro de Alcântara” – acrescenta Nabuco.

## Machado a Nabuco

19 de agosto de 1906.<sup>56</sup>

Meu querido Nabuco,<sup>57</sup>

Quero agradecer-lhe a impressão que me deixaram estas suas páginas de pensamentos e recordações. Vão aparecer justamente quando V. cuida de tarefas práticas de ordem política. Um professor de Douai, referindo-se à influência relativa do pensador e do homem público, perguntava uma vez (assim o conta Dietrich) se haveria grande progresso em colocar Aristides acima de Platão, e Pitt acima de Locke. Concluía pela negativa. V. nos dá juntos o homem público e o pensador. Esta obra, não feita agora mas agora publicada, vem mostrar que em meio dos graves trabalhos que o Estado lhe confiou, não repudia as faculdades de artista que primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe criam a carreira literária.

Erro é dizer, como V. diz em uma destas páginas, que “nada há mais cansativo que ler pensamentos.” Só o tédio cansa, meu amigo, e este mal não entrou aqui, onde também não teve acolhida a vulgaridade. Ambos, aliás, são seus naturais inimigos. Também não é acertado crer que, “se alguns espíritos os leem, é só por distração, e são raros”. Quando fosse verdade, eu seria desses raros. Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que este, afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje, quando torno a tais leituras, e me consolo no desconsolo do Eclesiastes, acho-lhes o mesmo sabor de outrora. Se alguma vez me sucede

56 Joaquim Nabuco nasceu a 19 de agosto de 1849. Passou este aniversário no Rio de Janeiro, onde era presidente da Terceira Conferência Pan-Americana.

57 Esta carta foi publicada entre as críticas literárias de Machado de Assis, coligidas por Mário de Alencar.





discordar do que leio, sempre agradeço a maneira por que acho expresso o desacordo.

Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer. Tal é o caso deste seu livro. Todos virão a ele, atraídos pela substância, que é aguda e muita vez profunda, e encantados da forma, que é sempre bela. Há nesta páginas a história alternada da influência religiosa e filosófica, da observação moral e estética, e da experiência pessoal, já agora longa. O seu interior está aqui aberto às vistas por aquela forma lapidária que a memória retém melhor. Ideias de infinito e de absoluto, V. as inscreve de modo direto ou sugestivo, e a nota espiritual é ainda a característica das suas páginas. Que em todas resplandece um otimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lho; melhor o sabe, porque o sente de veras. Aqui o vejo confessado e claro, até nos lugares de alguma tristeza ou desânimo, pois a tristeza é facilmente consolada, e o desânimo acha depressa um surto.

Não destocarei algumas destas ideias e reflexões para não parecer que trago toda a flor; por numerosas que fossem, muita mais flor ficaria lá. Ao cabo, para mostrar que sinto a beleza e a verdade particular delas, bastaria apontar três ou quatro. Esta do livro I: “Mui raramente as belas vidas são interiormente felizes; sempre é preciso sacrificar muita coisa à unidade” é das que evocam recordações históricas, ou observações diretas, e nas mãos de alguém, narrador e psicólogo, podia dar um livro. O mesmo digo daquela outra, que é também uma lição política: “Muita vez se perde uma vida, porque no lugar em que cabia o ponto final se lança um ponto de interrogação.” Sabe-se o que era a vida dos anacoretas, mas dizer como V., que “eles só conheceram dois estados, o de oração e o de sono, e provavelmente ainda dormindo estava rezando”, e pôr nesta última frase a intensidade e a continuidade do motivo



espiritual do recolhimento, e dar do anacoreta imagem mais viva que todo um capítulo.

Nada mais natural que esta forma de conceito inspire imitações, e provavelmente naufrágios. As faculdades que exige são especiais e raras; e é mais difícil vingar nela que em composição narrativa e seguida. Exemplo da arte particular deste gênero é aquele seu pensamento CVII do livro III. Certamente, o povo já havia dito, por modo direto e chão, que ninguém está contente com a sua sorte; mas este outro figurado e alegórico é só da imaginação e do estilo dela: “Se houvesse um escritório de permuta para as felicidades que uns invejam aos outros, todos iriam lá trocar a sua.” Assim muitas outras, assim esta imagem de contrastes e imperfeições relativas: “A borboleta acha-nos pesados, o pavão malvestidos, o rouxinol roucos, e a águia rasteiros.”

Em meio a todo este pensado e lapidado, as reminiscências que V. aqui pôs falam pela voz da saudade e do mistério, como esse quadro no cemitério das cidades. V. exprime magnificamente aquela fusão da morte e da natureza, por extenso e em resumo, e atribui aos próprios enterrados ali a notícia de que “a morte é o desfolhar da alma em vista da eterna primavera”. Todos gostarão essa forma de dizer, que para alguns será apenas poética, e a poesia é um dos tons do livro. Igualmente sugestivo é o quadro do dia de chuva e o do dia de nevoeiro, ambos em Petrópolis também, como este da “estrada caiada de luar”, e este outro das árvores de altos galhos e folhas finas.

Confessando e definindo a influência de Renan em seu espírito, confessa V. ao mesmo que “o diletantismo dele o transviou”. Toda essa exposição é sincera, e no introito exata. Efetivamente, ainda me lembra o tempo em que um gesto seu, de pura fascinação, me mostrou todo o alcance da influência que Chateaubriand exercia então em seu espírito. O estudo do contraste destes dois homens é altamente fino e cheio de interesse. Um e outro lá vão, e

a prova melhor da veracidade da confissão aqui feita é a equidade do juízo, a franqueza da crítica, o modo por que afirma que, apesar da religiosidade do exegeta, não se pode contentar com a filosofia dele.

Reli *Massangana*. Essa página da infância, já narrada em nossa língua, e agora transposta à francesa, que V. cultivava também com amor, dá imagem da vida e do engenho do norte, ainda para quem os conhece de oitiva ou de leitura; deve ser verdadeira.

Não há aqui só o homem de pensamento ou apenas temperado por ele; há ainda o sentimento evocado e saudoso, a obediência viva que se compraz em acudir ao impulso da vontade. Tudo aí, desde o sino do trabalho até a paciência do trabalhador, a velha madrinha, senhora do engenho, e a jovem mucama, tudo respira esse passado que não torna, nem com as doçuras ao coração do moço antigo, nem com as amarguras ao cérebro do atual pensador. Tudo lá vai com os primeiros educadores eminentes do seu espírito, ficando V. neste trabalho de história e de política, que ora faz em benefício de um nome grande e comum a todos nós; mas o pensamento vive e viverá. Adeus, meu caro Nabuco, ainda uma vez agradeço a impressão que me deu; e oxalá não esqueça este velho amigo em quem a admiração reforça a afeição, que é grande.

*Machado de Assis*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro 1907.

Meu querido Nabuco,

Esta carta é breve, o bastante para lhe dizer que todos lembramos de Você, notícia ociosa. O Veríssimo escreveu, a propósito do seu livro das *Pensées Détachées*, os dois excelentes artigos que V. terá visto no *Jornal do Comércio*, para onde voltou brilhantemente com a Revista literária. Fez-lhe a devida justiça que nós todos assinamos de coração. A minha carta, aquela que tive a fortuna de escrever antes de ninguém, era melhor que lá tivesse também saído.

Aqui vou andando, meu querido amigo, com estas afeições da velhice, que ajudam a carregá-la. Não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último. As forças compreenderão o conselho, e acabarão de morrer caladas.

Estou certo que Você achou os seus em boa saúde, e ansioso de ver o seu amado chefe. Peço-lhe que lhes apresente os meus respeitos, e também que me recomende ao am.º Chermont. Não lhe peço que se lembre de mim, porque sei, com ufania e gosto, que nunca me esqueceu, e sempre quis ao seu

Velho adm. e grato amigo

*Machado de Assis*

## Nabuco a Machado

Washington, 15 de março de 1907.

Meu caro Machado,

O meu voto<sup>58</sup> é pelo Dr. Artur Orlando, se ele for o único candidato, e, tendo competidores, ainda é dele, exceto se os competidores forem Assis Brasil e o Jaceguay, que tem compromisso meu anterior em cartas escritas a V. mesmo.

Queira, portanto, votar por mim, conforme estas instruções.

Não me deixe o Dr. Orlando naufragar sem uma combinação que lhe garanta a eleição para a futura vaga. Um homem como ele pode ser vencido numa eleição acadêmica, não pode, porém, ser derrotado sem pesar para os eleitores. A nossa balança é de pesar ouro somente. Ele mesmo, estou certo, não se aborreceria de ser segunda escolha em competição com o Dr. Assis Brasil, que já teve uma (ou duas) *non réussites*.

Eu desejava-lhe entretanto uma vaga que lhe permitisse falar de Pernambuco largamente, mas teria que escolher ente mim e Oliveira Lima e nenhum dos dois ele podia preferir ao outro. Em todo caso, alguém mais da Filosofia que o Dória. Mas é ocioso esperar vagas determinadas.

Do seu velho amigo

*Joaquim Nabuco*

---

58 Para a vaga do Barão de Loreto, Artur Orlando, único candidato, foi eleito.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 14 de maio 1907.

Meu caro Nabuco,

Dei conta aos colegas da Academia do seu voto na vaga do Loreto em favor do Artur Orlando. Para tudo dizer dei notícia também do voto que daria ao Assis Brasil e ao Jaceguay. A este contei também o texto de sua carta, e instei com ele para que se apresente candidato na vaga do Teixeira de Melo (a outra está encerrada e esta foi aberta), mas insistiu em recusar. A razão é não ser homem de letras. Citei-lhe, ainda uma vez, o seu modo de ver que outrora me foi dito, já verbalmente, já por carta; apesar de tudo declarou que não. Quanto ao Assis Brasil, foi instado pelo Euclides da Cunha e recusou também. A carta dele que Euclides me leu parece-me mostrar que o Assis Brasil estimaria ser acadêmico; não obstante, recusa sempre; creio que por causa da *non réussite*. Sinto isto muito, meu querido Nabuco.

Para a vaga do Teixeira de Melo apresentam-se já dois candidatos, o Virgílio Várzea e o P. Barreto, que assina João do Rio.<sup>59</sup> O Secretário Medeiros já lhe há de ter escrito sobre isto. Sabe que o Rodrigo Octavio está agora na Europa.

Estas são as notícias eleitorais. Dos trabalhos acadêmicos já há de ter notícia que, por proposta do Medeiros, estamos discutindo se convém proceder à reforma da ortografia. Ao projeto deste (tendente ao fonetismo) opõe-se logo o Salvador de Mendonça, que apresentou um contraprojeto assinado por ele e pelo Rui Barbosa, Mário Alencar, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Lúcio de Mendonça. Este propõe que a Academia cuide de organizar

---

59 O Almirante Jaceguay decidiu-se a apresentar-se para essa vaga e foi eleito.

um dicionário etimológico, fazendo algumas emendas segundo regras que indica. O João Ribeiro opõe-se ao contraprojeto, e as nossas três sessões têm sido interessantes e são acompanhadas na imprensa e no público.<sup>60</sup>

Adeus, meu caro Nabuco, desculpe esta letra que nunca foi boa e a idade está fazendo pior, e não esqueça o velho amigo que não o esquece e é dos mais antigos e agora o mais triste.

*Machado de Assis*

---

<sup>60</sup> A reforma ortográfica da Academia foi votada em 1907. Foi modificada posteriormente em 1911. Mais tarde, em 11 de novembro de 1915, a Academia resolveu adotar a ortografia oficial de Portugal. Em 24 de novembro de 1919 a Academia reconsiderou esta decisão e renunciou a qualquer reforma da ortografia. Votaram a favor desta última deliberação os acadêmicos Alberto de Oliveira, Alcides Maia, Aloísio de Castro, Ataulfo de Paiva, Augusto Lima, Coelho Neto, Dantas Barreto, Félix Pacheco, Goulart de Andrade, João Ribeiro, Lauro Müller, Luis Guimarães, Luis Murat, Miguel Couto e Osório Duque-Estrada. Votaram contra, mantendo as reformas, os acadêmicos Amadeu Amaral, Austregésilo, Filinto de Almeida, M'galhães de Azeredo, Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque e Silva Ramos.

## Nabuco a Machado

Brazilian Embassy  
Washington  
Maio, 27-1907.

Meu caro Machado,

Como para a vaga do Barão de Loreto só concorreu o Dr. Artur Orlando, o meu voto prometido a ele sob condição de não ser o Jaceguay, nem o Assis Brasil candidato, é dele *ipso facto*. Sob a mesma condição dou meu voto na eleição para a vaga do Dr. Teixeira de Melo ao Paulo Barreto. Concorrendo, ou o Jaceguay ou o Assis Brasil, o meu voto será do que concorrer. Concorrendo os dois, do Jaceguay. Terei sido quem o animou a apresentar-se e tenho sempre sustentado que a Marinha falta na nossa Academia (assim como o Exército, mas no Exército não sei de escritor igual ao nosso Jurien de la Gravière), por isso votarei no Jaceguay por mais que me custe não poder dar também o meu voto ao meu colega Assis Brasil. Queira V. votar por mim de acordo com estas instruções.

O meu livro tem sido bem acolhido em França. Ai suponho que o Veríssimo o matou. Quando se diz de um livro que fora melhor não ter sido publicado, tem-se-lhe rezado o *requiescat*. Entre nós dois lhe direi que o deputado Paul Deschanel o propôs para um prêmio da Academia Francesa. Segundo o Regimento da Academia não há prêmio senão para as obras inscritas para o concurso e assim tive que inscrever-me! A responsabilidade da iniciativa, porém, não é minha. O Barão de Courcel também fez o elogio dele na Academia de Ciências Morais e Políticas.<sup>61</sup> Estou muito

---

61 M. de Courcel ofereceu *Pensées détachées* à Academia de Ciências Morais Políticas da França, na sessão de 27 de abril de 1907. No seu minucioso



grato a tão generoso acolhimento. Sei que a crítica do Veríssimo aí fez muito mal ao livro, porque me repetiram um dito de um dos rapazes da divisão naval: que o meu livro não tinha atualidade. Atualidade um livro de pensamentos! E um livro escrito a treze anos que deixei dormir por não me preocupar de “atualidade”. Ora, isso é do Veríssimo.

Espero que V. tenha sempre a saúde com que o vi durante a minha estada no rio. Que saudades trouxe suas, meu caro Machado. Como a vida ao seu lado é sempre um novo encanto!

Do amigo e Velho Admirador

*Joaquim Nabuco*

---

relatório assentou este juízo: “après avoir lu les écrits de M. Nabuco nous trouvons, nous sentons en lui un véritable compatriote intellectuel. Ce n’est pas qu’il ne conserve la marque personnelle et la marque du pays auquel il appartient. Les fragments qui composent le volume que je suis chargé de vous offrir sont en réalité les fragments d’une autobiographie morale et ils présentent sous ce point de vue un vit intérêt. Si la langue dont se sert M. Nabuco est d’une correction parfaite, si la coupe de ses phrases est bien française, la richesse, parfois la hardiedde de ses métaphores, le coloris de son style, décèlent l’origine tropicale de l’auteur.”

## Machado a Nabuco

Rio, 7 de julho de 1907.

Meu caro Nabuco,

Conforme a sua recomendação de março deu o seu voto ao Artur Orlando. Ao Jaceguay comuniquei as suas preferências, mais ainda assim recusou apresentar-se dessa vez. A sua carta de maio, porém, trazendo-me notícia do voto ao Sr. Paulo Barreto na vaga do Teixeira de Melo, falou ainda mais desenvolvidamente sobre o Jaceguay para preferi-lo no caso em que ele e o Assis Brasil preiteassem a cadeira. Encontrando o Jaceguay, dei-lhe notícia desta resolução, e ele, terminando no dia seguinte o prazo das inscrições, mandou-me de manhã a carta de candidatura, que comuniquei à Academia. Cumprirei a indicação do voto, e, pelo que ouço, creio que será eleito o nosso almirante.

Quanto ao Assis Brasil, apesar do que lhe escreveu o Euclides da Cunha, não quis apresentar-se na primeira vaga. Em carta que posteriormente escreveu ao Lúcio de Mendonça, vi que teria prazer em ser eleito, mas entendi não poder ser candidato.

Há de ter lido nos jornais que a Academia anda em trabalhos de língua, a propósito de um projeto do Medeiros e Albuquerque, ao qual se opôs com outro o Salvador Mendonça. É negócio que tem interessado o público e alguns estudiosos; deve ser votado esta semana.

Não lhe falo das festas do Guilherme Ferrero, porque os jornais lhas terão contado. Foram só horas, mas vivas. Quatro da Academia fomos recebê-lo a bordo e mostrar-lhe e à senhora uma parte da cidade, e o Rio Branco ofereceu-lhes um jantar

em Itamarati. Quando Ferrero tornar de Buenos Aires, lá para setembro, ficará aqui um mês, e as festas serão provavelmente maiores.<sup>62</sup>

Li as notícias que me dá do acolhimento que encontra na França o seu livro das *Pensées*, e não é preciso dizer o gosto que me trouxeram. Não creia que a crítica o matasse aqui; ele é dos que sobrenadam. O tempo ajudará o tempo, e o que há nele profundo, fino e bendito conservará o seu grande valor. Sabe como eu sempre apreciei essa espécie de escritos, e o que pensei deste livro antes dele sair do prelo. O prêmio da Academia Francesa virá dar-lhe nova consagração.

Adeus, meu caro Nabuco; a minha saúde não é pior do que era há um ano; a velhice é que não é menor, naturalmente, e a

---

62 Guilherme Ferrero indo a Buenos Aires a convite de Emilio Mitre, diretor de *La Nacion*, foi na sua passagem pelo Rio de Janeiro solicitado pela Academia Brasileira a fazer uma série de conferências. O historiador de Roma Antiga cumpriu a sua promessa em outubro desse ano de 1907, demorando-se um mês no Rio de Janeiro. À sua volta à Itália a Academia ofereceu-lhe em 31 de outubro, um banquete, em que Machado pronunciou este discurso:

“Sr. Guilherme Ferreiro,

A Academia Brasileira convidou-vos a dar algumas conferências neste país. Contava decerto com a admiração que lhe haviam imposto os vosso escritos, mas a vossa palavra excedeu a sua confiança. Não é raro que as duas formas de pensamento se conjuguem na mesma pessoa; conhecíamos aqui este fenômeno e sabíamos dele em outras partes, mas foi preciso ouvir-vos para senti-lo ainda uma vez bem, e por outra língua canora e magnífica.

Agora que ides deixar-nos levareis à Itália, e por ela ao resto do mundo europeu, a notícia do nosso grande entusiasmo. Creio que levareis mais. O que o Brasil revelou da sua crescente prosperidade ao eminente historiador de Roma ter-lhe-á mostrado que este pedaço da América não desmente a nobreza da estirpe latina e crê no papel que de futuro lhe cabe. E se com essa impressão política levardes também a da simpatia pessoal e profunda que inspirastes a todos nós, a Academia Brasileira folgará duas vezes pelo impulso do seu ato de convite, e aqui vô-lo declara, oferecendo-nos este banquete.”

Mais tarde Ferrero esteve nos Estados Unido, hospedado na Casa Branca pelo Presidente Roosevelt. Das suas impressões das duas Américas escreveu um dialogo, “Fra i due Mondi”.

fadiga se aproxima com os seus braços frouxos, e daqui a pouco exaustos.

Não sei ainda a direção que dê a esta carta, se para a embaixada, se para Paris. Qualquer dos dois caminhos leva a Roma, e lá achará o meu coração, como o seu está comigo,

Velho adm. e am.º

*Machado de Assis*

## Machado à Nabuco

Rio de Janeiro, 19 de agosto 1907.

Meu querido Nabuco,

Há um ano tive o prazer de jantar com V. neste dia e brindar com amigos seus pela sua saúde e prosperidade. Não quero calar a data e daqui lhe mando lembranças minhas, lembranças de um amigo velho e sincero. Talvez seja a última saudação; sinto que não vou longe, por mais que amigos me achem bom aspecto; esse mesmo achado me parece simples consolação.

Tenho recebido cartões-postais seus e cada um me recorda o amigo que em abril de 1905 me enviou o galho de carvalho de Tasso com aquela boa carta ao Aranha, e na carta aquela doce e triste palavra que me lembrava a solidão da minha velhice.<sup>63</sup>

Há três ou quatro semanas escrevi-lhe uma carta, que remeti para a Legação de Londres, como me aconselharam, para que dali lhe dessem o destino certo. Esta vai pelo mesmo caminho e espero que a receba também.

Adeus, meu querido amigo; revele o que aí vai mal-arranjado; estou em hora de tristeza grande e grande fadiga. Apresente os meus cumprimentos a toda a família, e não esqueça o

Velho adm. e amigo certo

*Machado de Assis*

---

63 “Devemos tratá-lo (Machado de Assis) com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitárias do oásis.”  
(Carta de Nabuco a Graça Aranha, de Londres, 12 de abril 1905.)

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 14 de janeiro 1908.

Meu querido Nabuco,

Esta carta já o encontra desde muito na embaixada. Tenho tido notícias suas, e ultimamente por um trecho de jornal que V. me mandou lembrando aquela noite dos “Deuses de casaca”.<sup>64</sup> Vão longe essas e outras noites; restam as afeições seguras, fortes e boas como a sua.

Aqui estamos em plenas festas americanas,<sup>65</sup> que me fazem lembrar as do Congresso. As da esquadra são as mais ruidosas e extensas, mas o esplendor das outras é inesquecível. Há verdadeiro carinho e gentileza de ambas as partes, e V. que colaborou com o Rio Branco na obra de aproximação dos dois países, receberá a sua parte de satisfação.

Há de ter lido notícias das duas recepções acadêmicas, a do Orlando e a do Augusto de Lima. A do Orlando foi pouco depois da eleição. Apesar do calor intenso e da chuva que caiu à tarde, a concorrência foi grande, e lá estavam muitas senhoras. O Presidente da República não pôde ir por incômodo, mas fez-se representar. O discurso de recepção foi feito pelo Oliveira Lima; falou-se muito do seu Pernambuco e de filosofia, além de poesia. Antes dessa houve a recepção do Augusto de Lima, eleito há anos,

---

<sup>64</sup> Esta comédia de Machado de Assis foi representada pela primeira vez num sarau da Arcádia Fluminense em 28 de dezembro de 1865. Quando foi publicada, escreve Machado de Assis, no prefácio à primeira edição: “Comédia sem damas para entreter os convivas de uma noite cujos limites eram uma variação de piano e o serviço de chá.” 1º de janeiro de 1866.

<sup>65</sup> Por ocasião da passagem pelo Rio da esquadra americana que fazia a volta do mundo.

que só agora pôde vir tomar posse da cadeira; falou em nome da Academia o Medeiros e Albuquerque. Enfim, a Academia vai sendo aceita, estimada e amada. Quando V. tornar de vez à nossa terra, cá terá o lugar que com tanto brilho ocupou e é seus naquela casa. O que não sei é se ainda me achará neste mundo; releve-me esta linha de rabugice, é natural aos 69 anos (quase).

Aqui lemos o que se disse em França do seu livro das *Pensées*, e também na Itália. O artigo de Vincenzo Morelli ainda me pareceu mais fino que o do Faguet.<sup>66</sup> Eu, por mim, já havia escrito aquela carta de 19 de agosto de 1906, há pouco mais de um ano, em que lhe disse todo o bem que me sugeriram tais e tão profundas páginas.

Alguns dos nossos amigos andam dispersos. O Lúcio de Mendonça, que organizou a Academia, foi há tempos acometido de uma doença dos olhos, e resolveu ir à Alemanha para ser examinado e tratado. Foi, já com a vista muito baixa, e segundo notícias que chegaram há dias teve lá uma congestão cerebral que o deixou paralítico de um lado, e volta. Também ouvi que não terá sido congestão, mas paralisia somente, conseqüente da origem do mal que é na espinha. Ele foi daqui abatido, deve regressar pior, porque a doença de que se trata, segundo ele mesmo me disse, é a que teve uma irmã.

Adeus, meu querido Nabuco. Escreva-me logo que possa; meia dúzia de linhas amigas, que me recordam tantas cousas, valem por uma ressurreição. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a Mme. Nabuco, e me recomende a seus bons filhos. E receba para si um apertado abraço do

Velho ador e am.<sup>o</sup>

*Machado de Assis*

---

66 Os artigos de Émile Faguet e Vincenzo Morelli (Rastignac) vão reproduzidos no apêndice.

## Nabuco a Machado

Washington, 13 de fevereiro 1908.

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me um dos grandes prazeres hoje da minha vida: o de sentir que tenho lugar na sua afeição. Elas são preciosas para mim todas igualmente.

Vejo que a Academia foi inventada a tempo e na hora justa. Ela tem a grande missão de o consolar e de fazer-lhe companhia. Os ausentes, como eu, estão lá ao seu lado em pensamento. E os mortos são somente ausentes.

Muito sinto que V. me diz do nosso fundador. Possa ele não sofrer muito e ter ao menos algum alívio a tão triste fim, – ainda mais triste para quem foi pouco feito como ele para a passividade e a inação.

Que fim levou o Graça?

Muito prazer tive com a simpatia mútua ente o nosso povo e os americanos. A Haia ia nos fazendo perder de vista a nossa única política possível. Eu em diplomacia nunca perdi um só dia o sentido da proporção e o da realidade. É que um indivíduo pode sempre fugir à desonra e ao cativo, mas as nações não se podem matar como ele. Alguns milhares morrerão em combate, mas a totalidade passa sob o jugo. As maiores nações procuram hoje garantir-se por meio de alianças; como podem as nações indefesas contar somente consigo? E desde que o nosso único apoio possível é este, por que não fazemos tudo para que ele não nos venha a faltar? Essa é a minha intuição e tive por isso maior prazer com esse renascimento da simpatia entre as duas nações por ocasião da visita da esquadra americana. Basta, porém, de confidências de alcance político. Aqui vão íntimas.



Ocupei-me muito ultimamente com a revisão de um drama em verso francês que escrevi há trinta anos.<sup>67</sup> O assunto, como V. se lembre, é a conquista, ou antes o desmembramento, da Alsácia-Lorena. Nenhum francês poderia falar com a minha imparcialidade sobre a Alemanha, que também aparece grande no drama. Toda a questão é o direito de conquista. Não posso, porém, aparecer na publicação, apesar de ser a criação puramente literária, como drama, e de *princípio*, como motivo. Estão agora estudando o caso amigos meus de França. Estou muito contente da obra depois da revisão e da mudança do final. Antes parecia-me *mal-acabada*. Esperemos que ambos a leremos impressa, ainda que sem o meu nome.

E V. meu caro amigo? Nada tem V. mais que fazer contra o esquecimento, já está em plena luz. Agora é gozar do triunfo.

Até quando? Um abraço apertado do Velho Camarada que não se lembra mais desde quando o admira.

*Joaquim Nabuco*

*P. S.* – E o terremoto de Lisboa?<sup>68</sup> O Tejo não merecia esta marca trágica! Pobre rainha!

---

67 Impresso depois da morte de Joaquim Nabuco sob o título *L'Option*, Paris, livraria Hachette, 1911, edição particular.

68 Assassinato do Rei D. Carlos e do Príncipe Real D. Luiz Philippe, em 1º de fevereiro desse ano.

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 8 de maio 1908.

Meu querido Nabuco,

Ainda estou comovido do abraço que em sua carta me mandou, e saudoso das mesmas saudades, mas não sei se animado das mesmas animações; esta parte é naturalmente incompleta, graças à idade, à solidão. Em todo caso, as suas palavras fizeram-me bem.

Escrevo ao Mário de Alencar pedindo-lhe que venha à minha casa, quando eu morrer, e leve aquele galho de carvalho de Tasso que Você me mandou e o Graça me entregou em sessão da Academia. A caixa em que está com o documento que o autentica e a sua carta ao Graça peço ao Mário que os transmita à Academia, a fim de que esta os conserve, como lembrança de nós três, Você, o Graça e eu.

A Academia concluiu as férias e vai recomeçar os seus trabalhos. Vamos organizar um vocabulário e começar a publicação da *Revista*. Nesta daremos os escritos originais que pudermos, alguns inéditos e o *Boletim*.

O *Jornal do Comércio* publicou telegrama de Paris, em que dá notícia de um artigo que o Ferrero escreveu no *Figaro*, falando da nossa Academia em termos grandemente simpáticos e benévolos.<sup>69</sup> Naturalmente Você já lá o terá a esta hora; aqui o esperamos com ansiedade natural.

---

<sup>69</sup> Artigo de Ferrero no *Figaro* de 21 de abril 1908: une Académie Américaine. "A la tête de l'institution a été placé comme présidente M. Machado de Assis, un grand romancier universellement admiré, comme le doyen de la



Aqui fico esperando o seu drama sobre a conquista da Alsácia-Lorena, com a emenda que lhe fez, venha ainda que sem o seu nome. Não faltará modo de conhecer, nem ocasião de o publicar um dia, em outra edição. Se Você está satisfeito com o novo desfecho é que ele cabe realmente melhor; em Você o crítico completa o artista. A Academia porá a obra na biblioteca, cujo início e conservação confiou ao Mário. Você há de lembrar-se que é ideia antiga do Salvador de Mendonça deixá-la por herdeira da sua biblioteca particular, bastante rica, ao que parece.

Eu, meu querido, vou andando como posso, já um pouco fraco, e com temor de perder os olhos se me der a longos trabalhos. Já não trabalho de noite. Ainda assim, posso fazer-lhe uma confidência: escrevi o ano passado um livro, que deve estar impresso agora em França.<sup>70</sup> Duas ou três pessoas sabem disso aqui, e, por uma delas, o Magalhães de Azeredo (em Roma). Diz-me o editor (Garnier) que virá este mês, mas já em março me anunciava a mesma cousa e falhou. Creio que será o meu último livro; descansarei depois.

O Graça está em Petrópolis; continua a trabalhar no Tribunal. Parece-me que virá passar algumas semanas, ou dois meses no Rio, naturalmente pela Exposição. A Exposição caminha; ainda não fui às obras, ouço que ficarão magníficas. Perdeu-se D. Carlos, que vinha dar um realce grande às festas. Quem quer que venha agora não será a mesma coisa.

---

*littérature brésilienne. Je ne dirai pas que tous ces écrivains y réussissent également. La valeur de toutes ces oeuvres est bien différente. Il y en a de très belles, que feraient honneur à n'importe quelle littérature de l'Europe, comme les romans de M. Machado de Assis, dont le Brésil a bien raison d'être fier. M. Nabuco est à la fois diplomate, orateur et écrivain.*

<sup>70</sup> *Memorial de Ayres*

Todos os nossos amigos vão bem. De mim já sabe e adivinha. Se Você cá vier cedo ainda nos abraçaremos uma vez, como tantas outras, há tantos anos. Vá agora mais esta.

Amº do C.

*Machado de Assis*

P. S. Muito obrigado pelo trecho de Mr. Wright a meu respeito; há nele profunda simpatia.<sup>71</sup>

---

71 “The greatest living novelist and indeed, the most distinguished figure in Brazilian literature today is Machado de Assis, the President of the Brazilian Academy of Letters.

His novels are among the most popular in the Portuguese language, the portrayal of national life and characters, which he presents with charming frankness and humor, revealing rare intuition and true artistic appreciation. His style is harmonious and in certain features of his art there is something, which reminds one of the North-American novelist William Dean Howell though the two writers are of entirely different temperament.”  
(*Mrs. Robinson Wright. The New Brazil, November 1907. p. 179.*)

## Nabuco a Machado

Washington, junho 8, 1908.

Meu querido Machado,

Acabo de receber sua boa carta, cheia do seu coração, trazendo-me a notícia de um próximo livro, que V. supõe será seu último, mas que eu recebi como o antepenúltimo.

A homenagem que o Ferreiro lhe prestou é digna dele e da Itália. V., graças à nova geração dos Veríssimos e Graças, que explicaram a admiração inconsciente que V. inspirou à geração anterior, ou à nossa, goza hoje de uma reputação que forçará a posteridade a lê-lo e estudá-lo para compreender a fascinação exercida por V. sobre o seu tempo. É belo tal crepúsculo para um homem de letras, porque os homens de letras têm mais a preocupação da duração da sua obra do que mesmo do seu nome. Mas a noite está ainda muito longe. Pelo que vi no Rio em 1906 eu não apostaria em mim contra V. no páreo de qual de nós dois verá ainda mais coisas neste mundo. V. tirou o prêmio grande da vida. Ela não pode dar mais. Não tenha um momento de ingratidão, isto é, de tristeza.

Mando-lhe duas coleções dos discursos que eu andei ultimamente proferindo, uma para a nossa Academia. V. verá com prazer que me tornei um propagandista aqui dos *Lusíadas*.<sup>72</sup> Faço isto também em honra da nossa língua, que é tomada como um dialeto do Espanhol, o que dá à América Espanhola, com as suas dezoito Nações, certo prestígio sobre nós. Encontrei na Universidade de Yale um *scholar* da literatura portuguesa, o Prof. Lang, que

---

<sup>72</sup> Três Conferências, publicadas em inglês: *The Place of Camões in Literature; Camões, The lyric Poet; The Lusíadas as the Epic of Love*, traduzidos para o português por Artur Bomilcar.

publicou o Cancioneiro do Rei Dom Diniz, com muitas notas, e o Cancioneiro Galego Castelhana também; um sábio. Vou receber este ano o grau de Doutor em Letras por Yale, e a Universidade de Chicago convidou-me para pronunciar o discurso oficial no encerramento do ano letivo, ou no dia da colação de graus, o que é uma grande honra. V. vê que estou fazendo render aqui as poucas forças que me restam. Também comprometi-me a pronunciar para o ano o discurso oficial em um dos grandes dias da Universidade de Wisconsin, e já me anunciam o convite de outra Universidade. Estou muito contente pelo Brasil com todas essas honras, que são principalmente feitas ao país.

Mas que saudade! Que falta da nossa gente, que toda me esqueceu, exceto V., tão absorvente é o Rio Branco. Parece-me impossível que eu não tenha a fortuna de voltar para aí proximamente. Creia-me *sequioso*. Não tenho outra expressão.

Um abraço apertado do Velho Amigo

*Joaquim Nabuco*

Não é tempo de V. pensar no Rodrigues para a Academia? Depois desse monumental Catálogo?<sup>73</sup> Converse com o Rio Branco e Graça, Veríssimo e todos os seus.

*J. N.*

---

73 Catálogo anotado dos livros sobre o Brasil pertencentes a J. C. Rodrigues, 1908

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 28 de junho de 1908.

Meu querido Nabuco,

Deixe-me cumprimentá-lo pelas duas conferências que aí fez e pelo discurso na cerimônia da União das Américas; saíram todos no *Jornal do Comércio*. Você não deixa esquecer este país onde quer que esteja, como não esquece os amigos velhos, e agradeço por mim que recebi o exemplar do *Washington Post* com o discurso. A conferência acerca do papel de Camões na literatura veio mostrar ainda uma vez o estudo que tem feito desde a primeira mocidade relativamente ao poeta e ao poema. Traz com apreciações novas e finas o mesmo largo alcance de crítica e o claro e eloquente estilo de costume. O mesmo digo da conferência sobre a nacionalidade do Brasil. Realmente os homens que Você aponta na América Latina têm jus à comunhão do espírito da grande nação em que o nosso governo tão acertadamente o colocou para representar a nossa. Enfim, dou-lhe os meus parabéns pelo seu doutoramento na universidade de Yale.

A Academia Brasileira vai caminhado; fazemos sessões aos sábados, e agora tratamos de organizar uma publicação periódica em que resuma e guarde os nossos trabalhos.

Daqui a pouco a casa Garnier publicará um livro meu, e é o último. A idade não me dá tempo nem força de começar outro; lá lhe mandarei um exemplar. Completei no dia 21 sessenta e nove anos; entro na ordem dos setuagenários. Admira-me como pude viver até hoje, mormente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei, por mais que amigos busquem temperá-la de carinhos.

Há dias o Vitor<sup>74</sup> falou-me de um retrato seu, recente. Eu cá tenho o que Você me mandou de Londres, há três anos, que é soberbo; pende da parede por cima da caixa que encerra o ramo de carvalho de Tasso. Já dispus as coisas em maneira que a caixa e o ramo, com as duas cartas que o acompanha, passem a ser depositados na Academia, quando eu morrer; confiei isto ao Mario de Alencar.<sup>75</sup>

Adeus, meu querido Nabuco, receba minhas saudades, com as minhas admirações e apresente os meus respeitos a toda a sua família. Não esqueça este

Velho ador. e am<sup>o</sup>

*Machado de Assis*

---

74 Victor Nabuco, irmão de Joaquim Nabuco.

75 Essas relíquias estão na Academia Brasileira.



## Nabuco a Machado

Hamilton, Mass., 1 agosto 1908.

Meu querido Machado,

Sua carta deu-me imenso prazer por ter lido pouco antes que V. andara doente. O estilo é o melhor certificado de força vital. Essas curtas doenças são a poeira da estrada triunfal dos 70, para os quais V. caminha, como o Quintino, com a frescura de 1864, quando primeiro os conheci. Que dois destinos!

Muito lhe agradeço suas boas palavras sobre as minhas Conferências de Yale. A 28 de agosto devo estar em Chicago, já lhe disse. Aqui levo uma vida de peregrino, de Universidade em Universidade. Mas que saudades da nossa Academia e da *Revista*, de que ela nasceu! É uma grande privação viver longe dos amigos, em terra estranha, como estrangeiro. Sobretudo acabar assim. Mas espero voltar antes da noite. E então os meus 60 futuros procurarão acompanhar os seus futuros 70 até ao fim das respectivas casas. Oxalá!

Adeus, meu caro Machado. Não deixarei este lugar, tão perto de Boston, sem ir desta vez fazer por V. e por mim uma visita à casa de Longfellow e lá escrever o seu nome com o meu.

Do seu Aff.º Am.º e Adr.º

*Joaquim Nabuco*

## Machado a Nabuco

Rio de Janeiro, 1 de agosto 1908.

Meu querido Nabuco,

Lá vai o meu *Memorial de Ayres*. Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantando em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junte a isto a solidão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu soube por algumas amigas dela de uma confidência que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia me ver morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior do que ela cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou basta como ponto final.

Recebi os seus discursos e felicito-o por todos.<sup>76</sup> O *Jornal do Comércio* publicou os três. Dei os as Academia à Academia. Já lá temos um princípio de biblioteca, a cargo especial do Mário de Alencar, e eles ficam nela arquivados. Obrigado por todos e particularmente pelo que trata do lugar de Camões na literatura. É bom, é indispensável reclamar para a nossa língua o lugar que lhe cabe, e para isso os serviços públicos internacionais que se prestarem não serão menos importantes que os puramente literários. Realmente é triste ver-nos considerados, como V. nota, em posição subalterna à língua espanhola; V. será assim mais uma vez o embaixador do nosso espírito. Um abraço pelas distinções que aí tem recebido e que são para o nosso Brasil inteiro.

Não é verdade que a nossa gente esquecesse V.; falamos muita vez a seu respeito e recordamos dias passados. Se não lhe escrevem

---

76 As Confidências sobre Camões.

mais é porque a vida agora é absorvente, com as mudanças da cidade e afluência de estranhos. Tudo se prepara para a Exposição, que abre a 11.

A Academia vai andando; fazemos sessão aos sábados, nem sempre e com poucos. A sua ideia relativamente ao José Carlos Rodrigues é boa. Falei dela ao Graça e ao Veríssimo, que concordam; mas o Graça pensa que é melhor consultar primeiro o José Carlos; parece-lhe que ele pode não querer; se quiser parece fácil.<sup>77</sup> Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu?<sup>78</sup>

Releve-me estas ideias fúnebres; são próprias do estado e da idade. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a Mme. Nabuco e a todos, e receba para si as saudades do velho amigo de sempre

*Machado de Assis*

---

<sup>77</sup> José Carlos Rodrigues não se quis apresentar.

<sup>78</sup> A sua morte, em 29 de setembro do mesmo ano, abriu realmente a primeira vaga. O seu substituto foi Lafayette Rodrigues Pereira, que sob o pseudônimo de *Labienus* o defendera dos ataques de Sílvio Romero.

## Nabuco a Machado

Hamilton, Mass. setembro 3, 1908.

Meu caro Machado,

Estou de volta de Chicago, aonde fui pronunciar o discurso de que lhe dei notícia prévia.

É uma pequena viagem redonda de umas 60 horas!

Para dizer algumas palavras.

O pior é que tenho outras viagens do mesmo tamanho esperando-me.

De volta vim achar o seu livro e a sua carta. Esta está muito desconsolada. Eu não o poderia mesmo aí consolar do isolamento.

V. fechou-se nos seus hábitos como a tartaruga na concha, mas ao contrário dela não carrega consigo a sua casa. Se não fosse assim eu lhe aconselhava que se mudasse para perto do Graça Aranha. Receio que V., só, esteja vendo gente triste e cultivando a amizade de velhos, em vez de tomar um bando de mocidade prolongado e constante.

Quanto ao seu livro li-o letra por letra com verdadeira delícia por ser mais um retrato de V. mesmo, dos seus gostos, da sua maneira de tomar a vida e de considerar tudo. É um livro que da saudade de V., mas também que a mata. E que frescura de espírito! É o caso de recomendar-lhe de novo a companhia dos moços, mas íntima, em casa. V. parece sentir isto com o Tristão e com o Mário de Alencar. Mas o benefício de infiltrar mocidade não seria para V. só, seria também para eles. V. é a mocidade perpétua cercada de todas essas afetações de velhice.

Não se lembre dos 70 e terá 40. Somente não me acostumo à ortografia. Creio que lhe terá custado reconhecer-se na nova.

A mim parece que estou lendo os antigos jornais do Borges da Fonseca. Ao menos dessa revolução ele se saiu bem afinal. São os espíritos revolucionários que revolucionam a ortografia.

Um abraço apertado do  
Velho amigo

*Joaquim Nabuco*

Em breve passo a reler o *Memorial*.

### III

A CAMÕES / IGNEZ E CATHARINA  
A MISSÃO NABUCO  
O CARVALHO DE TASSO E MACHADO DE ASSIS  
“PENSÉES DÉTACHÉES”, DE JOAQUIM NABUCO  
ARTIGO DE VICENZO MORELLI  
A MORTE DE MACHADO DE ASSIS  
A MOCIDADE HEROICA DE JOAQUIM NABUCO  
JOAQUIM NABUCO

# Soneto

*Um dia junto, à foz do brando e amigo  
Rio, de estranhas gentes habitado,  
Salvaste o livro que viveu contigo.*

*E esse que foi às ondas arrancado,  
Já livre agora do mortal perigo,  
Serve de arca imortal, de eterno abrigo  
Não só a ti, mas ao teu berço amado.*

*Assim, um homem só naquele dia,  
Naquele escasso ponto do universo,  
Língua, história, nação, armas poesia,*

*Salva das frias mãos do tempo adverso.  
E tudo aquilo agora o desafia,  
E tão sublime preço cabe em verso.*

Machado de Assis

## Ignez e Catharina

*Duas mulheres chegam-se, medrosas,  
Para perto da estátua, cuja fronte  
A manhã que desperta no horizonte  
Enche de claridades jubilosas.*

*Vestem ambas as roupas gloriosas,  
Cujos fios de luz não há quem conte.  
Mas quem são essas formas vaporosas,  
Como as névoas que crescem sobre o monte?*

*Uma traz as ervinhas, com as flores,  
Que ela colheu na fonte dos amores  
A quem depois de morta a fez rainha;*

*A outra, que era a vida, era o desejo,  
Que enchia a grande alma que ele tinha –  
Noiva da sua glória –,traz-lhe um beijo.*

Joaquim nabuco

Estes sonetos foram publicados na *Revista Brasileira*, no volume em homenagem a Luiz de Camões, 10 de junho de 1880.



Filosofava do púlpito um dia o Padre Vieira: “Não há maior delito no mundo que o ser melhor. Ao menos eu a quem amara das telhas abaixo, antes lhe desejara um grande delito que um grande merecimento. Em grande delito muitas vezes achou piedade: um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delitos com carta de seguro, os merecimentos homiziados.” Mas a generalidade dos aplausos com que foi acolhida a escolha do Sr. Joaquim Nabuco para a nossa representação no arbitramento sobre a pendência anglo-brasileira, aí está deixando ver, por uma exceção bem-vinda, que nem sempre se verifica o pessimismo, ainda mal quase sempre certo, do grande pregador.

Não era de nossa parte que o ato do Governo podia ter dúvida na aprovação. Muito há que aconselhamos à República a seleção das capacidades em todas as opiniões, e em todos os partidos. Por outro lado, em todos os tempos, o autor destas linhas tem sido um dos que mais admiração professaram pelo mérito do nomeado, cuja carreira ascendente acompanha desde os primeiros surtos. Lamentávamos a muralha aparentemente insuperável que o separava do serviço do país, sob as instituições atuais. Não podíamos, portanto, deixar de estimar a ocasião patriótica que lhe estendeu afinal, por sobre o fosso das prevenções ordinárias,

a ponta de honra, considerada, com razão pelo nosso eminente conterrâneo, como “um presente da fortuna”.

As qualidades orgânicas do Sr. Joaquim Nabuco não lhe permitiam, por mais que quisesse, furtar-se à atividade política. Sobre a compressão que lha vedava, ela irrompia a miúdo nos seus escritos, em juízos, sentimentos, sugestões de atualidade que involuntariamente o punham em contato com os homens, as coisas e os fatos correntes. Na *Vida* monumental do seu Pai e na encantadora *História* de sua Formação, transborda a exuberância de uma personalidade, cujo poder de ação não lograva conter-se no refúgio meditativo da religião e das letras, a que o idealismo do artista supunha ter disciplinado às exigências dos lutadores. Acedendo, logo, pelo que não há senão louvá-lo, ao convite do Governo, o patriota cedia, ao mesmo tempo, insensivelmente a uma necessidade da sua têmpera, a uma força interior da sua vocação e expansão inevitável da sua individualidade, a um impulso do seu destino, que o não criou só para escrever com a sua pena a história, senão também para a elaborar com os seus atos.

Habitado a proceder “como seu próprio chefe” não fez cabedal o Dr. Joaquim Nabuco da sentença, em que o hão de julgar entre as intransigências e os fanatismos de uma e de outro. Com tais independências não se acomoda a política de partido. Bem fez, porém, o ilustre brasileiro em não proceder como homem deste ou daquele bando militante, mas como amigo de sua pátria, cuja exigência e honra, superiores a todos os regimes, não se ligam essencialmente à sorte de nenhum.

Nem sempre se pode servir à nossa terra, sem desservir aos nossos correligionários, Nas conveniências dos seus desfechou considerável golpe a atitude isenta e livre do Dr. Joaquim Nabuco, pondo acima de todos eles as do Brasil, as da sua nacionalidade, as da sua perpetuidade, as da sua integridade. Ainda que se não inspirasse, porém, senão nos supremos interessasse desta causa suprema, a colaboração de um monarquista de tamanha valia,

nas responsabilidades da tarefa republicana, há de necessariamente atuar como um jato de água fria no fervor das esperanças imperialistas.

O comum dos espíritos não é capaz dessas discriminações delicadas. Para os membros da sua comunhão política este nome, que o novo regime acaba de incorporar ao escasso pecúlio das suas utilidades, era um desses cismos inacessíveis, que hipnotizavam a confiança dos últimos confiantes. Que o zelo destes, pois, se sinta profundamente magoado no melindre de seu exclusivismo e o abalo da surpresa lhe invada o derradeiro presídium da sua fé, suscitando amargos ressentimentos, mui natural será, muito humano. Nem faltará no acervo das queixas o concurso dos lógicos da escola, em cuja balança, pesadas, no desenlace eventual da missão, as duas hipóteses, se dirá talvez que a vitória viria aproveitar unicamente à consolidação da República, ao passo que o revés comprometeria a aspiração monarquista, comprometendo-lhe a popularidade na pessoa de um dos seus mais altos representantes.

Como essa condição influirá no seio do monarquismo, se operando como reativo, para o decantar dos elementos duvidosos, precipitar os princípios jovens, e promover entre eles a homogeneidade, a coesão, a solidez, se lavrando, pelo contrário, como dissolvente, para apressar a sua realização na massa republicana, só o tempo o dirá, pronunciando entre as conjecturas de hoje.

Seja, porém, como for, um incontestável serviço, ao menos terá prestado, com este proceder, o Dr. Joaquim Nabuco, à situação dos seus correligionários políticos neste regime. E esse benefício é, simultaneamente, um benefício ao país. A tolerância, que até hoje tão dificilmente se lhe tem concedido, através de suspeitas e perseguições, deve-lhes estar assegurada agora na extensão da mais plena liberdade. No hábil convite do Governo republicano ao preclaro monarquista, na anuência do monarquista ao convite republicano está implicitamente selado um pacto inviolável de reconhecimento dos direitos constitucionais da opinião política,

a cuja porta a república foi bater em busca de um auxiliar para a solução de dificuldades nacionais. E tanto maior vem a ser o alcance dessa aliança, a sua expressão, e sua inquebrantabilidade, quanto a iniciativa nasce espontaneamente de um governo, cujo chefe, noutro teatro, se assinalou pela dureza de um político de reação desabrida contra a propaganda monarquista. A evolução do Sr. Campos Sales é inteligente, é patriótica, e serve melhor aos sãos interesses da república do que os mesquinhos recursos do intolerantismo oficial, cuja crônica de brutalidades e sangue tanto nos envergonha. Esperemos que de ora em diante o país não continue dividido em *bons* e *mais cidadãos* pela ortodoxia do poder, e que, sob uma constituição, cujas garantias nos permitem discutir a Deus, não se tire a brasileiros a faculdade de questionar a república, esta não tem o direito de negar a liberdade de um partido, do valor de um cujos próceres se utilize em matéria de tão alta gravidade.

Destarte se habituarão a servir em comum à nação as duas opiniões opostas, combatendo-se no terreno dos interesse contingentes, e completando-se na esfera dos deveres superiores.

*Rui Barbosa*

(*A imprensa*, 13 de março de 1899.)

Rio, 14 de março de 1899.

Meu caro Rui,

É-me grato depois de tanto tempo de separação ter que lhe agradecer o seu artigo de ontem, repassado da velha camaradagem que nos liga desde a adolescência, quando fazíamos parte do

mesmo bando liberal da Academia. Os seus elogios não são outra coisa senão a munificência do seu espírito, que pode fazer presentes destes sem despojar-se.

Não aceitei o encargo que me era oferecido sem grave relutância e constrangimento, nem sem ter procurado de diversos modos afastar de mim o cálix. É para mim com efeito um penoso sacrifício e um grave compromisso essa de embrenhar-se intelectualmente durante anos pelo Tucutu, e Rupunani, sobretudo tendo que me separar de minha mãe, que breve completa a idade perfeita dos antigos, os 81 anos, e cuja velhice feliz é hoje o meu maior empenho: *consummatio tamen oetatis actoe feliciter*. Não escuto, porém, tratando-se de minhas crenças políticas, o *oblivicere populum tuum et domum patris tui*, que retinha nos ouvidos de Newman ao deixar Oxford e a religião anglicana. A monarquia só poderia voltar com vantagem para o país se os monarquistas se mostrassem mais patriotas do que os republicanos. Eu, pelo menos é um duelo de patriotismo que queria ver a causa nobre e justamente decidida.

Creia-me muito sinceramente convencido do que pratiquei, à custa do maior dos sacrifícios, o de expor-me ao juízo dos Fariseus e dos Publicanos, em vez de acabar já agora, no refúgio meditativo da religião e das letras, mostro que, se morrer amanhã, não levo para o túmulo somente um espírito monarquista e liberal, levo também o coração brasileiro.

Ninguém dirá que a política e a diplomacia brasileira podem ser hoje as mesmas que eram ontem quando a Federação Americana ainda se conformava ao conselho dos seus fundadores de não ter colônias nem querer aliados.

Todas as altas posições e funções políticas entre nós, seja o Governo, seja da oposição, seja da Imprensa, têm pois d'ora em diante que ser aceitas sob a impressão do terror sagrado próprio dos que elaboram os destinos nacionais em uma época de crise e mutação. É este o tempo para todas as imaginações sugestivas e

criadoras se aproximarem, para todas as dedicações e sacrifícios se produzirem se quisermos alcançar a honra e os créditos da nossa geração, à qual veio a caber uma hora de tais responsabilidades. Eu repito o que dizia meu Pai em 1865: “Deus não permita que a história deplora a sorte de uma nação nova, cheia de recursos e de vida, mas infeliz por sua culpa.” Há um terreno superior ao das dissensões políticas com que os espíritos de igual tolerância, de igual elastério, de igual patriotismo, podem e devem sempre colaborar uns com os outros, no interesse comum do país; esse terreno pertence a *leaders* de opinião, como Rui Barbosa, alargar cada vez mais, e dar-lhe força e a consistência do granito.

Creia-me com todos os meus velhos sentimentos de confraternidade liberal, amizade e admiração,

Sempre seu amigo,

*Joaquim Nabuco*

### **Entre velhos amigos**

Infelizmente retardada de um dia pela circunstância de haver sido comunicada para fora da capital pelo serviço da folha ao seu redator-chefe, temos o prazer de dar hoje a lume, com as honras que se lhe devem, a carta, com que nos honrou o Dr. Joaquim Nabuco.

Ainda bem que o seu nobre espírito fez justiça ao autor dessas linhas em não descobrir o nosso editorial de trasant’ontem outros sentimentos além dos que lhe transluzem à superficialidade, sem malícias, reticências, nem entrelinhas. Dirigindo-se, na sua resposta, ao antigo companheiro das suas primeiras lidas intelectuais, evocando as reminiscências da confraternidade, que

já então nos unia nas mesmas aspirações liberais, na mesma vocação da imprensa, no mesmo amor das letras, com a diferença apenas, entre nós, da sua superioridade indiscutível, não lhe enganou o instinto do seu coração. É ainda a mesma aspiração daquela época, a mesma cordialidade, o mesmo interesse pelo futuro de um nome, em cujos primeiros triunfos os seus condiscípulos já adivinham grandes horizontes de glória, vastas perspectivas de luminosa celebridade.

Certo que não podíamos escolher acontecimento de consequências tão consideráveis, quer para o seu protagonista, quer para a política da atualidade, dar o nosso juízo em relação a um sucesso de faces tão complexas, com uma apreciação inteiriça na aquiescência, ou na censura, no júbilo, ou nos receios. Tampouco nos era possível saudar o advento de um homem como o Dr. Joaquim Nabuco, do seu valor, da sua expressão, da sua força, a uma situação nova, e inesperada como esta com um simples hino de epítetos louvaminheiros, com uma glorificação de adjetivos.

No ponto de vista que *A Imprensa* tem ocupado entre os seus ilustres colegas, buscando pregar sempre aos republicanos a tolerância, aos monarquistas a transação, evitando constantemente os extremos, e incorrendo, por isso, tanta vez, na animadversão dos irreconciliáveis, tínhamos a inevitável obrigação e a necessidade impreterível de projetar sobre todos os aspectos desse fato a luz de reflexão desinteressada e imparcial.

Se ele fosse nos arraiais do antigo regime o sinal de um movimento de aproximação para o novo, seria o caso de felicitar-mo-nos, vendo realizar-se, enfim, a evolução advogada por nós, desde 1893, nas colunas do *Jornal do Brasil*, quando, em uma série de artigos ditados por essa preocupação, escrevemos dali o nosso *manifesto aos conservadores*.

Se, pelo contrário, as fileiras monarquistas se retraíssem, e recusassem diante “do ponto de honra”, onde não se deixam as

convicções, indo servir à pátria nos seus reclamos superiores, seria, entre os melhores amigos do país, ocasião de grave tristeza pela esterilidade política de sacrifício tamanho.

Em todo o caso ninguém estava em condições de avaliar melhor que o autor dessas linhas, cujo espírito já viu diante de si esse cálice, mas sem ter a coragem de prová-lo, que Deus felizmente liberalizou ao nosso eminente amigo, reunindo-lhe o vigor d'alma à mais alta capacidade. É uma circunstância, que a bem verdade histórica, em defesa contra a incansável malignidade, somos obrigados, e com o maior constrangimento, a mencionar. Quando o autor dessas linhas ofereceu a missão concernente à pendência com a França, de cuja honra ele julgou dever declinar, o Dr. Manuel Victorino, instado pela anuência, declarou-lhe que essa missão, se o convidado a aceitasse, se estenderia também depois à questão de limites com a Guiana Holandesa e com a Guiana Inglesa. A consciência de sua fraqueza não lhe permitiu arrostar a imensidade dos perigos da tarefa.

Se em nossa linguagem, pois, divisar alguém traços que não sejam de pura exaltação pelo ato patriótico do Sr. Joaquim Nabuco, nada os terá inspirado, senão o zelo por uma reputação, que é hoje uma das poucas fortunas de nossa vida política, por uma força, em que, aos olhos dos seus discípulos, dos seus amigos, dos seus conterrâneos, sempre enxergou uma das reservas preciosas do nosso provir.

Façamos votos à Providência, para que ela o laureie vencedor.

*Rui Barbosa*

(*A Imprensa*, 16 de março de 1899.)



# Nabuco a Graça Aranha

Londres, 12 de abril de 1905.

Meu caro amigo,

O que vai nessa caixa é um ramo de carvalho de Tasso, que lhe mando para oferecer ao Machado de Assis do modo que lhe parecer mais simbólico.

O melhor é talvez que a Academia lhe ofereça, mas quando e como são problemas para o Sr. mesmo resolver. As palavras, porém, com que ele for oferecido devem ser suas. Ninguém sabe dizer-lhe tão vem como o Sr. o que ele gosta de ouvir, e de ninguém, estou certo, ele consideraria a vassalagem tão honrosa para o seu nome.

Devemos tratá-lo com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitárias do oásis.

Muitas recomendações afetuosas do seu muito dedicado amigo

*Joaquim Nabuco*

## Sessão da Academia Brasileira de 11 de agosto de 1905

Palavras de Graça Aranha:

“Uma tarde de primavera quando, num cenário de cores maravilhosas, esvoaçam espectros que vêm da História, um viajante cheio do recolhimento que as cousas eternas inspiravam, sob o Janículo, para em frente a um mosteiro, e tendo Roma aos pés, perde-se na contemplação de uma árvore... Uma bela árvore é um dos grandes poemas da vida, o esplendor e a glória da forma e do amor que, rasgando a terra, se agiganta, postada em face do sol num gesto de resignação e agasalho, fantasma imóvel, solitário, respirando, carpindo, e abrindo-se em frutos.

Aquela árvore no convento de Santo Onofre, no Janículo, é mais que tudo isto. É o carvalho de Tasso. As suas raízes longínquas mergulham nas lágrimas de um gênio.

Àquela hora de agonia universal, quando a melancolia revela os mistérios, e tudo se esvai da realidade e se diviniza em símbolos, Joaquim Nabuco, que era o viajante iluminado, pensa em colher um ramo da árvore da poesia e do infortúnio. E como não pode haver mais significativo tributo à glória de um homem, ele pede à Academia que ofereça a Machado de Assis está relíquia piedosa.

O incomparável representante da cultura brasileira, pela força do sentimento, pela agudeza do gênio, não podia deixar de ser o nosso maior Poeta..., Recendo este ramo de carvalho, ele escutará vozes saídas destas folhas sagradas, que lhe dirão: – “Abriguei à minha sombra a tristeza de um gênio e impelido pelo destino venero aqui a melancolia do teu espírito. A dor também fala em ti pelas vozes da poesia. Quando a piedade lançou na terra as sementes da minha vida, o mundo acaba a festa magnífica e renascente

da alegria. E eu recolhi os lamentos do meu poeta e nas minhas folhas ainda tu perceberás os murmúrios daquela conversação, que começou comigo e foi acabar no céu...

“A tua sombra melancólica é outra; é a tristeza do teu século que se oculta mais sombria e se disfarça num sorriso; enquanto aquela que foi a do meu nascer se desforrava em lágrimas... A tua alma tem raízes seculares como as minhas. Pela doçura dos teus gestos, pela graça do teu espírito, pela perfeição do teu juízo, tu és helênico, e no meio dos bárbaros que deslumbras e que se esforçam por te igualar, és o único que tem o segredo antigo.

“E porque és solitário e aqui não há o teu igual, a tua dor é incomensurável.

“O poeta que me deu a alma, desgraçado como foi, não teve o martírio dessa solidão olímpica. Ele teve para consolo e companheiro da sua agonia, Roma... e a loucura. E tu não tens nem o espetáculo da arte, nem a antiguidade, nem o desvario. Está num deserto de homens, imenso e triste, em plena tragédia de uma natureza ameaçadora e estranha.

“E a tua razão tem a segurança geométrica, os teus olhos a claridade dos que perceberam a harmonia das esferas. Só o teu espírito é límpido e por isso o teu sorriso tem mais amargura... E ainda assim, homem antigo e terno, em cujos nervos passa o que ela tem de mais alto e de mais sólido na criação, no pensamento e na forma.

Ela se orgulha em ti, pois tu a recompensaste com a meiguice e a força da tua poesia e com a sutileza das tuas ideias, fabricando com as tuas frases aladas, que são abelhas misteriosas, o mel secreto do infinito...”

Assim fala ao poeta brasileiro o carvalho de Tasso.”

*Graça Aranha*

## O carvalho de Zeus

*Poesia de Alberto de Oliveira*

*No Janículo, em Roma, há um túmulo, e ao pé dele  
Um carvalho que em porte e majestade excele  
A quanto cedro aí por selava americana  
Frondeia, a espanejar a ramaria ufana.  
Século já lá vão que no seu posto ereto  
Reverenciosamente, em desvelado afeto  
Guarda o sacro moimento, ao pé do qual, enorme  
Se desgrenha, e farfalha, ou reza, e pensa ou dorme,  
Sob os raios do sol, sob a noite dos céus...*

*O túmulo é da Tasso, o carvalho é de Zeus.*

*Zeus ao rude carvalho, amou nos tempos idos  
Quando, ao contrário de hoje, havia em tudo ouvidos  
Para as vozes do céu, e na solidão selvagem,  
Todo o rumor, aflar de brisas nas folhagem,  
Uivos de bruta fera, ou de asas peregrinas,  
Revoar e rebates eram vozes divinas.  
Desde Eubeia, no Egeu, às praias do mar Jônio,  
Soava, e em Delos, Mileto, ou no antro de Trofônio,  
Ou Dodona, no Épiro, o verbo oracular.*

*A divindade aí estava, ó roble secular!*

*E, ou te esgalhava, ou tua fronde abria  
Em bênçãos, a infundir-te a seiva com hamadria.  
Era o sussurro teu a sua voz poente,  
Voz de raio, ou de amor, que ouvia a ignara gente,*



*Por isso a Zeus a frente os teus ramos ornavam,  
Por isso a qualquer Deus se estátuas levantavam  
De madeira, a madeira a todas preferida  
Era a tua, que eterno o símbolo da Vida  
E o símbolo da Força, eterna vê triunfal,  
Viam todos em ti, ó carvalho imortal!*

*Ora, diz-se (eu não creio) haverem-se ido em meio  
Do geral confusão, os deuses. Eu não creio,  
Porque os sinto neste ar, nos cerros e nos vales  
Em toda parte, enfim, como os sentia Tales;  
Hero, Hefestos, Apolo, Afrodite, Deméter,  
Hermes, Dioniso, Pan, na água, na terra e no éter  
Pulsam, eternos são; de modo que inda agora  
Deles a Criação tão cheia como outrora  
Os mostra em cada ser, inseto, árvore e flor,  
Nuvem, estrela, sol, gerando a Vida e o Amor.*

*Quando explode uma vez, no Janículo, em Roma,  
Ao carvalho que daí levando a coma,  
Um raio, a mão de Zeus é que o expede. Vingança?  
Não sei, nem a entendê-lo a minha mente alcança.  
Zeus, qual saía em tempo, a árvore sua amada  
Castiga, se lhe estua a cólera abrasada  
Ou praz-lhe, a espaiecer tristeza que o ensombra  
De o haverem destronado ir divagar-lhe à sombra –  
Como à sombra lhe errava, ora aqui, ora além,  
Tasso, o cantor de “Aminta” e da; “Jerusalém”.*

*E aí, do poeta, em meio à solidão predileta,  
Ante o deus muita vez surge o espírito... (o poeta,  
Por castigo do céu neste mundo exilado*



*Acabe cedo ou tarde, é dos deuses amado).  
Sussurra a árvore antiga, os ramos alevanta  
E reza... É cada uma boca que canta,  
Flui-lhe um hino do tronco; há virgens que o povoam,  
Como outrora. E a escutar vozes que internas soam,  
O heroico vegetal rude, animado, enfim,  
Entrediz num fremir: – Zeus inda existe em mim!*

*Sucedeu inda há pouco, andando a divindade  
Mágoas a deslembrar de olímpica saudade,  
Ver, relançando ao roble, os seus olhos serenos,  
Faltar-lhe um ramo.*

*– Roble, um ramo há em ti de menos?  
Ousou profana mão a t'ó arrancar? Tocar-te  
Não me é dado a mim só?*

*Respeitosa, destarte*

*A árvore respondeu, a augusta corpulência  
Balanceando, em sinal de extrema reverência,  
Toda humildade e amor, e toda contrição  
Diante do deus senhor do raio e do trovão:  
– “Zeus no vale do Tempe amado, Zeus-Peloros,  
Zeus que aos Titãs do Ótris com os teus dardos sonoros  
Venceste e com Briareu, Gies e Kottos, Zeus – Magno!  
Zeus, criador dos céus, pai dos homens, destino  
E alma de tudo, Zeus, – Teleios! Zeus da luta,  
Zeus da paz e do amor, Melíquio – Zeus escuta:  
Falta-te ao roble um ramo? é que o mandei daqui  
Por ser ofertado a quem sei que é digno de ti!*

*Levam-no, ó Zeus, a um poeta, a um mestre, e dos mais  
[sábios,  
Desses a quem o mel lhes vão filtrar os lábios,  
Como outrora a Platão, zumbindo, abelhas de ouro.*

Ele, o Divo, resguarda o mágico tesouro  
Da língua que falar no claro Olimpo ouviste;  
De teu culto na terra é devotado antiste;  
Coroa heroica e digna em sua frente posta,  
Minhas folhas serão...”

Por única resposta  
Zeus com um gesto abençoando o amado roble seu,  
– É justo o preito – disse. E desapareceu.

## A véspera do Capitólio

Poesia de Salvador de Mendonça

Em busca do ideal subimos juntos  
A montanha da vida, a estrada a pino  
De um lado tinha o vórtice profundo  
De alta corrente, e de outro ressupino  
O penedo; no chão urzes e flores,  
Além do céu cristalino.

O que vimos? Às portas do Oriente  
Nas margens do Pireu, em luz imerso,  
O Partenon dormia e modulava  
De cabras um pastor, límpido verso  
De Teócrito, enquanto ia soltando  
O rebanho disperso.

Tinham morrido os deuses e o romano  
Poder que o mundo inteiro avassalara.



*Das ruínas apenas ressurgiam  
Das humanas leis o código, a preclara  
Obra do Mantuano, e a sempiterna  
Lei que Jesus pregara.*

*Vimos depois a Europa renascida –  
No campo florentino o austero Dante,  
Petrarca e Vinci, em, Roma Buonarotti,  
O Arcanjo Rafael, Tasso e Bramante;  
Em Veneza Giotto e Ticiano;  
Gigante após Gigante.*

*Nas Espanhas Cervantes; sobre o Tejo  
O grão Camões, fanal de nossa raça;  
Ao norte os dois colossos dessa idade,  
Rembrandt e Shakespeare; este espedaça  
Velhos moldes, aquele diz à treva:  
– De treva luz se faça!*

*Varrem o solo os ventos redentores,  
Ruem tronos e a deusa liberdade  
Suscita Goethe e Hugo, dragões alados,  
Que o Verbo do Senhor à humanidade  
Ambos vão proclamar de povo em povo  
De cidade em cidade.*

*Dos céus na altura, glória, e paz na terra!  
Ondulam pelo espaço as harmonias,  
Cantam estrelas, aves, flores, rios,  
E tu na pura fonte ali bebias  
Suave inspiração de luz divina,  
Que da frente irradias.*



*Ave do amor, que os séculos transpondo,  
Imutável, renasce, íbis sagrada  
Do culto antigo como flor de lótus  
Tuas noites encheu; mas na alvorada  
Veio acordar-te de teu sonho de ouro.  
Como asa nacarada.*

*Juntos retrocedemos. Já no ocaso  
Bem claro se nos mostra o que buscamos:  
Sobre a dourada faixa do poeta  
O divo Pan cantando sobre os ramos  
O fim do dia precursor da Aurora,  
Que longe divisamos.*

*Das mortas gerações da augusta Roma,  
Amigas mãos colheram dentre o espólio  
O ramo que, estendido sobre a campa,  
Servia ao vale de instrumento eólio.  
Toma-o na destra, e surge e segue a estrada  
Que leva o Capitólio.*

*Amanhã, quando os pósteros te lerem  
O estilo simples, lícido e fluente  
Em que rolam ideias como gemas  
Sobre o leito da plácida corrente,  
Saberão por que em vida te sagramos  
Dentre os crentes, o crente.*

## PENSÉES DÉTACHÉES, DE JOAQUIM NABUCO

(Artigo de Émile Faquet, publicado na revista *Les Annales Politiques et Littéraires*, Paris, 29 septembre 1907).

“Joaquim (*sic*) Nabuco – évidemment un pseudonyme – est un homme qui doit approcher de la soixantaine, qui a eu une très forte éducation franco-anglaise, qui a été fortement ému pour un temps par Chateaubriand, par Shelley et par Renan, pour toujours par la Bible; qui n’ignore, du reste, ni la philosophie allemande ni Auguste Comte, qui a passé une partie de sa vie probablement dans les fonction diplomatiques au Brésil, qui a moins écrit que lu et moins lu que réfléchi qui s’est fait ainsi une très forte originalité d’esprit, où il entre un peu de bizarrerie, et qui aime à écrire des “pensées détachées”, à la manière de Nietzsche, plutôt que des livres composés.

Voilà ce qu’à travers le volume qu’il nous envoie, je démêle de la personnalité de Nabuco.

C’est un philosophe fort intéressant. Il est profondément religieux; non pas, ce me semble, qu’il appartienne à aucune confession; mais non seulement il est déiste, mais il a le sentiment religieux, pour ainsi dire permanent, ce qui est, du reste, la seule manière de l’avoir, et toute la création et aussi toute l’âme humaine, ou, au moins, ce qu’elle a de meilleur, sont pour lui “Dieu sensible au cœur”. Il y a quelque chose de Novalis, (qu’il cite une fois) dans cet homme là.

D’autant plus que lui aussi est un philosophe qui se sent à chaque instant, devenir poète ou romancier. Il dit souvent: “Roman à



écrire..., scène à écrire..., conte à écrire...” Seulement, de ce roman, de ce conte ou de cette scène, – toujours philosophique, – il ne donne qu’une courte esquisse et il passe. La vie est trop courte, ou les occupations de la vie pratique trop absorbantes, ou la chasse aux idées trop captivante ou peut-être la paresse trop forte, pour que le philosophe passe son temps à écrire des contes ou des nouvelles.

Ces “pensées détachées” (et ne faites aucun contresens, cela ne veut pas dire “pensées de détachement”, et Nabuco n’est ni un ascète ni un dilettante), ces pensées détachées, ces divertissements d’un esprit très méditatif, très concentré et qui vit d’une sorte de vie intérieure, sont très intéressants à suivre, à guetter, pour ainsi dire et à prendre à la pipée. Il y en a, de ces pensées, qui ne sont pas faciles à comprendre; il y en a de neuves et de curieuses que vous aurez plaisir à méditer. De ces dernières, je détache, à mon tour, quelques-unes pour vous mettre en goût:

“Si l’on me prouve qu’un rite de l’Eglise n’est qu’une transformation d’un rite païen antérieur, que l’encens avait déjà brûlé dans les temples romains; que le prêtre tourne à la messe les mains comme le sacrificateur ancien, on ne fait, pour moi, qu’ajouter un prestige de plus à la cérémonie qu’on veut détruire. C’est un curieux système pour déraciner une croyance, de montrer à quel point les racines en sont profondes.”

“A la fin de tout, si Dieu n’existait pas, la religion aurait eu rôle, si possibles, encore plus beau; car elle en aurait tenu lieu.”

Voilà une bonne formule renanienne. C’est le “divin” de Renan considéré comme nécessaire à l’humanité quand bien même il ne serait pas prouvé qu’il répondit à quelque chose, quand bien même il serait prouvé qu’il me répondit à rien. Bonne formule.

Quelque fois, et ce n’est pas où je l’aime le plus, Nabuco a comme un grain de La Rochefoucauld dans l’esprit, ou plutôt dans son humeur. La Rochefoucauld avait dit:

“Ce n’est pas toujours par vaillance et par chasteté que les hommes sont vaillants et que les femmes sont chastes.”

Nabuco dira:

“Il y en a qui ont les défauts de leurs qualités; mais il y en a aussi qui ont les qualités de leurs défauts. Beaucoup d’honnêtes femmes, par exemple, auront dû leurs vertus à leurs manque de charmes, et beaucoup d’honnêtes gens leur probité à leur manque d’intelligence.”

De l’esprit assez souvent, uni à la justesse d’esprit:

“La famille opère la conversion religieuse en concentrant l’imagination sur ce qui vaut véritablement la peine. Le mariage n’est pas un éteignoir; c’est un abat-jour.”

Plus paradoxal, ceci, mais bien piquant un peu trop piquant, même; mais on pardonnera la vivacité de la boutade en faveur de la conclusion, qui est la plus morale au monde:

“Se marier, c’est comme bâtir pour soi-même, sur son propre terrain; cultiver sa propre terre, embellir sa propre maison. Combien de gens, après avoir eu de belles résidences temporaires, se trouvent à la fin, sans foyer pour avoir éparpillé leur temps et leur goût à faire des améliorations dans le bien d’autrui!”

Améliorations ne me paraît pas le mot juste; mais la pensée est bien jolie et singulièrement fine.

Oh ! Le bon précepte littéraire que celui-ci:

“Ne recherchez pas l’originalité. Elle est plutôt, en général, un signe de médiocrité *On n’a le droit d’être original que sans le vouloir.*”

Ceci est absolument excellent en son fond et la forme a été trouvée avec un bien rare bonheur:

“Les partis ne sont, en général, que des partis pris, – quelquefois inconscients.”

Très bien dit et rien soit plus juste. On ne serait jamais d’un parti, d’aucun parti, si l’on se laissait guider à la réflexion. Aussi bien on ne s’engage jamais dans un parti; on s’y trouve engagé

avant que d'y avoir pensé, par sa famille, par son éducation, par ses entours; ou par réaction contre sa famille, contre son éducation, contre ses entours, et ce n'est pas la même chose, non, mais cela y ressemble et, en tout cas, cela a les mêmes effets. Oui, tout homme de parti est de parti pris. Il ne faut pas être, d'un parti, il faut avoir une opinion. C'est si différent, du reste, que, si l'on reste de la même opinion, il faut sans cesse changer de parti et que, si l'on reste du même parti, il faut sans cesse changer d'opinion.

Ceci n'est qu'une image pour exprimer une idée vieille; mais, si l'idée est vieille, l'image est neuve:

“En politique, la vapeur qui permet d'aller contre le vent courant est encore à trouver. On n'y peut naviguer qu'à la voile.”

Ceci, au contraire, est très profond et, ce me semble, n'avait jamais été peut-être même pensé:

“La jeunesse au fond *n'est que la surprise de la vie*; quand on ne la ressent plus, on n'est plus jeune, *et l'on est jeune tant qu'on la ressent.*”

Ceci plairait à M. Paulhan, je crois, et aurait plu à Brunetière et serait vertement réfuté pas notre ami, M. Paul Gaultier. Je le donne comme il est ici:

“Le sens esthétique est une des plus grandes, s'il n'est pas la plus grande, parmi les sources d'égoïsme.”

Au fond, je ne suis pas loin d'être de cet avis. Seulement, je dis toujours: si l'égoïsme n'avait pas cette source, ou plutôt cet emploi, comme il s'en trouverait un autre! Car c'est lui qui est une source; il est sa source à lui-même, et j'aime encore mieux qu'il se donne l'esthétique comme canal que non pas qu'il s'envase et qu'il s'embourbe.

• • •

Baucoup de pensées sur la vieillesse, et très sereines et consolantes. On tirerait de ce volume un petit *De senectute* d'une



vingtaine de pages et ce serait un agréable vademecum. On connaît le mot (de Mme de Lambert, je crois) sur ce sujet:

“On a fait des traités sur l’amitié et la vieillesse, pour les faire aimer; fort bien; mais on n’a pas besoin d’en faire pour le même objet sur la jeunesse et sur l’amour.”

Quoi qu’il en soit, voici quelques pensées de Nabuco sur la vieillesse:

“On prend quelquefois pour un commencement de mort ce qui est, au contraire, l’éclosion du cœur à une vie supérieure et plus large, – le souvenir est une essence qui ne donne tout son parfum que dans l’encensoir de la vieillesse.”

Nabuco excelle vraiment, quelquefois, comme vous avez déjà vu, à trouver une image neuve, forte et brillante pour exprimer une pensée que tout le monde peut avoir, mais que fort peu auraient avec tour d’esprit aussi heureux:

“Le dix-neuvième siècle aura ébranlé le système nerveux de l’humanité comme aucun autre siècle. Il a enfanté peut-être les plus grandes choses de l’invention humaine; mais il a augmenté extraordinairement la pression de la vie sur le cerveau. *L’homme y est entré en chaise de poste et en est sorti en automobile.*”

Je ne saurais assez féliciter Nabuco d’avoir fait l’apologie du mensonge... Entendons-nous. Il y a le mensonge égoïste qui est l’effet, la marque et la source, tout cela ensemble, de la plus basse et de la plus dégoûtante immoralité; mais il y a le mensonge de générosité qui, non seulement est permis, mais qui est un devoir. Le mensonge consolateur envers les malades; à un moindre degré, le mensonge sentimental envers quelqu’un des défauts de qui l’on souffre, mais qu’on ne veut pas blesser en lui disant qu’on en souffre; à un moindre degré, le mensonge de politesse, sans lequel il n’y aurait pas de société, en un mot, tous les mensonges qu’Alceste ne veut pas faire, sont des formes de la bonté et doivent être approuvés du moraliste. Nabuco démêle très bien tout cela:



“Jusqu’ici (et il a raison de dire: “jusqu’ici”, car une humanité supérieure, que je doute, du reste, qui existe jamais, pourrait *n’avoir pas besoin de mensonge*), la bonté et le mensonge on été aussi intimement mêlés que la vérité et la poésie. Eliminer en absolu le mensonge, ce serait toucher à la bonté. La haine des mensonges qui impliquent de la bassesse est un souffle de vie pour l’âme de l’enfant; mais la haine des mensonges qui impliquent de la tendresse et de la bonté serai un souffle desséchant et aride.”

Rien de plus certain. Nabuco a parfaitement raison. Seulement, aux dernières lignes de ce petit article, il mêle à la question du *mensonge généreux* une question qui est tout autre: la question du *mensonge de discrétion*. C’est une tout autre affaire et sur laquelle mes conclusions ne seraient peut-être pas les mêmes. Il dit:

“Tout homme et toute femme portent un masque à travers la vie que nul n’a droit de lever et qu’ils ne sont tenus d’ôter que devant Dieu.”

• • •

A côté dès pensées proprement dites, je signalerai, dans le livre de Nabuco, des pages de méditation qui sont d’une grande beauté. Le *Souvenir du cimetière de Pétrópolis*, donne presque l’appétit de la tombe, comme le *De senectute* donnait à Montaigne l’appétit de vieillir:

“... Quelle idée douce de la mort on a ici! On l’aspire comme un souffle printanier; elle embaume idéalement la nature... On sent que les morts se trouvent bien dans cette solitude, et de ce qu’on les ait laissés aux fleurs, aux larges feuilles, aux grands ombrages. Ils savent que la mort n’est elle-même que l’effeuillaison de l’âme en vue du printemps éternel...”

Lisez tout le morceau. Ce n’est pas si loin d’être du Chateaubriand. Et en est d’autres.





Nabuco, puisque Nabuco il y a, est un esprit très distingué. Il se définit lui-même quelque part, avec modestie, mais avec l'originalité qu'il a souvent, de la façon suivante:

“Je n'ai étudié aucune science, je ne possédé aucune langue, ni les procédés d'aucun art; je ne suis pas un écrivain; je ne me range, pour la pensée, ni parmi les vertébrés, ni parmi les articulés, mais parmi les simples spongiaires du grand océan humain. Comme l'éponge je ne fais que m'imbiber de son flot, *n'en sentant pas l'amertume, mais seulement la fraîcheur.*”

Ce spongiaire optimiste a, au moins, une voix très bien articulée.

...

*(Artigo de Vicenzo Morelli (Rastignac) traduzido da Tribuna, de Roma e publicado no Jornal do Comércio, do Rio, em 14 de janeiro de 1907).*

Um belo volume, que traz o nome de Joaquim Nabuco (Joachim Nabuco, um pseudônimo evidentemente, afirma E. Faguet. Por que evidentemente? É o nome do ilustre diplomata brasileiro, que está atualmente em Washington, e que já esteve em Roma.) Um belo volume. Desfolho-o. Corro os olhos pelos versículos. Paro em uma página e leio:

“La jeunesse au fond n'et que la suprisse de la vie; quando on ne la ressent plus, on n'est plus jeune et on est jeune tant qu'on la resent.” Eis um bom consolo para quem começa a descer o vale dos anos. E penso em Byron, que aos trinta e sete anos escrevia: “Já é tempo que o meu coração não bata mais. Por que sobreviver a si mesmo?” Ele já não sentia aquela surpresa, e todavia parece que se tinha conformado. “O homem pode se consolar de tudo, desde que se consola de não ter mais vinte e cinco anos.” E penso no poema não concluído, o *Poète déchu* de Musset: – sobreviver à





mocidade é sobreviver à inspiração”. E penso em tanta coisa... E pensando continuo a folhear o livro e leio em outra página: – “On prend quelquefois pour un commencement de mort ce qui est au contraire l’éclosion du cœur à une vie supérieure et plus large. Le souvenir este une essence que ne donne tout son parfum que dans l’encensoir de la vieillesse.”

Este autor é um verdadeiro diplomata da vida. Sabe encontrar a forma mais correta e elegante para manter as melhores relações ente a razão e a fantasia, entre a matéria e o espírito, ente o sonho e a realidade.

E seguindo, sempre a folhear?

“Ne recherchez pas l’originalité. Elle est plutôt, en general, un signe de médiocrité. On n’a le droit d’être original que sans le vouloir.”

Aqui está escrita a história da arte em duas linhas: “Molière é o menos original dos escritores do seu tempo e dos nossos, mas é também o maior. Todas as duas comédias estavam quase compostas antes que ele as escrevesse, mas só ele as escreveu.”

Ah! Este livro do Sr. Nabuco me deleita. Em todas as páginas deparo uma observação profunda, um achado imprevisto, uma imagem clara e bela, uma expressão fecunda de pensamento e de sentimento. Não o desfolho mais, leio-o da primeira a última página. E sinto a ilusão de conversar em um pequeno salão de antigo estilo, guarnecido de nobres tapeçarias, ou em uma “vila” de arquitetura clássica, cheia de estátuas e de quadros, com graciosas damas e filósofos serenos, habituados a exprimir com a palavra mais pura a ideia mais elegante e a tratar do mundo e da vida, como de um poema de amor impresso em caracteres de ouro. Queira sentar-se, Sr. Nabuco! Aqui estamos atentos a escutá-lo.

O Sr. Nabuco é um crente. Como Stendhal era ateu com delícia, ele é crente com delícia. Goza de ser crente e põe muita arte – quase diria muito Renan – no íntimo de sua fé. Crê, assim, como os



pássaros cantam “Quant à la foi n’est qu’un petit oiseau, qui pose sur le fait du feuillage et chant aux heures où Dieu écoute.”

Mas Deus: que é ele: Existe? Quem sabe? “A la fin de tout”, acrescenta o sagaz diplomata, sempre pronto a manter intactas as relações com o infinito. “à la fin de tout, si Dieu n’existait pas, la religion aurait eu um rôle, si possible, encore plus beau, car ele em aurait tenu lieu.”

Como combinar o ideal com um possibilismo tão fervoroso? O Sr. Nabuco, que conhece bem a história das várias religiões e a das várias filosofias, e compreende as objeções que possam ser feitas não ao problema de Deus, mas ao da religião, responde aos imaginário adversários, que do fundo da sua cultura surgem para representar a parte do diabo. E responde com graça; – “Si l’on me prouve qu’un rite de l’Eglise n’est qu’une transformation d’un rite paien antérieur... on ne fait pour moi qu’ajouter un prestige de plus à la cérémonie qu’on veut détruire. C’est un curieux système pour déraciner une croyance que démontrer à quel point les racines en sont profondes.”

Uma observação semelhante está na Institution chrétienne de Calvino, no capítulo em que discute da universalidade do sentimento religioso. O sentimento religioso, diz Calvino, está radicado em todos os espíritos e fixo em todos os corações, e quanto mais grosseiro o culto, tanto mais se demonstra que a necessidade da adoração é inerente ao coração humano. “Pois se o homem prefere adorar o pau e a pedra a ficar sem Deus, é claro que a impressão da majestade divina é tão veemente, que não é possível arrancá-la do coração...”

Mas aqui, de Calvino a Nabuco, estamos no campo genérico do *divino*, naquilo que Renan chamava a *categoria do ideal*. E na dúvida sobre a categoria do ideal estamos todos de acordo. Seria estranho negar a necessidade do homem de crer em qualquer coisa além do real, fora da vida, desde que o fato religioso é um



fato histórico de todos os tempos e de todos os povos. Mas a divergência seria outra; enquanto nós admitimos e estudamos o fato histórico em geral, os crentes repelem o fato histórico das outras religiões como falsos e mentirosos, para só admitirem os da sua fé, como verdadeiros e próprios.

É verdade que o crente não pode deixar de ser exclusivo em seu credo. “Croire c’est donner entièrement”, diz Nabuco.

Ele, porém, deve ter um pouco de prática do mundo e saber por experiência que em amor não é prudente às vezes se fiar em tudo e por tudo nas belas mulheres, deixou de seguir agora escrupulosamente o seu preceito. Ele crê; está contente de crer, seria inconsolável se não cresse, mas na árvore da sua fé, em algum ramo escondido, não pendem talvez os ninho da dúvida?

Ele o sabe. E de vez em quando estremece. E então de sua mente brotam floridos e sutis raciocínios religiosos, raciocínios dos quais o espírito da religião se evola, como por um exorcismo da razão, e porventura depois de um destes exorcismos, alarmado, ele dá aos outros este prudente aviso: “Ne regardez pas beaucoup dans votre foi; tout regard en dedans trop prolongé et attentif est dangereux, on risque de démonter l’appareil même de la vision. L’oeil n’a pas été fait pour voir son propre fond, ni la foi non plus.”

Não é o mesmo que dizer que raciocinando se acaba sempre de acordo com os antagonistas de que a princípio parecíamos ser os antípodas?

Afinal, o Sr. Nabuco tem razão em ter medo dos seus olhos que são na verdade formidáveis e vêem muito longe, por toda a parte, no seu coração e no coração dos outros e descobrem as mais íntimas relações entes as coisas e as ideias, na vida moral e na vida intelectual.

Este livro é todo cheio de pensamentos que são joias extraídas das profundas minas da vida moral e da vida social; sobre o amor,

sobre o matrimônio, sobre a vaidade, a ambição e a hipocrisia resplandecem conceitos de viva luz engastados em um anel de forma absolutamente rara: “Un peu d’amour peut suffire dans le mariage; hors du mariage tout l’amour du monde ne suffirait pas.” Justa observação, não lhes parece? para determinar as proporções do amor, quando é um complexo de deveres sociais e quando é somente volúpia e prazer. E não é menos aguda esta outra observação que se prende à discriminação dos nossos sentimentos e deveres: “Il n’y a pas d’opération plus délicate que de détacher ce qu’il est permis de garder d’un sentiment qui a été un péché. On voudrait l’absoudre de ce qu’il a de délicieux, le regretter comme péché et l’aimer comme souvenir innocente. Deux êtres qui se sont aimés indûment peuvent se repentir de leur faute; le peuvent-ils de s’être aimés ? Muito engenhoso me parece o contraste e bem representadas as situações complexas de dever e paixão, de prazer e de culpa... Tão intrincados entre si que não se pode destruir um sem destruir o outro, não se pode condenar este sem condenar aquele. Só desses contrastes nasce a tragédia moral e assim o prazer torna-se fonte de dor, e a dor não se pode desalterar senão na fonte do prazer. Desta ordem de observações se derivam, sem dúvida, estes outros pensamentos: “La pêche à la femme ou à l’homme peut bien être un plaisir, mais il ne faut pas oublier qu’on y est soi-même l’amorce.” “La femme n’est jamais reconnaissante à qui la sauve d’elle même. Homme, elle le soupçonnera d’indifférence; femme, d’envie.” Através, porém, de todas essas observações, a veia do pecado original, como sempre perene, produz pensamentos de sabor tolstoiano como este: “La grande supériorité de natures chastes est qu’elles ont été créés complètes. Un esprit chaste a besoin de peu.” Oh! Eu auguro para mim mesmo e para os meus leitores ficar incompletos, e que necessitamos de muito, de excessivamente muito, do mais possível,

e sempre nos inumeráveis anos de mocidade. E se estes devem ser contados, desejo que tenham em previsão muito incenso no turíbulo da velhice em glória das mulheres, que foram o nosso amor e a nossa dor. A castidade tolstoiana é miséria e morte.

## **D**iscurso de Rui Barbosa no enterro de Machado de Assis

Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas próprias palavras, num gemido de sua lira, para lhe vir trazer o “nosso coração de companheiros”.

Eu quase não sei dizer mais, nem sei que mais possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro se separam desta para a outra parte da eternidade.

Nunca ergui a voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a linguagem de nos entendemos com o mistério dos mortos. Só o irresistível de uma vocação como a dos que me chamaram para órgão desses adeus me abria a boca ao pé deste jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas se sobrepõe o murmúrio do indivisível, a sensação de uma existência, cuja corrente se ouvisse cair de uma em outra bacia no insoldável do tempo, onde se formam do veio das sem mancha as rochas de cristal exploradas pela posteridade.

Do que a ela se reserva em surpresas, em maravilhas de transparência e sonoridade a beleza da obra de Machado de Assis, di-lo-ão outros, hão de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o digam, dias sem conta, derredor do



seu nome, da lápide que vai tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta do ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, e reminiscência, a mágoa sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém, não quisera falar senão do seu coração e de sua alma.

Daqui, deste abismar-se de ilusões e esperanças que soçobra ao cerrar de casa sepulcro, deixemos passar a glória na sua resplandescência, na sua fascinação, na impetuosidade do seu voo. Muito ressumbra sempre da nossa debilidade na altivez do seu surto e na confiança das suas asas. As arrancadas mais altas do gênio mal se libram nos longes da nossa atmosfera, de todas as partes envolvidas e distanciadas pelo infinito. Para se não perder no incomensurável deste, para avizinhar a terra do firmamento, para desassombrar a impenetrabilidade da morte, não há nada como a bondade. Quando ele, como aqui, se debruça fora de uma campa ainda aberta, já se não cuida que lhe esteja à beira, de guarda, o mais malquisto dos numes, no sentimento grego, e os braços de si mesmo se levantam, se estendem, se abrem para tomar entre si a visão querida que se aparta.

Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo, da singeleza no conceber e no dizer; é que o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma dessa predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expirações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava de leve a pena, lhe ressumava sem azedume das obras, num ceticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade,

por entre as dúvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se desponta, se embebe de suavidade no íntimo desse temperamento, cuja compleição, se desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refratária aos antagonismos e aos conflitos, dir-se-ia emana das mãos da própria Harmonia, tal qual essas criações de Hélade, que se lavraram para a imortalidade num mármore cujas linhas parecem relevos do ambiente e projeções do céu no meio do cenário que as circunda.

Deste lado moral da sua entidade, quem me dera saber exprimir, neste momento, o que eu desejaria. Das riquezas da sua inspiração na lírica, da sua mestria no estilo, da sua sagacidade na psicologia, do seu mimo na invenção, da sua bonomia no humorismo, do seu nacionalismo na originalidade, da sua lhaneza, tato e gosto literário, darão testemunho perpetuamente os seus escritos, galeria de obras-primas, que não atesta menos da nossa cultura, da independência, da vitalidade e das energias civilizadas da nossa raça do que uma exposição inteira de tesouros do solo e produtos mecânicos do trabalho. Mas, nesta hora de entrada ao ignoto, a este contato quase direto, quase sensível com a incógnita do problema supremo, renovado com interrogações da nossa ansiedade cada vez que em de nós desaparece na torrente das gerações, não é a ocasião dos cânticos de entusiasmo, dos hinos pela vitória nas porfias do talento. A este não faltarão comemorações, cujo círculo se alargará com os anos à medida que o rastro de luz penetrará, pelo futuro além, cada vez mais longe do seu foco.

O que ser apagara talvez se o não colhêssemos logo na memória dos presentes, dos que lhe cultivaram o afeto, dos que lhe seguiram os dias, dos que lhe escutaram o peito, dos que lhe fecharam os olhos, é o sopro da sua vida moral.

Quando ele se lhe exalou pela última vez, os amigos que o receberam com o derradeiro anélito contraíram a obrigação de reter, com se reteria na máxima intensidade de aspiração dos nossos





pulmões o aroma, de uma flor, cuja espécie se extinguisse, para o dar a sentir aos sobreviventes, e dele impregnar a tradição, que não perece.

Eu não fui dos que o respiraram de perto. Mas, homem de meu tempo, não sou estranho às influências do mal e do bem, que lhe perpassam no ar. Numa época de lassidão e violência, de hostilidade e fraqueza, de agressão e anarquia nas coisas e nas ideias, a sociedade necessita justamente, por se recobrar, de mansidão e energia, de resistência e conciliação. São as virtudes da vontade e as do coração as que salvam nesses transes. Ora, das tendências que atraem para a estabilidade, a pacificação e a disciplina, sobram exemplos no tipo desta vida, mal extinta e ainda quente.

Molde foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luiz de Souza, e cantava como Luis de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca deslizou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza. Era na alma um vaso de amenidade e melancolia. Mas a missão da sua existência, repartida ente o ideal e a rotina, não se lhe cumpriu sem rudeza e sem fel. Contudo, o mesmo cálice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da têmpera e serenidade da atitude.

Poderíamos gravar-lhe aqui, na laje da sepultura, aquilo de um grande livro cristão: “Escreve, lê, canta, ora, sofre os contratempos virilmente”, se eu não temesse claudicar, aventurando que as suas tribulações conheceram o lenitivo da prece. O instinto, não obstante nô-lo adivinha, nas trevas do seu naufrágio, quando, na orfandade do lar despedaçado, cessou de encontrar a providência das suas alegrias e das suas penas, entre as carícias da que tinha sido a meeira da rude lida e do seu pensamento. Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A



morte não extingue: transforma; não aniquila; renova; não divorcia; aproxima. Um dia supuseste “morta e separada” a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te roubara “por um mundo inteiro no recanto” do teu ninho; e todavia, nunca ela esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face das tuas ações. Esses quatorze versos inimitáveis em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com o rocio sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e justificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das ideias a miséria está na decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos observa das ruínas da outra. Quando eles atravessam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o rei dos mortos sobre os vivos.

Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade dessa origem de todas as graças à onipotência de reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade que nô-la doou. Quando ela nos prodigaliza dádivas como a do teu espírito e a da tua poesia, não é que lhe deveremos duvidar da grandeza, a que te acertaste primeiro do que nós, mestre e companheiro. Ao chegar da nossa hora, em vindo a de te seguirmos um a um no caminho de todos, levantando-te a segurança da justiça da posteridade, teremos o consolo de haver cultivado nas verdadeiras belezas da tua obra, na obra dos teu livros e da tua vida, sua idealidade, sua sensibilidade, sua castidade, sua humanidade, um argumento mais da existência e da infinidade dessa origem de todas as graças à onipotência de quem devemos a criação do universo e a tua, companheiro e mestre, sobre cuja transfiguração na eternidade e na glória caíam as sua bênçãos, com as da Pátria, que te reclina ao seu seio.

## Discurso de Alcindo Guanabara na Câmara dos Deputados

O Sr. *Alcindo Guanabara* – Têm, Sr. Presidente as assembleias políticas uma função não escrita nas leis, uma função não explícita nos códigos institucionais, mas que, nem por isso, lhes compete menos – a função de conservarem, resguardarem ou acentuarem o grau da cultura da sociedade de que dimanam e sobre que agem. É ao exercício dessa função que venho convidar a Câmara do Srs. Deputados, propondo que se amplie a homenagem do voto de pensar que consta da ata que se acaba de ler e foi nela registrado, pela morte Machado de Assis, designando a Câmara uma Comissão de seu seio para representá-la no funerais do ilustre pensador brasileiro.

Não é, certamente, excessiva essa homenagem. O Brasil inteiro orgulha-se de ter produzido o grande espírito que se acaba de extinguir [Muito bem] e a Câmara é bem a representante do Brasil inteiro. Acentuando o seu respeito e a sua veneração por essa entidade singular no campo de ação em que se moveu, dá a Câmara testemunho de que o país venera os que representam a sua alta intelectualidade e rende o devido preito de gratidão aos que lhe encerram a cultura. Machado de Assis sintetiza completar admiravelmente o nosso grau de cultura mental. Ele é o chefe superior e incontestado da nossa literatura. Direi mais: ele parece a expressão única da literatura brasileira, sob este aspecto, da nacionalidade – palmeira solitária no meio do oásis! [Muito bem.]

Ninguém, como ele, afirmou, na obra literária, a sua individualidade e a nossa nacionalidade. Antes dele, contemporaneamente com ele, Gonçalves Dias e José de Alencar, de que, aliás, ele mesmo dizia que encarnou, como ninguém, a alma brasileira, falava do Brasil, mas do Brasil que nós não conhecemos, de um Brasil pré-histórico, do Brasil dos selvagens romantizados e poetizados,

que é, para nós, outros, quase um Brasil de ficção. O seu campo de atividade foi a sociedade em que vivemos. Não tinha imaginação, ou não se servia dela: falava como filósofo, como anotador, como crítico.

Assim, a sua ação é dupla: mental e social. Por outra: a sua atividade literária teve sempre reflexo na atividade social. Ele era um calmo, um retraído, um tímido e, não obstante, foi considerável e intensa a sua influência sobre as classes cultas da sociedade. De fato, basta percorrer as obras que deixou, para se sentir que nenhum fenômeno social se produziu sem que para ele o artista houvesse contribuído, direta ou indiretamente, ativa ou passivamente, na crônica ou no romance: ativamente, pela propaganda esboçada nos seus personagens; passivamente, pela crítica irônica, que lhe era peculiar. Tinha um estilo seu, próprio, singular, único na nossa e, quiçá, em alheias línguas. Não sei se direi demais, dizendo que tinha, ou que fizera, uma língua nova, que novo ou, pelo menos, inconfundível era o português que tratava. Era um irônico, de uma ironia que não era, nem se parecia, com *l'espirit* dos franceses, nem o *humour* dos ingleses; uma ironia que superava a de Sterne ou de Xavier de Maistre e dir-se-ia filha da de Anatole France, se o não houvera precedido. Original e único, era um filósofo, um comentador, um crítico e um analista – analista das coisas e dos homens, das almas e dos costumes, dos indivíduos e do meio, das paixões grandes e dos pequenos vícios. Não tinha o sarcasmo dissolvente, mas um doce e benévolo ceticismo. Era um anotador, comentando a situação, os costumes e as ideias, aplaudindo ou combatendo com bondade, sublinhando o risível com o sorriso. Tinha também as grandes paixões, mas revelava-as com uma inexcedível suavidade de forma.

Era um liberal. Não amava a política, que o não fizera Deus para condutor de homens. Ele mesmo conta como entrou para a imprensa em 1860. Ao sair do Provisório, indo tomar chá num

restaurante da Rua dos Latoeiros, Quintino Bocaiuva sondou-o sobre política, coisa de que nunca haviam falado. No dia seguinte, era convidado para trabalhar no *Diário do Rio*, que se fundava sob a direção de Saldanha, redigido por Quintino. Era a idade de ouro da imprensa fluminense: Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz...

O Sr. Rodrigues Peixoto – E Octaviano.

*O Sr. Alcindo Guanabara* – Octaviano e outros... Era o tempo dos grandes nomes e das grandes lutas. Sentia-se o rumor das águas que se avolumaram e vieram submergir o Império. É curioso ver uma crônica, pagina dulcíssima de saudade, que Machado de Assis escreveu trinta anos depois, a impressão que lhe causara esse formidável Senado de 1860: era a impressão de respeito diante desses homens que fizeram a história dos primeiros dias de vida do Império, no seio dos quais se destacava afigura de Montezuma, ainda com o prestígio de ator de 1823; era a impressão do artista diante dos que mantinham a linha da oração tremenda do primeiro Rio Branco, falando oito horas a fio em defesa da missão de 1851... a política, propriamente, não o impressionava: interessavam-no a ideia, o quadro e o ato. Mas a sua entrada na imprensa ente esses dois polos – Saldanha Marinho e Quintino Bocaiuva – mostra bem o seu espírito; e depois, toda a sua obra revela-o um liberal.

Era um panteísta: adorava a Natureza. Adorava e temia-a. Reside talvez nesse temor que lhe causava o espetáculo da força invencível da natureza a causa indefinida da sua timidez.

Na mesma força, confundia-se para ele o bem e o mal, a vida e morte. Por isso, amava e temia a força universal:

*“Sei de uma criatura antiga e formidável  
Que a si mesma devora membros e as entranhas  
Com a sofreguidão da fome insaciável...”*



• • •

*Ama de igual amor o poluto e o impoluto,  
Começa uma perpétua lida,  
E, sorrindo, obedece ao divino estatuto.  
Tu dirás que é a Morte, e eu direi que é a Vida.”*

Era um afetivo, Esse *Memorial de Aires*, livro ainda publicado este mês e que lhe prolongou a vida, como se só viesse para acabá-lo, é um discreto livro de amor, é o monumento à memória da que lhe foi a companheira querida da vida e que lhe vai ainda ser companheira na morte. Não sabia ele de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

*“E amar e ser amado é, neste mundo  
A tarefa melhor da nossa espécie,  
Tão cheia de outras, que não valem nada!...”*

Esse coração de ouro, esse espírito de cristal desaparece. Rendo-lhe, nesse momento, um preito pessoal de estima, de veneração e do respeito que sempre nutri por ele, desde que, ainda adolescente, o conheci, sofrendo como ele disse de si em relação a Alencar, a admiração do menino Heine por Napoleão. Revele-me a Câmara o que de pessoal parece haver nestas palavras. No fundo, esse preito, não o rendo eu só; senão todos os que nesta terra têm algum cultivo, e conhecem a arte e a amam.

Por isso mesmo, confio em que Câmara renderá aos restos mortais de Machado de Assis a homenagem que dela solicito. Não a solicito por ele; mas pelo país. Sei, pelos seus personagens, o que ele pensava dessas homenagens *post-mortem*, o que ele pensava da morte e do que ia para o cemitério... “Teve – põe ele na boca de um de seus heróis – a morte vagarosa, a morte de um vinho

filtrado, que sai impuro de uma garrafa para entra purificado na outra: a borra iria para o cemitério.” Não vale a pena indagar que cemitério. Naquela crônica de memórias de trinta anos passados, falava-nos ele de um personagem de casaca de seda preta, calção e meias de seda e sapato de fivela. Era o porteiro do velho Senado de 1869, que se ia enfiando por um longo e infinito corredor escuro e desaparecia num cemitério – que não valia a pena de indagar qual fosse porque “todos os cemitério se parecem!”

Empenhemo-nos, senhores, por desmentir esta asserção, no que lhe respeita! Empenhemo-nos para que o cemitério em que se vão recolher os restos mortais de Machado de Assis não se pareça com nenhum outro, concentrando-se nele o pensamento brasileiro para render a homenagem de sua veneração à mais alta expressão que ele teve nesta terra! Empenhemo-nos para que o Brasil ateste nesta solene homenagem à sua própria glória, o próprio desvanecimento de constituir um meio capaz de permitir a eclosão de um espírito, superior sob tantas faces, como o de Machado de Assis!

Diante da estátua de José de Alencar, que ele inaugurava, Machado de Assis disse: “Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar estas palavras melancólicas: “A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Todo passa sobre a terra. Senhores, a filosofia do livro, não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro e que ao contrário da que emudecera na novela repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal cantor.”

Senhores, confirmemos esta palavra. Nem tudo passa sobre a terra! A memória de Machado de Assis não passará; permanecerá fiel e firme e brilhante, honrando-nos e distinguindo-nos e elevando-nos. Correspondamos a esse favor, rendendo a esse grande espírito a homenagem que o Brasil lhe deve e que nós que representamos o Brasil lhe não podemos regatear.

Senhores, nem todos os cemitérios se parecem!  
Nem tudo passa sobre a terra! [Muito bem, muito bem – o ora-  
dor é vivamente cumprimentado.]

### **José Veríssimo à Joaquim Nabuco**

Rio, 3 de outubro de 1908.

“... para dizer-lhe do nosso querido e grande Machado de Assis, como sabe, falecido à 3h20 minutos da madrugada de 29 do passado.

Na manhã do dia anterior, estando eu com ele no quartinho do pavimento térreo da casa em que padeceu e faleceu, ele, sempre com ideia da morte presente, disse-me:

– Veríssimo, V. mande contar este desfecho aos amigos que estão fora – e nomeou-o, ao Sr., em primeiro lugar.

Uma das suas últimas alegrias, ainda claramente manifestadas, foi ouvir de Graça aranha a leitura da sua carta sobre o *Memorial de Aires*. Ainda falou dos Sr. com o carinho de sempre, ouvindo as suas palavras e depois.

O seu enterro foi um triunfo e jamais no Brasil um puro intelectual, um escritor, morrendo, despertou na alma nacional tal emoção. Não preciso dizer-lhe que o Sr. esteve sempre presente no nosso espírito nestes momentos angustiosos. Todos tínhamos o mesmo sentimento: do abalo e do pesar que a morte do Machado ia causar, e todos sentíamos a sua ausência da nossa família literária neste momento doloroso, e um grande saudade sua...”



## Nabuco à Graça Aranha

Washington, 29 de outubro de 1908.

“... Lá se foi o nosso Machado! A vida nas condições em que ele vivia devia ser cruel, mas para a inteligência o existir compensa todos os sofrimentos, e isso tanto mais quanto mais alta é. Agora é que vemos a nossa pobreza. Eu sou muito contrário à ideia de estátua. A estátua para ser digna dele teria que ser uma grande obra. A melhor ideia, grande demais pra nós, seria comprar a casa e conservar tudo tal qual. Essa é a maior prova de veneração da posteridade. Lembra-se da nossa visita à casa de Voltaire? O pensamento mais delicado desse gênero que eu saiba é o dos Americanos, que em Cambridge compraram o espaço defronte da casa de Longfellow, para conservar intacta a perspectiva que tinha o poeta. Quanto ao mais belo túmulo é para mim uma pedra entre flores, como a de Shelley, e à sombra de uma grande árvore. Podia-se até ter pássaros. Nós, porém, não temos meios para nada...”

**N**o espelho da minha Saudade se refletem de Joaquim Nabuco três imagens: a imagem da Beleza, a da Inteligência e a da Bondade. A fusão misteriosa dessas três representações distintas em uma só e irredutível imagem faz de Nabuco a mais feliz expressão da nossa raça. E essa beleza é a da nossa maravilhosa terra exuberante, e nesse pensamento e nessa alma sentíamos a essência da nossa sensibilidade. Por mais que o seu espírito recebesse e reproduzisse a influência europeia, ele não é um acidente em nossa vida; pelo seu brilho e magia ele é nosso, sai do nosso caos, como a flor de toda a nossa floresta sentimental.

### **A imagem da beleza**

A flor humana é o supremo resultado do esforço da raça e da civilização. Essa flor será o gênio ou a beleza e um povo se deve orgulhar tanto do seu maior poeta, dos seus santos, como da mais perfeita forma humana. O milagre grego não foi mais sublime se revelando no gênio de Platão do que na beleza de Frineia. Há no inconsciente das espécies uma inexorável vontade, que vem

---

<sup>79</sup> Conferência de Graça Aranha promovida pela Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo, realizada no Teatro Municipal de S. Paulo, em 22 de abril de 1915.



vindo imperiosamente na urdidura secreta da forma, corrigindo, vencendo cada imperfeição, desenvolvendo cada feliz indicação, adelgaçando, esbatendo, dando sombra e luz para chegar afinal à triunfante harmonia das linhas e ao divino esplendor da expressão. Assim a criação da beleza traduz o labor incessante da cultura na matéria universal e o grande artista é o Tempo, sutil e infatigável. A beleza em Joaquim Nabuco exprime o entusiasmo dessa vitória. No primeiro instante ele tem da nossa vegetação e do nosso sol a força e a radiação, formando-se assim a unidade integral com a natureza de que foi uma admirável manifestação. Mais tarde ele atingirá àquela serenidade que é na grande avassaladora desordem tropical o indiferente e longínquo ideal a que aspiramos.

Da própria violência da nossa natureza, da sua alucinadora ascensão, nascem o misterioso desejo da liberdade do nosso espírito e essa ânsia por uma sossegada contemplação estética, porque persiste em nós uma alma antiga que se perde nas forças deste mundo, que lhe será externamente estranho. E nesta deliciosa angústia está talvez o encanto brasileiro, esse encanto que deu à beleza de Nabuco a doçura na exuberância, a meiga fascinação no ardor, e que nos leva a sonhar com a outra remota raiz da sua beleza, essa de helênica progênie e que se transfigurou na fusão com as raças extasiadas das outras margens do Mediterrâneo sagrado. E nesse encontro da raça antiga e da natureza tropical está o segredo da beleza, que, vindo do passado, aqui recebe a onda de luz, que lhe dá a irradiação e magia. Joaquim Nabuco teve na sua beleza uma suprema iniciação para a vitória. É possível que numa clara fonte das águas cristalinas, onde nasceram os alegres córregos de Massangana, o engenho de Pernambuco, paraíso da sua primeira existência, ele mirasse a sua divina imagem de adolescente. Foi a revelação. Mas seguramente o grande infortúnio da solidão estética não o acabou, e nem a perda admiração,

que não encontra mais consolo em outra forma rara, o tornou desgraçado... Nabuco se vendo belo e perfeito adquiriu essa força indispensável ao triunfo, a segurança em si mesmo e assim a beleza lhe deu a encantada chave para a dominação e a supremacia. Na mocidade essa beleza se tornou soberana e uma admiração universal a prestigiou no enlevo votado a uma glória nacional.

### **A imagem da bondade**

Essa suprema alegria da beleza dá desde logo a Nabuco todo o heroísmo tropical, em que o espírito e o coração tão cheios de seiva e aspirando ao infinito não tardam a atingir a altitude luminosa e serena da abnegação. No princípio a conquista do mundo o atrai, e ele exerce a sua magnífica atividade no conhecimento. A vida se lhe oferece na sua maravilha estética. Nabuco teve o deslumbramento do universo e a sua alma se eleva na admiração. Foi o traço inicial da grandeza espiritual, que jamais foi diminuindo pelo ceticismo. Na fé está a fonte sublime da bondade de Nabuco. Se o sutil veneno da dúvida o tivesse tocado, ele não teria tido a abnegação, que foi como o esplendor do seu caráter. Esse absoluto desinteresse ele o praticou, quando fez o ato da grande renúncia para se votar ao serviço da libertação dos escravos. Ele venceu-se a si mesmo para realizar a vitória sobre os outros. E toda a sua vida se passa nesta disciplina, que o leva da dedicação à causa pública ao ascetismo intelectual e à santidade dos últimos anos. Ao chegar neste passo definitivo da existência ele não busca mais a expansão externa, ele almeja a perfeição interior. A finalidade religiosa de Nabuco dimana da inspiração secreta da sua alma. Ele é o místico, mesmo na política, pois não é outra a expressão do seu idealismo, a ilusão das entidades, toda a sua arquitetura do edifício social e a do próprio universo, e por isso

a sua religião não é política e nem exclusivamente dogmática, antes é uma doce conversação com Deus, em cuja misericordiosa confiança ele repousa. Para Nabuco o “mistério” foi sempre uma grande atração. Ele esteve diante dos enigmas da vida na postura da indagação, pronto a receber a luz da revelação como esta lhe chegasse. Ele deixou por longo tempo que as forças inconscientes do espírito procedessem livremente, ora o levando muito longe no vôo da arte mística até esse maravilhoso instante, em que o ideal se mistura e se confunde à realidade, em que as criações da imaginação são tão vivas, tão intensas na luz rara e diáfana do sonho, que parecem a imagem, a essência da realidade, e em que as formas reais se esvaem e se extinguem em magia... ora afastando da inteligência tudo que lhe vinha como inspiração estranha, como disciplina de outro pensamentos para permanecer no estado de simplicidade, em que a fé prepara a explicação definitiva do mistério que nos guia nos caminhos da vida. Tudo é uma grande abdicação no poder de Deus e o mundo é o reflexo da vontade divina e a nossa existência uma descuidada viagem sob a luz das estrelas, uma peregrinação na terra com a volta ao céu!... É a existência profunda com a esperança no futuro. O mundo é a alma! e essa alma é o sopro divino na matéria contingente e que tornará a Deus sem se recordar do duro cativeiro, em que padeceu as saudades da Essência, de onde emanou. Tal foi a alma religiosa de Nabuco e dela nos ficou para sempre como reflexo sublime a imagem da bondade.

### **A imagem da inteligência**

A outra imagem é a da inteligência. E se nesta há um traço predominante é o da imaginação, que em Joaquim Nabuco ainda é uma expressão da sensibilidade, pois, se ele foi um dos que mais

teve a faculdade de idealizar, as suas ideias não foram puras abstrações. Eram a veste vaporosa de sentimentos. Desde a mocidade o que absorve a atenção de Joaquim Nabuco é o Estado, a construção social, e ele permanecerá até o fim como um grande pensador político. E ninguém pensou com mais desassombro, e se manifestou com mais profundo desinteresse, correndo todos os riscos físicos por uma aventura intelectual. Mas nesta mesma audácia ele tinha o respeito. O seu temperamento não se alimentava do absoluto, e não se satisfazia na irremediável destruição. Joaquim Nabuco compreendeu a sociedade como uma organização hierárquica, e mesmo quando foi representante de um sentimento revolucionário, como o da abolição, invoca para complementar a eliminação da instituição condenada o concurso das forças supremas da Sociedade – do Monarca e do Papa. É a relatividade do político que pratica a ação limitada pela ordem e pelo respeito. A limitação é uma forma de disciplina e a disciplina na nossa raça é um sinal de heroísmo.

A formação intelectual de Joaquim Nabuco foi anterior ao predomínio das ciências naturais na cultura, e assim ele será, apesar da profunda intuição que teve das leis da natureza, um espírito criado ao influxo do humanismo e a sua sensibilidade é a do Romantismo no instante em que este apenas se desprende do classicismo, no princípio do século dezenove. Mas nesta sensibilidade ele trouxe para o Brasil o gosto europeu, a alta distinção intelectual, e um expressão nova que nos liberta do velho estilo lusitano agora incapaz de reproduzir todas as cores do arco-íris da nossa poesia. Que importa que ele não possuísse essa intimidade com a língua portuguesa como ele mesmo reconhece numa dessas admiráveis confissões de relatividade, que o engrandecem? No Brasil, a perfeição clássica portuguesa não se pode mais atingir. Quem escreve na língua de Camões e de Vieira ou mesmo na de Herculano e Camilo escreve uma língua afetada e postiça. A

língua exprime aqui a grande desordem tropical. É um tumultuoso rio em que várias correntes se despejam e as águas são turvas, porém, violentas e bravias, e às vezes de uma livre e grandiosa beleza. A vida se desenvolve expansivamente na natureza como nos espíritos. Cada instante é uma nova afirmação do gênio humano sobre a infinita matéria e as relações entre estas forças se manifestam na fantasia das expressões felizes, novas, alegres de nascer.

De toda a parte chegam numerosas palavras que se impõem pela violência ou se afeiçoam jeitosas às forças da atmosfera. Tudo é uma grande aluvião. A terra é movediça e o espírito sopra livre e fecundo... Há uma liberdade suprema para o gênio criador se revelar. É o delicioso momento de uma literatura, o maravilhoso instante da criação, em que se luta em fabricar de tanta matéria bela informe a obra-prima... Joaquim Nabuco nos dando o encanto novo do seu estilo foi um maravilhoso escritor da nossa moderna sensibilidade... Nesse pensador político há um magnífico artista, porque se sente que as artes plásticas, e principalmente a escultura, dão forma ao seu pensamento e a música o ritmo à sua frase. Se na beleza física de Joaquim Nabuco há o misterioso encanto da transplantação da raça europeia à natureza tropical, a sua sensibilidade intelectual, ao contrário, é que transmitirá a essência da alma brasileira à cultura europeia de que ele se embebeu... Por isso ele será sempre um grande imaginativo, um homem de fé e de entusiasmo, e a sua fidelidade à civilização latina ainda é um testemunho da sua imortal alma brasileira. A mais decisiva afinidade do seu espírito é com a França. Dela nos trouxe o gosto e o estilo e a paixão das ideias gerais. A Inglaterra o deslumbrou na mocidade, mas o que o impressiona na civilização inglesa não é a essência do gênio saxônico, que se exprime no individualismo político, no protestantismo religioso, e no vago estético. O que o fascina é o imperialismo latino, a grandeza humana da Inglaterra, é o Estado, a construção política, que é o sinal da latinidade na

civilização inglesa. O que ainda o encanta é o estilo cicerônico dos escritores, o humanismo inglês, que faz da Inglaterra a outra face da imagem de Roma.

Da alma brasileira ele terá sempre a força entusiástica, o dinamismo que exalta a vida universal, e do qual não lhe apartou a fascinação, que lhe causou o maravilhoso espírito hesitante de Renan. A influência de Renan sobre Nabuco foi apenas externa, a da tentadora graça literária e a da aristocracia espiritual. E se recebeu de Renan essa suave influência, ele ficara estranho ao renanismo. Como acontece muitas vezes, os grandes criadores de sistemas não são os verdadeiros e mais legítimos representantes das escolas ou das simples atmosferas sentimentais, que inspiraram e a que deram o seu nome. O renanismo não tem talvez em Renan a sua mais genuína expressão. O que constitui a essência do renanismo é a dúvida, e não a afirmação, e essa extrema indulgência vinda da compreensão absoluta e ilimitada do universo e de toda a vida fenomenal. No entanto, Renan acreditava na ciência e algumas vezes foi afirmativo e implacável na negação de todo o misticismo. Sob este aspecto Renan não foi renanista, como Nabuco, que da escola só teve a elegância do dialetismo intelectual, mas ficando sempre homem de fé e de afirmação. Ele afirmou o direito absoluto da liberdade, afirmou o destino político do Brasil na coexistência internacional e a sua ação intelectual teve o heroísmo que faltou a Renan, enleado no perpétuo compromisso da ironia. Esse espírito vacilante não o teve Nabuco, e nunca a dúvida foi um pretexto para se libertar do esforço da atividade. Não seria ele que, diante da trágica transformação ou da irremediável dissolução do nosso país, diria desdenhosamente: “O Brasil morre; não perturbemos a sua agonia...”

Ele guardaria em sua alma a grande dor e tentaria o supremo esforço da nossa salvação. Ah! se ele existisse nesta hora terrível! A sua fé faria um grande milagre, porque só a confiança em nosso





destino imortal e a dedicação suprema de toda a nossa vida a esse destino nos darão a redenção. Para nos salvar o seu coração e o seu gênio nos indicariam a sublime ação do amor a este país a que pertencemos pelo sangue, pela carne e pelo pensamento.

Não é somente a guerra que, estremecendo as nações, faz surgir a maravilha da união e a ressurreição do ideal! Outras misérias podem fazer igual prodígio, e assim diante da Pátria combalida já é tempo de entrarmos numa grande reconciliação nacional, como a base da nossa renovação. Seria o milagre do Amor e da Fé, que Renan não compreendeu em França, mas que a fatalidade veio cumprir...

### **A ação**

A atração que a Europa podia ter exercido sobre Joaquim Nabuco não foi tão preponderante que o Brasil não viesse afinal se apoderar do seu próprio espírito e do seu destino, e foi aqui que ele exerceu a sua gloriosa ação política e literária.

Neste país em que a natureza é uma prodigiosa magia, que entretém nas almas um perpétuo estado de deslumbramento, e em que o espírito do homem se exalta e a imaginação enche de fantasmas, de lendas, de mitos o espaço da separação entre eles e o universo, é singular que a literatura não seja o espelho dessa imaginação alucinada e que ela se apresente em geral modelada na forma clássica da cultura europeia. Será para iludir aquele terror inicial que é a origem e o criador da nossa metafísica? Será uma reminiscência imperiosa da nossa formação lusitana? O fato é que a nossa expressão literária é singularmente clássica, e que ela procura dominar, contrariar aquela fascinação da miragem, que algumas vezes se manifesta em nossos escritores e lhes dá a triste

expressão de desvairados. Seguramente a essa influência clássica se pode atribuir também a grande lentidão do movimento literário brasileiro. Durante o século dezenove ficamos à margem das correntes que moveram a literatura europeia, nesse período de grandes revoluções espirituais. O mesmo fenômeno de retraimento se deu em Portugal, que permaneceu fiel à disciplina latina. O romantismo só veio a se produzir ali e no Brasil quando em França ele definhava e começava a ser substituído pelo realismo. Somente em 1856 Chateaubriand inspira os nossos escritores nacionais. E a poesia romântica em Gonçalves Dias e Magalhães é paralela à poesia clássica, onde se compraz tradicionalmente a inspiração desses poetas. O realismo aparece ente nós com a mesma distância e tempo.

Esse vagar só se pode explicar pela muralha do classicismo, que manteve o espírito estranho às agitações, às angústias em busca de novas expressões para essa terrível ânsia de infinito que é toda a essência da arte, até que elas susam tanto e tanto que, com o mar impetuoso do sentimento e do desejo insofrido, se avolumem e desmornem a muralha.

Como a literatura, assim foi a oratória. Oriunda dos seminários, dos colégios de padre, dos liceus, ela ostenta o molde em que se formou, e esse molde foi o da retórica latina. E em uma eloquência brilhante, clássica e formal de oradores humanistas, padre e parlamentares, seguimos o velho ritmo dos grandes modelos da antiguidade romana. O parlamento se tornou uma escola de oradores inspirados no mesmo espírito e seguindo o mesmo processo, de que alguns se tornaram mestre e foram modelares. Os discursos elegantes, de fino e apurado dizer, eram compostos como exercícios de escola, e se distinguiram pelo labor da retórica, pelos exórdios, pelas perorações, e muitos, como nas arcádias, eram celebrados por um arranjo escolástico, ou por uma frase como o do “sorites”, o da “ponte de ouro”, o da “pirataria em torno do berço”. Era uma encanto! O parlamento, e sobretudo o velho

Senado, pela eloquência desses mestre da palavra, pela medida, pelo esmero de gosto, pela moderação do espírito, pela elegância da expressão, era com mais propriedade aquilo que ainda não foi a Academia.

Nabuco aí entra quando começava a decadência do gênero. A grande era havia passado, Apenas restavam em muito poucos as exterioridades da forma acadêmica sem a magnitude do espírito criador. E se por acaso alguns anos antes um tribuno se apresentara na Câmara trazendo o ímpeto, o movimento, a grande vos do povo, era como um bárbaro naquela assembleia de clássicos, a agitava, a adormentava, mas não a seduzia, nem a vencia... Nabuco trouxe para triunfar dos velhos moldes e renovar a eloquência que definhava o encanto supremo da sensibilidade do seu tempo e uma qualidade nova no parlamento, a graça! De todos as formas da sedução ele possuía a mais rara, a sedução angélica! Uma pureza imaculada de espírito o isolava, o engrandecia e o envolvia em eterna luz diáfana. E dentro dessa luz ele caminhou do berço ao túmulo para remontar depois da morte às origens etéreas da sua natureza. E nessa peregrinação na terra ninguém cumpriu um mais belo e claro destino, ninguém como ele, sendo o anunciador da liberdade, o demolidor de instituições, o redentor de outros homens, na sanha da peleja, pensou e proferiu mais doces palavras, repassadas de resignação, de tolerância e de beleza, ninguém, como ele, viveu tanto a ideia pura, da sensibilidade estética e da emoção religiosa.

Ora, quando Nabuco entrou no Parlamento, os seus primeiros gestos foram de combate, e ele pôde tudo ousar no seu apostolado, proclamar o direito absoluto de que era o paladino diante de uma assembleia atônita, expressão de uma sociedade firmada na mesma instituição, que ele atacava. Ela lhe perdoou a temeridade desses arremessos feitos na sedução da graça intelectual e viu isso no sorriso, que iluminava o semblante do orador, transparecer o fogo de uma paixão imortal. Essa paixão era a da liberdade!



A sua eloquência foi a dessa paixão. Pela primeira vez se ouviu no parlamento um orador, cuja sensibilidade tanto comovesse. Alguns podiam ter inflamado o auditório, lhe arrancado a fácil admiração pelo brilho da imagem, outros foram frios, clássicos. Nabuco foi um orador de um sentimento, nascido de uma ideia absoluta e que se viu enraigar no coração e na piedade de todo um povo, transformação maravilhosa para que ele concorreu com a emoção da seu eloquência.

Esse sentimento da abolição dos escravos se infiltrou no espírito do Joaquim Nabuco no instante do inconsciente infantil e levou longos anos até à sua magnífica revelação. Há nesse prodigioso acontecimento todo o verdadeiro mistério da vocação.

Imaginal Joaquim Nabuco na sua adolescência, aspirando o conhecimento do mundo, recebendo todas as impressões da beleza do universo, vivendo livre como uma força da natureza, imaginal-o na mocidade, submetendo ao seu espírito todas as expressões da existência, mas afastado de tudo o que não fosse prazer intelectual ou sensação estética, imaginal essa glória da flor humana, suntuária e distante, num indiferente jardim, de delícias... e a um sinal do destino, ei-lo de volta do paraíso do esquecimento e entrando no inferno da escravidão, sofrendo no seu coração transfigurado as dores de uma raça oprimida, Cavaleiro de peregrina forma, descendo à Terra para combater por um ideal remoto, multiplicando-se numa atividade milagrosa, amando e fazendo amar pela paixão da sua alma os miseráveis de que é redentor. Oh! magia posta no berço da criança pela resignação e doçura dos escravos! O menino de Massangana, amamentado pelo leite da escravidão, adorado como um pequeno deus pelos negros da fazenda, surgia como libertador do cativo, em cuja atmosferas se prepara a sensibilidade que o faria imortal. Foi mais belo milagre da escravidão, o de haver formado o herói de sua própria redenção. E no espírito infantil a hora da iniciação do sentimento





foi marcada por uma dessas impressões, que ficam nas placas secretas da memória, esperando a revelação que o destino dará um dia... Assim foi que a sensação ainda vaga do grande infortúnio da escravidão se insinuou no espírito de Joaquim Nabuco num quadro inesquecível da sua infância. “Eu estava uma tarde sentado no patamar externo da casa – diz ele – quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraçava aos meus pés, suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha da vizinhança, procurando mudar de senhor, porque o dele o castigava e ele tinha fugido com o risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição, com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava...”

Depois dessa imperecível impressão vieram os difíceis anos de aprendizagem, os maravilhosos anos de viagem, mas se numa estância ou noutra da sua existência Nabuco torna a essa fazenda de Massangana, ele terá de haurir de novo, como num santuário da sua própria alma secreta, a força misteriosa do seu destino. Agora, na mocidade, já não são vivos os humildes formadores da sua infância, aqueles que lhe alimentaram a fantasia e a imaginação, e lhe contaram ingênuas e peregrinas histórias... Tudo é morto em torno... é a infinita melancolia da desolação da tapera... E se Nabuco aí penetra, apenas dos velhos canaviais, soltos aos ventos, um murmúrio lhe chega como se fossem as lamentações dos escravos, que gemeram no cativeiro e saúdam naquelas vozes longínquas e estranhas a predestinação do libertador... O solo sagrado da morte, o futuro herói calca-o aos pés... Ele caminha sob as covas dos escravos e os vai chamando pelos seus nomes num carinho de outras eras... Ninguém responde... Tudo é silêncio debaixo da terra... Mas a resignação daquele mísera raça, a sua imolação ao

nosso bem coletivo, o seu inaudito sacrifício se ostentam na sua força sublime a Nabuco, que no fulgor dos vinte anos ali mesmo sobre o túmulo dos desgraçados jurou votar a sua vida ao serviço da raça generosa “que por sua doçura no sofrimento emprestara até mesmo à opressão de que era vítima um reflexo de bondade!”

Dez anos se passam, são dez anos em que Nabuco faz a descoberta do mundo, é o ciclo das viagens em que ele se impregna das sensações da cultura e se deslumbra nas miragens da civilização. É a Europa. É a América do Norte. São dez anos da sua formação estética, em que ele reduz o universo a um maravilhoso espetáculo e tudo, homens e coisas, sociedade e terras são o alimento da sua curiosidade artística. É Londres com a sua impressão babilônica que o atrai e subjuga, é Paris na sua doce graça que o seduz, é Fontainebleau dando a imagem da ordem, da harmonia e da perfeição na natureza, e lhe corrige no espírito a notação violenta da paisagem tropical, é Ouchy com o seu lago que é uma encantada madrepérola, onde a miragem tudo transforma e onde parece ser a misteriosa morada da saudade onde por poucas horas mortas adejam as sombras dos ascendentes do seu gênio, as sombra de Rousseau, Chateaubriand, Benjamin Constant, Byron! É depois a América do Norte, que o arranca do êxtase estético e lhe mostra a sociedade em movimento... São os grandes espíritos que lhe explicam o mistério, os Renan, Thiers, George Sand, Scherer, e tudo é um delicioso olvido dos seu próprio ser consumido na combustão do desejo de absorver as sensações supremas do mundo que se refletem na luz, na cor, em que se fragmenta o universo, e nos espíritos que exprimem essa ilusão universal... Nestes dez anos Nabuco fez a volta das coisas e tornou ao ponto inicial da sua viagem sentimental, àquele sentimento profundo e dominante que a piedade pela desgraça dos escravos lhe havia inspirado na infância e na adolescência. São dez anos depois da sua visita aos

mortos de Massangana. Nabuco entra na Câmara em 1879 e dá-se o pronunciamento abolicionista... É chegada a hora da revelação.

## A Abolição e Nabuco

A abolição foi uma ideia política que se fez todo o sentimento violento de um povo. Apoderando-se da emoção do país se tornou invencível, e na celeridade do seu movimento ela tudo arrebatou, tudo desmoronou e exigiu a contribuição de todos para o seu triunfo. O que fizeram a monarquia e os estadistas não foi mais do que satisfazer, como pacificadores, as imperiosas exigências da sensibilidade popular. E, nesse sentido, a Abolição foi um ato revolucionário, e ao mesmo tempo esse delírio de abnegação coletiva marcou na vida brasileira o mais belo instante da nossa emoção nacional. Cada um procurou exceder-se a si próprio e aos outros no desinteresse pela causa da redenção.

A princípio a ideia apontou ao longe no espírito de alguns inspiradores. Pouco a pouco foi ganhando outras almas e mais tarde, numa grande preamar, se espraia pelo país inteiro. Há um repentino fervor de piedade, e que se deve chamar – a loucura da abolição! E são povoações que eliminam do seu recinto a escravidão, são províncias que se redimem, são senhores que se empobrecem alforriando massas de trabalhadores, são fazendas que numa vertigem de abnegação se imolam e se tornam em taperas desertas e livres, é o próprio trono imperial que no esplendor da exaltação coletiva se sacrifica!... Nabuco foi um dos criadores desse imenso movimento de piedade em que também se expressou instintiva providência de um povo. E sob certos aspectos, foi o seu maior herói. A Abolição, como se verificou, no seu curso irresistível, foi principalmente a manifestação da sensibilidade da raça negra, ou daqueles que provinham do sangue dessa raça, que deu na

resignada tristeza da escravidão a energia para vencer a natureza hostil e infinita. Durante séculos nós fomos uma nação de senhores e de escravos. Joaquim Nabuco era a mais feliz e admirável expressão da aristocracia do Brasil, o seu interesse, a formação do espírito e mesmo as suas prisões ao preconceito da nobreza e da educação, tudo o levaria a desejar a perpetuidade da organização social, da qual ele seria a flor e em que ele dominaria como representante da casta dos senhores. Mas tal foi a predestinação que a fatalidade sublime lhe reservava, talvez desde aquela divina iniciação da infância entre os escravos, e tal o secreto poder do pranto dos oprimidos em sua alma, que ele a tudo renunciava, ao domínio, à posição, ao repouso, e, indiferentemente à sua própria classe, se fez o apóstolo da liberdade, desceu à fonte das lágrimas, bebeu-lhes o amargor, sofreu sem um queixa, sempre ardente, dando todo o seu ser, num magnífico dom de amor!

É a mais bela história da mocidade no Brasil, essa em que tudo, sonho, aspiração, desejo da adolescência se transfiguram na aspiração suprema do sacrifício, na implacável e augusta chama da abnegação. É na alma a cristalização do ideal! E assim foi a divina ascensão desse espírito que renuncia ao que é vão e ocioso e ao ascetismo, que é o sinal de uma paixão exclusiva e imortal, retempera as forças com que combaterá toda a sua vida. A sensibilidade de Nabuco se torna a sensibilidade de um povo, de que foi inspirador e maravilhoso intérprete, e a sua maior glória será a de ter sido o orador da Abolição. É a imagem lendária que permanecerá em nossa lembrança e que se transmitirá para diante, e que será a glória da eloquência brasileira.

Quando Joaquim Nabuco aparecia na tribuna, era como um Cruzado, revestido da refulgente armadura da eloquência, a sua clara, alta e vibrante voz, soando como o clarim, tinha-se a impressão física de se verem os muros da escravidão se irem derrocando...





No meio da peleja ele era o paladino que se procurava derribar. Então o assaltavam, o visavam pessoalmente, e não havia doestos, calúnias, arma páfida ou daninha, com que os ânimos irados não o agredissem. Apenas um golpe o tocava, ele, árdego, impetuoso, se arremessava sobre os adversário. Não era o salto da onça, que é tanto da gente das nossas selvas, por nada havia de felino em sua natureza angélica, era antes o ataque do cavaleiro, a resposta da espada certa e vingadora, o invencível gládio forjado no aço imortal da justiça, e ele, combatendo, sorria e logo desprezando os ataques se voltava para aquele incessante coro das súplicas dos escravos e recolhia as queixas e amarguras do cativo, cantadas na soturna melopeia do inferno. Então a sua eloquência derramava as torrentes de simpatia e compaixão, que nos alimentava a piedade, e ele remontava ao céu da poesia, subindo numa ascensão de Arcanjo, num voo de ave, como a cotovia que “quanto mais sobe mais canta e quanto mais canta mais alto sobe...”

Ah! quem o viu então! Alto, esbelto e gracioso, dominante a opulenta cabeça, nos rasgados e sombrios olhos o fogo das pupilas, gestos da elevação elegante das grandes aves, a audácia na inteligência e na voz musical um perpétuo hino, nos lábios misturando ao sorriso da vitória a onda da eloquência vibrando no ar e indo espaiar-se largamente num infinito de imagens...

Dir-se-ia a nossa grandeza tropical em toda a sua pujança, em todo o esplendor, se corporificando na natureza humana, se fazendo eloquência! Ah! quem o viu assim e indo da Câmara para a tribuna popular, fascinando as multidões, arrastando-as no seu entusiasmo e espalhando a centelha da redenção, que alastrando pelo país inteiro se fez o raio, que decepou a velha árvore da escravidão... Ah! quem o viu assim, que saudades...! E tal é a força do sentimento de que Nabuco foi orador, que por ela um puro intelectual magnetiza e domina as multidões grosseiras. Por

quê? Onde o segredo que tornou o movimento abolicionista tão impetuoso e triunfante? No sentimento da liberdade, que é uma alavanca social invencível, na piedade pelo escravo, que é a expressão da nossa ternura, no orgulho patriótico a que repugnava a mancha negra, a mancha nacional.

E o heroísmo supremo de Nabuco está em ter sido a magnífica voz desse sentimento de liberdade, o poeta dessa compaixão, o vingador dessa vergonha coletiva. E para a sua missão nesta terra tudo deixou e a própria emoção estética, que seria a preferida do se espírito em outros instantes. Homem de coração e de inteligência aguda, nesse combate de todos os momentos, Nabuco não conheceu a medida do sacrifício na sua abnegação suprema, nem deixou de lado um instrumento que pudesse demolir a escravidão. Ele foi a atividade na sua gloriosa significação. Também para ele no princípio é a ação. Exerceu-a no Parlamento, na praça pública, nos comícios, nos conselhos, na imprensa, nos congressos europeus, junto de um papa e por toda a parte, de onde pudesse partir um átomo de energia que viesse em nossa terra libertar escravos... Neste esforço sobre-humano, completado em plena força jovem, Nabuco transmite a tudo o fluido da perpétua renovação da vida, que é o sinal da eternidade, e em nossa memória, em nossa evocação, ele viverá como símbolo da mocidade heroica em nossa raça.

## O nacionalismo de Nabuco

Nesse episódio da Abolição tudo é expressivamente brasileiro. Não só a maravilhosa ilusão exaltada e absoluta da piedade, tão nossa, como também o instinto político que o moveu no seu profundo e imperioso inconsciente, e se supriu eliminando a escravidão como um ato de finalidade nacional.

A escravidão tinha de ser suprimida, quando não fosse pela alavanca do sentimento, seria pelo interesse político, que obedecia a uma fatalidade histórica. No fim do século dezenove tal instituição era o impedimento ao surto de uma nação americana. Nesse século o fenômeno social mais expressivo foi a imigração dos povos. E a América foi o esplêndido resultado desse fato novo. A imigração, por sua expansão, reclama novas terras, onde ela se alargue. Ela não poderia coexistir com a escravidão, que seria o oposto da sua liberdade de movimento e da sua expansão. Os homens que, à margem da corrente sentimental, resolveram livremente sacrificar a escravidão à imigração dos brancos, preparam a profunda transformação social do país. E assim Joaquim Nabuco também foi um iluminado político quando, um dos primeiros, combate a escravidão para servir ao supremo destino do Brasil. Desde então a fidelidade nacional do seu espírito é singularmente bela e toda a sua ação política é nacionalista.

Toda essa gloriosa formação do seu espírito na sutil atmosfera europeia, as aquisições que ele fez do imortal patrimônio da civilização, tudo que o separava e o elevava, ele veio consumir magnificamente neste ardente anseio do seu país por uma maior grandeza moral entre os outros povos.

O sentimento nacional foi o pêndulo da existência de Joaquim Nabuco. Ele marcou no quadrante da sua vida política o mesmo e perpétuo ritmo. Na mocidade Nabuco renuncia a todas as seduções do “lazzaronismo” intelectual, desprende-se do encanto mágico, que o retém longos tempos nessa floresta adormecida da arte, e vem se misturar às dores e angústias das sua terra, e faz resolutamente o seu dever completo... Na maturidade ele mudou de campo de combate. A princípio lutou dentro da sociedade política, foi parte principal do drama da formação nacional do novo Brasil, depois se retirou da ação e meditando sobre os nossos

destinos escreveu a elaboração histórica deles e nos explicou a finalidade brasileira e a consciência nacional. Nesse momento augusto da meditação ele aumentou a sensibilidade das cordas do nosso poder de expressão literária e nos deu outras e mais raras vozes... Mais tarde, Joaquim Nabuco, pela sua ação diplomática, concorre poderosamente para a integração do Brasil na política do continente. Ainda nesse ponto o seu sentimento nacional o guiou e lhe seu essa maravilhoso instinto político, que jamais o abandonou,

A grandeza internacional do Brasil será tanto maior quanto mais preponderante for a sua posição na política americana.

Diante da Europa se firmará fatalmente a unidade política da América, determinada pelo finalismo continental e por ela nós participaremos dessa “elite” política, que exprimirá os profundos desígnios da civilização. Foi o último traço do gênio de Joaquim Nabuco e do seu nacionalismo. E ainda nessa derradeiro instante ele medita sobre o mesmo tema do início da sua existência espiritual. É Camões que o inspira de novo e assim se fecha, com a perpétua e simples volta ao ponto de início, o ciclo da sua vida sentimental.

### **Invocação a Nabuco**

Na angustia em que nós hoje interrogamos o destino, é para o seu espírito que nos voltamos... Que ação seria a sua se ele tivesse a renovação do prodígio da mocidade e tivesse mais uma vez de nos dar o seu heroísmo? Que combates combateria? Que novas esferas ele sonharia e para que alto firmemente ideal ele nos arrebataria na sua eloquência...?

Mestre! mestre! Para onde vamos? aonde esta frágil barca que se decompõe no temporal vai ser arremessada? onde o seu naufrágio ou a sua salvação? quem responderá...?



Tudo é um grande e infinito túmulo na antiga terra brasileira. Aquele doce remanso da velha sociedade em que se harmonizaram a vontade e a supremacia de uns e a obediência e humildade de outros teve de findar. Uma imensa confusão fervilha; da terra surgem cobiçosos sonhos de gozo e volúpia expressos nos ardores de uma língua bárbara e no sangue de uma raça formada na fornalha dos desejos e revoltas.

Nesta confusão a consciência nacional se esvai; nós não sere-mos mais os mesmo no futuro, tudo o que vem do passado se des-morona e sem as correntes da tradição nós flutuamos ao capricho do destino nebuloso e incerto.

Onde a força que nos organize de novo e aos embates funes-tos do cosmopolitismo ofereça a formidável armadura nacional? Quando se formará a “elite” social, que seja a expressão da nos-sa consciência coletiva e nos conduza e nos mantenha firmes e grandes?

Por mais que a filosofia tudo considere, homens e povos, apenas como um acidente na grande inconsciência das forças universais, no terrível silêncio do infinito, não podemos nos imaginar fora da sociedade, que é a categoria da vida humana, como o espaço é a categoria dos corpos. É uma fatalidade a que o nosso profundo realismo impõe resignação. Cada um de nós é necessariamente o homem de uma raça, de uma nação. Não há liberdade tão poderosa que nos emancipem desse círculo fatal, e se o espírito pela força da abstração despedaçar todas as restrições acidentais, as secretas correntes da nossa personalidade nos prendem àquele mágico inferno, que é a associação já longínqua, já inalterável, onipotente e misteriosa, dos outros homens dos mesmo desejos e que formam na fuga do tempo a singular afinidade do inconsciente de tantas gentes. É nessas categorias sociais que se produz a maravilho-sa atividade humana. Ora, desses círculos que são o quadro e o

campo da ação do espírito nós subimos desde os mais restritos e limitados até às nações e aí exatamente é que produz em toda a sua extensão o fenômeno da civilização. O alvo dessa cultura individual e coletiva, a sua razão de ser é a criação de individualidades superiores que assegurem a mais profunda harmonia à coexistência social e faça criar a maior soma possível de ideal que se exprimirá na filosofia e na arte.

Para essa aristocracia espiritual, a vida seria a epopeia da aspiração. Eu penso em Dante, em Santa Teresa, em Pascal, em Spinosa, em Goethe, e eu imagino o voo soberbo de tais espíritos e os espaços sem horizontes que descortinaram. Oh! abismos insondáveis! Oh! magnífica vertigem! E eu sinto que eles são os redentores, os libertadores de toda a servidão imemorial de tantas inumeráveis almas humildes, que também aspiram... É a divina tentação do infinito...! A cultura se caracteriza nessa atração sublime. Em cada povo ela deve criar um pensamento nacional, uma consciência nacional, isto é, uma civilização nacional. E tudo o que se trama nas lutas econômicas, todo o triunfo sobre a natureza, o ganho, a fortuna, a expansão vivaz, tudo isto é o caminho do inconsciente da coletividade para chegar ao máximo da sua expressão moral. Muitas vezes não se chega até lá e se desaparece numa volta da história, não se deixando um vestígio, um sulco no grande espaço em vão percorrido...

Para nos salvarmos desse irremediável desastre e escaparmos do triste silêncio, em que nos extinguiremos, precisamos executar dentro de nós mesmos uma série de esforçados trabalhos para chegarmos a uma vitória completa e sermos uma força dentre as forças espirituais da Terra... Seria a apuração da nossa alma. Seria a redenção nacional de que uma vez o heroísmo de Joaquim Nabuco nos deu a maravilhosa aurora... mas, sem tardar, as sombras desceram...

E nesta longa noite em que entramos, que astro nascido no céu  
da nossa espiritualidade, que astro, mesmo de luz baixa e trêmula,  
nos guiará?

*Graça Aranha*

Joaquim Nabuco é um assunto privilegiado. Todos que o tocam, biógrafos críticos ou leitores, ficam contaminados pelo esplendor do político, pela graça do escritor, pelo heroísmo do homem. Mas em nenhum estudo sobre Joaquim Nabuco a fascinação se amplificou e ao mesmo tempo se condensou, como no livro maravilhosos que é a história de sua vida por sua filha Carolina Nabuco.

O assunto era sedutoramente fácil, o trabalho foi extraordinariamente difícil. A profusão de fatos e documentos arriscaria abafar a narrativa, se a autora não possuísse o dom da organização, do critério da escolha, a firmeza na linha medular, o julgamento rápido e seguro, o sentido da vastidão e da multiplicidade dos cenários.

As quatro partes, em que Carolina Nabuco divide o livro, correspondem aos sublimes momentos da vida interior e exterior de Joaquim Nabuco: a formação, a ação, a meditação, a radiação final. Na formação é construído pela sua hereditariedade e pelo meio social, em que surgiu, e se constrói ele próprio pelos seus estudos, pela sua expansão no mundo, por todas as magníficas aquisições, que o seu espírito vai acumulando e absorvendo. Não

---

80 Artigo de Graça Aranha sobre o livro: *A Vida de Joaquim Nabuco por sua filha Carolina Nabuco*, 1828, publicado no “Movimento Brasileiro”, de fevereiro de 1929.





teve o trabalho de criar o quadro, em que teria de desenvolver. Achou-o feito por sua família patrícia, por seu pai todo-poderoso, que prepararam o prestigioso cenário, em que teria de fulgurar o mais belo e fascinante personagem da política brasileira. Na infância e na mocidade, Nabuco não foi um isolado e um obscuro. Era uma projeção, uma continuação da aristocracia intelectual e social do país, à qual acrescentou o relevo de um pensamento superior, de uma eloquência fecunda, de uma civilização soberana.

Na história espiritual do Brasil nenhuma vida foi mais prodigiosa que a de Joaquim Nabuco. Só há outra equivalente, a de Castro Alves. O poeta dos escravos e o paladino redentor vivem em nossa imaginação em uma atmosfera de encantamento. Castro Alves teve a auréola da morte prematura para lhe engrandecer o culto. Nabuco não teve nenhum infortúnio trágico. Teve a vitória da abolição, de que foi um dos heróis pela inspiração e pela bravura. O seu heroísmo de separar-se da casta dos senhores, a que pertencia, para defender até ao sacrifício a causa da libertação dos escravos conquistou-lhe a admiração nacional, que perdura em um sentimento de respeito e amor, fortalecido pela glória do escritor e o prestígio do pensador político.

A campanha abolicionista foi o fato essencial da ação de Joaquim Nabuco. Viveu para a abolição. O seu pensamento tornou-se genial de intuição política. Não é unicamente a sensibilidade que o move na luta pela emancipação, é sobretudo a inteligência, que compreende e afirma ser impossível a existência de um país no Ocidente baseado na escravidão. Joaquim Nabuco, que seria um romântico em literatura, é um supremo realista em política. Paradoxalmente os românticos daquele momento político eram escravocratas, que disfarçavam o interesse próprio nas máximas de um direito absoluto, nas fissões do absurdo direito natural de propriedade. Não era romântico Joaquim Nabuco, quando propunha a abolição gradativa, a prazo, para dar lugar à substituição do

trabalho escravo pelo trabalho livre. Não era romântico quando demonstrava que só poderia haver progresso da civilização econômica e moral no Brasil quando não houvesse mais escravidão. Era homem do seu tempo, político intensamente realista, de um equilíbrio perfeito para julgar das realidades nacionais na causa da abolição, como em todas as causas políticas, em que se empenhou, como a federação e o monroísmo, que o tempo veio a realizar, segundo as suas antecipações. Tanto no abolicionismo, como nas outras previsões políticas, Nabuco foi, como ele mesmo se proclamou, um aliado do futuro. Se o tivessem escutado em 1879 ao apresentar o seu projeto de abolição da escravatura pra 1890, esta não teria sido feita quase revolucionariamente, encontrando desprevenidos os senhores de escravos, e vindo desorganizar o trabalho agrícola. Os sonhadores, os românticos, os desordeiros não eram os abolicionistas, que viam claro, eram os escravocratas, os reacionários absurdos e inatuais.

Na vida de Joaquim Nabuco o drama da abolição é uma maravilha de entusiasmo, de abnegação, de inteligência, de audácia dos abolicionistas e ao mesmo tempo de estupidez, de maldade, de teimosia, de arrogância dos escravistas. A narrativa de Carolina Nabuco, ampla, imparcial, farta de documentos, revive toda a tragédia da luta. É uma obra-prima da exposição simples e comovente. Lá estão os cenários, que são o parlamento, a imprensa, os comícios e as eleições, as sociedades emancipadoras, os clubes secretos, as barcaças, as selvas, as serras da libertação, lá estão os personagens dramáticos, os políticos negreiros, os fazendeiros os escravos mártires, os oradores abolicionistas, os jornalistas, os estudantes, os “cupins”, os jangadeiros, os anônimos, as multidões. E os chefes negros? Luiz Gama, José do Patrocínio e André Rebouças, santo André Rebouças! Nos teatros destinados às conferências, enquanto o público espera para entrar, o palco

e a sala são varridos por Patrocínio e Rebouças (p.111). Sublime humildade da raça. Os gênios curvam-se. Servir.

Subitamente duas grandes surpresas interrompem a ação de Nabuco, a abolição e a república. Tudo se precipita. Joaquim Nabuco contava ter ainda longos anos de atividade abolicionista, que lhe encheriam a existência, quando a “loucura da abolição” alucinou o povo, conturbou o trono e extingui a escravidão. Não tardou a república, Joaquim Nabuco, que permanece fiel à aspiração autonomista das províncias, realizada pela nova forma de governo, recolhe-se. “Eu não sei – diz ele – se não terei um dia na república a fé de Tomé; sinto-me incapaz de ter a fé de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado.” Assim entra em outra fase de sua vida, que Carolina Nabuco intitula a meditação.

No recolhimento a fé religiosa expande-se, fortalece-se, apura-se eleva-se. A vida interior é magnífica de misticismo e poesia. Diferente da maioria dos político religiosos, Joaquim Nabuco não se circunscreve na fé, para justificar secamente a autoridade e a opressão. O seu espírito alegra-se na esperança, humaniza-se na caridade. A sua religião é integral. Ela ilumina-lhe, na mais pura ortodoxia católica, o liberalismo social e cristão.

Nesta época da sua vida, Joaquim Nabuco afirma-se grande escritor. A propaganda, a oratória, o jornalismo, o panfleto político o tinham desviado da ação literária. A abolição também deu-lhe a liberdade. Tornando-se homem livre, Joaquim Nabuco consagra-se à história política do segundo reinado, e às confissões da sua vida e do seu espírito. Desta ativa meditação dois livros excepcionais surgiram, *Um Estadista do Império* e *Minha Formação*. Não foi unicamente pela profundidade e elevação destes estudos que Joaquim Nabuco alargou e engrandeceu a literatura brasileira. Foi também pela magia e a novidade da expressão. Depois das tentativas libertadoras de José de Alencar, viera uma reação de

classicismo verbal português, que enfreiou, deformou, esterilizou a espontânea e rica linguagem brasileira para subjugar-lá às formas lusitanas. Joaquim Nabuco não seguiu os reacionários, desdenhou a correção portuguesa e escreveu esplendidamente em uma feliz linguagem incorreta. Se não foi um radical da língua brasileira, trouxe uma universalidade de expressão compatível com os seus assuntos universais e com o seu pensamento civilizado. Por isso os seus escritos permanecem, duram. A linguagem é a da cultura universal, que de ser trasladada facilmente para todas as línguas do Ocidente, língua que é um patrimônio comum do pensamento, da sensibilidade culta, como a língua da ciência, da filosofia, da história e da crítica. Dentro desta língua a magia do escritor refulge na improvisação do traço gráfico, na imagem, no colorido, na vivacidade, na graça, que aligeira a busca da expressão justa e evocadora. O movimento, a roupagem e a densidade não serão do nosso tempo, mas aquelas forças intrínsecas lhe asseguram a duração de grande escritor brasileiro em qualquer época.

As suas contribuições de historiador o fixam para sempre no nosso patrimônio intelectual. É um clássico da história política brasileira. Tem a melhor das qualidades para escrever a história, a arte. O segredo do historiador está na função estética. A história é uma ressurreição. Fica-se sabendo e vivendo mais a história da Inglaterra nos dramas de Shakespeare do que nos tratados dos especialistas, nos memoriais, nos corpos de documentos. O jogo político de segundo império, as ficções constitucionais e parlamentares, os denominados estadistas, as questões internas e externas do reinado, tudo isto vive, pulula nos volumes de Joaquim Nabuco pela força da arte criadora, que não importa seja muitas vezes ilusória. Mas vive e é o essencial para permanecer e seduzir. Este dom de escrever a história Joaquim Nabuco aplicou-o nas memórias, em que defendeu o direito do Brasil no litígio com a Guiana Inglesa. Não há em nossa literatura histórica nada

superior a sua exposição da conquista do Amazonas e a ocupação do imenso domínio pelos portugueses. A arte é perfeita. Nabuco, mesmo no Amazonas, não se perde na floresta dos fatos. Encontra sempre o caminho, a clareira e vê-se pelo prodígio da sua evocação a invasão portuguesa pelos ilimitados rios, pelo igarapés, pelos lagos, pelas matas, pelos campos, dominando a selva selvagem, conquistando-a, ocupando-a senhorialmente, pela força da expansão racial e pela razão de Estado. Vê-se esta infinita “terra mole e úmida ainda enxugando do dilúvio” na posse de Portugal, que a livrará da cobiça dos espanhóis, dos holandeses e dos franceses para entrega-la um dia, intacta e cheia de esperanças, àqueles seus sucessores, que serão os brasileiros. Para maior êxito desta obra de arte não teria contribuído a atração que a Amazônia exerceu sempre em Nabuco? Ele confirmou, quando deputado em 1885, “que se ocupava com os assuntos do vale do Amazonas desde muito. Desde menino – afirma – a grandeza dessa região e as suas maravilhas fascinavam-me o espírito e a imaginação. Eu tenho lido quase tudo o que há escrito sobre a natureza e o estado atual desse admirável território” (p. 212). Vinte anos depois cabe-lhe defender a integridade brasileira do Amazonas. Há no seu formidável trabalho o entusiasmo de quem defende um pátria secreta da sua infância imaginativa.

O escritor, o pensador católico, o historiador político tiveram de voltar à ação nacional. O país assim o exigiu e o patriota obedeceu. No espírito clássico de Joaquim Nabuco havia sempre presente a lição socrática do *Críton*. É a última fase da sua vida maravilhosa. É a radiação final, como denomina Carolina Nabuco, e nela fulgura Joaquim Nabuco advogado dos direitos do Brasil na questão de limites com a Guiana Inglesa e primeiro embaixador brasileiro em Washington. A atividade é um das características de Nabuco. A sua “meditação “é a suprema atividade do se espírito.

Desta radiação final pode-se dizer que ela foi uma admirável e intensa radioatividade de todo o seu ser. Assim ele produziu aqueles extraordinários livros, que são as memórias da defesa do direito do Brasil. Do valor jurídico dessa defesa ninguém podia julgar melhor do que Rui Barbosa, que considerou “o trabalho maravilhoso e colossal de paciência, de crítica, de argumentação e de talento. Bastaria ele só para lhe honrar a vida e fazer o nome... o trabalho do nosso advogado foi gigantesco. Eu o percorri todo e neste gênero de literatura não lhe conheço coisa comparável” (p. 423).

Em Washington, Joaquim Nabuco foi o embaixador inextinguível pelo gênio político, pela eloquência, pela cultura, pela simpatia. Excedeu em brilho embaixadores como Jusserand e Bryce, fascinou Roosevelt e Root. Neste esplendor, morreu aos sessenta anos, naquela eterna mocidade de espírito, que o livrara do desconsolo, do desânimo e da tristeza. Joaquim Nabuco viveu um estado de graça, sem amargura, sem rancor, na angelical aceitação do destino. Se os livros íntimos, *Minha Formação*, *Pensées Détachées et Souvenirs*, ostentam esta magia espiritual, as cartas aos amigos e principalmente à esposa, de que Carolina Nabuco nos dá profusos excertos, são ardentes e dulcíssimas confissões de uma alma transcendente de graça, bondade e resignação. A amizade de Joaquim Nabuco foi um dom inefável. Ele tinha este sentido aperfeiçoado extremamente, como tinha o talento e a eloquência. Pela força da sua simpatia universal transportava-se a todos os seres, especialmente aos humanos, e destes aos que dava a sua afeição. Não é possível ninguém ter sido maior e melhor amigo. Quando um dia Carolina Nabuco publicou a correspondência de Joaquim Nabuco, então se conheceu totalmente a dosagem de bondade do seu coração do homem santo, cuja vida deve ser meditada na leitura deste livro essencial pela mocidade brasileira, para a qual o heroísmo de Joaquim Nabuco, batalhando abnegadamente pela liberdade

dos escravos e por todas as suas ideias, será uma fonte de energia, e pelos homens políticos, que testemunharão em Joaquim Nabuco a edificante aliança do talento, da cultura, do senso relativista e da graça com a tolerância, a doçura e a humanidade.







© 2012, Fundação Darcy Ribeiro  
 Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro  
 Rua Almirante Alexandrino, 1991  
 20241-263 - Rio de Janeiro – RJ  
 www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

**Curadoria**

*Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral*  
*Godofredo de Oliveira Neto*  
*Antonio Edmilson Martins Rodrigues*

**Comitê Editorial**

*Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro*  
*Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília*  
*Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília*

**Produção**

*Editora Batel*

**Coordenação editorial**

*Carlos Barbosa*

**Projeto gráfico**

*Solange Trevisan zc*

**Diagramação**

*Solange Trevisan zc*

*Ilustrarte Design e Produção Editorial*

**Tratamento de textos da coleção**

*Clara Diament*

*Edmilson Carneiro*

*Cerise Gurgel C. da Silveira*

*Carina Lessa*

*Léia Elias Coelho*

*Maria Edite Freire Rocha*

**Projeto de capa**

*Leonardo Viana*

**Assessoria de Comunicação Fundar**

*Laura Murta*

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A848c

Assis, Machado de, 1839-1908

Correspondência entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco / org. Graça Aranha. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 278 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 17).

ISBN 978-85-635-7430-5

1. Assis, Machado de, 1839-1908 – Correspondência. 2. Nabuco, Joaquim, 1849-1910 – Correspondência. 3. Escritores brasileiros - Correspondência. I. Nabuco, Joaquim, 1849-1910. II. Aranha, Graça, 1868-1931. III. Fundação Darcy Ribeiro IV. Título. V. Série.

CDD-B869.6

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



**Patrocínio:**



**Realização:**

Ministério da  
Cultura



**Impressão e acabamento :**





## **FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO**

### **Instituidor**

*Darcy Ribeiro*

### **Conselho Curador**

*Alberto Venâncio Filho*

*Antonio Risério*

*Daniel Corrêa Homem de Carvalho*

*Elizabeth Versiani Formaggini*

*Eric Nepomuceno*

*Fernando Otávio de Freitas Peregrino*

*Gisele Jacon de Araújo Moreira*

*Haroldo Costa*

*Haydée Ribeiro Coelho*

*Irene Figueira Ferraz*

*Isa Grinspum Ferraz*

*Leonel Kaz*

*Lucia Velloso Maurício*

*Luzia de Maria Rodrigues Reis*

*Maria de Nazareth Gama e Silva*

*Maria Elizabeth Brêa Monteiro*

*Maria José Latgé Kwamme*

*Maria Stella Faria de Amorim*

*Maria Vera Teixeira Brant*

*Mércio Pereira Gomes*

*Paulo de F. Ribeiro*

*Paulo Sergio Duarte*

*Sergio Pereira da Silva*

*Wilson Mirza*

*Yolanda Lima Lobo*

### **Conselho Curador – In Memoriam**

*Antonio Callado*

*Carlos de Araujo Moreira Neto*

*Leonel de Moura Brizola*

*Moacir Werneck de Castro*

*Oscar Niemeyer*

*Tatiana Chagas Memória*

### **Conselho Fiscal**

*Eduardo Chuahy*

*Lauro Mário Perdigão Schuch*

*Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro*

*Alexandre Gomes Nordskog*

### **Diretoria Executiva**

*Paulo de F. Ribeiro – Presidente*

*Haroldo Costa – Vice-Presidente*

*Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira*

*Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural*

*Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica*

